BestBolso

Nova Ortografia

O Diário de ANNE FRANK

edição definitiva por Otto H. Frank e Mirjam Pressler

EDIÇÕES BESTBOLSO

O diário de Anne Frank

Anne Frank nasceu em 1929, na Alemanha, filha de um banqueiro e de uma dona de casa. Aos 4 anos de idade, Anne foi obrigada a sair do país com sua família após a chegada de Adolph Hitler ao poder. Em 1942, com a perseguição aos judeus deflagrada também na Holanda, Otto Frank, sua mulher e filhas unem-se a mais quatro pessoas e decidem se esconder dos invasores alemães. Por dois anos, até serem delatados, eles tiveram que viver limitados ao anexo do sótão do escritório de Otto Frank. No esconderijo, o diário de Anne era o único instrumento de liberdade que ela possuía, e, nele, relatou a vida cotidiana do Anexo Secreto, as transformações sofridas por cada um dos que ali residiam e a angústia daqueles dias. Anne Frank morreu de tifo, no campo de concentração Bergen-Belsen, aos 15 anos.

O Diário de
ANNE FRANK

edição definitiva por Otto H. Frank e Mirjam Pressler

Tradução de
ALVES CALADO

30ª edição

EDIÇÕES
BestBolso
Rio de Janeiro | 2014

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

F91d

Frank, Anne, 1929-1945

O diário de Anne Frank: edição integral / Anne Frank; tradução de Ivanir Alves Calado. – 30ª edição – Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

Tradução de: I Diary of a Young Girl

Edição integral e revista

Única edição integral autorizada por Otto H. Frank e Mirjam Pressler

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-7799-471-7

1. Frank, Anne, 1929-1945. 2. Guerra Mundial, 1939-1945 – Narrativas judaicas. 3. Países Baixos – História – Ocupação alemã, 1940-1945. I. Título.

07-2164

CDD – 940.53492

CDU – 94 (100) "1939/1045"

O diário de Anne Frank, de autoria de Anne Frank.

Texto definitivo por Otto H. Frank e Mirjam Pressler.

Título número 001 das Edições BestBolso.

Trigésima edição impressa em setembro de 2014.

Texto revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título original holandês:
HET ACHTERHUIS

Copyright © 1982, 1991, 2001 by ANNE-FRANK Fonds, Basileia, Suíça, em conjunto com HET ACHTERHUIS. Publicado mediante acordo com Anne-Frank Fonds, Basileia, Suíça. [Ver página 375 deste livro.]

Única edição integral autorizada por Otto H. Frank e Mirjam Pressler.

Copyright da tradução © Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

Traduzido a partir da edição em língua inglesa I Diary of a Young Girl.

Direitos de reprodução da tradução cedidos para Edições BestBolso, um selo da Editora Best Seller Ltda. Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A. e Editora Best Seller Ltda. são empresas do Grupo Editorial Record.

www.edicoesbestbolso.com.br

Ilustração da capa: Pedro Meyer Barreto

Design de capa: Fabíola Gerbase e Pedro Meyer Barreto

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil em formato de livro eletrônico adquiridos pelas Edições BestBolso um selo da Editora Best Seller Ltda.

Rua Argentina 171 _20921-380 – Rio de Janeiro, RJ _Tel.: 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-7799-471-7

Anne Frank nasceu em 12 de junho de 1929. Ela morreu aprisionada no campo de concentração Bergen-Belsen, três meses antes de completar 16 anos.

Otto H. Frank foi o único membro da família que sobreviveu ao Holocausto. Ele morreu em 1980.

Mirjam Pressler é premiada autora de livros infanto-juvenis na Alemanha.

Sumário

Prefácio
Epígrafe
Diário
Posfácio
Anne Frank Fonds

Prefácio

Anne Frank escreveu um diário entre 12 de junho de 1942 e 1º de agosto de 1944. A princípio, guardava-o para si mesma. Até que, certo dia de 1944, Gerrit Bolkestein, membro do governo holandês no exílio, declarou em transmissão radiofônica que, depois da guerra, esperava recolher testemunhos oculares do sofrimento do povo holandês sob ocupação alemã e que estes pudessem ser postos à disposição do público. Referiu-se especificamente a cartas e diários.

Impressionada com aquele discurso, Anne Frank decidiu que publicaria um livro a partir de seu diário, quando a guerra terminasse. Assim, começou a reescrever e a organizar o diário, melhorando o texto, omitindo passagens que não achava tão interessantes e acrescentando outras de memória. Ao mesmo tempo, continuava a redigir seu diário original. ▮ Diary of Anne Frank: ▮ Critical Edition (1989), o primeiro diário de Anne, sem cortes, é citado como versão a, para distingui-lo do segundo, com alterações, conhecido como versão b.

A última anotação no diário de Anne data de 1º de agosto de 1944. Três dias depois, em 4 de agosto, as oito pessoas que se escondiam no Anexo Secreto foram presas. Miep Gies e Bep Voskuijl, as duas secretárias que trabalhavam no prédio, encontraram as folhas do diário de Anne espalhadas pelo chão. Miep Gies guardou-as numa gaveta. Depois da guerra, quando

não havia mais dúvidas de que Anne estava morta, ela deu o diário, sem lê-lo, ao pai da menina, Otto Frank.

Após longa deliberação, Otto Frank decidiu realizar o desejo da filha de publicar o diário. Ele selecionou material das versões a e b, organizando-os numa versão mais concisa, posteriormente citada como versão c. Leitores no mundo inteiro conhecem essa versão como O diário de Anne Frank.

Otto Frank levou em conta vários aspectos ao tomar essa decisão. Para começar, o livro tinha de ser curto, para adequar-se a uma coleção publicada pelo editor holandês. Além disso, omitiram-se várias passagens que tratavam da sexualidade de Anne; na época da primeira publicação do diário, em 1947, não se costumava escrever abertamente sobre sexo, muito menos em livros para jovens. Em respeito aos mortos, Otto Frank também omitiu várias passagens pouco elogiosas sobre sua mulher e os outros moradores do Anexo Secreto. Anne Frank, então com 13 anos quando começou o diário e 15 quando foi forçada a parar, escreveu sem reservas sobre as coisas de que gostava ou não gostava.

Quando morreu, em 1980, Otto Frank deixou os manuscritos da filha para o Instituto Estatal Holandês para Documentação de Guerra, em Amsterdã. Como se questionava a autenticidade do diário desde a sua primeira publicação, o Instituto para Documentação de Guerra mandou fazer uma profunda investigação. Assim que foi considerado autêntico, sem qualquer sombra de dúvida, publicou-se o diário na íntegra, juntamente com os resultados de um estudo exaustivo. I Critical Edition contém não somente as versões a, b, e c, mas também artigos sobre o passado da família Frank, as circunstâncias relativas à sua prisão e deportação e o exame da caligrafia de Anne, do documento e dos materiais usados.

A Anne Frank-Fonds (Fundação Anne Frank) na Basileia, na Suíça, que como única herdeira de Otto Frank também recebera os direitos autorais de sua filha, optou por uma edição nova e ampliada do diário, para os leitores

em geral. Esta nova edição não afeta absolutamente a integridade da antiga, editada por Otto Frank, que levou o diário e sua mensagem a milhões de pessoas. A tarefa de compilar a edição ampliada ficou a cargo da escritora e tradutora Mirjam Pressler. A seleção original de Otto Frank foi então acrescida de trechos das versões a e b de Anne. A edição integral de Mirjam Pressler, aprovada pela Fundação Anne Frank, contém uns 30% a mais de material e pretende dar ao leitor uma ideia melhor do mundo de Anne Frank.

Em 1998, veio à luz a existência de cinco páginas anteriormente desconhecidas do diário. Com a permissão da Fundação Anne Frank, uma longa passagem datada de 8 de fevereiro de 1944 foi então acrescentada ao fim da anotação já existente naquela data. Uma curta alternativa à anotação de 20 de junho de 1942 não foi incluída aqui porque uma versão mais detalhada desse mesmo dia já faz parte do diário. Além disso, em razão das descobertas de 1998, a anotação de 7 de novembro de 1942 passou para 30 de outubro de 1943. Para mais informações, o leitor pode recorrer à quinta edição da Critical Edition holandesa revisada (De Dagboeken van Anne Frank, Nederlands Instituut voor Oorlogsdocumentatie, Amsterdam: Uitgeverij Bert Bakker, 2001).

Ao escrever a segunda versão (b), Anne criou pseudônimos para as pessoas que figurariam em seu livro. Inicialmente, quis chamar a si própria de Anne Aulis e, mais tarde, de Anne Robin. Otto Frank optou por chamar os membros de sua família pelos próprios nomes e acatar a vontade de Anne com relação aos demais. Com o passar dos anos, a identidade das pessoas que ajudaram as famílias do Anexo Secreto tornou-se amplamente conhecida. Na presente edição, as pessoas que ajudaram aparecem com os nomes verdadeiros, como merecem. Todas as outras figuram com os pseudônimos usados em Critical Edition. O Instituto para

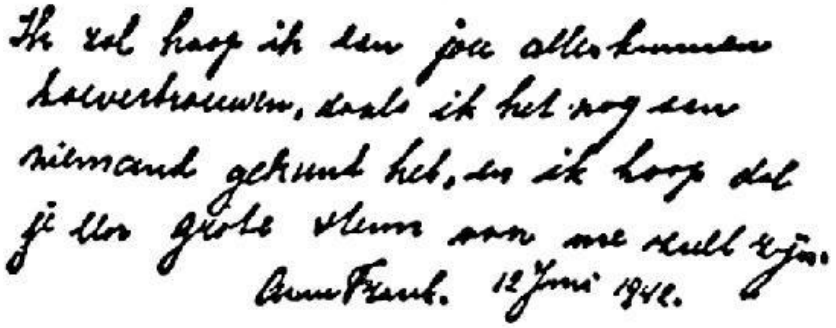
Documentação de Guerra designou iniciais arbitrariamente para as pessoas que preferiram continuar anônimas.

Os nomes verdadeiros das outras pessoas que estavam escondidas no Anexo Secreto são:

A FAMÍLIA VAN PELS
(De Osnabrück, Alemanha)
Auguste van Pels (nascida em 9 de setembro de 1900)
Hermann van Pels (nascido em 31 de março de 1898)
Peter van Pels (nascido em 8 de novembro de 1926)
Chamados por Anne, em seu manuscrito, de: Petronella, Hans e Alfred van Daan; e, no livro, de: Petronella, Hermann e Peter van Daan.

FRITZ PFEFFER
(nascido em 30 de abril de 1889, Giessen, Alemanha):
Chamado por Anne, em seu manuscrito e no livro, de Albert Dussel.

O leitor pode ter em mente que boa parte desta edição se baseia na versão b do diário de Anne, que ela escreveu quando estava com cerca de 15 anos. Às vezes, Anne voltava e comentava uma passagem que escrevera antes. Esses comentários estão bem marcados nesta edição. Naturalmente, a grafia e os erros de linguagem de Anne foram corrigidos. Afora isso, o texto foi preservado basicamente como ela escreveu, posto que qualquer tentativa de alterá-lo e torná-lo mais claro seria inadequada em um documento histórico.



Espero poder contar tudo a você, como nunca
pude contar a ninguém, e espero que você seja
uma grande fonte de conforto e ajuda.
Anne Frank. 12 de junho de 1942.

12 de junho de 1942

Espero poder contar tudo a você, como nunca pude contar a ninguém, e espero que você seja uma grande fonte de conforto e ajuda.

Comentário acrescentado por Anne em 28 de setembro de 1942

Até agora você tem sido um grande apoio para mim, como também tem sido Kitty, para quem tenho escrito com regularidade. Esse modo de manter um diário é bem melhor, e agora mal posso esperar os momentos de escrever em você.

Ah, estou tão feliz por ter você comigo!

Domingo, 14 de junho de 1942

Vou começar a partir do momento em que ganhei você, quando o vi na mesa, no meio dos meus outros presentes de aniversário. (Eu estava junto quando você foi comprado, e com isso eu não contava.)

Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas, o que não é de espantar; afinal, era meu aniversário. Mas não me deixam levantar a essa

hora; por isso, tive de controlar minha curiosidade até quinze para as sete. Quando não dava mais para esperar, fui até a sala de jantar, onde Moortje (a gata) me deu as boas-vindas, esfregando-se em minhas pernas.

Pouco depois das sete horas, fui ver papai e mamãe e, depois, fui à sala abrir meus presentes, e você foi o primeiro que vi, talvez um dos meus melhores presentes. Depois, em cima da mesa, havia um buquê de rosas, algumas peônias e um vaso de planta. De papai e mamãe ganhei uma blusa azul, um jogo, uma garrafa de suco de uva, que, na minha cabeça, deve ter gosto parecido com o do vinho (afinal de contas, o vinho é feito de uvas), um quebra-cabeça, um pote de creme para o corpo, 2,50 florins e um vale para dois livros. Também ganhei outro livro, Camera obscura (mas Margot já tem, por isso troquei o meu por outro), um prato de biscoitos caseiros (feitos por mim, claro, já que me tornei especialista em biscoitos), montes de doces e uma torta de morangos, de mamãe. E uma carta da vó, que chegou na hora certa, mas, claro, isso foi só uma coincidência.

Depois, Hanneli veio me pegar, e fomos para a escola. Na hora do recreio, distribuí biscoitos para os meus colegas e professores e, logo depois, estava na hora de voltar aos estudos. Só cheguei em casa às cinco horas, pois fui à ginástica com o resto da turma. (Não me deixam participar, porque meus ombros e meus quadris tendem a se deslocar.) Como era meu aniversário, pude decidir o que meus colegas jogariam, e escolhi vôlei. Depois, todos fizeram uma roda em volta de mim, dançaram e cantaram "Parabéns pra você". Quando cheguei em casa, Sanne Ledermann já estava lá. Ilse Wagner, Hanneli Goslar e Jacqueline van Maarsen vieram comigo depois da ginástica, pois somos da mesma turma. Hanneli e Sanne eram minhas melhores amigas. As pessoas que nos viam juntas costumavam dizer: "Lá vão Anne, Hanne e Sanne." Só fui conhecer Jacqueline van Maarsen quando comecei a estudar no Liceu Israelita, e agora ela é minha

melhor amiga. Ilse é a melhor amiga de Hanneli, e Sanne é de outra escola e tem amigos lá.

Elas me deram um livro lindo, *Nederlandse Sagen en Legenden [Dutch Sagas and Legends]*, mas por engano deram o volume II, por isso troquei dois outros livros pelo volume I. Tia Helene me trouxe um quebra-cabeça, tia Stephanie, um broche encantador, e tia Leny, um livro fantástico: *Daisy's bergvakantie [Daisy Goes to the Mountain]*.

Hoje de manhã, fiquei na banheira pensando em como seria maravilhoso se eu tivesse um cachorro como Rin Tin Tin. Eu também iria chamá-lo de Rin Tin Tin e o levaria para a escola; lá, ele poderia ficar na sala do zelador ou perto dos bicicletários, quando o tempo estivesse bom.

Segunda-feira, 15 de junho de 1942

Minha festa de aniversário foi no domingo à tarde. O filme de Rin Tin Tin fez o maior sucesso entre minhas colegas de escola. Ganhei dois broches, um marcador de livros e dois livros.

Vou começar dizendo algumas coisas sobre minha escola e minha turma, a começar pelos alunos.

Betty Bloemendaal parece meio pobre, e acho que talvez ela seja. Ela mora numa rua que não é muito conhecida, no lado oeste de Amsterdã, e nenhuma de nós sabe onde fica. Ela se dá muito bem na escola, mas é porque estuda muito, e não porque seja inteligente. É muito quieta.

Jacqueline van Maarsen é, talvez, minha melhor amiga, mas nunca tive uma amiga de verdade. No começo, achei que Jacque seria uma, mas estava redondamente enganada.

D.Q[1]. é uma garota muito nervosa que sempre esquece as coisas, de modo que os professores vivem passando dever de casa extra para ela, como

castigo. É muito gentil, especialmente com G.Z.

E.S. fala muito e não é engraçada. Vive mexendo no cabelo da gente ou tocando em nossos botões quando pergunta alguma coisa. Dizem que ela não me suporta, mas não ligo, porque também não gosto muito dela.

Henny Mets é uma garota legal, tem um jeito alegre, só que fala em voz alta e parece mesmo uma criança quando estamos brincando no pátio. Infelizmente, Henny tem uma amiga que se chama Beppy que é má influência para ela, porque é suja e vulgar.

J.R. – eu poderia escrever um livro inteiro sobre ela. J. é uma fofoqueira insuportável, sonsa, presunçosa e de duas caras, que se acha muito adulta. Ela realmente enfeitiçou Jacque, e isso é uma vergonha. J. se ofende à toa, chora pela menor coisa e, além disso tudo, é metida demais. A Srta. J. é a dona da verdade. Ela é muito rica e tem um armário repleto de vestidos maravilhosos, que são adultos demais para a sua idade. Ela se acha linda, mas não é. J. e eu não nos suportamos.

Ilse Wagner é uma garota legal, tem um jeito alegre, mas é afetada demais e consegue passar horas gemendo e reclamando de alguma coisa. A Ilse gosta um bocado de mim. É muito inteligente, mas preguiçosa.

Hanneli Goslar, ou Lies, como todos a chamam na escola, é meio estranha. Costuma ser tímida – expansiva em casa, mas reservada quando está perto de outras pessoas. Conta para a mãe tudo que a gente diz a ela. Mas ela diz o que pensa, e ultimamente passei a admirá-la bastante.

Nannie van Praag-Sigaar é pequena, engraçada e sensível. Acho que ela é ótima. É muito inteligente. Não há muito o que dizer sobre Nannie.

Ee(e de Jong é, em minha opinião, fantástica. Apesar de só ter 12 anos, é a própria lady. Age como se eu fosse um bebê. Além disso, é muito atenciosa, e eu gosto dela.

G.Z. é a garota mais bonita da turma. Tem um rosto bonito, mas é meio burra. Acho que vão fazer ela repetir o ano, mas claro que eu não lhe dei a

notícia.

Comentário acrescentado por Anne mais tarde

No fim das contas, para minha grande surpresa, G.Z. não repetiu o ano.

E, sentada perto de G.Z., fica a última das 12 meninas: eu.

Há muito o que dizer sobre os garotos, ou talvez não muito, pensando melhor.

Maurice Coster é um de meus muitos admiradores, mas é uma tremenda peste.

Sallie Springer tem uma mente imunda, e todo mundo fala que ele já fez de tudo. Mesmo assim, acho ele fantástico, porque é muito engraçado.

Emiel Bonewit é admirador de G.Z., mas ela nem liga. Ele é bem chato.

Rob Cohen também andou apaixonado por mim, mas não aguento mais ele. É um patetinha antipático, falso, mentiroso e manhoso que se acha simplesmente o máximo.

Max van de Velde é um camponês de Medemblik, mas um cara legal, como diria Margot.

Herman Koopman também tem a mente suja, como Jopie de Beer, que adora paquerar e é completamente louco pelas garotas.

Leo Blom é o melhor amigo de Jopie de Beer, mas foi prejudicado por sua mente suja.

Albert de Mesquita veio da Escola Montessori e pulou de ano. É inteligente de verdade.

Leo Slager veio da mesma escola, mas não é tão inteligente.

Ru Stoppelmon é um garoto baixinho e bobo, de Almelo, que foi transferido para esta escola no meio do ano.

C.N. faz tudo o que não deve.

Jacques Kocernoot senta atrás de nós, perto de C., e nós (G. e eu) morremos de rir.

Harry Schaap é o garoto mais decente de nossa turma. Ele é legal.

Werner Joseph também é legal, mas as mudanças que vêm acontecendo ultimamente fizeram ele ficar quieto demais, por isso parece chato.

Sam Salomon é um daqueles caras valentões e destrambelhados, um verdadeiro palhaço. (Admirador!)

Appie Riem é bem ortodoxo, mas também é um pestinha.

Sábado, 20 de junho de 1942

Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito.

"O papel tem mais paciência do que as pessoas." Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada, com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se deveria ficar ou sair. No fim, fiquei onde estava, matutando. É, o papel tem mais paciência, e como não estou planejando deixar ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário, a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença.

Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo.

Vou ser mais clara, já que ninguém acreditará que uma garota de 13 anos seja completamente sozinha no mundo. E não sou. Tenho pais amorosos e uma irmã de 16 anos, e há umas trinta pessoas que posso considerar amigas. Tenho um monte de admiradores que não conseguem tirar os olhos de cima de mim, e que algumas vezes precisam usar um espelho de bolso, quebrado, para conseguir me ver na sala de aula. Tenho uma família, tias amorosas e uma casa boa. Não; aparentemente parece que tenho tudo, exceto um único amigo de verdade. Quando estou com amigas só penso em me divertir. Não consigo me obrigar a falar nada que não sejam bobagens do cotidiano. Parece que não conseguimos nos aproximar mais, e esse é o problema. Talvez seja minha culpa não confiarmos umas nas outras. De qualquer modo, é assim que as coisas são, e não devem mudar, o que é uma pena. Foi por isso que comecei o diário.

Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há muito tempo esperada, não quero anotar neste diário fatos banais do jeito que a maioria faz; quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar esta amiga de Kitty.

Como ninguém entenderia uma palavra de minhas histórias contadas a Kitty se eu começasse a escrever sem mais nem menos, é melhor fazer um breve resumo de minha vida, por mais que seja contra a minha vontade.

Meu pai, o pai mais adorável que conheço, só se casou com minha mãe quando tinha 36 anos, e ela, 25. Minha irmã Margot nasceu em Frankfurt am Main, na Alemanha, em 1926. Eu nasci em 12 de junho de 1929. Morei em Frankfurt até completar 4 anos. Como éramos judeus, meu pai emigrou para a Holanda em 1933, quando se tornou diretor-administrativo da Dutch Opekta Company, que fabrica produtos para fazer geleia. Minha mãe, Edith Holländer Frank, juntou-se a ele na Holanda em setembro, enquanto Margot

e eu fomos mandadas a Aachen, para ficarmos com nossa avó. Margot foi para a Holanda em dezembro, e eu, em fevereiro, quando me puseram sobre a mesa como presente de aniversário para Margot.

Entrei imediatamente na pré-escola Montessori. Fiquei lá até os 6 anos, quando comecei a primeira série. Na sexta série, minha professora era a Sra. Kuperus, a diretora. No fim do ano, nós duas choramos quando dissemos um adeus de partir o coração, porque me aceitaram no Liceu Israelita, que Margot também frequentava.

Levávamos uma vida cheia de ansiedade, pois nossos parentes na Alemanha estavam sofrendo com as leis de Hitler contra os judeus. Depois dos pogroms de 1938, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram da Alemanha, refugiando-se na América do Norte. Minha avó idosa veio morar conosco. Na época estava com 73 anos.

Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois, a capitulação, em seguida, a chegada dos alemães, e foi então que começaram os sofrimentos dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes; os judeus eram proibidos de andar de carro, mesmo em seus próprios carros; os judeus deveriam fazer suas compras entre três e cinco horas da tarde; os judeus só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários judeus; os judeus eram proibidos de sair às ruas entre oito da noite e seis da manhã; os judeus eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou ter qualquer outra forma de diversão; os judeus eram proibidos de ir a piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou a qualquer outro campo esportivo; os judeus eram proibidos de ficar em seus jardins ou nos de amigos depois das oito da noite; os judeus eram proibidos de visitar casas de cristãos; os judeus deveriam frequentar escolas judias etc. Você não podia fazer isso nem aquilo, mas a vida

continuava. Jacque sempre me dizia: “Eu não ouso fazer mais nada, porque tenho medo de ser algo proibido.”

No verão de 1941, vovó ficou doente e precisou ser operada; por isso, meu aniversário passou quase sem ser celebrado. No verão de 1940, também não tivemos muita coisa em meu aniversário, já que as lutas mal haviam terminado na Holanda. Vovó morreu em janeiro de 1942. Ninguém imagina quanto eu ainda penso nela e a amo. Essa festa de aniversário em 1942 deveria compensar as anteriores, e a vela de vovó foi acesa junto das outras. Nós quatro ainda estamos bem, e isso me traz à data atual de 20 de junho de 1942, e à inauguração solene de meu diário.

Sábado, 20 de junho de 1942

Querida Kitty!

Quero começar logo; está tão agradável e silencioso. Papai e mamãe saíram, e Margot foi jogar pingue-pongue com uns amigos na casa de sua amiga Trees. Eu também tenho jogado bastante pingue-pongue. Tanto que, com mais quatro meninas, formei um clube. Chama-se A Ursa Menor Menos Duas. Um nome realmente idiota, mas se baseia num erro. Queríamos dar um nome especial ao clube; e como éramos cinco, tivemos a ideia da Ursa Menor. Pensávamos que ela consistia em cinco estrelas, mas estávamos erradas. Tinha sete, como a Ursa Maior, o que explica o Menos Duas. Ilse Wagner tem uma mesa de pingue-pongue, e o casal Wagner deixa a gente jogar em sua grande sala de jantar sempre que queremos. Como nós cinco gostamos de sorvete, ainda mais no verão, e como sente-se calor jogando pingue-pongue, nossos jogos costumam terminar com uma visita à sorveteria mais próxima que aceita judeus: a Oasis ou a Delphi. Há muito tempo paramos de ficar catando nossas bolsas ou algum dinheiro – na

maioria das vezes a Oasis está tão cheia que sempre conseguimos encontrar uns rapazes generosos do nosso círculo de amizade ou um admirador para oferecer mais sorvete do que seríamos capazes de comer em uma semana.

Você provavelmente está um pouquinho surpresa por me ouvir falar de admiradores com tão pouca idade. Infelizmente, ou não, esse vício é geral em nossa escola. Assim que um garoto pergunta se pode me acompanhar de bicicleta até em casa e começamos a conversar, nove vezes em cada dez posso ter certeza de que ele vai se apaixonar no ato e não vai se afastar de mim por um segundo. Seu ardor acaba esfriando, especialmente porque ignoro seus olhares apaixonados e pedalo alegremente no meu caminho. Se a situação se complica a ponto de começarem a falar em pedir a permissão de papai, balanço de leve na bicicleta, a pasta da escola cai e o rapaz sente necessidade de descer da sua bicicleta e me entregar a pasta, mas nessa hora já mudei de assunto. Esses são os tipos mais inocentes. Claro que existem os que mandam beijos ou tentam segurar seu braço, mas estão definitivamente batendo na porta errada. Desço da bicicleta e recuso a companhia deles ou ajo como se me sentisse insultada e digo claramente para me deixarem sozinha.

Aí está você. Agora estabelecemos as bases da nossa amizade. Até amanhã.

Sua Anne

Domingo, 21 de junho de 1942

Querida Kitty,

Toda a nossa turma está agitadíssima. O motivo, claro, é a próxima reunião em que os professores vão decidir quem passará de ano e quem vai

repetir. Metade da turma está fazendo apostas. G.Z. e eu morremos de rir dos dois garotos que ficam atrás de nós, C.N. e Jacques Kocernoot, que apostaram todas as economias para as férias. De manhã até a noite é: "Você vai passar", "Não, não vou", "Vai, sim", "Não, não vou". Nem mesmo os olhares suplicantes de G. e minhas crises de raiva conseguem acalmá-los. Se você me perguntar, há tantos burros que cerca de um quarto da turma deve repetir o ano, mas os professores são as criaturas mais imprevisíveis da Terra. Quem sabe desta vez, para variar, eles sejam imprevisíveis no lado certo.

Não estou tão preocupada com relação às minhas amigas e a mim. Nós vamos passar. A única matéria de que não tenho certeza é matemática. De qualquer modo, o único jeito é esperar. No momento, cada uma fica falando para as outras não desanimarem.

Eu me dou bastante bem com os professores. Eles são nove, sete homens e duas mulheres. O Sr. Keesing, o velho turrão que dá aula de matemática, ficou furioso comigo um bom tempo porque eu falava demais. Depois de vários avisos, ele me passou dever extra para casa. Uma redação sobre o tema "Uma tagarela". Uma tagarela, o que é que a gente pode escrever sobre isso? Decidi deixar para me preocupar mais tarde. Anotei o dever no caderno, guardei-o na pasta e tentei ficar calada.

Naquela tarde, depois de terminar o resto do dever de casa, a anotação sobre a redação me atraiu o olhar. Comecei a pensar no assunto enquanto mordia a ponta de minha caneta-tinteiro. Qualquer um poderia embromar e deixar espaços grandes entre as palavras, mas o truque era arranjar argumentos convincentes que justificassem a necessidade de escrever. Pensei e pensei, e de repente tive uma ideia. Escrevi as três páginas que o Sr. Keesing tinha mandado e fiquei satisfeita. Argumentei que falar era uma característica feminina e que eu faria o máximo para me controlar, mas

nunca poderia acabar com o hábito, pois minha mãe falava tanto quanto eu, se é que não falava mais, e é muito difícil mudar características herdadas.

O Sr. Keesing deu uma boa risada ao ler meus argumentos, mas quando desatei a falar na aula seguinte ele me mandou fazer outra redação. Dessa vez, o tema seria "Uma tagarela incorrigível". Eu fiz, e o Sr. Keesing não teve nada a reclamar durante umas duas aulas inteiras. Mas na terceira ele se encheu:

– Anne Frank, como castigo por falar na aula, escreva uma redação sobre "Quaquaquá, tagarelou a dona pata".

A turma morreu de rir. Eu tive de rir também, mas tinha quase esgotado meu talento sobre o tema das tagarelas. Estava na hora de arranjar outra coisa, algo original. Minha amiga Sanne, que é boa em poesia, se ofereceu para ajudar a escrever a redação em versos do início ao fim. Pulei de alegria. Keesing estava tentando fazer uma gozação comigo, passando aquele tema ridículo, mas eu ia fazer tudo para a piada se voltar contra ele.

Terminei meu poema, e ficou lindo! Era sobre uma mãe pata e um pai cisne com três patinhos que foram bicados até a morte pelo pai, porque grasnavam muito. Por sorte Keesing entendeu a piada. Ele leu o poema na sala, fazendo seus próprios comentários, e leu também em várias outras salas. Desde então ele me deixa falar e não passou deveres extras. Pelo contrário, hoje Keesing vive contando piadas.

Sua Anne

Quarta-feira, 24 de junho de 1942

Querida Kitty,

Faz um calor sufocante. Todo mundo anda bufando e se esfalfando, e nesse calor eu tenho de andar para todo canto. Só agora percebo como é agradável um bonde, mas nós judeus não temos mais permissão de usar esse luxo. Ontem, na hora do almoço, eu tinha uma consulta com o dentista na Jan Luykenstraat. Fica longe de nossa escola, na Stadstimmertuinen. Naquela tarde quase dormi na minha cadeira do colégio. Felizmente, a assistente do dentista é gentil e me ofereceu alguma coisa para beber. Ela é realmente generosa.

O único meio de transporte que podemos usar é a balsa. O balseiro Josef Israëlkade nos transportava quando a gente pedia. Não é culpa dos holandeses se nós judeus estamos passando por um período tão ruim.

Eu gostaria de não precisar ir à escola. Minha bicicleta foi roubada durante o feriado de Páscoa, e papai entregou a bicicleta de mamãe para uns amigos cristãos guardarem. Graças a Deus, as férias de verão se aproximam; mais uma semana e nosso tormento vai acabar.

Ontem de manhã, aconteceu uma coisa incrível. Enquanto eu passava pelos bicicletários, ouvi alguém chamar meu nome. Virei-me e lá estava o garoto legal que eu tinha conhecido na tarde de ontem na casa de minha amiga Vilma. Ele é primo em segundo grau de Vilma. Eu sempre achei Vilma legal, e ela é, mas ela só fala de garotos, e isso é uma chatice. Ele veio em minha direção, meio tímido, e se apresentou como Hello Silberberg. Fiquei meio surpresa e não sabia bem o que ele queria, mas não demorei muito a descobrir. Ele perguntou se poderia me acompanhar até a escola.

– Se você estiver indo naquela direção, vou com você – respondi. E nós fomos andando juntos. Hello tem 16 anos e conta muito bem todo tipo de histórias engraçadas.

Esta manhã ele estava me esperando de novo, tomara que daqui em diante esteja sempre.

Anne

Quarta-feira, 1º de julho de 1942

Querida Kitty,

Até hoje, sinceramente, não tive tempo de escrever para você. Na quinta-feira, fiquei o dia inteiro com minhas amigas, na sexta, tivemos visita, e a coisa veio assim até hoje.

Hello e eu nos conhecemos bem esta semana, e ele me contou um monte de coisas sobre sua vida. Ele é de Gelsenkirchen e está morando com os avós. Os pais estão na Bélgica, mas ele não tem como ir para lá. Hello tinha uma namorada chamada Ursula. Sei quem é. Ela é uma pessoa muito meiga e tapada. Desde que me conheceu, Hello percebeu que vinha caindo no sono quando ficava perto de Ursula. Por isso, sou uma espécie de tônico revigorante. A gente nunca sabe para o que serve!

Jacque dormiu aqui no sábado. Na tarde de domingo, ela foi para a casa de Hanneli, e eu achei tudo muito monótono.

Hello deveria vir naquela noite, mas ligou por volta das seis. Eu atendi e ele disse:

– Aqui é Helmuth Silberberg. Por favor, posso falar com Anne?

– Oi, Hello. Aqui é Anne.

– Ah, oi, Anne. Como vai?

– Bem, obrigada.

– Eu só queria dizer que sinto muito, não posso ir esta noite, mas gostaria de bater um papo com você. Posso passar e pegar você daqui a uns dez minutos?

– Claro, tudo bem. Tchau!

– Então, já estou indo. Tchau!

Desliguei, troquei depressa de roupa e penteei o cabelo. Estava tão nervosa que fui para a janela vigiar. Ele finalmente apareceu. Milagre dos

milagres, não desci a escada correndo e esperei quieta até ele apertar a campainha. Desci para abrir a porta, e ele foi direto ao ponto.

– Anne, minha avó acha que você é nova demais para eu ficar me encontrando com você. Ela diz que eu deveria visitar os Lowenbach. Acho que você sabe que não estou mais saindo com Ursula.

– Não, eu não sabia. O que aconteceu? Vocês dois brigaram?

– Não, nada disso. Eu disse a Ursula que não servíamos um para o outro, e que era melhor não sairmos mais juntos, mas que ela era bem-vinda em minha casa e que eu esperava ser bem-vindo na dela. Na verdade, eu achava que Ursula vinha se encontrando com outro rapaz, e estava tratando ela como se estivesse. Mas não era verdade. E, então, meu tio disse que eu devia pedir desculpas, mas claro que não senti vontade, e foi por isso que rompi com ela. Mas esse foi somente um dos motivos. Agora, minha avó quer que eu saia com Ursula, e não com você, mas não concordo e não vou. Às vezes, os velhos têm ideias antiquadas, mas isso não significa que eu tenha de concordar com elas. Preciso dos meus avós, mas de certa forma eles também precisam de mim. De agora em diante, vou ficar livre nas tardes de quarta-feira. Você vê, meus avós me obrigaram a me inscrever numa aula de gravura em madeira, mas na verdade vou a um clube organizado pelos sionistas. Meus avós não querem que eu vá, porque são antissionistas. Eu não sou sionista fanático, mas o assunto me interessa. De qualquer modo, o negócio lá anda tão confuso que estou planejando deixar de ir. Por isso, minha última reunião será na próxima quarta-feira. Isso significa que posso encontrar você na quarta-feira à noite, no sábado à tarde, na noite de sábado, na tarde de domingo e talvez até mais vezes.

– Mas, se os seus avós não querem, você não deveria fazer isso sem eles saberem.

– No amor e na guerra tudo é permitido.

Justamente nessa hora nós passamos pela livraria Blankevoort, e lá estava Peter Schiffcom mais dois garotos. Foi a primeira vez em séculos que ele me disse olá, e me senti bem com isso.

Na tarde de segunda-feira, Hello veio conhecer papai e mamãe. Eu tinha comprado um bolo e alguns doces, e nós servimos chá e biscoitos, a mesma coisa de sempre, mas nem Hello nem eu estávamos com vontade de ficar sentados e comportados em nossas cadeiras. Por isso, fomos dar uma volta, e ele só me trouxe para casa às oito e dez. Papai ficou furioso. Ele disse que era muito errado eu não chegar em casa na hora. Eu tinha de prometer que no futuro estaria em casa às dez para as oito. Eu tinha sido convidada para ir à casa de Hello no sábado.

Vilma me contou que uma noite, quando Hello a visitava, ela perguntou:

– De quem você gosta mais, de Ursula ou de Anne?

Ele disse:

– Não interessa.

Mas, quando estava saindo (os dois ficaram calados o resto do tempo), ele disse:

– Bom, eu gosto mais de Anne, mas não conte a ninguém. Tchau!

E vuuupt... saiu pela porta.

Em tudo o que ele diz ou faz, eu posso ver que Hello está apaixonado por mim, e, para variar, isso é ótimo. Margot diria que Hello é um cara legal. Eu também acho, mas ele é mais do que isso. Mamãe também é toda elogios: "Um rapaz de boa aparência. Bom e educado." Fico feliz por ele ser tão popular com todo mundo. Menos com minhas amigas. Hello acha que elas são muito infantis, e está certo. Jacque ainda fica me chateando por causa dele, mas não estou apaixonada. Não mesmo. Para mim, não é problema ter garotos como amigos. Ninguém liga.

Mamãe está sempre me perguntando com quem vou me casar quando crescer, mas aposto que ela nunca vai adivinhar que é com Peter, porque eu

mesma tirei essa ideia da cabeça dela, rapidamente. Amo Peter como jamais amei alguém, e digo a mim mesma que ele só sai com todas aquelas outras garotas para esconder o que sente por mim. Talvez pense que eu e Hello estejamos apaixonados, o que não é verdade. Ele é só um amigo, ou, como diz mamãe, um galã.

Sua Anne

Domingo, 5 de julho de 1942

Querida Kitty,

A festa de fim de ano letivo, na sexta-feira, no Teatro Israelita, aconteceu conforme o previsto. Meu boletim não estava ruim. Recebi um D, um C– em álgebra, e todo o restante foi B, a não ser dois B+ e dois B–. Meus pais ficaram satisfeitos, mas eles não são como os outros pais com relação às notas. Eles nunca se preocupam com boletins, bons ou ruins. Desde que eu esteja saudável, feliz e não discuta demais, eles ficam satisfeitos. Se essas coisas estiverem bem, todo o resto se resolve.

Sou exatamente o oposto. Não quero ser uma aluna fraca. Fui aceita no Liceu Israelita sob certas condições. Deveria ter continuado na Escola Montessori na sétima série, mas quando as crianças judias foram obrigadas a frequentar escolas israelitas, depois de muita conversa, o Sr. Elte finalmente concordou em aceitar Lies Goslar e eu. Lies também passou este ano, se bem que precisou repetir a prova de geometria.

Coitada da Lies. Não é fácil para ela estudar em casa; sua irmãzinha, uma garotinha mimada de 2 anos de idade, brinca no quarto dela o dia inteiro. Se Gabi não consegue o que quer, começa a gritar, e se Lies não cuida dela, a Sra. Goslar começa a gritar. Por isso Lies tem dificuldade de

fazer o dever de casa, e, como o problema é esse, as aulas particulares que ela está tendo não vão ajudar muito. Vale a pena ver a casa dos Goslar. Os pais da Sra. Goslar moram ao lado, mas comem com a família. E tem uma empregada, o bebê, o sempre distraído e ausente Sr. Goslar e a sempre nervosa e irritável Sra. Goslar, que está esperando outro bebê. Lies, que é bem desajeitada, se perde no furacão.

Minha irmã Margot também recebeu o boletim. Brilhante, como sempre. Se nós tivéssemos uma coisa como cum laude, ela teria passado com honras, de tão inteligente que é.

Ultimamente papai tem ficado muito em casa. Não há nada para ele fazer no escritório; deve ser horrível alguém sentir que não é necessário. O Sr. Kleiman assumiu o controle da Opekta, e o Sr. Kugler assumiu a Gies & Co, a empresa que trabalha com temperos e condimentos, fundada em 1941.

Há alguns dias, enquanto dávamos um passeio pela praça perto de casa, papai começou a falar sobre se esconder. Falou que para nós seria difícil viver sem nos relacionarmos com o resto do mundo. Perguntei por que ele tinha puxado aquele assunto.

– Bom, Anne – respondeu ele –, você sabe que há mais de um ano estamos levando roupas, comida e móveis para outras pessoas. Não queremos que nossos pertences sejam apanhados pelos alemães. E também não queremos cair nas garras deles. Por isso, vamos embora por vontade própria, sem esperar que eles nos levem.

– Mas quando, papai?

Ele parecia tão sério que fiquei apavorada.

– Não se preocupe. Nós vamos cuidar de tudo. Simplesmente curta sua vida despreocupadamente enquanto é possível.

Era isso. Ah, que essas palavras sombrias demorem o máximo de tempo possível a se tornar verdade!

A campainha está tocando, Hello está aqui. Hora de parar.

Sua Anne

Quarta-feira, 8 de julho de 1942

Querida Kitty,

Parece que já se passaram anos desde a manhã de domingo. Aconteceu tanta coisa, que é como se o mundo inteiro tivesse virado de cabeça para baixo. Mas, como você pode ver, Kitty, ainda estou viva, e, como diz papai, isso é o mais importante. Estou viva, sim, mas não pergunte onde nem como. Você provavelmente não está entendendo uma palavra do que estou dizendo hoje, por isso vou começar contando o que aconteceu naquela tarde de domingo.

Às três horas (Hello tinha saído, mas voltaria), a campainha tocou. Não ouvi porque estava na varanda, lendo preguiçosamente ao sol. Um pouquinho depois, Margot apareceu na porta da cozinha, parecendo muito agitada.

– Papai recebeu uma notificação da SS – sussurrou ela. – Mamãe foi ver o Sr. van Daan. (O Sr. van Daan é amigo e sócio no trabalho.)

Fiquei pasma. Uma notificação: todo mundo sabe o que isso significa. Visões de campos de concentração e celas solitárias passaram por minha mente. Como poderíamos deixar papai ir para um destino assim?

– Claro que ele não vai – declarou Margot, enquanto esperávamos mamãe na sala de estar. – Mamãe foi procurar o Sr. van Daan, para perguntar se podemos ir amanhã para o esconderijo. A família van Daan vai conosco. Vamos ser sete no total.

Silêncio. Não conseguíamos falar. O pensamento estava em papai, que visitava alguém no Hospital Israelita e não fazia a menor ideia do que estava

acontecendo, a longa espera por mamãe, o calor, o suspense – tudo isso nos reduziu ao silêncio.

– Não abra a porta! – exclamou Margot para me impedir. Mas não era necessário, porque ouvimos mamãe e o Sr. van Daan lá embaixo falando com Hello, e então os dois entraram e trancaram a porta. Toda vez que a campainha tocava, Margot ou eu tínhamos de ir pé ante pé até lá embaixo, para ver se era papai, e não deixávamos mais ninguém entrar. Margot e eu tivemos de sair da sala, porque o Sr. van Daan queria conversar a sós com mamãe.

Enquanto ela e eu estávamos sentadas no quarto, Margot falou que a notificação não era para papai, e, sim, para ela. Com esse segundo choque, comecei a chorar. Margot tem 16 anos – parece que eles querem mandar as garotas da idade dela para longe, sozinhas. Mas graças a Deus ela não vai; mamãe mesma tinha dito, e devia ser isso que papai quis dizer quando falou em irmos nos esconder. Esconder... onde nos esconderíamos? Na cidade? No campo? Numa casa? Numa cabana? Quando, onde, como...? Eram perguntas que eu não podia fazer, mas que ficaram girando em meu pensamento.

Margot e eu começamos a pôr nossos pertences mais importantes numa pasta da escola. A primeira coisa que agarrei foi este diário e, depois, rolinhos de cabelos, lenços, livros da escola, um pente e algumas cartas antigas. Preocupada com a ideia de ir para um esconderijo, juntei as coisas mais malucas na pasta, mas não me arrependo. Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos.

Papai finalmente chegou em casa por volta das cinco horas, e ligamos para o Sr. Kleiman, a fim de saber se poderíamos ir naquela noite. O Sr. van Daan saiu e foi pegar Miep. Miep chegou e prometeu voltar mais tarde naquela noite, levando consigo uma bolsa cheia de sapatos, vestidos, paletós, roupas de baixo e meias. Depois disso nosso apartamento ficou em silêncio;

ninguém sentia vontade de comer. Ainda estava quente, e tudo parecia muito estranho.

Tínhamos alugado nosso quarto grande, de cima, para um tal Sr. Goldschmidt, um cara divorciado, de trinta e poucos anos, que aparentemente não tinha nada para fazer naquela noite, pois, apesar de todas as nossas indiretas educadas, ficou por perto até as dez horas.

Miep e Jan Gies chegaram às onze. Miep, que trabalhava na empresa de papai desde 1933, tornou-se uma amiga íntima, e também o seu marido Jan. Mais uma vez, sapatos, meias, livros e roupas de baixo desapareceram na bolsa de Miep e nos bolsos da roupa de Jan. Às onze e meia, eles também desapareceram.

Eu estava exausta e, mesmo sabendo que seria a última noite em minha cama, dormi imediatamente e só acordei quando mamãe me chamou às cinco e meia da manhã seguinte. Felizmente não estava tão quente quanto no domingo; uma chuva morna caiu durante o dia inteiro. Nós quatro vestimos tantas camadas de roupas que até parecia que passaríamos a noite numa geladeira, mas a ideia era levar mais roupas. Nenhum judeu em nossa situação ousaria sair de casa com uma mala cheia. Eu estava usando duas camisetas, três calcinhas, um vestido e, por cima disso tudo, uma saia, um paletó, uma capa de chuva, dois pares de meias, sapatos pesados, um chapéu, um cachecol e muito mais. Estava sufocando mesmo antes de sairmos de casa, mas ninguém se incomodou em perguntar se eu estava bem.

Margot encheu sua pasta da escola com livros, foi pegar sua bicicleta e, com Miep guiando o caminho, seguiu para o grande desconhecido. Seja como for, era assim que eu pensava, já que ainda não sabia onde era o nosso esconderijo.

Às sete e meia nós também fechamos a porta; Moortje, minha gata, foi a única criatura viva de quem me despedi. Segundo um bilhete que deixamos

para o Sr. Goldschmidt, ela deveria ser levada para os vizinhos, que lhe dariam um bom lar.

As camas desarrumadas, as coisas do café da manhã sobre a mesa, a carne para a gata na cozinha – todas essas coisas davam a impressão de que havíamos saído apressadamente. Mas não estávamos interessados em causar impressão. Só queríamos sair de lá, fugir e chegar em segurança ao nosso destino. Nada mais importava.

Amanhã tem mais.

Sua Anne

Quinta-feira, 9 de julho de 1942

Querida Kitty,

E lá estávamos, papai, mamãe e eu, andando debaixo da chuva torrencial, cada qual com uma pasta de escola e uma bolsa de compras cheia até a borda com as coisas mais variadas. As pessoas a caminho do trabalho, naquela hora da manhã, nos dirigiam olhares simpáticos; dava para ver pelos rostos que eles lamentavam não poder oferecer algum tipo de transporte; a estrela amarela falava por si.

Só quando estávamos andando na rua papai e mamãe revelaram, aos poucos, qual era o plano. Ao longo de meses, nós vínhamos tirando o máximo possível de móveis e aparelhos domésticos do apartamento. Havíamos concordado que iríamos para o esconderijo no dia 16 de julho. Por causa da convocação de Margot, o plano tivera de ser antecipado em dez dias, e isso significava que teríamos de nos adaptar a aposentos menos organizados.

O esconderijo ficava no prédio do escritório de papai. Para as pessoas de fora, é meio difícil de entender, por isso vou explicar. Papai não tinha muita gente trabalhando no escritório, só o Sr. Kugler, o Sr. Kleiman, Miep e uma datilógrafa de 23 anos que se chamava Bep Voskuijl, e todos estavam informados de nossa ida. O Sr. Voskuijl, pai de Bep, trabalha no armazém com dois assistentes, e nenhum deles ficou sabendo de nada.

Eis uma descrição do prédio: o grande armazém no andar térreo é usado como sala de trabalho e depósito, e é dividido em várias seções, como a sala de estoque e a sala do moinho, onde são moídos cravo, canela e um substituto de pimenta.

Junto à porta do armazém há outra porta externa, uma entrada separada para o escritório. Logo depois da porta do escritório, há uma segunda porta e, atrás dela, uma escada. No alto da escada há outra porta, com um vidro fosco onde está escrito a palavra Escritório em letras pretas. Este é o escritório principal – muito grande, muito iluminado e muito cheio. Bep, Miep e o Sr. Kleiman trabalham lá durante o dia. Depois de passar por um quartinho que tem um cofre, um guarda-roupa e um armário grande, cheio de material, chega-se ao escritório dos fundos – pequeno, escuro e entulhado. Este costumava ser compartilhado pelo Sr. Kugler e pelo Sr. van Daan, mas agora o Sr. Kugler é o único ocupante. Também pode-se chegar ao escritório do Sr. Kugler pelo corredor, mas somente passando por uma porta de vidro que se abre por dentro e não se abre facilmente por fora. Ao sair do escritório do Sr. Kugler e seguir pelo corredor comprido e estreito, passando pelo depósito de carvão, e subir quatro degraus, chega-se ao escritório particular, o cômodo mais luxuoso do prédio. Mobília elegante de mogno, piso de linóleo coberto com tapetes, um rádio, um lustre de bom gosto, tudo de primeira classe. Na porta seguinte, há uma espaçosa cozinha com água quente e fogão a gás, de duas bocas; ao lado, fica um banheiro. Este é o segundo andar.

Uma escada de madeira liga o corredor de baixo ao terceiro andar. No alto da escada há um patamar com portas dos dois lados. A porta da esquerda leva à área de depósito de temperos e aos sótãos na parte frontal da casa. Um lance de escadas tipicamente holandês, muito íngreme, também leva da parte da frente da casa até outra porta que se abre para a rua.

A porta à direita do patamar leva ao Anexo Secreto nos fundos da casa. Ninguém jamais suspeitaria da existência de tantos cômodos por trás daquela porta cinza e lisa. Há somente um pequeno degrau na frente da porta, e você entra direto. Logo na frente fica uma escada íngreme. À esquerda há um corredor estreito indo até um cômodo que serve de sala de estar e quarto para a família Frank. Ao lado fica um cômodo menor, o quarto e local de estudo das duas moças da família. À direita da escada fica um lavatório sem janela, com uma pia. A porta no canto dá no toalete e a outra no nosso quarto, meu e de Margot. Se você subir e abrir a porta no alto da escada, terá a surpresa de ver um cômodo tão grande, claro e espaçoso numa casa antiga junto ao canal como esta. No cômodo tem um fogão (graças ao fato de ter servido de laboratório do Sr. Kugler) e uma pia. Aqui será a cozinha e o quarto do Sr. e da Sra. van Daan, bem como uma sala de estar, de jantar e de estudos de uso comum. E, então, à semelhança da parte baixa do prédio, há o sótão. Aí está. Agora já lhe apresentei todo o nosso querido Anexo Secreto!

Sua Anne

Sexta-feira, 10 de julho de 1942

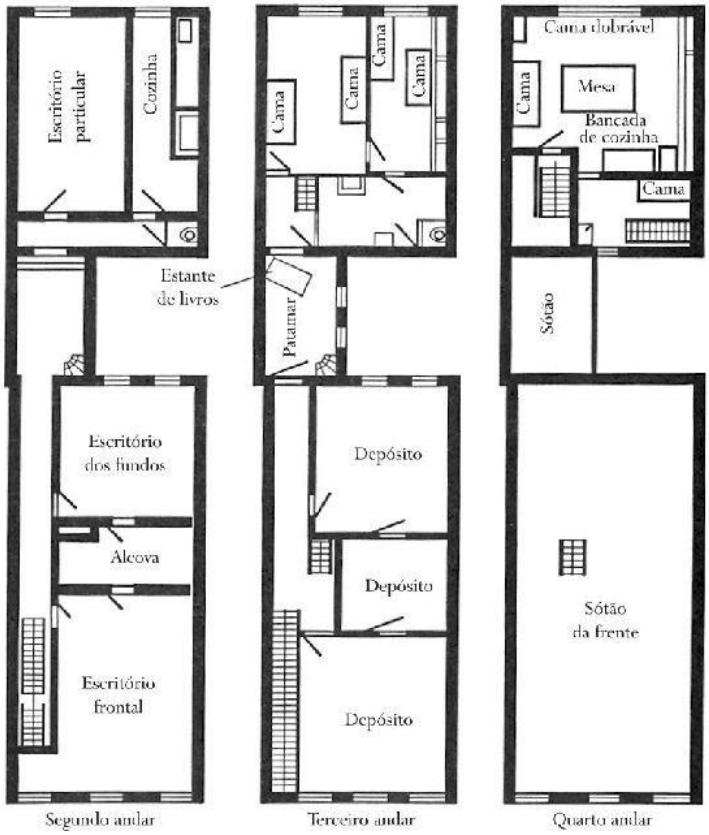
Querida Kitty,

Acho que deixei você chateada com minha longa descrição da casa, mas ainda penso que você deveria saber onde fomos parar; como vim parar aqui é algo que você saberá em minhas próximas cartas.

Mas, antes de tudo, deixe eu continuar minha história, porque, como você sabe, ainda não terminei. Depois de chegarmos à casa no Prinsengracht 263, Miep nos levou rapidamente pelo corredor comprido e pela escada de madeira até o próximo andar e o Anexo. Ela fechou a porta atrás de nós, deixando-nos sozinhos. Margot havia chegado muito antes, de bicicleta, e estava esperando.

Nossa sala e todos os outros cômodos estavam tão cheios de coisas que não consigo encontrar palavras para descrever. Todas as caixas de papelão que haviam sido mandadas para o escritório nos últimos meses estavam empilhadas no chão e nas camas. O cômodo pequeno estava cheio de lençóis e toalhas até o teto. Se quiséssemos dormir em camas decentes naquela noite, teríamos de começar imediatamente a arrumar a bagunça. Mamãe e Margot não conseguiam mover um músculo. Deitaram nos colchões puros, cansadas, arrasadas e não sei mais o quê. Mas papai e eu, os dois faxineiros da família, começamos logo.

Durante o dia inteiro tiramos as coisas das caixas, enchemos os armários, martelamos pregos e arrumamos a bagunça, até cairmos exaustos à noite em nossas camas limpas. Não comemos uma refeição quente naquele dia, mas não nos importamos; mamãe e Margot estavam cansadas demais para comer, e papai e eu estávamos muito ocupados.



Planta baixa de Prinsengracht 263, Amsterdã

Na terça de manhã, começamos onde havíamos parado na noite anterior. Bep e Miep foram fazer compras com nossos cupons de racionamento, papai preparou as cortinas de blecaute, nós lavamos o chão da cozinha e mais uma vez trabalhamos do nascer do sol até o anoitecer. Até quarta-feira não tive chance de pensar na enorme mudança em minha vida. Então, pela primeira vez desde nossa chegada ao Anexo Secreto, consegui encontrar um momento para contar tudo a você e me dar conta do que havia acontecido comigo e do que estava para acontecer.

Sua Anne

Sábado, 11 de julho de 1942

Querida Kitty,

Papai, mamãe e Margot ainda não conseguiram se acostumar ao barulho do relógio da Westertoren, que bate a cada 15 minutos. Eu não, gostei desde o início; parece muito tranquilizador; sobretudo à noite. Sem dúvida você quer saber o que acho de estar escondida. Bom, só posso dizer que ainda não sei direito. Acho que nunca me sentirei à vontade nesta casa, mas isso não significa que eu a odeie. É como estar de férias em alguma pensão estranha. É um modo meio diferente de encarar a vida num esconderijo, mas é assim que as coisas são. O Anexo é um lugar ideal para se esconder. Pode ser úmido e torto, mas provavelmente não há esconderijo mais confortável em Amsterdã. Nem em toda a Holanda.

Até agora nosso quarto, com suas paredes brancas, estava muito nu. Graças a papai – que tinha trazido antes toda a minha coleção de cartões-postais e pôsteres de estrelas de cinema – e a um pincel e um pote de cola, pude cobrir as paredes com gravuras. Ficou muito mais alegre. Quando os van Daan chegarem, poderemos fazer prateleiras e outras utilidades com a madeira empilhada no sótão.

Margot e mamãe se recuperaram um pouco. Ontem mamãe se sentiu bem e fez uma sopa de ervilhas pela primeira vez, mas depois desceu para conversar e esqueceu a sopa. As ervilhas queimaram até ficarem pretas, e por mais que raspássemos não conseguimos retirá-las da panela.

Ontem à noite nós quatro descemos ao escritório particular e ouvimos a Inglaterra pelo rádio. Fiquei tão apavorada com a possibilidade de alguém escutar que literalmente implorei a papai que me levasse de novo para cima. Mamãe compreendeu minha ansiedade e me acompanhou. Não importa o que façamos, temos muito medo de que os vizinhos possam nos ver ou ouvir. Desde o primeiro dia, começamos imediatamente a costurar cortinas.

Na verdade, mal dá para chamá-las de cortinas, já que não passam de retalhos de pano – variando grandemente em forma, qualidade e padrão – que papai e eu costuramos de qualquer jeito, com dedos desacostumados. Aquelas obras de arte foram colocadas nas janelas, onde vão ficar até que possamos sair do esconderijo.

O prédio à nossa direita é uma filial da Companhia Keg, uma empresa de Zaandam, e à esquerda fica uma fábrica de móveis. Embora as pessoas que trabalham lá não permaneçam à noite, qualquer som que a gente faça pode atravessar as paredes. Proibimos Margot de tossir à noite, apesar de seu forte resfriado, e estamos lhe dando grandes doses de codeína.

Estou ansiosa pela chegada dos van Daan, marcada para a terça-feira. Vai ser muito mais divertido, e também o lugar não vai ficar tão silencioso. Você sabe, é o silêncio que me deixa tão nervosa nos fins de tarde e à noite, e eu daria tudo para uma das pessoas que nos ajudam dormir aqui.

Na verdade, não é tão ruim, pois podemos cozinhar e ouvir o rádio no escritório de papai. O Sr. Kleiman e Miep, e Bep Voskuijl também, nos ajudaram demais. Já enlatamos montes de ruibarbo, morangos e cerejas, de modo que, por enquanto, duvido que fiquemos sem ter o que fazer. Também temos um suprimento de material de leitura, e vamos comprar um monte de jogos. Claro que não podemos olhar pela janela nem sair. E temos de ficar quietos para que as pessoas lá embaixo não nos ouçam.

Ontem ficamos com as mãos ocupadas. Tivemos de descaroçar dois caixotes de cerejas para o Sr. Kugler enlatar. Vamos usar os caixotes vazios para fazer estantes de livros.

Alguém está me chamando.

Sua Anne

Comentário acrescentado por Anne em 28 de setembro de 1942

Não poder sair me deixa mais chateada do que posso dizer, e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta, claro, é uma perspectiva muito desalentadora.

Domingo, 12 de julho de 1942

Neste último mês todos foram muito gentis comigo por causa de meu aniversário, e mesmo assim me sinto a cada dia me afastando mais e mais de mamãe e Margot. Trabalhei duro hoje e elas me elogiaram, mas começaram a pegar no meu pé de novo cinco minutos depois.

Dá para ver facilmente a diferença entre o modo como tratam Margot e o modo como me tratam. Por exemplo, Margot quebrou o aspirador de pó, e por causa disso ficamos sem luz o resto do dia. Mamãe disse:

– Bom, Margot, dá para ver que você não está acostumada a trabalhar; do contrário, não puxaria a tomada pelo fio.

Margot respondeu alguma coisa, e ficou por isso mesmo.

Mas hoje à tarde, quando eu quis reescrever umas coisas na lista de compras de mamãe porque a letra dela é difícil de entender, ela não deixou. Brigou comigo de novo, e toda a família terminou se envolvendo.

Eu não me adapto a eles, e senti isso claramente nas últimas semanas. Eles são muito sentimentais juntos, mas prefiro ser sentimental sozinha. Estão sempre comentando que as coisas vão muito bem entre nós e que nos damos muito bem, mas não pensam um segundo no fato de que eu não me sinto assim.

Papai é o único que sempre me compreende, embora geralmente fique do lado de mamãe e Margot. Outra coisa que não suporto é quando falam de mim na frente de gente de fora, contando que chorei ou que estou me comportando de modo sensível. É um horror. E às vezes falam de Moortje e eu não aguento. Moortje é o meu ponto fraco. Sinto falta dela a cada minuto do dia, e ninguém sabe quantas vezes penso nela; sempre que penso, meus olhos se enchem de lágrimas. Moortje é tão doce, e eu a amo tanto, que vivo sonhando que ela vai voltar para nós.

Tenho muitos sonhos, mas a realidade é que precisamos ficar aqui até o fim da guerra. Nem podemos ir lá fora, e as únicas visitas que podemos receber são Miep, seu marido Jan, Bep Voskuijl, o Sr. Voskuijl, o Sr. Kugler, o Sr. Kleiman e a Sra. Kleiman, se bem que ela não veio porque acha muito perigoso.

Comentário acrescentado por Anne em setembro de 1942

Papai é sempre tão bom! Ele me entende perfeitamente, e eu gostaria que algum dia pudéssemos falar de coração para coração sem que eu caia logo no choro. Mas acho que isso tem a ver com minha idade. Eu gostaria de passar todo o tempo escrevendo, mas isso provavelmente acabaria sendo monótono.

Até agora só contei meus pensamentos ao meu diário. Ainda não consegui escrever esquetes engraçados que mais tarde pudesse ler em voz alta. No futuro, vou dedicar menos tempo ao sentimentalismo e mais tempo à realidade.

Sexta-feira, 14 de agosto de 1942

Querida Kitty,

Abandonei você durante um mês inteiro, mas aconteceram tão poucas coisas que não encontro nem mesmo um caso por dia que valha a pena relatar. Os van Daan chegaram no dia 13 de julho. Achávamos que eles vinham no dia 14, mas entre os dias 13 e 16 os alemães mandaram convocações para tudo quanto é lado, causando muita preocupação, por isso eles acharam que seria mais seguro sair um dia antes do que um dia tarde demais.

Peter van Daan chegou às nove e meia da manhã (enquanto ainda estávamos tomando o café). Peter vai fazer 16 anos, é um garoto tímido e sem graça, cuja companhia não vai fazer muita diferença. O Sr. e a Sra. van Daan chegaram meia hora depois. Para nossa diversão, a Sra. van Daan vinha carregando uma caixa de chapéu com um grande penico dentro.

– Pois é, não me sinto em casa sem o meu urinol – exclamou ela, e aquele foi o primeiro item a encontrar um lugar permanente sob o divã. Em vez de um penico, o Sr. van Daan carregava debaixo do braço uma mesinha dobrável de chá.

Desde o início fizemos as refeições juntos, e depois de três dias era como se nós sete tivéssemos virado uma grande família. Naturalmente, os van Daan tinham muito a dizer sobre a semana que havíamos passado longe da civilização. Estávamos especialmente interessados no que aconteceu com nosso apartamento e com o Sr. Goldschmidt.

O Sr. van Daan contou:

– Na segunda-feira, às nove da manhã, o Sr. Goldschmidt telefonou e perguntou se eu poderia ir lá. Fui imediatamente e o encontrei muito perturbado. Ele me mostrou um bilhete que a família Frank deixara. Conforme as instruções, ele planejava levar a gata para os vizinhos, e

concordei que era uma boa ideia. Ele tinha medo de que a casa sofresse buscas; por isso, revirou todos os cômodos, ajeitando tudo e limpando os restos do café-da-manhã. De repente, vi um bloco de anotações na mesa do Sr. Frank, com um endereço em Maastricht. Mesmo sabendo que o Sr. Frank deixara aquilo de propósito, fingi ficar surpreso e horrorizado, e implorei que o Sr. Goldschmidt queimasse aquele pedaço de papel. Jurei que não sabia de nada a respeito do desaparecimento de vocês, mas aquele bilhete me dera uma ideia. "Sr. Goldschmidt", disse eu, "aposto que sei de quem é aquele endereço. Há uns seis meses um oficial de alto escalão veio ao escritório. Parece que ele e o Sr. Frank cresceram juntos. Ele prometeu ajudar o Sr. Frank se fosse necessário. Pelo que me lembro, ele estava com uma guarnição em Maastricht. Acho que esse oficial manteve a palavra e está planejando de algum modo ajudá-los a atravessar a fronteira para a Bélgica e, em seguida, para a Suíça. Não há perigo em contar isso a qualquer amigo dos Frank que os venha procurar. Claro que você não precisa mencionar a parte sobre Maastricht." E, depois disso, eu saí. Essa é a história que a maioria dos amigos de vocês ficou sabendo, porque mais tarde a ouvi sendo contada por várias outras pessoas.

Achamos engraçadíssimo, porém rimos ainda mais quando o Sr. van Daan contou que algumas pessoas têm imaginação fértil. Por exemplo, as pessoas de uma família que morava em nosso quarteirão disseram ter visto nós quatro saindo de bicicleta de manhã cedo, e outra mulher tinha certeza absoluta de que tínhamos sido colocados em algum tipo de veículo militar no meio da noite.

Sua Anne

Sexta-feira, 21 de agosto de 1942

Querida Kitty,

Agora nosso Anexo Secreto tornou-se realmente secreto. Como tantas casas estão sendo revistadas em busca de bicicletas escondidas, o Sr. Kugler achou que seria melhor construirmos uma estante de livros na frente da entrada de nosso esconderijo. O Sr. Voskuijl fez o trabalho de carpintaria. (O Sr. Voskuijl ficou sabendo que nós sete estamos escondidos, e ele tem ajudado muito.)

Agora, sempre que queremos descer, temos de nos abaixar e depois saltar. Nos três primeiros dias, estávamos todos com galos na testa, de tanto bater a cabeça no portal. Depois, Peter acolchoou-o, pregando no batente uma toalha cheia de serragem. Veremos se ajuda!

Não estou fazendo muito trabalho de escola. Me dei férias até setembro. É quando papai quer começar a me dar aulas, mas primeiro teremos de comprar todos os livros.

Há pouca mudança em nossa vida aqui. O cabelo de Peter foi lavado hoje, mas isso não é nada de mais. O Sr. van Daan e eu estamos sempre nos desentendendo. Mamãe sempre me trata como um bebê, o que não consigo suportar. Quanto ao resto, as coisas vão melhorando. Não acho que Peter esteja ficando melhor. Ele é um garoto antipático que fica na cama o dia inteiro, somente se levantando para fazer um pouco de trabalho de carpintaria antes de voltar a dormir. Que idiota!

Mamãe me deu outro de seus sermões horrorosos hoje de manhã. Nós temos uma visão oposta com relação a tudo. Papai é um doce; ele pode ficar furioso comigo, mas isso nunca demora mais do que cinco minutos.

Está fazendo um dia lindo lá fora, bonito e quente, e, apesar de tudo, nós aproveitamos ao máximo o clima deitando-nos na cama dobrável no sótão.

Sua Anne

Comentário acrescentado por Anne em 21 de setembro de 1942

O Sr. van Daan tem sido gentilíssimo comigo ultimamente. Eu não disse nada, mas estou aproveitando enquanto dura.

Quarta-feira, 2 de setembro de 1942

Querida Kitty,

O Sr. e a Sra. van Daan tiveram uma briga terrível. Eu nunca tinha visto nada igual, já que papai e mamãe nem sonhariam em gritar um com o outro daquele jeito. A discussão se baseou em alguma coisa tão boba que nem merecia que se gastasse uma só palavra. Bom, cada qual com suas manias.

Claro que é muito difícil para Peter, que fica no meio dos dois, mas ninguém o leva a sério, pois ele é hipersensível e preguiçoso. Ontem, ele quase morreu de preocupação porque sua língua estava azul, e não rosa. Esse raro fenômeno desapareceu tão rapidamente quanto veio. Hoje, ele está andando com um cachecol grosso porque está com torcicolo. Sua Alteza também vem reclamando de lumbago. Dores no coração, nos rins e nos pulmões também aparecem sempre. Ele é um tipo hipocondríaco! (Esta é a palavra certa, não é?)

Mamãe e a Sra. van Daan não estão se dando muito bem. Há motivos suficientes para desentendimento. Só para dar um exemplo, a Sra. van D. tirou todos os seus lençóis, menos três, de nosso armário comunitário de roupa de cama. Ela está achando que os de mamãe podem ser usados pelas duas famílias. Vai ter uma grande surpresa quando descobrir que mamãe seguiu o seu exemplo.

Além disso, a Sra. van D. ficou chateada porque estamos usando a sua louça, e não a nossa. Ela ainda está tentando descobrir o que fizemos com nossos pratos; estão muito mais perto do que ela pensa, já que foram guardados no sótão, em caixas de papelão, por trás de uma pilha de material de publicidade da Opekta. Enquanto estivermos escondidos, os pratos vão ficar fora do alcance dela. Como vivo provocando acidentes, isso é o melhor. Ontem quebrei uma das tigelas de sopa da Sra. van Daan.

– Ah! – exclamou ela, irritada. – Você não consegue ser mais cuidadosa? Essa era a minha última!

Por favor, tenha em mente, Kitty, que as duas senhoras falam um holandês abominável (não ouso comentar sobre os cavalheiros: eles seriam muito insultados). Se você ouvisse as tentativas ridículas, morreria de rir. Nós desistimos de apontar os erros, já que corrigir não adianta nada. Sempre que eu citar mamãe ou a Sra. van Daan, vou escrever corretamente, em vez de tentar repetir seu modo de falar.

Na semana passada, houve uma breve interrupção em nossa rotina monótona. O causador foi Peter – e um livro sobre mulheres. Eu deveria explicar que Margot e Peter têm permissão de ler quase todos os livros que o Sr. Kleiman nos empresta. Mas os adultos preferiram guardar esse livro específico para eles mesmos. Isso atraiu imediatamente a curiosidade de Peter. Que fruto proibido o livro conteria? Ele foi apanhá-lo quando sua mãe estava conversando lá embaixo e levou-o para o sótão. Durante dois dias tudo esteve tranquilo. A Sra. van Daan sabia o que ele estava fazendo, mas ficou calada, até que o Sr. van Daan descobriu. Ele deu uma bronca, pegou de volta o livro e achou que o problema estava resolvido. Mas não tinha levado em conta a curiosidade do filho. Peter, nem um pouco abalado com a reação rápida do pai, começou a pensar em como leria o restante daquele livro interessantíssimo.

Enquanto isso, a Sra. van D. perguntou a opinião de mamãe. Mamãe achava que aquele livro específico não era adequado para Margot, mas não via problema em deixar que ela lesse a maioria dos outros livros.

– A senhora vê, Sra. van Daan – disse mamãe –, há uma grande diferença entre Margot e Peter. Para começar, Margot é uma moça, e as moças são sempre mais maduras do que os rapazes. Além disso, ela já leu muitos livros sérios e não precisa procurar os que não são mais proibidos. De mais a mais, Margot é muito mais sensível e intelectualmente avançada, por causa dos quatro anos de estudo em uma escola excelente.

A Sra. van Daan concordou com ela, mas achava errado, por uma questão de princípios, deixar os jovens lerem livros escritos para adultos.

Enquanto isso, Peter esperava o momento em que ninguém estivesse interessado nele ou no livro. Às sete e meia da noite, quando toda a família estava ouvindo o rádio no escritório particular, ele pegou seu tesouro e levou-o de novo para o sótão. Ele deveria estar de volta às oito e meia, mas estava tão envolvido no livro que perdeu a hora; quando descia a escada, seu pai entrou na sala. A cena que se seguiu não foi uma surpresa: depois de um tapa e um empurrão, o pai arrancou o livro das mãos de Peter, o livro foi parar na mesa e Peter foi para o sótão.

As coisas estavam nesse pé quando chegou a hora de comer. Peter ficou lá em cima. Ninguém pensou nele por um segundo; ele iria para a cama sem jantar. Continuamos a comer, conversando alegremente, quando de súbito ouvimos um assobio cortante. Largamos os garfos e nos entreolhamos, com o choque claramente visível nos rostos.

Então, ouvimos a voz de Peter através da chaminé:

– Eu não vou descer!

O Sr. van Daan deu um pulo, deixando o guardanapo cair no chão, e gritou com o sangue subindo pelo rosto:

– Para mim chega!

Papai, com medo do que pudesse acontecer, agarrou-o pelo braço, e os dois homens foram para o sótão. Depois de muita luta e muitos chutes, Peter terminou em seu quarto com a porta trancada, e nós continuamos a comer.

A Sra. van Daan queria guardar um pedaço de pão para o filhinho querido, mas o Sr. van D. foi inflexível:

– Se ele não se desculpar neste minuto, vai ter de dormir no sótão.

Nós protestamos, dizendo que ficar sem jantar já era punição suficiente. E se Peter pegasse uma gripe? Não poderíamos chamar um médico.

Peter não se desculpou, e voltou para o sótão. O Sr. van Daan decidiu deixar para lá, mas na manhã seguinte notou que Peter dormira na cama. Às sete, Peter subiu de novo para o sótão, mas foi persuadido a descer quando papai disse algumas palavras amáveis para ele. Depois de três dias de olhares mal-encarados e silêncio teimoso, tudo voltou ao normal.

Sua Anne

Segunda-feira, 21 de setembro de 1942

Querida Kitty,

Hoje vou contar as notícias gerais daqui no Anexo. Montaram um abajur acima do meu sofá-cama para que, no futuro, quando eu ouvir o barulho das armas diminuindo, possa puxar uma cordinha e acender a luz. Não posso usá-lo agora porque estamos mantendo a janela um pouquinho aberta, de dia e de noite.

Os membros masculinos do clã van Daan construíram um armário de comida muito bom, com portas de verdade. Até então, esse armário glorioso ficava no quarto de Peter, mas, em nome do ar puro, foi transferido para o sótão. No lugar dele, há agora uma prateleira. Aconselhei Peter a colocar sua

mesa sob a prateleira e pendurar seu armário onde a mesa está agora. Isso pode tornar seu pequeno cubículo mais confortável, se bem que eu não gostaria de dormir lá, é claro.

A Sra. van Daan é insuportável. Vive brigando comigo porque falo sem parar quando estou lá em cima. Eu simplesmente deixo as palavras saírem de minha boca. Agora, a madame tem um novo truque na manga: tentar não lavar os potes e as panelas. Se há um pouquinho de comida no fundo da panela, ela deixa estragando, em vez de guardar numa tigela de vidro. Então, de tarde, quando Margot fica encarregada de lavar todos os potes e as panelas, a madame exclama:

– Ah, pobre Margot, você está trabalhando muito!

De vez em quando, o Sr. Kleiman traz uns livros escritos para garotas da minha idade. Estou entusiasmada com a série *Joop ter Heul*. Gostei demais de todos os livros de Cissy van Marxveldt. Já li quatro vezes *En Zomerzotheid [Íl'ŀe Zaniest Summer]*, e as situações ridículas ainda me fazem rir.

Atualmente, papai e eu estamos trabalhando em nossa árvore genealógica, e ele me conta alguma coisa sobre cada pessoa.

Comecei meus trabalhos escolares. Estou dando duro com o francês, enfiando na cabeça cinco verbos irregulares por dia. Mas esqueci muita coisa que havia aprendido na escola.

Peter voltou a estudar inglês, com muita relutância. Alguns livros didáticos acabaram de chegar, e eu trouxe de casa um grande suprimento de cadernos, lápis, borrachas e etiquetas. Pim (é como chamamos papai) quer que eu o ajude nas aulas de holandês. Estou perfeitamente disposta a lhe ensinar em troca de sua ajuda no francês e em outras matérias. Mas ele comete os erros mais incríveis.

Às vezes, escuto as transmissões radiofônicas holandesas de Londres. O príncipe Bernhard anunciou recentemente que a princesa Juliana está

esperando um bebê para janeiro, o que acho maravilhoso. Aqui ninguém entende por que tenho um interesse tão grande pela família real.

Uma noite dessas, fiquei na berlinda, e todos concluíram que eu era uma ignorante. Por causa disso, me lancei ao trabalho escolar no dia seguinte, pois não quero continuar no primeiro ano da escola quando estiver com 14 ou 15 anos. Também discutiram o fato de que não estou autorizada a ler quase nada. No momento mamãe está lendo *Heeren, vrouwen, [Knetchen Gentlemen Wives and Servants]*, e é claro que não tenho permissão de lê-lo (mas Margot tem!). Antes tenho de estar mais desenvolvida intelectualmente, como a minha irmã genial. Em seguida, falaram da minha ignorância em filosofia, psicologia e fisiologia (imediatamente procurei essas palavras enormes no dicionário!). É verdade, não sei nada desses assuntos. Mas, talvez, fique mais inteligente no ano que vem!

Cheguei à conclusão chocante de que só tenho um vestido de mangas compridas e três cardigãs para usar no inverno. Papai me deixou tricotar um suéter de lã branca; o ponto não é muito bonito, mas vai ficar quente, e é isso que interessa. Algumas de nossas roupas ficaram com amigos, mas infelizmente só poderemos pegá-las depois da guerra. Desde que continuem lá, é claro.

Eu tinha acabado de escrever uma coisa sobre a Sra. van Daan quando ela entrou na sala. Fechei o caderno rapidamente.

– Oi, Anne, posso dar uma olhadinha?

– Não, senhora.

– Então deixa eu ver só a última página?

– Não, nem mesmo a última página.

Claro que quase desmaiei, porque aquela página em particular fazia uma descrição da Sra. Van Daan bem pouco elogiosa.

Todo dia acontece alguma coisa, mas estou cansada e com preguiça demais para escrever tudo.

Sua Anne

Sexta-feira, 25 de setembro de 1942

Querida Kitty,

Papai tem um amigo, um velho de setenta e poucos anos chamado Sr. Dreher, que é doente, pobre e surdo como um poste. Ao seu lado, como um apêndice inútil, está sempre a esposa, 27 anos mais nova e igualmente pobre, cujos braços e pernas vivem cheios de braceletes e anéis falsos e verdadeiros, sobras de dias mais prósperos. Esse Sr. Dreher já causou grandes aborrecimentos a papai, e sempre admirei a paciência de santo com que ele atendia o velho patético pelo telefone. Quando ainda morávamos em casa, mamãe costumava aconselhá-lo a colocar um gramofone na frente do aparelho, com um disco que repetisse a cada três minutos: "Sim, Sr. Dreher" e "Não, Sr. Dreher", já que, de qualquer modo, o velho nunca compreendia uma palavra das respostas de papai.

Hoje, o Sr. Dreher telefonou para o escritório e pediu que o Sr. Kugler fosse vê-lo. O Sr. Kugler não estava disposto e disse que mandaria Miep, mas Miep cancelou o encontro. A Sra. Dreher ligou para o escritório três vezes, mas como Miep supostamente estaria fora durante toda a tarde, ela teve de imitar a voz de Bep. Lá embaixo, no escritório e no Anexo, todos rimos muito. Agora, a cada vez que o telefone toca, Bep brinca: "É a Sra. Dreher!" E Miep acaba rindo, de modo que a pessoa do outro lado é recebida com um risinho sem educação. Dá para imaginar? Este deve ser o melhor escritório do mundo. Os chefes e as secretárias se divertem muito!

Em algumas noites vou até os aposentos dos van Daan para um bate-papo. Nós comemos "biscoitos naúalina" (biscoitinhos de melado que foram guardados num armário à prova de traças) e nos distraímos. Há pouco tempo, a conversa foi sobre Peter. Eu disse que ele costuma me dar tapinhas na bochecha, e eu não gosto disso. Eles me perguntaram, com um jeito tipicamente adulto, se eu nem mesmo poderia aprender a amar Peter como um irmão, já que ele me amava como uma irmã.

– Ah, não! – disse eu, mas o que estava pensando era: ah, argh!

Imagine! Eu acrescentei que Peter é meio rígido, talvez por causa da timidez. Garotos que não têm o costume de estar perto de garotas são assim.

Devo dizer que o Comitê do Anexo (a seção dos homens) é muito criativo. Ouça o esquema que eles imaginaram para mandar uma mensagem ao Sr. Broks, um representante de vendas da Companhia Opekta e amigo, que havia escondido algumas coisas para nós. Eles vão datilografar uma carta para o dono de uma loja no sul da Zelândia, que indiretamente é cliente da Opekta, pedindo para ele preencher um formulário e mandar de volta no envelope já endereçado, que irá junto. O próprio papai escreverá o endereço no envelope. Assim que a carta voltar da Zelândia, o formulário poderá ser retirado e poderá ser posta no envelope uma mensagem escrita à mão, confirmando que papai está vivo. Assim, o Sr. Broks lerá a carta sem suspeitar de nada. Eles escolheram a província da Zelândia porque fica perto da Bélgica (uma carta pode ser passada facilmente pela fronteira) e porque ninguém pode viajar para lá sem permissão especial. Um vendedor comum como o Sr. Broks nunca teria a permissão.

Ontem, papai aprontou outra. Grogue de sono, foi cambaleando para a cama. Seus pés estavam frios, por isso emprestei minhas meias de dormir. Cinco minutos depois, ele as jogou no chão. Em seguida, puxou os cobertores sobre a cabeça, porque a luz o incomodava. A lâmpada foi apagada, e ele tirou a cabeça de baixo das cobertas, rindo. Foi tudo muito

engraçado. Começamos a conversar sobre o fato de Peter dizer que Margot é de uma grossura sem tamanho. De repente, ouvimos a voz de papai vindo das profundezas:

– Você quer dizer que ela tem bunda grande?

Mouschi, a gata, está ficando mais gentil comigo com o passar do tempo, mas ainda tenho um pouco de medo dela.

Sua Anne

Domingo, 27 de setembro de 1942

Querida Kitty,

Hoje, mamãe e eu tivemos uma discussão, digamos assim, mas a parte chata foi que eu caí no choro. Não consigo evitar. Papai é sempre tão bom comigo e, além disso, me entende muito melhor. Nessas horas, não suporto mamãe. É óbvio que sou uma estranha para ela; ela nem sabe o que penso sobre as coisas mais simples.

Estávamos falando das empregadas e sobre o fato de que hoje em dia devemos chamá-las de auxiliares domésticas. Ela disse que quando a guerra terminar será assim que elas vão querer ser chamadas. Eu não vejo nada desse jeito. Então ela comentou que eu falava com muita frequência sobre depois e que ajo como se fosse uma lady, mesmo não sendo, mas não acho que construir castelos de areia no ar seja uma coisa tão terrível, desde que você não leve isso muito a sério. De qualquer modo, papai costuma me defender. Sem ele, eu não conseguiria ficar aqui.

Também não me dou muito bem com Margot. Mesmo nossa família não tendo o mesmo tipo de brigas que eles têm lá em cima, não acho isso nada agradável. A personalidade de Margot e a de mamãe são muito estranhas

para mim. Compreendo minhas amigas melhor do que minha própria mãe. Não é o fim?

Pela milésima vez, a Sra. van Daan está de cara feia. Ela é imprevisível, e vem pegando cada vez mais coisas suas e trancando. É muito ruim que mamãe não pague cada número de desaparecimento dos van Daan com um número de desaparecimento dos Frank.

Certas pessoas, como os van Daan, parecem ter um prazer especial não somente em criar os próprios filhos, mas também em ajudar os outros a criar os deles. Margot não precisa disso, já que é naturalmente boa, gentil e inteligente, a própria perfeição, mas parece que minha maldade vale por nós duas. Mais de uma vez o ar se encheu com as críticas dos van Daan e com minhas respostas irônicas. Papai e mamãe sempre me defendem ferozmente. Sem eles, eu aprontaria mais brigas com a minha pose habitual. Eles vivem dizendo que eu deveria falar menos, cuidar de minhas coisas e ser mais modesta, mas eu pareço ser destinada ao fracasso. Se papai não fosse tão paciente, há muito eu teria perdido a esperança de atender às expectativas bastante modestas de meus pais.

Se me oferecem um pouco de legumes, eu rejeito e como batatas. Os van Daan, especialmente a Sra. van Daan, não suportam ver como sou mimada.

– Vá, Anne, coma mais um pouco de legumes – diz ela.

– Não, senhora, obrigada – respondo. – Já bastam as batatas.

– Legumes são bons para você; sua mãe também concorda comigo. Coma um pouco mais – insiste ela, até que papai intervém e defende o meu direito de recusar uma comida da qual não gosto.

Aí a Sra. van Daan realmente sai do sério:

– Você deveria ter morado em nossa casa, onde as crianças foram criadas como deveriam ser. Acho que esta não é uma criação boa. Anne é muito mimada. Eu nunca deixaria isso acontecer. Se Anne fosse minha filha...

É assim que sempre começam e terminam suas tiradas: se Anne fosse minha filha... Graças a Deus não sou.

Mas, voltando ao tema da criação de filhos, ontem baixou um silêncio depois que a Sra. van Daan terminou seu pequeno discurso. Então, papai respondeu:

– Acho que Anne é muito bem-criada. Pelo menos aprendeu a não responder aos seus sermões intermináveis. Quanto ao assunto dos legumes, só posso dizer que é o roto falando do esfarrapado.

A Sra. van Daan foi totalmente derrotada. O roto falando do esfarrapado se referia, claro, à própria madame, já que ela não tolera feijão ou qualquer tipo de verdura à noite, porque lhe dão gases. Mas eu poderia dizer a mesma coisa. Que idiota, você não acha? De qualquer modo, vamos esperar que ela pare de falar de mim.

É muito engraçado ver como a Sra. van Daan fica vermelha tão depressa. Eu não fico, e isso no fundo a deixa chateadíssima.

Sua Anne

Segunda-feira, 28 de setembro de 1942

Querida Kitty,

Tive de parar ontem, mesmo estando longe de terminar. Morro de vontade de contar outra de nossas brigas, mas antes gostaria de dizer isto: acho estranho os adultos discutirem tão facilmente e com tanta frequência sobre coisas tão mesquinhas. Até agora eu achava que birra era uma coisa de criança e que a gente superava quando crescia. Claro que algumas vezes há motivo para uma discussão de verdade, mas os bate-bocas que acontecem aqui não passam de teimosia. Eu deveria estar acostumada ao fato de essas

discussões acontecerem todo dia, mas não me acostumo e nunca me acostumarei enquanto eu for o tema de quase todas as brigas. (Eles se referem a isso como discussões, em vez de brigas, mas os alemães não sabem a diferença!) Eles criticam tudo a meu respeito – e quero dizer tudo mesmo: meu comportamento, minha personalidade, meus modos; cada centímetro meu, da cabeça aos pés e dos pés à cabeça, é assunto para fofocas e debates. Palavras grosseiras e gritos são constantemente lançados sobre minha cabeça, mesmo eu não estando acostumada a isso. De acordo com os poderes constituídos, eu deveria rir e suportar. Mas não consigo! Não tenho intenção de receber os insultos de cabeça baixa. Vou mostrar a eles que Anne Frank não nasceu ontem. Eles vão cair sentados e perceber, e fechar suas bocarras quando eu deixar claro que eles devem prestar atenção em seus modos em vez de nos meus. Como ousam agir assim? É simplesmente o cúmulo. Eu vivia pasma com essa grosseria e, principalmente... com essa estupidez (da Sra. van Daan). Mas assim que me acostumar à ideia, e isso não deve demorar muito, vou dar a eles uma dose do seu próprio remédio, e então eles vão mudar de tom! Será que sou tão mal-educada, cabeça-dura, teimosa, metida, burra e preguiçosa quanto os van Daan dizem que sou? Claro que não. Sei que tenho meus defeitos, mas eles exageram! Se você soubesse, Kitty, como eu fervo por dentro quando me censuram e debocham de mim! Não vai demorar muito até eu explodir de raiva.

Mas chega disso. Já cansei você com minhas polêmicas e, no entanto, não consigo resistir a contar uma interessantíssima conversa que aconteceu num jantar.

De alguma forma tínhamos chegado ao assunto da extrema timidez de Pim. Sua modéstia é fato conhecido, que nem mesmo a pessoa mais idiota sonharia em questionar. De repente, a Sra. van Daan, que tem necessidade de se meter em toda conversa, observou:

– Eu também sou muito modesta e reservada, muito mais do que o meu marido!

Você já ouviu coisa mais ridícula? Essa frase é uma prova de que ela não é exatamente o que a gente chamaria de modesta!

O Sr. van Daan, que se sentiu obrigado a explicar o "muito mais do que o meu marido", respondeu calmamente:

– Não tenho desejo de ser modesto e reservado. Por experiência, a gente consegue muito mais sendo extrovertido! – E, virando-se para mim, acrescentou: – Não seja modesta e reservada, Anne. Isso não vai ajudar você em nada.

Mamãe concordou plenamente com esse ponto de vista. Mas, como sempre, a Sra. van Daan tinha de dar palpite. Dessa vez, porém, em vez de se dirigir diretamente a mim, ela se virou para meus pais e disse:

– Vocês devem ter uma visão estranha da vida para dizer isso a Anne. As coisas eram diferentes quando eu estava crescendo. Mas, talvez, elas não tenham mudado tanto desde então, a não ser em seu lar moderno.

Esse foi um ataque direto aos métodos modernos de criação defendidos por mamãe em várias ocasiões. A Sra. van Daan estava tão chateada que seu rosto ficou de um vermelho vivo. As pessoas que coram facilmente se tornam ainda mais agitadas quando sentem que vão ficando quentes do pescoço para cima, e rapidamente perdem para os oponentes.

A inabalável mamãe, que agora queria resolver o assunto o mais rápido possível, parou um momento para pensar, antes de responder:

– Bom, Sra. van Daan, concordo que é muito melhor uma pessoa não ser modesta demais. Meu marido, Margot e Peter são modestos demais. Seu marido, Anne e eu, embora não sejamos exatamente o oposto, não deixamos que se intrometam em nossa vida.

E a Sra. van Daan:

– Ah, mas Sra. Frank, não entendo o que a senhora quer dizer! Sinceramente, sou muito modesta e reservada. Como pode dizer que sou intrometida?

Mamãe:

– Eu não disse que a senhora é intrometida, mas ninguém poderia descrevê-la como uma pessoa reservada.

A Sra. van Daan:

– Gostaria de saber em que sentido sou intrometida! Se não cuidasse de mim mesma aqui, ninguém faria por mim, e eu morreria de fome, mas isso não significa que não seja tão modesta e reservada quanto o seu marido.

Mamãe não teve outra opção a não ser rir daquela defesa ridícula, o que irritou a Sra. van Daan. Não sendo exatamente uma debatedora nata, ela continuou seu relato grandioso numa mistura de alemão e holandês, até ficar tão enrolada nas próprias palavras que finalmente levantou-se da cadeira. Estava prestes a sair da sala quando seu olhar bateu em mim. Você deveria ter visto a cara dela! Por acaso, no momento em que a Sra. van D. se virou, eu estava balançando a cabeça numa combinação de compaixão e ironia. Não foi de propósito, mas eu tinha acompanhado com tanta atenção as suas palavras que minha reação foi totalmente involuntária. A Sra. van D. se virou e mandou um palavrão: duro, alemão, feio e vulgar, exatamente como se fosse uma mulher de pescador, gorda e de cara vermelha. Foi uma satisfação ver isso. Se eu soubesse desenhar, gostaria de desenhar o rosto dela naquele momento. Ela parecia tão ridícula, aquela maluca idiota! Aprendi uma coisa: você só conhece uma pessoa depois de uma briga. Só, então, é possível julgar o seu caráter!

Sua Anne

Terça-feira, 29 de setembro de 1942

Querida Kitty,

Acontecem as coisas mais estranhas quando a gente está escondida! Tente imaginar uma coisa. Como não temos banheira, tomamos banho numa tina, e, como só há água quente no escritório (isso significa todo o andar de baixo), nós sete nos revezamos para aproveitar ao máximo essa grande oportunidade. Mas, como ninguém é igual ao outro e todos temos graus variados de pudor, cada membro da família escolheu um lugar diferente para se lavar. Peter toma banho na cozinha do escritório, mesmo ela tendo uma porta de vidro. Quando chega a hora de seu banho, ele vai até cada um de nós e anuncia que não devemos passar pela cozinha na próxima meia hora. Ele acha que essa medida é suficiente. O Sr. van Daan toma seu banho em cima, achando que a segurança de seu quarto supera a dificuldade de ter de carregar a água quente escada acima. A Sra. van Daan ainda precisa tomar um banho; ela está esperando para ver qual é o melhor lugar. Papai se banha no escritório particular, e mamãe, na cozinha, por trás de um biombo, enquanto eu e Margot declaramos que o escritório da frente é o nosso lugar de banho. Como as cortinas são fechadas na tarde de sábado, nós nos esfregamos no escuro, enquanto a que está no banho olha pela janela por uma fresta na cortina e vê maravilhada as pessoas se divertindo.

Há uma semana, cheguei à conclusão de que não gostava dali e andei procurando um lugar mais confortável para tomar banho. Foi Peter quem me deu a ideia de colocar a tina no espaçoso banheiro do escritório. Eu posso me sentar, acender a luz, trancar a porta, colocar a água sem ajuda de ninguém, e tudo isso sem o medo de ser vista. Usei meu lindo banheiro pela primeira vez no domingo e, por mais que pareça estranho, gostei mais do que de qualquer outro lugar.

O bombeiro hidráulico esteve trabalhando lá embaixo na quarta-feira, puxando os tubos e os drenos do banheiro para o corredor, para que a tubulação não congele no inverno. A visita do bombeiro esteve longe de ser agradável. Não somente fomos proibidos de abrir torneiras durante o dia, mas o banheiro também ficou fora de nossa jurisdição. Vou contar como enfrentamos esse problema; você pode achar estranho eu falar disso, mas não sou tão cheia de pudores com esse tipo de coisa. No dia de nossa chegada, papai e eu improvisamos um penico com um jarro de fazer enlatados. Durante a visita do bombeiro, também foram utilizados jarros de enlatados para guardar "nosso chamados da natureza". De minha parte, isso não foi nem de longe tão difícil quanto ter de ficar parada o dia inteiro, sem dizer uma palavra. Você pode imaginar como foi difícil para a Dona Quaquaquá. Em dias normais nós temos de falar em sussurros; não poder falar nem se mexer é dez vezes pior.

Depois de três dias constantemente sentada, minhas costas estavam duras e doloridas. Fazer ginástica à noite ajudou.

Sua Anne

Quinta-feira, 1º de outubro de 1942

Querida Kitty,

Ontem tive um medo terrível. Às oito horas, a campainha da porta tocou de repente. Só pude pensar que alguém estava vindo nos pegar, você sabe de quem estou falando. Mas me acalmei quando todo mundo jurou que deveriam ser moleques ou o carteiro.

Os dias aqui são muito quietos. O Sr. Levinsohn, um pequeno farmacêutico e químico judeu, está trabalhando para o Sr. Kugler na

cozinha. Como ele está familiarizado com todo o prédio, temos um pavor constante de que ele meta na cabeça a ideia de querer olhar onde era o laboratório. Nós ficamos quietos como ratinhos. Quem poderia imaginar três meses atrás que a espevitada Anne teria de ficar parada durante horas sem fim, e mais, que ela conseguiria?

O aniversário da Sra. van Daan foi no dia 29. Apesar de não termos feito uma grande festa, ela ganhou flores, presentes simples e comida especial. Parece que os cravos vermelhos dados pelo marido são uma tradição de família.

Vou me estender um pouco mais no assunto da Sra. van Daan e contar que as tentativas dela de paquerar o papai são uma fonte constante de irritação para mim. Ela dá tapinhas na bochecha e na cabeça dele, levanta a saia e faz observações pretensamente espirituosas num esforço de atrair a atenção de Pim. Felizmente, ele não acha que ela seja bonita nem charmosa, por isso não reage às investidas. Como você sabe, eu sou do tipo ciumento e não posso admitir isso. Afinal de contas, mamãe não age assim com o Sr. van D., coisa que eu disse na cara da Sra. van D.

De vez em quando, Peter consegue ser muito engraçado. Nós dois temos uma coisa em comum: gostamos de nos fantasiar, e todo mundo cai na risada. Uma noite fizemos um número, com Peter usando um dos vestidos justos de sua mãe e eu com o terno dele. Ele estava de chapéu; eu com um boné. Os adultos rolaram de rir, e nós também nos divertimos demais.

Bep comprou saias novas para Margot e para mim no Bijenkorf. O tecido é horrendo, parece saco de batatas. O tipo de coisa que as lojas de departamento não ousariam vender antigamente, e custaram 24 florins (a de Margot) e 7,75 florins (a minha).

Estamos esperando uma coisa boa: Bep pediu um curso de taquigrafia por correspondência para Margot, Peter e eu. Espere só, no ano que vem

poderemos taquigrafar perfeitamente. De qualquer modo, aprender a escrever num código secreto como esse é realmente interessante.

Estou com uma dor terrível no dedo indicador (da mão esquerda); por isso, não posso passar roupas. Que sorte!

O Sr. van Daan quer que eu me sente perto dele na mesa, já que, para ele, Margot não come o bastante. Por mim, tudo bem, eu gosto de mudanças. Há sempre um pequeno gato preto rondando o quintal, e ele me lembra da minha doce Moortje. Outro motivo para eu gostar da mudança é que mamãe está sempre pegando no meu pé, principalmente à mesa. Agora, Margot é que vai ter de aturar. Ou melhor, não vai, pois mamãe não faz observações sarcásticas para ela. Não àquele modelo de virtude! Hoje, eu vivo zombando de Margot, dizendo que ela é um modelo de virtude, e ela odeia que eu diga isso. Talvez eu a ensine a não ser tão boazinha. Já era hora de ela ter aprendido.

Para terminar esse amontoado de notícias, uma piada particularmente engraçada que o Sr. van Daan contou:

> O que faz clic 99 vezes e clac uma vez?
> Uma centopeia com uma perna de pau.

Bye-bye, Anne

Sábado, 3 de outubro de 1942

Querida Kitty,

Todo mundo zombou um bocado de mim ontem porque me deitei na cama junto do Sr. van Daan. “Na sua idade! Chocante!”, e outros

comentários do tipo. Besteira, claro. Eu nunca quereria dormir com o Sr. van Daan do jeito que eles insinuavam.

Ontem, mamãe e eu tivemos outra briga, e ela realmente armou o maior escândalo. Contou todos os meus pecados a papai e começou a chorar, o que me fez chorar também, e eu já estava com uma tremenda dor de cabeça. Até que enfim contei a papai que gosto mais dele que de mamãe, e ele respondeu que era só uma fase passageira, mas não acredito. Simplesmente não suporto mamãe, e tenho de fazer força para não gritar com ela o tempo todo e para ficar calma quando tenho vontade de lhe dar um tapa na cara. Não sei por que criei uma aversão tão grande por ela. Papai diz que, se mamãe não estiver bem, ou se estiver com dor de cabeça, eu deveria me oferecer para ajudar, mas não faço isso porque não a amo e não gosto de fazer. Consigo imaginar mamãe morrendo algum dia, mas a morte de papai parece inconcebível. É muita ruindade minha, mas é assim que me sinto. Espero que mamãe *nunca* leia isso ou qualquer outra coisa que escrevi.

Ultimamente estão deixando eu ler mais livros de adultos. *Eva's jeugd [Eva's Youth]*, de Nico van Suchtelen, está me ocupando no momento. Não acho que haja muita diferença entre esse livro e os livros para adolescentes. Eva achava que as crianças cresciam nas árvores, como maçãs, e que a cegonha as arrancava da árvore quando estavam maduras e levava para as mães. Mas a gata de sua amiga teve gatinhos e Eva observou quando eles saíram da gata, por isso pensou que as gatas punham ovos e os chocavam como as galinhas, e que as mães que queriam filhos também subiam para o quarto, alguns dias antes de ter o neném, para pôr um ovo e chocá-lo. Depois que os bebês chegavam, as mães estavam fracas de tanto ficar agachadas. Num determinado ponto, Eva também queria um bebê. Ela pegou um xale de lã e estendeu-o no chão para que o ovo pudesse cair nele, e então se agachou em cima e começou a fazer força. Ela olhava enquanto esperava, mas não saiu nenhum ovo. Finalmente, depois de ficar sentada

durante muito tempo, saiu uma coisa, mas era uma salsicha, e não um ovo. Eva ficou envergonhada. Pensou que estava doente. Engraçado, não é? Também há umas partes em *Eva's jeugd* que falam de mulheres que vendem os corpos nas ruas e pedem muito dinheiro. Eu ficaria envergonhadíssima diante de um homem dessa maneira. Além disso, o livro fala da menstruação de Eva. Ah, estou louca para chegarem as minhas regras – finalmente serei adulta.

Papai anda de cara amarrada de novo e ameaçando pegar meu diário. Horror dos horrores! De agora em diante vou ter de escondê-lo.

Anne Frank

Quarta-feira, 7 de outubro de 1942

Imagino que...

Fui para a Suíça. Papai e eu dormimos num quarto, enquanto a sala de estudos dos garotos[2] se transformou numa sala de estar, onde posso receber visitas. De surpresa, eles me trouxeram móveis novos, incluindo uma mesinha de chá, uma escrivaninha, poltronas e um divã. Tudo é simplesmente maravilhoso. Depois de alguns dias, papai me dá 150 florins – convertidos em dinheiro suíço, claro, mas vou chamá-los de florins – e diz para eu comprar tudo de que preciso, tudo para mim. (Mais tarde, recebo um florim por semana, que também posso usar para comprar o que quiser.) Saio com Bernd e compro:

3 camisolas de algodão a 0,50 = 1,50
3 calcinhas de algodão a 0,50 = 1,50
3 camisolas de lã a 0,75 = 2,25

3 calcinhas de lã a 0,75 = 2,25
2 anáguas a 0,50 = 1,00
2 sutiãs, menor tamanho, a 0,50 = 1,00
5 pijamas a 1,00 = 5,00
1 robe de verão a 2,50 = 2,50
1 robe de inverno a 3,00 = 3,00
2 casacos de dormir a 0,75 = 1,50
1 travesseiro pequeno a 1,00 = 1,00
1 par de chinelos leves a 1,00 = 1,00
1 par de chinelos quentes a 1,50 = 1,50
1 par de sapatos de verão (escola) a 1,50 = 1,50
1 par de sapatos de verão (passeio) a 2,00 = 2,00
1 par de sapatos de inverno (escola) a 2,50 = 2,50
1 par de sapatos de inverno (passeio) a 3,00 = 3,00
2 aventais a 0,50 = 1,00
25 lenços a 0,05 = 1,25
4 pares de meias de seda a 0,75 = 3,00
4 pares de meias três-quartos a 0,50 = 2,00
4 pares de meias comuns a 0,25 = 1,00
2 pares de meias grossas a 1,00 = 2,00
3 meadas de lã branca (roupa de baixo, gorro) = 1,50
3 meadas de lã azul (suéter, saia) = 1,50
3 meadas de lã variada (gorro, xale) = 1,50
Xales, cintos, colares, botões = 1,25

Mais 2 vestidos para a escola (verão), 2 vestidos para a escola (inverno), 2 vestidos bons (verão), 2 vestidos bons (inverno), 1 saia de verão, 1 boa saia de inverno, 1 saia para a escola no inverno, 1

capa de chuva, 1 capa de verão, 1 capa de inverno, 2 chapéus, 2 gorros. Por um total de 108 florins.

2 bolsas, roupas para patinar no gelo, 1 par de patins, 1 caixa de maquiagem (contendo pó, creme para a pele, base, creme de limpeza, bronzeador, algodão, caixa de primeiros socorros, ruge, batom, lápis de sobrancelha, sais de banho, pó de banho, água-de-colônia, sabonete, esponja para pó-de-arroz).

Mais 4 suéteres a 1,50, 4 blusas a 1,00, miscelânea por 10,00 e livros, presentes por 4,50.

Sexta-feira, 9 de outubro de 1942

Querida Kitty,

Hoje, só tenho notícias tristes e deprimentes. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo levados aos montes. A Gestapo está tratando todos eles muito mal e transportando-os em vagões de gado para Westerbork, o grande campo em Drenthe, para onde estão mandando todos os judeus. Miep falou de alguém que conseguiu escapar de lá. Deve ser terrível em Westerbork. As pessoas não têm praticamente nada para comer e menos ainda para beber, já que só existe água uma hora por dia, e há somente um banheiro e uma pia para vários milhares de pessoas. Homens e mulheres dormem no mesmo cômodo, e as mulheres e as crianças costumam ter as cabeças raspadas. Fugir é quase impossível; muitas pessoas têm aparência de judias, e são marcadas pelas cabeças raspadas.

Se está tão ruim na Holanda, como estará nos lugares distantes e pouco civilizados para onde os alemães os estão mandando? Acreditamos que a

maioria está sendo assassinada. A rádio inglesa diz que eles estão sendo mortos por gás. Talvez seja o modo mais rápido de morrer.

Estou me sentindo péssima. Os relatos que Miep faz sobre esses horrores são muito angustiantes, e Miep também está muito atormentada. Outro dia, por exemplo, uns guardas da Gestapo largaram uma velha judia aleijada na porta de Miep, enquanto saíam para procurar um carro. A velha estava aterrorizada com os faróis antiaéreos e os canhões atirando nos aviões ingleses lá em cima. Mas Miep não teve coragem de levá-la para dentro. Os alemães são bem generosos quando se trata de punição.

Bep também anda muito quieta. Seu namorado está sendo mandado para a Alemanha. Todas as vezes que os aviões passam lá em cima, ela tem medo de que eles soltem toda a carga de bombas na cabeça de Bertus. Piadas como "Não se preocupe, não podem cair todas sobre ele", ou "Basta apenas uma bomba", não cabem nessa situação. Bertus não é o único que está sendo forçado a trabalhar na Alemanha. Trens carregados de jovens partem todos os dias. Alguns tentam fugir quando o trem para numa estação pequena, mas somente uns poucos conseguem escapar sem serem percebidos e encontrar um esconderijo.

Mas esse não é o fim das minhas lamentações. Você já ouviu a palavra refém? É a punição definitiva para os sabotadores. É a coisa mais horrível que você pode imaginar. Cidadãos importantes – gente inocente – são levados como prisioneiros para esperar a execução. Se a Gestapo não conseguir encontrar o sabotador, eles simplesmente pegam cinco reféns e os colocam em fila diante de um muro. Você lê o anúncio da morte deles no jornal, onde são citados como acidentes fatais.

Excelentes espécimes da humanidade, esses alemães, e pensar que na verdade sou um deles! Não, isso não é verdade, Hitler retirou nossa nacionalidade há muito tempo. E, além disso, não há maiores inimigos na terra do que alemães e judeus.

Sua Anne

Quarta-feira, 14 de outubro de 1942

Querida Kitty,

Estou ocupadíssima. Ontem, comecei a traduzir um capítulo de La Belle Nivernaise e a escrever palavras do vocabulário. Em seguida, trabalhei num problema medonho de matemática e traduzi três páginas de gramática francesa. Hoje, é gramática francesa e história. Simplesmente me recuso a estudar aquela matemática horrorosa todos os dias. Papai também acha horrível. Sou quase melhor do que ele, se bem que, na verdade, nenhum de nós é bom, por isso, temos sempre de pedir a ajuda de Margot. Também estou estudando taquigrafia, coisa de que eu gosto. De nós três, fui eu quem fez mais progressos.

Li De *Stormen [Íl'łe Storm Family]*. É bastante bom, mas não se compara a *Joop ter Heul*. De qualquer maneira, as mesmas palavras podem ser encontradas nos dois livros, o que tem sentido, porque foram escritos pela mesma autora. Cissy van Marxveldt é uma tremenda escritora. Francamente, também vou deixar meus filhos lerem os livros dela.

Além disso, li um bocado das peças de Körner. Gosto do modo como ele escreve. Por exemplo, *Hedwig, Der Vetter aus Bremen Die Gouvernante, Der grüne Domino [Íl'łe Cousin from Bremen, Íl'łe Governess, Íl'łe Green Domino].*

Mamãe, Margot e eu estamos de novo amicíssimas. Assim é muito melhor. Ontem à noite, eu e Margot estávamos deitadas juntas na minha cama. Ficou muito apertado, mas assim é que foi legal. Ela perguntou se podia ler meu diário de vez em quando.

– Algumas partes – respondi, e perguntei sobre o dela. Ela também me deixou ler o seu diário.

A conversa mudou para o futuro, e perguntei o que ela queria ser quando crescesse. Mas ela não disse e fez muito mistério. Acho que tem alguma coisa a ver com ensinar; claro, não tenho certeza absoluta, mas suspeito de algo assim. Eu realmente não deveria ser tão curiosa.

Hoje de manhã, me deitei na cama de Peter, depois de expulsá-lo. Ele ficou furioso, mas não me incomodei. Ele poderia pensar na hipótese de ser mais atencioso comigo de vez em quando. Afinal de contas, ontem à noite eu lhe dei uma maçã.

Certa vez perguntei a Margot se ela me achava feia. Ela disse que eu era atraente e tinha olhos bonitos. Meio vago, não é?

Bom, até a próxima!

Anne Frank

P.S.: Hoje de manhã todo mundo se pesou. Agora Margot pesa 60 quilos; mamãe, 62; papai, 72; Peter, 67; a Sra. van Daan, 53; o Sr. van Daan, 75. Nos três meses em que estamos aqui eu ganhei 8,5 quilos. Um bocado, não é?

Terça-feira, 20 de outubro de 1942

Querida Kitty,

Minhas mãos ainda estão tremendo, apesar de já fazer duas horas desde que tomamos o susto. Preciso explicar que há cinco extintores de incêndio no prédio. O pessoal do escritório teve a estupidez de se esquecer de avisar que o carpinteiro, ou seja lá o que ele for, vinha aqui encher os extintores. Por isso, não nos preocupamos em ficar quietos até que ouvi o som de marteladas no patamar (do outro lado da estante). Logo imaginei que era o carpinteiro e fui avisar Bep, que estava almoçando, de que ela não deveria

voltar lá para baixo. Papai e eu ficamos parados perto da porta, para podermos ouvir quando o homem fosse embora. Depois de trabalhar durante uns 15 minutos, ele largou o martelo e outras ferramentas em nossa estante (pelo menos foi o que pensamos!) e bateu na nossa porta. Ficamos brancos de medo. Será que, afinal de contas, ele tinha escutado alguma coisa e agora queria checar aquela estante de aparência misteriosa? Parecia que sim, já que continuou batendo, puxando-a e empurrando-a.

Fiquei tão apavorada que quase desmaiei ao pensar naquele estranho descobrindo nosso maravilhoso esconderijo. Justamente quando eu pensava que nossos dias estavam contados, ouvimos a voz do Sr. Kleiman dizendo:

– Abram, sou eu.

Abrimos a porta imediatamente. O que havia acontecido? O gancho que prendia a estante estava emperrado, motivo pelo qual ninguém pudera nos avisar sobre o carpinteiro. Depois que o homem havia ido embora, o Sr. Kleiman veio chamar Bep, mas não pôde abrir a estante. Não posso dizer como fiquei aliviada. Na minha imaginação, o homem que estaria tentando entrar no Anexo Secreto havia crescido sem parar até se transformar não somente num gigante, mas também no fascista mais cruel do mundo. Nossa! Ainda bem que tudo deu certo, pelo menos dessa vez.

Nós nos divertimos demais no domingo. Miep e Jan passaram a noite conosco. Margot e eu dormimos no quarto de papai e mamãe para que o casal Gies usasse nossas camas. O cardápio foi preparado em homenagem a eles, e a comida foi deliciosa. A festa foi brevemente interrompida quando o abajur de papai causou um curto-circuito e, de repente, nós ficamos sem luz. O que poderíamos fazer? Nós tínhamos fusíveis, mas a caixa dos fusíveis fica no fundo do armazém escuro, o que tornava esse trabalho ainda mais desagradável de ser feito à noite. Mesmo assim, os homens se aventuraram, e dez minutos depois pudemos apagar as velas.

Acordei cedo hoje. Jan já estava vestido. Como ele tem de sair às oito e meia, estava lá em cima tomando o café-da-manhã às oito. Miep estava se vestindo, e encontrei-a de camisola quando entrei. Ela usa uma camisola comprida igual à minha, para andar de bicicleta. Margot e eu também vestimos nossas roupas e subimos antes da hora usual. Depois de um desjejum agradável, Miep desceu. Lá fora chovia torrencialmente, e ela ficou feliz por não ter de ir de bicicleta até o trabalho. Papai e eu arrumamos as camas, e depois disso aprendi seis verbos irregulares em francês. Muito aplicada, não acha?

Margot e Peter estavam lendo em nosso quarto, com Mouschi enrolada no divã perto de Margot. Depois de meus verbos irregulares em francês, fui para perto deles e li *En eeuwig zingen de bossen [Além cantam os bosques]*. É um livro lindo, mas muito estranho. Quase terminei.

Semana que vem é a vez de Bep passar a noite aqui.

Sua Anne

Quinta-feira, 29 de outubro de 1942

Minha querida Kitty,

Estou muito preocupada. Papai está doente. Está coberto de pintas e com febre alta. Parece sarampo. Imagine só, nós nem podemos chamar um médico! Mamãe está fazendo ele transpirar, na esperança de que a febre saia com o suor.

Hoje de manhã, Miep contou que a mobília do apartamento dos van Daan em Zuider-Amstellaan foi retirada. Ainda não contamos à Sra. van Daan. Ultimamente, ela tem andado muito nervenmässig,[3] e não estamos com vontade de ouvir seus gemidos e suas reclamações de novo sobre toda

aquela louça maravilhosa e as cadeiras lindas que ela teve de deixar para trás. Também tivemos de abandonar nossas coisas lindas. De que adianta ficar se lamentando agora?

Papai quer que eu comece a ler livros de Hebbel e de outros escritores alemães famosos. Atualmente, consigo ler em alemão bastante bem, só que em geral murmuro as palavras, em vez de ler em silêncio. Mas isso passa. Papai pegou as peças de Goethe e Schiller na estante grande e está planejando ler para mim todas as noites. Começamos com Don Carlos. Encorajada pelo exemplo de papai, mamãe pôs em minhas mãos seu livro de orações. Li algumas orações em alemão, só para ser educada. Elas certamente parecem lindas, mas significam muito pouco para mim. Por que será que ela me faz agir de modo tão religioso e devoto?

Amanhã vamos acender a lareira pela primeira vez. A chaminé não é limpa há séculos, por isso a sala deve ficar cheia de fumaça. Esperemos que a coisa funcione!

Sua Anne

Segunda-feira, 2 de novembro de 1942

Querida Kitty,

Bep ficou conosco na noite de sexta-feira. Foi divertido, mas ela não dormiu muito bem porque bebeu um pouco de vinho. Quanto ao resto, não há nada de especial para contar. Ontem tive uma dor de cabeça horrorosa e fui dormir cedo. Margot está me irritando de novo.

Esta manhã comecei a organizar um arquivo de fichas do escritório, porque ele havia caído e ficou todo misturado. Em pouco tempo, eu estava

ficando maluca. Pedi ajuda a Margot e Peter, mas eles eram moles demais, por isso desisti do trabalho. Não sou doida o bastante para fazer tudo sozinha!

Anne Frank

P.S.: Quase me esqueço de mencionar a notícia importante de que provavelmente minhas regras vão vir logo. Posso dizer isso porque vivo encontrando uma mancha esbranquiçada em minhas calcinhas, e mamãe já disse que elas começariam logo. Mal posso esperar. É um acontecimento tão importante! É uma pena que eu não possa usar toalhinhas higiênicas, porque não se consegue mais encontrar para comprar, e os tampões de mamãe só podem ser usados por mulheres que já tiveram neném.

Comentário acrescentado por Anne em 22 de janeiro de 1944

Eu não seria mais capaz de escrever esse tipo de coisa.

Agora que estou relendo meu diário, depois de um ano e meio, estou surpresa com minha inocência infantil. No fundo, sei que nunca poderia ser tão inocente de novo, por mais que quisesse. Entendo as mudanças de humor e os comentários sobre Margot, mamãe e papai como se tivesse escrito isso somente ontem, mas não consigo pensar em escrever tão abertamente sobre outras coisas. Fico tremendamente constrangida ao ler as páginas que falam de assuntos dos quais me lembro como sendo muito melhores do que realmente foram. Minhas descrições são muito indelicadas. Mas deixa pra lá.

Também posso entender minha saudade de casa e de Moortje. O tempo todo em que estive aqui desejei inconscientemente– e, às vezes,

conscientemente – receber confiança, amor e afeto físico. Esse desejo pode mudar de intensidade, mas está sempre presente.

Quinta-feira, 5 de novembro de 1942

Querida Kitty,

Finalmente os ingleses conseguiram algumas vitórias na África, e Stalingrado ainda não caiu, por isso os homens estão contentes e bebemos café e chá hoje de manhã. Quanto ao resto, nada de especial para contar.

Esta semana andei lendo bastante e fazendo pouco trabalho. É assim que as coisas deveriam ser. Com certeza é a estrada para o sucesso.

Ultimamente mamãe e eu estamos nos dando melhor, mas nós nunca ficamos íntimas. Papai não é muito aberto com relação aos seus sentimentos, mas é a mesma doçura de sempre. Acendemos a lareira há alguns dias e toda a sala ainda está cheia de fumaça. Prefiro aquecimento central, é provável que não seja a única. Margot é uma nojenta (não há outra palavra), uma fonte de irritação constante, de manhã, de tarde e de noite.

Anne Frank

Segunda-feira, 9 de novembro de 1942

Querida Kitty,

Ontem foi aniversário de Peter, 16 anos. Fui para cima às oito horas, e Peter e eu olhamos os seus presentes. Ele ganhou um jogo de tabuleiro, uma navalha e um isqueiro. Não que ele fume tanto assim, de jeito nenhum; é só que parece muito distinto.

A maior surpresa veio do Sr. van Daan, que informou imediatamente que os ingleses haviam desembarcado em Túnis, Argel, Casablanca e Oran.

– É o princípio do fim – dizia todo mundo, mas Churchill, o primeiro-ministro inglês, que devia ter ouvido a mesma coisa sendo repetida na Inglaterra, declarou: "Isto não é o fim. Não é nem mesmo o princípio do fim. Mas talvez seja o fim do princípio." Percebe a diferença? Mas há motivo para otimismo. Stalingrado, a cidade russa que está sob ataque há três meses, ainda não caiu nas mãos dos alemães.

No verdadeiro espírito do Anexo, eu deveria falar com você sobre comida. (Deveria explicar que lá no andar de cima eles são verdadeiros glutões.)

O pão é trazido diariamente por um padeiro muito gentil, amigo do Sr. Kleiman. Claro que não temos tanto quanto tínhamos em casa, mas é o suficiente. Também compramos talões de racionamento no mercado negro. O preço vive subindo; já passou de 27 para 33 florins. E isso por simples pedaços de papel impresso!

Para conseguirmos uma boa fonte de nutrição, afora as centenas de latas de comida que temos armazenadas aqui, compramos 130 quilos de feijão. Não somente para nós, mas também para o pessoal do escritório. Penduramos os sacos de feijão em ganchos no corredor, do lado de dentro de nossa entrada secreta, mas algumas costuras arrebentaram com o peso. Por isso decidimos levá-los para o sótão, e Peter foi encarregado do levantamento de peso. Ele conseguiu levar cinco dos seis sacos intactos até lá em cima, e estava cuidando do último quando o saco arrebentou e uma enchente, ou melhor, uma tempestade de granizo feita de feijões marrons voou pelo ar escada abaixo. Como havia quase 25 quilos de feijões naquele saco, eles fizeram barulho suficiente para levantar os mortos. Lá embaixo, as pessoas tiveram certeza de que a casa estava caindo sobre suas cabeças. Peter ficou aparvalhado, mas em seguida caiu na gargalhada quando me viu de pé

na base da escada, como uma ilha num mar marrom, com ondas de feijões batendo em meus tornozelos. Imediatamente começamos a catá-los, mas os feijões são tão pequenos e escorregadios que entram em todo canto e buraco imaginável. Agora, cada vez que subimos para o andar de cima, nos abaixamos e procuramos, para presentear a Sra. van Daan com um punhado de feijões.

Quase esqueci de dizer que papai ficou bom da doença.

Sua Anne

P.S.: O rádio acaba de anunciar que Argel caiu. Marrocos, Casablanca e Oran estão há vários dias nas mãos dos ingleses. Agora estamos esperando por Túnis.

Terça-feira, 10 de novembro de 1942

Querida Kitty,

Ótimas notícias! Estamos planejando trazer uma oitava pessoa para se esconder conosco!

Sim, é verdade. Nós sempre achamos que havia espaço e comida suficientes para mais uma pessoa, mas tínhamos medo de colocar um fardo ainda maior nos ombros do Sr. Kugler e do Sr. Kleiman. Mas, como as notícias das coisas horríveis que estão sendo feitas contra os judeus ficam piores a cada dia, papai decidiu sondar esses dois senhores, e eles acharam o plano excelente.

– O perigo é igual, sejam sete ou oito pessoas – eles observaram com razão.

Assim que isso foi resolvido, nós nos sentamos e repassamos mentalmente nosso círculo de conhecidos, tentando imaginar uma única pessoa que se adaptasse à nossa família ampliada. Isso não era difícil. Depois de papai ter rejeitado todos os parentes dos van Daan, escolhemos um dentista chamado Albert Dussel. Ele mora com uma encantadora senhora cristã, muito mais nova do que ele. É provável que não sejam casados, mas isso não importa. Ele é quieto e refinado e, pelo nosso conhecimento superficial, parecia ser legal. Miep também o conhece, por isso poderá fazer os arranjos necessários. Se vier, o Sr. Dussel terá de dormir no meu quarto, no lugar de Margot, que terá de se virar com a cama dobrável.[4] Vamos pedir que ele traga alguma coisa para tapar cáries.

Sua Anne

Quinta-feira, 12 de novembro de 1942

Querida Kitty,

Miep veio contar que se encontrou com o Dr. Dussel. No momento em que ela entrou, ele perguntou se ela conhecia um esconderijo e o Dr. Dussel ficou muito satisfeito quando Miep disse ter algo em mente. Ela acrescentou que ele teria de se esconder o mais rápido possível, de preferência no sábado, mas ele achou isso altamente improvável, porque queria atualizar seus registros, pagar as contas e atender alguns pacientes. Hoje de manhã, Miep nos passou o recado. Não achamos sensato esperar tanto. Todas aquelas preparações exigem explicações a várias pessoas que, segundo nossa opinião, não deveriam saber de nada. Miep foi perguntar se o Dr. Dussel não poderia vir no sábado, mas ele disse que não, e agora está programado para vir na segunda.

Acho estranho ele não ter vindo imediatamente depois de nossa proposta. Se o pegarem na rua, seus registros ou seus pacientes não vão ajudar em nada. Então, por que o adiamento? Se você me perguntar, eu digo que é burrice de papai dar trela para ele.

Afora isso, nenhuma novidade.

Sua Anne

Terça-feira, 17 de novembro de 1942

Querida Kitty!

O Sr. Dussel chegou. Tudo deu certo. Miep disse para ele estar num local determinado diante do correio às onze da manhã, quando um homem iria procurá-lo, e ele estava no lugar e na hora marcados. O Sr. Kleiman foi pegá-lo, anunciou que o tal homem não pudera vir e pediu que ele passasse no escritório para falar com Miep. O Sr. Kleiman pegou um bonde de volta ao escritório enquanto o Sr. Dussel seguiu a pé.

Eram onze e vinte quando o Sr. Dussel bateu na porta do escritório. Miep pediu que ele tirasse o casaco, para que a estrela amarela não pudesse ser vista, e levou-o ao escritório particular, onde o Sr. Kleiman o manteve ocupado até a faxineira ir embora. A pretexto de que o escritório particular era necessário para outra coisa, Miep levou o Sr. Dussel para cima, abriu a estante e entrou, enquanto o Sr. Dussel olhava espantado.

Ao mesmo tempo, nós sete estávamos sentados à mesa de jantar esperando com café e conhaque o último acréscimo à família. Primeiro Miep levou-o ao quarto da família Frank. Ele reconheceu de imediato a nossa mobília, mas não tinha ideia de que estávamos lá em cima, sobre sua cabeça. Quando Miep contou, ele ficou tão pasmo que quase desmaiou.

Graças a Deus ela não causou mais suspense e levou-o para cima. O Sr. Dussel afundou numa poltrona e nos olhou em silêncio perplexo, como se pensasse que poderia ler a verdade em nossos rostos. Em seguida, gaguejou:

– *Aber*... mas vocês *nicht* estão na Bélgica? O oficial, o carro, eles não vieram? Sua fuga não deu certo?

Explicamos tudo sobre como deliberadamente espalhamos o boato sobre o oficial e o carro, para dar uma pista falsa aos alemães ou a qualquer outra pessoa que pudesse nos procurar. O Sr. Dussel ficou sem fala diante de tanta esperteza e só conseguiu olhar em volta, surpreso, enquanto explorava o restante de nosso adorável e ultraprático Anexo. Todos almoçamos juntos. Em seguida, ele cochilou um pouco, juntou-se a nós para o chá, separou os poucos pertences que Miep conseguira trazer antes e começou a se sentir muito mais à vontade. Sobretudo quando lhe entregamos as seguintes regras datilografadas sobre o Anexo Secreto (produção dos van Daan):

PROSPECTO E GUIA PARA O ANEXO SECRETO
Instalação especial destinada à acomodação
temporária de judeus e outras
pessoas desalojadas

Aberto o ano inteiro: Localizado num bairro lindo, silencioso e arborizado, no coração de Amsterdã.

Nenhuma residência particular nas vizinhanças. Pode-se chegar a ele pelo bonde número 13 ou 17 e também de carro ou bicicleta. Para aqueles a quem esses meios de transporte foram proibidos pelas autoridades alemãs, também pode-se chegar a pé. Quartos e apartamentos, mobiliados ou não, estão disponíveis a qualquer momento, com ou sem refeições.

Preço: Grátis.

Dieta: Baixo teor de gordura.

Água corrente no banheiro (mas sem banho, infelizmente) e em várias paredes internas e externas. Confortáveis fogões a lenha para aquecimento.

Amplo espaço de depósito para uma variedade de mercadorias. Dois cofres grandes e modernos.

Rádio particular em linha direta com Londres, Nova York, Tel-Aviv e muitas outras estações. Disponível a todos os moradores depois das seis da tarde. Podem-se ouvir transmissões proibidas, com algumas exceções, ou seja, estações alemãs só podem ser sintonizadas para ouvir música clássica. É terminantemente proibido ouvir noticiários alemães (seja qual for o lugar de onde estejam sendo transmitidos) e repassá-los a outras pessoas.

Horários de descanso: De dez da noite às sete e meia da manhã; até dez e quinze nos domingos. Em razão das circunstâncias, os moradores devem observar as horas de descanso durante o dia quando receberem instruções para isso, dadas pela gerência. Para garantir a segurança de todos, as horas de descanso devem ser rigorosamente observadas!!!

Atividades livres: Ninguém pode sair da casa até segunda ordem.

Uso da linguagem: É necessário falar baixo o tempo todo. Somente devem ser faladas línguas de pessoas civilizadas, portanto, nada de alemão.

Leitura e diversão: Nenhum livro alemão deve ser lido, a não ser os clássicos e as obras didáticas. Outros livros são opcionais.

Ginástica: Diariamente.

Cantos: Só em voz baixa, e depois das seis da tarde.

Filmes: São necessárias negociações prévias.

Aulas: Curso semanal de taquigrafia por correspondência. Cursos de inglês, francês, matemática e história oferecidos a qualquer

hora do dia ou da noite. Pagamento na forma de aulas, por exemplo, de holandês.

Departamento especial para o atendimento a pequenos animais domésticos (com a exceção de insetos nocivos, para os quais é necessário permissão especial).

Horários de refeições

Café da manhã: Diariamente, às nove da manhã, a não ser nos domingos e feriados, quando será servido às onze e meia.

Almoço: Refeição leve. De uma e quinze a uma e quarenta e cinco.

Jantar: Pode ser refeição quente ou não.

A hora do jantar depende dos noticiários radiofônicos.

Obrigações com respeito às equipes de suprimento: Os moradores devem estar preparados para ajudar com trabalho de escritório a qualquer momento.

Banhos: A tina está disponível a todos os moradores depois das nove da manhã aos domingos. Os moradores podem tomar banho no banheiro, na cozinha, no escritório particular ou no principal, como quiserem.

Álcool: Somente com fins medicinais.

Fim.

Sua Anne

Quinta-feira, 19 de novembro de 1942

Querida Kitty,

Como havíamos pensado, o Sr. Dussel é muito gentil. Claro que ele não se incomodou em dividir o quarto comigo; para ser honesta, não estou exatamente maravilhada por um estranho usar minhas coisas, mas precisamos fazer sacrifícios por uma boa causa, e estou feliz por poder colaborar. Como diz papai, se pudermos salvar pelo menos um de nossos amigos, o resto não importa. E ele está certíssimo.

No dia em que chegou, o Sr. Dussel me fez um monte de perguntas. Por exemplo, a que horas a faxineira chega ao escritório, como resolvemos o uso do lavatório e quando podemos ir ao banheiro. Você pode rir, mas essas questões não são tão fáceis num esconderijo. Durante o dia, não podemos fazer nenhum barulho que possa ser ouvido lá embaixo, e quando há alguém estranho lá, como a faxineira, temos de ser ainda mais cuidadosos. Tive a paciência de explicar tudo isso ao Sr. Dussel, mas fiquei surpresa ao ver como ele era lento para entender. Ele pergunta tudo duas vezes e, mesmo assim, não consegue lembrar o que a gente contou.

Talvez só esteja confuso pela mudança súbita e acabe superando. Afora isso, tudo vai bem.

O Sr. Dussel contou muita coisa que não sabíamos sobre o mundo lá fora. Ele tinha notícias tristes. Incontáveis amigos e conhecidos foram levados para um destino terrível. Noite após noite, veículos militares verdes e cinza cruzam as ruas. Eles batem em todas as portas, perguntando se ali mora algum judeu. Em caso positivo, toda a família é levada embora. Caso contrário, eles passam para outra residência. É impossível escapar de suas garras a não ser que você se esconda. Eles costumam andar com listas, só batendo nas portas onde sabem que há uma grande captura a ser feita. Costumam oferecer recompensa, tantos florins por cabeça. É como as caçadas a escravos nos tempos antigos. Não quero fazer com que isso pareça bobagem; é trágico demais. À noite, quando está escuro, costumo ver longas filas de gente boa e inocente com crianças chorando, andando sem parar,

controladas por um punhado de homens que as empurram e batem até elas quase caírem. Ninguém é poupado. Os doentes, os velhos, as crianças, os bebês e as mulheres grávidas – todos são forçados a marchar em direção à morte.

Temos muita sorte aqui, longe do tumulto. Não pensaríamos sequer por um minuto em todo esse sofrimento se não estivéssemos tão preocupados com as pessoas queridas, a quem não podemos ajudar. Sinto-me má ao dormir numa cama quente, enquanto em algum lugar meus melhores amigos estão caindo de exaustão ou sendo derrubados.

Fico apavorada quando penso em amigos íntimos que agora estão à mercê dos monstros mais cruéis que já assolaram a terra.

E tudo porque são judeus.

Sua Anne

Sexta-feira, 20 de novembro de 1942

Querida Kitty,

A verdade é que não sabemos como reagir. Até agora muito poucas notícias sobre os judeus chegaram até aqui, e achávamos melhor manter o ânimo na medida do possível. De vez em quando, Miep costumava contar o que havia acontecido a um amigo, e mamãe ou a Sra. van Daan começavam a chorar; por isso, ela decidiu que era melhor não dizer mais nada. Mas nós bombardeamos o Sr. Dussel com perguntas, e as histórias que ele teve de contar eram tão horríveis e medonhas que não podemos tirá-las da cabeça. Assim que tivermos tempo de digerir as notícias, provavelmente voltaremos a brincar e a pregar peças como sempre. Não fará nenhum bem a nós ou aos

que estão lá fora se continuarmos tão tristes como estamos agora. E qual seria o sentido de transformar o Anexo Secreto num Anexo Melancólico?

Não importa o que eu esteja fazendo, não consigo deixar de pensar nos que se foram. Eu me surpreendo rindo e lembro que é uma desgraça estar tão alegre. Mas será que eu deveria passar o dia inteiro chorando? Não, não posso fazer isso. Essa tristeza vai passar.

Além desse sofrimento, há outro, de natureza mais pessoal, e que empalidece em comparação à desgraça que acabei de contar. Mesmo assim, não posso deixar de dizer que comecei a me sentir abandonada. Estou rodeada por um vazio muito grande. Eu não costumava pensar muito nele, já que tinha a mente cheia de meus amigos e de diversão. Agora penso sobre coisas infelizes ou sobre mim mesma. Demorou um bocado, mas finalmente percebi que papai, por mais gentil que seja, não pode ocupar o lugar do meu mundo antigo. Quando se trata de meus sentimentos, mamãe e Margot deixaram de contar há muito tempo.

Mas por que eu incomodo você com essa bobagem? Sou muito ingrata, Kitty, eu sei, mas quando recebo uma bronca pela milésima vez e ainda tenho todas essas outras desgraças em que pensar, minha cabeça começa a girar!

Sua Anne

Sábado, 28 de novembro de 1942

Querida Kitty,

Estamos usando eletricidade demais e ultrapassamos nossa cota. Resultado: economia excessiva e perspectiva de ter a eletricidade cortada. Nenhuma luz durante 14 dias; ideia agradável, não é? Mas, quem sabe, talvez

não demore tanto! Fica muito escuro para ler depois das quatro e meia, por isso matamos o tempo com todo tipo de atividade maluca: contar charadas, fazer ginástica no escuro, falar inglês ou francês, criticar livros – depois de algum tempo, tudo fica chato. Ontem, descobri um novo passatempo: usar um bom binóculo para espiar os cômodos iluminados dos vizinhos. Durante o dia, nossas cortinas não podem ser abertas, nem um centímetro, mas não há perigo quando fica escuro.

Eu não imaginava que os vizinhos poderiam ser tão interessantes. Os nossos, de qualquer modo, são. Já vi alguns jantando, uma família fazendo filmes domésticos e o dentista do outro lado atendendo uma senhora apavorada.

O Sr. Dussel, o homem que, segundo haviam dito, se dava tão bem com crianças e absolutamente as adorava, acabou sendo um disciplinador antiquado e um pregador de sermões insuportavelmente longos sobre boas maneiras. Como tenho o privilégio (!) especial de partilhar meu quarto estreitíssimo com Sua Excelência e como geralmente sou considerada a de pior comportamento entre os três jovens, tenho de aturar as mesmas broncas e repreensões o tempo todo e fingir que não ouço. Isso não seria tão ruim se o Sr. Dussel não fosse tão fofoqueiro e não tivesse escolhido mamãe como receptora de seus relatórios. Quando o Sr. Dussel acaba de me recitar a lei contra insubordinação, mamãe faz o discurso de novo, dessa vez jogando todo o código penal em cima de mim. E, se estou realmente com sorte, a Sra. van Daan me chama cinco minutos depois e também baixa o sarrafo da lei!

Realmente não é fácil ser o centro das atenções como a malcriada numa família cheia de gente fazendo picuinha.

Na cama, à noite, enquanto penso em meus muitos pecados e em meus defeitos exagerados, fico tão confusa pela quantidade de coisas que tenho de analisar que não sei se rio ou choro, dependendo do meu humor. Depois durmo com a sensação estranha de que quero ser diferente do que sou, ou

de que sou diferente do que quero ser, ou talvez de me comportar diferente do que sou ou do que quero ser.

Minha nossa, agora estou confundindo você também. Desculpe, mas não gosto de embaralhar as coisas, e, nesses momentos de escassez, arrancar uma folha de papel é um tabu. Por isso, só posso aconselhar você a não ler de novo a passagem acima e a não tentar chegar ao fundo, porque nunca vai encontrar a saída!

Sua Anne

Segunda-feira, 7 de dezembro de 1942

Querida Kitty,

O Hanukkah e o Dia de São Nicolau quase coincidiram este ano; faltaram apenas alguns dias de diferença. Não fizemos muita agitação pelo Hanukkah, apenas trocamos alguns presentes e acendemos as velas. Como as velas estão escasseando, só acendemos durante dez minutos, mas como cantamos a canção, isso não importou. O Sr. van Daan fez um castiçal de madeira, portanto não faltou nada.

O Dia de São Nicolau, no sábado, foi muito mais divertido. Durante o jantar, Bep e Miep estavam tão ocupadas sussurrando alguma coisa para o papai que nossa curiosidade cresceu e suspeitamos de que eles estivessem tramando algo. Verdade. Eram oito horas quando todos descemos e atravessamos o corredor no escuro de breu até a saleta (isso me deu arrepios, e desejei estar em segurança lá em cima!). Podíamos acender a luz, já que esse cômodo não tem janelas. Quando fizemos isso, papai abriu o armário grande.

– Ah, que maravilhoso! – gritamos todos.

No canto, havia uma cesta grande decorada com papel colorido e com uma máscara de Pietmombakkes [Black Peter][5].

Rapidamente, levamos a cesta para cima. Dentro havia um presentinho para cada um, incluindo um verso apropriado. Como você é familiarizada com o tipo de poema que as pessoas escrevem umas para as outras no Dia de São Nicolau, não vou copiá-los.

Ganhei uma boneca Kewpie, papai ganhou suportes para livros, e assim por diante. Bom, de qualquer modo, foi uma ótima ideia, e como nós oito nunca havíamos comemorado antes o Dia de São Nicolau, essa foi uma boa hora para começar.

Sua Anne

P.S.: Também demos presentes para todo mundo lá de baixo, algumas coisas que sobraram dos Bons e Velhos Tempos; além disso, Miep e Bep sempre ficam felizes com dinheiro.

Hoje, ficamos sabendo que o cinzeiro do Sr. van Daan, o porta-retratos do Sr. Dussel e os suportes para livros de papai foram feitos nada mais, nada menos que pelo Sr. Voskuijl. Para mim, é um mistério como alguém pode ser tão hábil com as mãos!

Quinta-feira, 10 de dezembro de 1942

Querida Kitty,

O Sr. van Daan trabalhava com carnes, salsichas e temperos. Ele fora contratado por causa de seu conhecimento sobre especiarias, e, no entanto, para nosso grande deleite, são seus talentos com as salsichas que vieram a calhar.

Encomendamos uma grande quantidade de carne (no câmbio negro, claro) que estamos planejando conservar para o caso de haver dificuldades. O Sr. van Daan decidiu fazer chouriço, salsichas e linguiça. Eu me diverti vendo-o colocar a carne no moedor: uma, duas, três vezes. Em seguida, ele acrescentou os outros ingredientes à carne moída e usou um tubo comprido para forçar a mistura das tripas. Comemos o chouriço com chucrute no almoço, mas as salsichas, que iriam ser enlatadas, precisavam secar primeiro, por isso nós as penduramos num pau suspenso no teto. Todo mundo que entrava no quarto morria de rir quando via as salsichas penduradas. Era uma visão cômica.

A cozinha ficou uma bagunça. O Sr. van Daan, usando o avental da mulher e parecendo mais gordo do que nunca, trabalhava a carne. Com as mãos sangrentas, o rosto vermelho e o avental manchado, parecia um açougueiro de verdade. A Sra. van D. tentava fazer tudo ao mesmo tempo: aprender holandês num livro, mexer a sopa, vigiar a carne, suspirar e gemer por causa de sua costela quebrada. É isso que acontece quando velhas senhoras (!) fazem exercícios tão idiotas para se livrar dos traseiros gordos! Dussel teve uma infecção na vista e estava sentado perto do fogão, colocando um emplastro de chá de camomila no olho. Pim, sentado no único raio de sol que entrava pela janela, tinha de ficar mexendo a cadeira de um lado para o outro, para sair do caminho. Seu reumatismo devia estar incomodando, porque ele estava ligeiramente encurvado e vigiava o Sr. van Daan com uma expressão agoniada no rosto. Ele me lembrou um daqueles inválidos idosos que a gente vê nos asilos. Peter estava correndo pelo cômodo com Mouschi, a gata, enquanto mamãe, Margot e eu descascávamos as batatas cozidas. No fundo, nenhum de nós fazia nosso trabalho direito, porque estávamos todos ocupados olhando o Sr. van Daan.

Dussel iniciou as consultas dentárias. Só de brincadeira, vou descrever a sessão com seu primeiro paciente.

Mamãe estava passando roupa, e a Sra. van D., a primeira vítima, sentou-se numa cadeira no meio da sala. Dussel, abrindo sua maleta com ares de importância, pediu um pouco de água-de-colônia, que poderia ser usada como desinfetante, e vaselina, que teria de substituir a cera. Ele olhou a boca da Sra. van D. e descobriu dois dentes que faziam com que ela se retorcesse de dor e desse gritos constantes toda vez que ele os tocava. Depois de um longo exame (longo para a Sra. van D., já que na verdade não durou mais de dois minutos), Dussel começou a raspar uma das cáries. Mas a Sra. van Daan não tinha intenção de deixar. Ela se debateu com os braços e as pernas, até que Dussel enfim largou seu instrumento e... o negócio ficou preso no dente da Sra. van Daan. Aí é que a situação ficou preta! A Sra. van D. se sacudiu em todas as direções, chorou (na medida do que é possível chorar com um instrumento daqueles na boca), tentou retirá-lo, mas só conseguiu enfiá-lo ainda mais. O Sr. Dussel observava calmamente a cena com as mãos nos quadris, enquanto o restante da plateia rolava de rir. Claro que isso foi maldade nossa. Se fosse comigo, juro que teria gritado ainda mais alto. Depois de muitas sacudidas, chutes e gritos, a Sra. van D. finalmente conseguiu tirar a coisa, e o Sr. Dussel prosseguiu com seu trabalho como se nada houvesse acontecido. Ele foi tão rápido que a Sra. van D. não teve tempo de aprontar mais nenhuma confusão. Mas o Sr. Dussel teve mais ajuda do que jamais tivera antes: nada menos do que dois assistentes; o Sr. van D. e eu fizemos bem nosso trabalho. A cena lembrava uma daquelas gravuras medievais chamada “Kwakzalver aan hetwerk” [“A Quack at Work”] . Mas, enquanto isso, a paciente ia ficando inquieta, já que tinha de ficar de olho na sua sopa e na sua comida. Uma coisa é certa: vai demorar um bocado de tempo até que a Sra. van D. marque outra consulta dentária!

Sua Anne

Domingo, 13 de dezembro de 1942

Querida Kitty,

Estou sentada muito confortavelmente no escritório principal, olhando através de uma fresta nas cortinas grossas. Está escurecendo, mas há luz suficiente para escrever.

É realmente estranho ver as pessoas passando. Todos parecem estar com tamanha pressa que quase tropeçam nos próprios pés. Os que vão de bicicleta seguem tão rápido que nem consigo ver quem são. As pessoas desta região não são particularmente bonitas de se olhar. As crianças, principalmente, são tão sujas que não dá vontade de tocar nelas nem com um pau de 3 metros. Verdadeiros moleques de rua, com narizes escorrendo. Mal consigo entender uma palavra do que dizem.

Ontem à tarde, enquanto eu e Margot estávamos tomando banho, comentei:

– E se arranjássemos uma vara de pescar e pegássemos uma daquelas crianças enquanto estão passando, se a enfiássemos na tina, lavássemos e remendássemos suas roupas e...

– E amanhã ela estaria tão suja e rasgada quanto antes – respondeu Margot.

Mas estou falando demais. Também há outras coisas para olhar: carros, barcos e a chuva. Consigo ouvir o bonde e as crianças, e me divirto.

Nossos pensamentos mudam tão pouco quanto nós. Parecem um carrossel, indo dos judeus à comida, da comida à política. A propósito, falando de judeus: ontem vi dois, quando estava espiando pela cortina. Senti como se estivesse olhando para uma das Sete Maravilhas do Mundo. Tive uma sensação esquisita, como se eu os houvesse denunciado à autoridade e agora estivesse espionando sua infelicidade.

Diante do Anexo fica uma casa flutuante. O capitão mora lá com a mulher e os filhos. Ele tem um cachorrinho que vive latindo. Só conhecemos o cachorrinho pelo latido e pelo rabo, que podemos ver sempre que ele corre pelo convés. Ah, que pena, começou a chover e a maioria das pessoas está escondida sob os guarda-chuvas. Só consigo ver as capas e, de vez em quando, a parte de trás de uma cabeça com um gorro de meia. Na verdade nem preciso olhar. Atualmente, consigo reconhecer as mulheres num instante: ficando gordas de tanto comer batatas, vestidas com um casaco verde ou vermelho e sapatos gastos, com uma bolsa de compras pendurada no braço, rostos sérios ou alegres, dependendo do humor dos maridos.

Sua Anne

Terça-feira, 22 de dezembro de 1942

Querida Kitty,

O Anexo ficou maravilhado ao saber que cada um de nós receberá mais 125 gramas de manteiga para o Natal. De acordo com o jornal, todo mundo tem direito a 250 gramas, mas isso é para aqueles felizardos que recebem os cupons de racionamento do governo, e não os judeus escondidos como nós, que só conseguem comprar quatro, em vez de oito cupons no mercado negro. Cada um vai preparar alguma coisa com a manteiga. Esta manhã fiz dois bolos e um monte de biscoitos. Lá em cima, todo mundo está ocupadíssimo, e mamãe informou que não posso estudar nem ler antes de terminar todas as tarefas domésticas.

A Sra. van Daan está de cama, cuidando da costela machucada. Ela reclama o dia inteiro, exige constantemente que troquem as ataduras e, em geral, se mostra insatisfeita com tudo. Vou ficar feliz quando ela ficar de pé

outra vez e cuidar da faxina, porque, reconheço, ela é muito trabalhadora e organizada e, desde que esteja em boas condições físicas e mentais, é bastante alegre.

Como se eu já não ouvisse bastante “psius” durante o dia, porque estou fazendo barulho demais, meu caro companheiro de quarto teve a ideia de ficar fazendo “psiu” também à noite. De acordo com ele, eu não deveria nem me mexer. Eu me recuso a dar trela, e da próxima vez em que ele pedir silêncio vou devolver-lhe o “psiu”.

A cada dia ele fica mais irritante e egoísta. A não ser na primeira semana, não vi nem um dos biscoitos que ele me prometeu tão generosamente. Ele é mais chato nos domingos, quando acende a luz ainda de madrugada para fazer ginástica durante dez minutos.

Para mim, esse tormento parece durar horas; as cadeiras que uso para tornar minha cama mais comprida são constantemente sacudidas sob minha cabeça. Depois de terminar os exercícios para os braços com alguns giros vigorosos, Sua Alteza começa a se vestir. Sua roupa de baixo fica pendurada num gancho, por isso ele anda para pegá-la e depois volta, passando perto da minha cama. Mas a gravata fica sobre a mesa, por isso ele passa de novo e dá esbarrões nas cadeiras.

Mas não quero incomodar você com velhos nojentos. Além do mais, isso não adianta nada. Meus planos de vingança, como o de desatarraxar a lâmpada, trancar a porta e esconder suas roupas, têm de ser abandonados em nome da paz, o que é uma pena.

Ah, estou ficando tão sensível! Aqui precisamos ser razoáveis com tudo o que fazemos: estudar, ouvir, controlar a língua, ajudar os outros, ser gentis, ceder, e não sei mais o quê! Tenho medo de que o meu bom senso, que, para começar, não é muito, se esgote rápido demais e eu não tenha mais nenhum sobrando quando a guerra terminar.

Sua Anne

Quarta-feira, 13 de janeiro de 1943

Querida Kitty,

Hoje de manhã, fui constantemente interrompida; por isso, não consegui terminar nada do que comecei.

Temos um novo passatempo: encher pacotes de tempero em pó. O tempero é um dos produtos da Gies & Co. O Sr. Kugler não conseguiu mais ninguém para encher os pacotes e, além disso, fica mais barato se nós fizermos o serviço. É o tipo de trabalho feito nas prisões. É incrivelmente chato e deixa todo mundo tonto e rindo à toa.

Coisas terríveis estão acontecendo lá fora. A qualquer hora do dia ou da noite pessoas pobres e desamparadas são retiradas de suas casas. Não têm permissão de levar nem mesmo uma sacola com alguma coisa e um pouco de dinheiro, e, mesmo quando têm, essas posses lhes são roubadas no caminho. Famílias são rompidas; homens, mulheres e crianças são separados. Crianças chegam da escola e descobrem que os pais desapareceram. Mulheres voltam das compras e descobrem as casas lacradas e que as famílias desapareceram. Os cristãos holandeses também estão com medo porque seus filhos são mandados à Alemanha. Todo mundo anda apavorado. Todas as noites centenas de aviões passam sobre a Holanda a caminho das cidades alemãs, para semear suas bombas em solo alemão. Toda hora centenas, ou talvez milhares, de pessoas são mortas na Rússia e na África. Ninguém pode ficar longe do conflito, o mundo inteiro está em guerra, e mesmo com os Aliados se saindo melhor, o fim não está próximo.

E quanto a nós, somos bastante felizardos. Temos mais sorte do que milhões de pessoas. Aqui é calmo e seguro, e estamos usando nosso dinheiro para comprar comida. Somos tão egoístas que falamos sobre “depois da guerra” e ficamos ansiosos por roupas e sapatos novos, quando deveríamos

estar economizando cada centavo para ajudar os outros quando a guerra terminar, para salvar o que pudermos.

As crianças deste bairro andam com camisas finas e sapatos de madeira. Não têm casacos, nem capas, nem meias, nem ninguém para ajudá-las. Mordendo uma cenoura para acalmar as dores da fome, saem de suas casas frias e andam pelas ruas até salas de aula ainda mais frias. As coisas ficaram tão ruins na Holanda que hordas de crianças abordam os pedestres para implorar um pedaço de pão.

Eu poderia passar horas contando a você o sofrimento trazido pela guerra, mas só ficaria ainda mais infeliz. Só podemos esperar, com toda a calma possível, que ela acabe. Judeus e cristãos esperam, o mundo inteiro espera, e muitos esperam a morte.

Sua Anne

Sábado, 30 de janeiro de 1943

Querida Kitty,

Estou explodindo de raiva, mas não posso demonstrar. Gostaria de gritar, bater os pés, dar uma boa sacudida em mamãe, chorar e não sei o quê mais por causa das palavras horríveis, dos olhares de ironia e das acusações que ela me faz dia após dia; coisas que me furam como flechas lançadas por um arco muito retesado e que são quase impossíveis de serem retiradas de meu corpo. Gostaria de gritar com mamãe, com Margot, com os van Daan, com Dussel e com papai também: “Me deixem em paz, deixem que eu tenha pelo menos uma noite sem chorar até dormir com os olhos ardendo e a cabeça latejando. Deixem que eu vá embora, embora de tudo, embora deste mundo!” Mas não posso fazer isso. Não posso deixar que eles vejam minhas

dúvidas, nem as feridas que me causaram. Não consigo suportar sua simpatia ou seu escárnio bem-humorado. Isso só me faz ter mais vontade de gritar.

Quando falo, todo mundo acha que estou querendo aparecer, que sou ridícula quando fico quieta, insolente quando respondo, inteligente quando tenho uma boa ideia, preguiçosa quando estou cansada, egoísta quando como um pouquinho mais do que deveria, imbecil, covarde, calculista e outros adjetivos. O dia inteiro só ouço dizerem como sou uma criança irritante, e apesar de rir e fingir que não me importo, eu me importo, sim. Gostaria de pedir a Deus que me desse outra personalidade, uma que não criasse antagonismos com todo mundo.

Mas isso é impossível. Estou presa ao caráter com o qual nasci e, mesmo assim, tenho certeza de que não sou má pessoa. Faço o máximo para agradar a todos, mais do que eles suspeitariam num milhão de anos. Quando estou no andar de cima, tento rir porque não quero que vejam meus problemas.

Mais de uma vez, depois de uma série de repreensões absurdas, falei rispidamente com mamãe:

– Não me importa o que você diz. Por que não lava as mãos? Eu sou um caso perdido.

Claro que ela diz para eu não responder e me ignora durante dois dias. Depois, de repente, tudo é relevado e ela me trata como trata todo mundo.

Para mim, é impossível ser sorridente num dia e venenosa no outro. Eu preferiria o meio-termo de ouro,[6] que não é tão dourado assim, e guardar para mim meus pensamentos. Talvez algum dia eu trate os outros com o mesmo desprezo com que me tratam. Ah, se pudesse!

Sua Anne

Sexta-feira, 5 de fevereiro de 1943

Querida Kitty,

Apesar de já fazer séculos desde que escrevi para você falando das brigas, ainda não houve mudança. No início, o Sr. Dussel levou muito a sério nossas discórdias, mas agora ele está acostumado e não tenta mais mediar.

Margot e Peter não são exatamente o que você chamaria de "jovens"; os dois são muito quietos e chatos. Perto deles, eu me destaco como um dedo machucado, e estou sempre ouvindo: "Margot e Peter não agem assim. Por que você não segue o exemplo de sua irmã?" Odeio isso.

Confesso que não tenho qualquer desejo de ser como Margot. Ela é muito fraca e muito passiva para o meu gosto; deixa-se levar pelos outros e sempre recua quando é pressionada. Eu quero ter mais brio! Mas guardo para mim esse tipo de ideia. Eles só ririam se eu dissesse isso em minha defesa.

Durante as refeições, o clima se enche de tensão. Felizmente, algumas vezes os estouros são contidos pelos "tomadores de sopa", as pessoas que vêm do escritório tomar um prato de sopa no almoço.

Hoje à tarde, o Sr. van Daan puxou de novo o assunto de que Margot come muito pouco.

– Acho que você faz isso para manter a linha – acrescentou em tom de deboche.

Mamãe, que vem sempre em defesa de Margot, disse em voz alta:

– Não vou suportar mais um minuto essa conversa estúpida de vocês.

A Sra. van Daan ficou vermelha como uma pimenta. O Sr. van Daan olhou direto para a frente e não disse nada.

Mesmo assim, costumamos rir um bocado. Não faz muito tempo, a Sra. van Daan estava nos entretendo com alguma coisa absurda. Falava do passado, sobre como se dava bem com o pai e como era namoradeira.

– E vocês sabem – prosseguiu –, meu pai me dizia que se um cavalheiro se tornasse atrevido, eu deveria dizer: “Lembre-se, senhor, de que sou uma dama.” E ele entenderia o que eu estava dizendo.

Nós rolamos de rir, como se ela tivesse contado uma ótima piada.

Mesmo Peter, apesar de ser geralmente quieto, às vezes faz a gente rir. Ele tem a infelicidade de adorar palavras estrangeiras sem saber o que significam. Uma tarde, não podíamos usar o banheiro porque havia visitas no escritório. Sem conseguir esperar, ele foi ao banheiro mas não deu a descarga. Para nos avisar sobre o fedor, ele prendeu um bilhete na porta do banheiro: “RSVP: gás!” Claro que ele queria dizer “Perigo: gás!”, mas achou “RSVP” mais elegante. Não fazia a menor ideia de que significa “responda, por favor”.

Sua Anne

Sábado, 27 de fevereiro de 1943

Querida Kitty,

Pim espera a invasão para qualquer dia. Churchill teve pneumonia, mas está ficando melhor. Gandhi, o defensor da liberdade na Índia, está fazendo mais uma de suas incontáveis greves de fome.

A Sra. van Daan diz que é fatalista. Mas quem tem mais medo quando os canhões ressoam? Ninguém mais do que Petronella van Daan.

Jan trouxe para nós a carta que o bispo escreveu aos seus fiéis. É linda e inspiradora. “Povo dos Países Baixos, erga-se e aja. Cada um de nós deve escolher as próprias armas para lutar pela liberdade de nosso país, de nosso povo e de nossa religião! Ajudem e apoiem. Ajam agora!” É isso que estão

pregando no púlpito. Será que vai servir de alguma coisa? É definitivamente tarde demais para ajudar nossos companheiros judeus.

Imagine o que nos aconteceu: o proprietário do prédio vendeu-o sem informar ao Sr. Kugler e ao Sr. Kleiman. Um dia desses, o novo proprietário chegou com um arquiteto para examinar o local. Graças a Deus o Sr. Kleiman estava no escritório. Ele mostrou aos cavalheiros o que havia para ser visto, com exceção do Anexo Secreto. Disse que havia deixado a chave em casa e o novo proprietário não fez mais perguntas. Tomara que não volte exigindo ver o Anexo. Nesse caso, teremos grandes problemas.

Papai esvaziou uma caixa de arquivo para mim e Margot, e encheu-a com fichas em branco de um dos lados. É para servir como nosso arquivo de leituras, nas quais Margot e eu devemos anotar os livros que lemos, o autor e a data. Aprendi duas palavras novas: bordel e coquete. Eu trouxe um caderno separado para palavras novas.

Há uma nova divisão de manteiga e margarina. Cada pessoa recebe sua parte no prato. A distribuição é muito injusta. Os van Daan, que sempre preparam o café-da-manhã para todo mundo, dão para si próprios uma porção muito maior. Meus pais têm muito medo de uma briga e não dizem nada, o que é uma pena, pois acho que as pessoas deveriam sempre receber na mesma moeda com que pagam.

Sua Anne

Quinta-feira, 4 de março de 1943

Querida Kitty,

A Sra. van Daan ganhou um novo apelido – começamos a chamá-la de Sra. Beaverbrook. Claro que isso não significa nada para você, por isso vou

explicar. Um tal de Sr. Beaverbrook costuma falar na rádio inglesa sobre o que considera ser um bombardeio muito fraco sobre a Alemanha. A Sra. van Daan, que sempre contraria todo mundo, incluindo Churchill e os noticiários, concorda totalmente com o Sr. Beaverbrook. Por isso, achamos uma boa ideia ela se casar com ele; e, como ela sentiu-se elogiada com a ideia, decidimos chamá-la de Sra. Beaverbrook de agora em diante.

Vai chegar um novo empregado para o armazém, já que o antigo está sendo mandado à Alemanha. Isso é ruim para ele, mas bom para nós, porque o novo não será familiarizado com o prédio. Ainda temos medo dos homens que trabalham no armazém.

Gandhi voltou a comer.

O mercado negro está crescendo como nunca. Se tivéssemos dinheiro suficiente para pagar os preços ridículos, poderíamos nos empanturrar. Nosso verdureiro compra batatas da "Wehrmacht" e traz em sacos até o escritório particular. Como ele suspeita de que estamos escondidos aqui, faz questão de vir na hora do almoço, quando os empregados do armazém estão fora.

Há tanta pimenta sendo moída atualmente que espirramos e tossimos a cada respiração. Todo mundo que sobe nos cumprimenta com um "aaaa-tchim!". A Sra. van Daan jura que não vai descer: se inspirar mais uma pitada de pimenta, vai ficar doente.

Não acho que papai tenha um negócio muito bom. Só pimenta e pectina. Já que está no ramo de alimentação, por que não fazer doces?

Uma verdadeira tempestade de palavras baixou sobre mim hoje de manhã. O ar relampejou com tantas expressões furiosas que meus ouvidos ficaram ressoando com "Anne é má isso" e "os van Daan são bons aquilo". Fogo e enxofre.

Sua Anne

Quarta-feira, 10 de março de 1943

Querida Kitty,

Ontem à noite tivemos um curto-circuito; além disso, os canhões ficaram disparando até o amanhecer. Ainda não superei meu medo de aviões e tiros, e me arrasto até a cama de papai quase todas as noites, em busca de conforto. Sei que parece criancice, mas espere até isso acontecer com você! Os canhões que atacam fazem tanto barulho que você não consegue ouvir a própria voz. A Sra. Beaverbrook, a fatalista, praticamente caiu no choro e disse, numa vozinha tímida:

– Ah, é tão horrível. Ah, os canhões fazem tanto barulho! – O que é outra maneira de dizer: "Estou tão apavorada!"

A situação não parece tão ruim à luz de velas quanto na escuridão. Eu estava tremendo como se tivesse febre, e implorei que papai acendesse a vela de novo. Ele foi rígido: não deveria haver luz nenhuma. De repente, ouvimos uma rajada de metralhadora, e isso é dez vezes pior do que os canhões antiaéreos. Mamãe pulou da cama e, para grande desagrado de Pim, acendeu a vela. Sua resposta decidida aos murmúrios dele foi:

– Afinal de contas, Anne não é um ex-soldado! – e isso terminou com a história.

Já contei sobre os outros medos da Sra. van Daan? Acho que não. Para deixá-la em dia sobre as últimas aventuras no Anexo Secreto, devo contar isso também. Uma noite a Sra. van D. achou que tinha ouvido passos altos no sótão, e teve tanto medo de ladrões que acordou o marido. Naquele mesmo instante os ladrões desapareceram, e o único som que o Sr. van D. conseguiu ouvir foram as batidas apavoradas do coração de sua esposa fatalista.

– Ah, Putti – chorou ela. (Putti é o apelido que ela deu ao marido.) – Eles devem ter levado toda a nossa salsicha e o feijão. E Peter? Ah, você acha

que Peter está em segurança na cama?

– Tenho certeza de que eles não roubaram Peter. Pare de ser tão boba e me deixe dormir de novo!

Impossível. A Sra. van D. estava apavorada demais para dormir.

Algumas noites depois, toda a família van Daan foi acordada por ruídos fantasmagóricos. Peter foi até o sótão com uma lanterna e... o que você acha que ele viu fugindo? Uma quantidade de ratos enormes!

Assim que ficamos sabendo quem eram os ladrões, deixamos Mouschi dormir no sótão e nunca mais vimos de novo nossos hóspedes indesejados... pelo menos não à noite.

Há algumas noites (eram sete e meia, e ainda havia luz), Peter subiu ao sótão pequeno para pegar alguns jornais. Era necessário se apoiar no alçapão para descer a escada. Ele baixou a mão sem olhar, e quase despencou lá de cima com o choque e a dor. Sem perceber, havia colocado a mão sobre um rato enorme, que mordeu o seu braço. Quando chegou onde nós estávamos, branco como um lençol e com os joelhos tremendo, o sangue havia empapado o seu pijama. Não era de espantar que ele estivesse tão abalado, já que não tem graça nenhuma fazer carinho num rato, principalmente quando ele tira um naco de seu braço.

Sua Anne

Sexta-feira, 12 de março de 1943

Querida Kitty,

Quero apresentar Mamãe Frank, a defensora das crianças! Manteiga extra para os jovens; os problemas da juventude atual; é só dizer o problema,

e mamãe defende a nova geração. Depois de algumas brigas, ela sempre consegue levar a melhor.

Um vidro de língua em conserva se estragou. Uma festa para Mouschi e Boche.

Você ainda não conheceu Boche, mas ele já estava aqui antes de virmos nos esconder. É o gato do armazém e do escritório, que mantém os ratos a distância do depósito. Seu nome estranho e político explica-se facilmente. Durante um tempo, a firma Gies & Co tinha dois gatos: um para o armazém e outro para o sótão. Seus caminhos se cruzavam de tempos em tempos, o que sempre terminava em briga. Todas as vezes, o gato do armazém era o agressor, enquanto o do sótão sempre vencia. Por isso o gato do armazém foi chamado de Alemão, ou Boche, e o gato do sótão foi chamado de Inglês, ou Tommy. Algum tempo depois, eles se livraram de Tommy, mas Boche está sempre lá, para nos divertir quando descemos.

Temos comido tanto feijão que não consigo mais ver esse alimento na minha frente. Só de pensar fico com enjoo.

Nossa cota de pão à noite foi cancelada.

Papai disse que não anda muito animado. Seus olhos parecem tristes de novo, coitado dele!

Não consigo me afastar do livro *De Klop op de deur [A Knock at the Door]*, de Ina Bakker Boudier. Essa saga familiar é extremamente bem escrita, mas as partes que falam de guerra, de escritores e da emancipação das mulheres não são muito boas. Para ser honesta, esses assuntos não me interessam muito.

Terríveis bombardeios sobre a Alemanha. O Sr. van Daan está mal-humorado. Motivo: escassez de cigarros.

O debate sobre se começaremos ou não a comer os enlatados terminou a nosso favor.

Não consigo usar nenhum de meus sapatos, a não ser as botas de esqui, que não são muito práticas em casa. Um par de sandálias de palha que custou 6,50 florins se gastou totalmente em uma semana. Talvez Miep consiga alguma coisa no mercado negro.

Está na época de cortar o cabelo de papai. Pim jura que sou tão boa nisso que ele nunca mais vai a outro barbeiro depois da guerra. Se ao menos eu não picasse sua orelha tantas vezes!

Sua Anne

Quinta-feira, 18 de março de 1943

Minha querida Kitty,

A Turquia entrou na guerra. Grande empolgação. Esperamos ansiosamente os noticiários pelo rádio.

Sexta-feira, 19 de março de 1943

Querida Kitty,

Em menos de uma hora, a alegria foi substituída pela decepção. A Turquia ainda não entrou na guerra. Foi somente um ministro falando que a Turquia abandonaria sua neutralidade dentro de pouco tempo. O vendedor de jornais da praça Dam gritava "A Turquia entra ao lado da Inglaterra!", e os jornais eram arrancados de suas mãos. Foi assim que ouvimos falar daquele boato animador.

As notas de mil florins estão sendo declaradas sem valor. Isso vai ser um golpe em quem lida com o mercado negro e em outras pessoas do tipo, mas

será um golpe ainda maior para quem está escondido e para qualquer um que tenha dinheiro que não possa ser declarado. Para trocar uma nota de mil florins você precisa declarar como a ganhou e dar prova. Elas ainda poderão ser usadas para pagar impostos, mas só nas próximas semanas. As notas de quinhentos vão perder valor na mesma época. A Gies & Co ainda tinha algumas notas de mil florins não declaradas, mas foram usadas para pagar os impostos estimados para os próximos anos, por isso, tudo parece ter sido resolvido.

Dussel recebeu um antigo aparelho de obturação, que funciona a pedal. Isso significa que brevemente farei um exame completo.

Dussel é muito relapso quando se trata de obedecer às regras da casa. Não somente escreve cartas para a sua Charlotte, mas também mantém correspondência com várias outras pessoas. Margot, a professora de holandês do Anexo, vem corrigindo as cartas para ele. Papai o proibiu de manter essa atividade, e Margot parou de corrigir as cartas, mas acho que não vai demorar muito até que ele recomece.

O *Führer* esteve falando com os soldados feridos. Nós ouvimos pelo rádio, e foi patético. As perguntas e as respostas eram do tipo:

– Meu nome é Heinrich Scheppel.

– Onde foi ferido?

– Perto de Stalingrado.

– Que tipo de ferimento é?

– Dois pés congelados e uma fratura no braço esquerdo.

Esse é um relatório exato do abominável show de marionetes transmitido pelo rádio. Os feridos pareciam orgulhosos dos ferimentos – quanto mais, melhor. Um deles ficou tão empolgado com a ideia de apertar a mão (presumo que ele ainda tenha uma) do *Führer* que mal conseguiu dizer uma palavra.

Por acaso deixei o sabão de Dussel cair no chão e pisei nele. Agora está faltando um pedaço. Já pedi a papai para compensá-lo pelo prejuízo, especialmente porque Dussel só consegue uma barra de sabão inferior por mês.

Sua Anne

Quinta-feira, 25 de março de 1943

Querida Kitty,

Mamãe, papai, Margot e eu estávamos muito bem sentados juntos ontem à noite, quando Peter apareceu de súbito e sussurrou no ouvido de papai. Captei as palavras "um barril derrubado no depósito" e "alguém mexendo na porta".

Margot também ouviu, mas estava tentando me acalmar, porque fiquei branca como giz e nervosíssima. Nós três esperamos enquanto papai e Peter desciam. Um minuto ou dois mais tarde, a Sra. van Daan subiu. Ela estava escutando o rádio e Pim havia pedido para ela desligar e subir na ponta dos pés. Mas você sabe o que acontece quando a gente tenta ficar em silêncio – as escadas velhas estalavam duas vezes mais alto. Cinco minutos depois, Peter e Pim, completamente pálidos, apareceram para contar sua experiência.

Eles haviam entrado debaixo da escada e esperado. Nada aconteceu. Então, de repente, ouviram duas pancadas, como se duas portas tivessem sido batidas dentro da casa. Pim subiu a escada, enquanto Peter foi avisar Dussel, que finalmente apareceu, mas não sem tropeçar e fazer um barulhão. Então fomos todos, calçados com meias, até os van Daan no andar de cima. O Sr. van Daan estava gripado e já tinha ido deitar, por isso nos reunimos ao

redor da cama e comentamos em sussurros nossas suspeitas. Todas as vezes que o Sr. van Daan tossia alto, a Sra. van Daan e eu quase tínhamos uma crise nervosa. Ele continuou tossindo até que alguém teve a grande ideia de lhe dar codeína. A tosse parou de imediato.

Mais uma vez esperamos e esperamos, mas não ouvimos nada. Finalmente, chegamos à conclusão de que os ladrões haviam fugido ao ouvir passos num prédio que antes estivera silencioso. O problema agora era que as cadeiras do escritório particular estavam arrumadas ao redor do rádio, ligado na estação da Inglaterra. Se os ladrões tivessem forçado a porta e os vigias antiaéreos percebessem e chamassem a polícia, poderia haver repercussões sérias. Por isso, o Sr. van Daan se levantou, vestiu o casaco e as calças, colocou o chapéu e cuidadosamente acompanhou papai escada abaixo, com Peter (armado com um martelo pesado, por segurança) indo logo atrás. As senhoras (incluindo Margot e eu) esperaram em suspense até os homens voltarem, cinco minutos depois, e relatarem que não havia nenhum sinal de atividade no prédio. Concordamos em não abrir nenhuma torneira nem dar descarga no banheiro; mas, como todos os estômagos estavam revirando de tensão, você pode imaginar o fedor depois que cada um foi ao banheiro.

Incidentes assim são sempre acompanhados por outros desastres, e este não foi exceção. Número um: os sinos da Westertoren pararam de tocar, e eu sempre achara o som tão reconfortante! Número dois: o Sr. Voskuijl saiu cedo ontem à noite, e não sabíamos se tinha dado a chave a Bep, e ela se esquecera de fechar a porta.

Mas agora isso não tinha muita importância. A noite mal havia começado, e ainda não sabíamos o que aconteceria. Estávamos meio tranquilizados pelo fato de que, entre oito e quinze – quando o ladrão entrara no prédio e pusera nossas vidas em perigo – e as dez e meia, não tínhamos ouvido nenhum som. Quanto mais pensávamos nisso, menos

parecia provável que um ladrão tivesse forçado uma porta tão no início da noite, quando ainda havia gente nas ruas. Além do mais, lembramos que o administrador do depósito da Companhia Keg, ao lado, ainda podia estar trabalhando. Com toda a tensão e as paredes finas, é fácil confundir os sons. E a nossa imaginação costuma pregar peças nos momentos de perigo.

Por isso, fomos para a cama, mas não dormimos. Papai, mamãe e o Sr. Dussel ficaram acordados durante a maior parte da noite, e não estou exagerando quando digo que mal fechei os olhos. Hoje de manhã, os homens desceram para ver se a porta de fora estava trancada, e tudo estava bem!

Claro que fizemos um relato detalhado do incidente, que estivera longe de ser agradável, ao pessoal do escritório. É muito mais fácil rir desse tipo de coisa depois que elas acontecem, e Bep foi a única que nos levou a sério.

Sua Anne

P.S.: Hoje de manhã, o banheiro estava entupido, e papai teve de enfiar um pau comprido e pescar vários quilos de excremento e papel de embalar morangos (que usamos como papel higiênico). Depois disso, queimamos o pau.

Sábado, 27 de março de 1943

Querida Kitty,

Terminamos nosso curso de taquigrafia e agora estamos nos esforçando para aumentar a velocidade. Não somos inteligentes? Vou comentar mais sobre os meus matadores de tempo (é assim que chamo meus cursos, porque tudo o que fazemos é tentar fazer com que os dias passem o mais rápido possível para estarmos mais perto do fim de nossa estada aqui). Adoro

mitologia, sobretudo deuses gregos e romanos. Todo mundo acha que meu interesse é mania passageira, pois nunca ouviram falar de uma adolescente que goste de mitologia. Bom, então acho que sou a primeira!

O Sr. van Daan está gripado. Ou melhor, está com a garganta irritada, mas faz um enorme estardalhaço a respeito. Gargareja com chá de camomila, cobre o céu da boca com tintura de mirra e esfrega eucalipto no peito, no nariz, na gengiva e na língua. E, além disso, está com um humor péssimo!

Rauter, um figurão alemão, fez recentemente um discurso: "Todos os judeus devem sair dos territórios ocupados pela Alemanha antes de 1º de julho. A província de Utrecht ficará livre de judeus (como se eles fossem baratas) entre 1º de abril e 1º de maio, e as províncias do norte e do sul da Holanda entre 1º de maio e 1º de junho." Essa pobre gente está sendo embarcada para matadouros imundos como um rebanho de gado doente e maltratado. Mas não direi mais nada sobre isso. Meus pensamentos me dão pesadelos!

Uma boa notícia é que o Departamento de Intercâmbio de Trabalho foi incendiado num ato de sabotagem. Alguns dias depois, o Cartório do Registro Civil também foi queimado. Homens vestidos com uniformes da polícia alemã amarraram e amordaçaram os guardas e conseguiram destruir documentos importantes.

Sua Anne

Quinta-feira, 1º de abril de 1943

Querida Kitty,

Não estou com humor para contar mentiras (veja a data). Pelo contrário, hoje posso citar com segurança o ditado: “A desgraça nunca vem só.”

Primeiro, o Sr. Kleiman, o sol que nos alegrava, teve ontem outro ataque de hemorragia gastrintestinal e terá de ficar de cama pelo menos durante três semanas. Devo contar que o estômago dele o incomoda bastante, e que não há cura para o problema. Segundo, Bep está resfriada. Terceiro, o Sr. Voskuijl terá de ir para o hospital na semana que vem. Ele provavelmente tem uma úlcera e terá de ser operado. Quarto, os gerentes das Indústrias Pomosin vieram de Frankfurt discutir as novas entregas da Opekta. Papai tinha conversado os pontos importantes com o Sr. Kleiman, e não havia tempo suficiente para fazer uma revisão total do assunto com o Sr. Kugler.

Os homens chegaram de Frankfurt, e papai já estava tremendo ao pensar em como seriam as negociações.

– Se eu pudesse estar lá, se ao menos eu estivesse lá embaixo! – exclamava ele.

– Deite-se com o ouvido grudado no chão. Eles serão trazidos ao escritório particular, e você poderá ouvir tudo.

O rosto de papai se iluminou, e ontem de manhã, às dez e meia, Margot e Pim (dois ouvidos são melhores do que um) assumiram seus postos no chão. Ao meio-dia as conversas ainda não haviam terminado, mas papai não estava em condições de continuar a ouvir. Estava sofrendo por ter de ficar deitado durante horas numa posição tão difícil e desconfortável. Às duas e meia, ouvimos vozes no corredor, e eu peguei o lugar dele; Margot me fez companhia. A conversa era tão tortuosa e chata que de repente caí no sono, sobre o linóleo frio e duro. Margot não ousou me tocar, com medo de que eles nos ouvissem, e claro que ela não podia gritar. Dormi durante uma boa meia hora e, em seguida, acordei com um susto, tendo esquecido cada palavra daquela importante conversa. Ainda bem que Margot havia prestado muita atenção.

Sua Anne

Sexta-feira, 2 de abril de 1943

Querida Kitty,

Ah, meu Deus, mais um item foi acrescentado à minha lista de pecados. Ontem à noite, eu estava deitada na cama, esperando que papai me cutucasse e rezasse comigo, quando mamãe entrou no quarto e disse em voz gentil:

– Anne, papai não pode vir. Que tal se eu rezasse com você esta noite?

– Não, mamãe – respondi.

Mamãe se levantou, ficou por um momento ao lado da cama e lentamente andou em direção à porta. De repente, ela se virou, com o rosto contraído de dor, e disse:

– Não quero ficar com raiva de você. Não consigo fazer você me amar!

Algumas lágrimas desceram pelo seu rosto enquanto ela saía pela porta.

Fiquei parada, pensando em como eu fora má em rejeitá-la de modo tão cruel, mas também sabia que era incapaz de responder de outro jeito. Não posso ser hipócrita e rezar com ela quando não tenho vontade. Não é assim que as coisas funcionam. Sinto pena de mamãe – muita, muita pena – porque pela primeira vez percebi que ela não era indiferente à minha frieza. Vi a tristeza em seu rosto quando ela falou em não poder fazer com que eu a amasse. É difícil dizer a verdade, e, no entanto, a verdade é que ela é quem me rejeita. Foram seus comentários sem tato e as piadas cruéis sobre questões que não acho engraçadas que me tornaram insensível a qualquer sinal de amor vindo de sua parte. Do mesmo modo que meu coração se retrai todas as vezes que ouço suas palavras duras, o coração dela se retraiu quando percebeu que não havia mais amor entre nós.

Ela chorou durante metade da noite e não dormiu nada. Papai evitou me olhar, e quando seus olhos se cruzaram por acaso com os meus, consegui ler as palavras não ditas: “Como você pode ser tão indelicada? Como ousa deixar sua mãe tão triste?”

Todo mundo espera que eu me desculpe, mas essa situação não é algo pela qual eu possa me desculpar, porque falei a verdade, e cedo ou tarde mamãe deveria descobrir. Pareço indiferente às lágrimas de mamãe e aos olhares de papai, e estou mesmo, porque agora os dois estão sentindo o que sempre senti. Só posso ter pena de mamãe, que terá de descobrir sozinha qual deveria ter sido a sua atitude. De minha parte, continuarei em silêncio e distante, e não pretendo fugir da verdade, porque quanto mais ela for adiada, mais difícil será eles aceitarem quando precisarem ouvi-la.

Sua Anne

Terça-feira, 27 de abril de 1943

Querida Kitty,

A casa ainda está abalada com os efeitos das brigas. Todo mundo está furioso com todo mundo: mamãe e eu, o Sr. van Daan e papai, mamãe e a Sra. van Daan. Atmosfera terrível, não acha? Mais uma vez a lista de defeitos de Anne foi amplamente divulgada.

Nossos visitantes alemães voltaram no sábado passado. Ficaram até as seis horas. Nós todos ficamos sentados lá em cima, sem ousarmos nos mexer um centímetro. Se não houvesse mais ninguém trabalhando no prédio ou na vizinhança, você poderia ouvir cada passo no escritório particular. Tive formigamento de novo na perna, por ter ficado tanto tempo sentada.

O Sr. Voskuijl foi hospitalizado, mas o Sr. Kleiman voltou ao escritório. Seu estômago parou de sangrar mais cedo do que de costume. Ele contou que o Cartório do Registro Civil foi ainda mais danificado porque os bombeiros inundaram todo o prédio em vez de apenas apagarem o fogo. Isso faz bem ao meu coração!

O Hotel Carlton foi destruído. Dois aviões ingleses carregados de bombas incendiárias caíram bem em cima do Clube dos Oficiais Alemães. Todo o quarteirão da Vijzelstraat com o Singel pegou fogo. O número de ataques aéreos sobre cidades alemãs cresce dia a dia. Não temos uma boa noite de descanso há séculos, e estou com olheiras profundas por falta de sono.

Nossa comida é horrível. O café da manhã consiste em pão com manteiga e uma imitação de café. Nas duas últimas semanas, o almoço foi espinafre ou alface cozida com batatas enormes que têm um gosto podre, adocicado. Se você está tentando fazer dieta, o Anexo é o lugar certo! No andar de cima eles reclamam muito, mas nós não achamos que seja uma tragédia tão grande.

Todos os homens holandeses que lutaram ou foram mobilizados em 1940 foram convocados para trabalhar em campos de prisioneiros de guerra. Aposto que estão tomando essa precaução por causa da invasão.

Sua Anne

Sábado, 1º de maio de 1943

Querida Kitty,

Ontem foi aniversário de Dussel. No começo ele agiu como se não quisesse festa, mas quando Miep chegou com uma sacola de compras cheia

de presentes, ele ficou empolgado como um garotinho. Sua querida Lotje mandou ovos, manteiga, biscoitos, limonada, pão, conhaque, bolo de especiarias, flores, laranjas, chocolate, livros e papel de carta. Ele empilhou os presentes sobre a mesa e deixou-os em exposição durante nada menos do que três dias, o bode velho e bobo!

Você não deve acreditar que ele está passando fome. Nós encontramos pão, queijo, geleia e ovos em seu armário. É uma coisa revoltante pensar que Dussel, a quem tratamos com tamanha gentileza e salvamos da morte, pudesse se empanturrar pelas nossas costas e não nos dar nada. Afinal de contas, compartilhamos com ele tudo o que tivemos! Mas o pior, em nossa opinião, é que ele seja tão mau com relação ao Sr. Kleiman, ao Sr. Voskuijl e à Bep. Dussel não dá nada para eles. Segundo seu ponto de vista, as laranjas de que o Sr. Kleiman tanto precisa para o estômago doente farão ainda melhor ao seu próprio.

Hoje à noite, os canhões atiraram tanto que tive de juntar meus pertences quatro vezes. Hoje enchi uma mala com as coisas de que vou precisar caso tenha de fugir, mas, como mamãe observou corretamente: "Para onde você iria?"

Toda a Holanda está sendo punida pelas greves dos trabalhadores. Foi declarada lei marcial, e todo mundo vai receber um cupom a menos de manteiga. Que crianças levadas!

Hoje à tarde, lavei o cabelo de mamãe, tarefa que não é fácil nesses dias. Temos de usar um sabão líquido muito espesso porque não há mais xampu. Além disso, mamãe teve dificuldade para pentear o cabelo porque só restam dez dentes no pente da família.

Sua Anne

Domingo, 2 de maio de 1943

Quando penso em nossas vidas aqui, geralmente chego à conclusão de que vivemos num paraíso, comparado aos judeus que não estão escondidos. Do mesmo modo, mais tarde, quando tudo voltar ao normal, provavelmente vou ficar me perguntando como é que nós, que sempre vivemos com tanto conforto, pudemos afundar tanto. Estou falando com relação às boas maneiras. Por exemplo, a mesma toalha cobre a mesa de jantar desde que estamos aqui. Depois de tanto uso, é difícil encontrar uma parte sem manchas. Eu faço o máximo para limpá-la, mas como o pano de pratos também foi comprado antes de nos escondermos e consiste em mais buracos do que pano, essa é uma tarefa inútil. Os van Daan estão dormindo durante todo o inverno na mesma colcha de flanela, que não pode ser lavada porque o sabão em pó é racionado e escasso. Além disso, a qualidade da colcha é tão ruim que ela está praticamente inútil. Papai anda com calças puídas, e sua gravata também dá sinais de gasto. A cinta de mamãe arrebentou hoje e não tem conserto, enquanto Margot usa um sutiã dois números menor do que deveria. Mamãe e Margot compartilharam as mesmas três camisetas durante todo o inverno, e a minha é tão pequena que nem cobre o estômago. Todas essas coisas podem ser superadas, mas algumas vezes me pergunto: como é que nós, cujas posses – desde as minhas calcinhas até o pincel de barba de papai – estão tão velhas e gastas, esperamos recuperar a posição que tínhamos antes da guerra?

Domingo, 2 de maio de 1943

A atitude dos moradores do Anexo com relação à guerra

Sr. van Daan. Na opinião de todos nós, esse respeitado cavalheiro tem grandes ideias políticas. Mesmo assim, prevê que teremos de ficar aqui até o fim de 1943. É tempo demais, mas, de qualquer forma, dá para aguentar. Mas quem pode garantir que esta guerra, que só causou dor e sofrimento, estará terminada? E que nada vai nos acontecer, e aos que nos ajudam, muito antes disso? Ninguém! É por isso que cada dia é cheio de tensão. A expectativa e a esperança geram tensão, assim como o medo – por exemplo, quando ouvimos um barulho dentro ou fora da casa, quando os canhões atiram ou quando lemos novas "proclamações" no jornal, já que temos medo de que as pessoas que nos ajudam sejam forçadas a também se esconderem algum dia desses. Atualmente, todo mundo está falando em se esconder. Não sabemos quantas pessoas estão escondidas; claro que o número é relativamente pequeno comparado à população geral, porém, mais tarde, sem dúvida, ficaremos pasmos com a quantidade de holandeses bons dispostos a colocar em suas casas judeus e cristãos, com ou sem dinheiro. Há também um número incrível de pessoas com documentos de identidade falsos.

Sra. van Daan. Quando essa linda dama (segundo sua própria opinião) ouviu dizer que hoje em dia estava mais fácil conseguir documentos falsos, imediatamente propôs que cada um de nós mandasse fazer um. Como se fosse fácil, como se papai e o Sr. van Daan fossem feitos de dinheiro.

A Sra. van Daan também está sempre dizendo as coisas mais ridículas, e o seu Putti costuma ficar exasperado. Mas não é de espantar, porque um dia ela anunciou: "Quando tudo isso terminar, vou me batizar"; e no dia seguinte: "Desde que consigo me lembrar, sempre quis ir a Jerusalém. Só me sinto à vontade com outros judeus!"

Pim é um grande otimista, mas sempre tem seus motivos.

O Sr. Dussel vai inventando tudo enquanto fala, e qualquer pessoa que queira contradizer Sua Majestade deve pensar duas vezes. Na casa de Albert

Dussel sua palavra é lei, mas isso não agrada Anne Frank nem um pouco.

Não importa o que os outros membros da família do Anexo pensam sobre a guerra. Quando se trata de política, esses quatro são os únicos que contam. Na verdade, somente dois, mas madame van Daan e Dussel também se incluem.

Terça-feira, 18 de maio de 1943

Querida Kit,

Há pouco tempo, testemunhei uma briga feia entre pilotos alemães e ingleses. Infelizmente, dois aviadores aliados tiveram de pular do avião em chamas. Nosso leiteiro, que mora em Halfweg, viu quatro canadenses sentados na beira da estrada, e um deles falava holandês fluente. Ele perguntou se o leiteiro tinha fogo para o cigarro, e depois contou que a tripulação consistia em seis homens. O piloto morrera queimado, e o quinto membro da tripulação tinha se escondido em algum lugar. A Polícia de Segurança Alemã veio pegar os quatro que restavam, e nenhum deles estava ferido. Depois de pular de paraquedas de um avião em chamas, como é que alguém pode ter essa presença de espírito?

Apesar de fazer calor, temos de acender a lareira de vez em quando para queimar as cascas de legumes e o lixo. Não podemos jogar nada em latas de lixo, porque os empregados do armazém poderiam ver. Um pequeno descuido e estamos fritos!

Todos os estudantes universitários precisam assinar uma declaração oficial dizendo que “simpatizam com os alemães e aprovam a Nova Ordem”. Oitenta por cento deles decidiram obedecer à consciência, mas a penalidade será severa. Qualquer estudante que se recuse a assinar será mandado a um

campo de trabalho alemão. O que acontecerá com a juventude do país, se todos forem fazer serviço braçal na Alemanha?

Ontem à noite, os canhões estavam fazendo tanto barulho que mamãe fechou a janela; eu estava na cama de Pim. De repente, acima de nossas cabeças, ouvimos a Sra. van Daan pular, como se tivesse sido mordida por Mouschi. Isso foi seguido por um barulho alto, que parecia uma bomba incendiária caindo perto da minha cama.

– A luz! A luz! – gritei.

Papai acendeu a luz. Esperei que o quarto pegasse fogo a qualquer momento. Nada aconteceu. Todos corremos para o andar de cima, para ver o que estava acontecendo. O Sr. e a Sra. van Daan tinham visto um brilho vermelho pela janela aberta, e ele pensou que havia um incêndio nas proximidades, enquanto ela tinha certeza de que nossa casa estava em chamas. A Sra. van D. já estava de pé junto da cama, com os joelhos tremendo, quando veio o ruído da explosão. Dussel ficou lá em cima para fumar um cigarro, e voltamos para a cama. Menos de 15 minutos depois os tiros recomeçaram. A Sra. van Daan pulou da cama e desceu ao quarto de Dussel, em busca do consolo que não conseguiu com o marido. Dussel recebeu-a com as palavras:

– Venha para a minha cama, criança!

Morremos de rir, e o troar dos canhões não nos incomodou mais; nosso medo tinha sido varrido para longe.

Sua Anne

Domingo, 13 de junho de 1943

Querida Kitty,

O poema que papai escreveu pelo meu aniversário é bonito demais para não ser mostrado.

Como Pim só escreve seus versos em alemão, Margot se ofereceu para traduzi-los para o holandês. Veja você mesma se ela não fez um trabalho digno de orgulho. Começa com o resumo usual dos acontecimentos do ano e depois prossegue:

Mesmo sendo a mais nova, você já não é pequenina,
Sua vida é mesmo difícil, porque nosso dever – que sina –
É bancarmos professores, chatice que não termina.
Nós somos experientes! Aprenda tudo comigo!
Nós já passamos por isso, ouça tudo o que digo.
Sabemos as regras, conhecemos o jogo.
É sempre a mesma coisa desde a descoberta do fogo.
Nossos defeitos não passam de coisa muito pequena,
Mas os defeitos dos outros são mesmo de causar pena.
É fácil encontrar as falhas quando a gente procura,
Mas para os seus pais, por mais que tentem, é tarefa dura
Tratar você com justiça, tratar você com bondade;
Abandonar picuinhas, só com força de vontade.
Vivendo com gente velha, o jeito é se acostumar
Com tamanha rabugice – é duro, mas não se pode negar.
A pílula é bem amarga, mas deve ser engolida,
Assim mantemos a paz, a tranquilidade da vida.
Os meses vividos aqui não foram jogados fora.
Você não desperdiça tempo, não manda a coragem embora.
Lê e estuda o dia inteiro – é realmente incrível
Querendo expulsar o tédio para o mais longe possível.
Mas há uma pergunta difícil, a mais dura de ser ouvida:

O que é que eu vou vestir? Qual é a minha saída?
Não tenho mais calcinhas, a roupa está apertada,
Minha anágua virou tanga, pareço uma enjeitada!
Só mesmo cortando os pés consigo calçar sapatos,
Ah, meu Deus, que desgraça, como sofro maus-tratos!

Margot não conseguiu rimar a parte que falava sobre comida, por isso não copiei. Mas, afora isso, você não acha um bom poema?

Quanto ao resto, fui completamente mimada e ganhei vários presentes maravilhosos, incluindo um livro grande sobre o meu tema preferido: mitologia greco-romana. Também não posso reclamar de falta de doces; todo mundo foi buscar suas últimas reservas. Como o Benjamin do Anexo, ganhei mais do que mereço.

Sua Anne

Terça-feira, 15 de junho de 1943

Querida Kitty,

Aconteceram montes de coisas, mas, às vezes, acho que estou chateando você com minha conversa abominável, e que você preferiria receber menos cartas. Por isso, vou ser rápida com as notícias.

O Sr. Voskuijl não foi operado da úlcera. Assim que os médicos o colocaram na mesa de operações e abriram, perceberam que ele tinha câncer. Estava num estágio tão avançado que não adiantava operar. Por isso, costuraram-no outra vez, deixaram-no no hospital durante três semanas, alimentaram-no bem e o mandaram para casa. Mas cometeram um erro imperdoável: disseram ao coitado exatamente o que o aguardava. Ele não

pode mais trabalhar e fica sentado em casa, rodeado pelos oito filhos, lamentando a morte que se aproxima. Sinto pena dele e odeio não poder sair; do contrário, iria visitá-lo o máximo possível e ajudá-lo a pensar em outras coisas. Agora, o bom homem não pode mais nos contar o que aconteceu e o que foi dito no armazém, o que para nós é um desastre. O Sr. Voskuijl era nossa maior fonte de auxílio e apoio em questões de segurança. Sentimos muita falta dele.

No mês que vem, será nossa vez de entregar o rádio às autoridades. O Sr. Kleiman tem um pequeno aparelho escondido em casa, que ele nos dará para substituir o magnífico rádio de gabinete. É uma pena termos de entregar nosso grande Philips, mas quando você está em um esconderijo não pode se dar ao luxo de chamar a atenção das autoridades. Claro que colocaremos o radiozinho no andar de cima. O que é um rádio clandestino quando já existem judeus clandestinos e dinheiro clandestino?

Em todo o país, as pessoas tentam conseguir um rádio velho que possam entregar em lugar de seu reforço moral. É verdade: à medida que as notícias lá de fora ficam cada vez piores, o rádio com sua voz maravilhosa ajuda a não perdermos a esperança e a continuarmos nos dizendo: "Anime-se, mantenha o espírito elevado, as coisas vão melhorar!"

Sua Anne

Domingo, 11 de julho de 1943

Querida Kitty,

Voltando ao tema da educação dos filhos (pela milésima vez), deixe-me dizer que estou fazendo o máximo para ser útil, amável e gentil, e para fazer todo o possível na tentativa de transformar a chuva de censuras numa

simples garoa. Não é fácil tentar se comportar como um modelo de criança com pessoas que a gente não suporta, sobretudo se a gente não dá a mínima para isso. Mas consigo ver que um pouquinho de hipocrisia me ajuda muito mais do que meu velho método de dizer exatamente o que penso (mesmo que ninguém peça minha opinião ou se importe com ela). Claro, costumo esquecer o meu papel e achar difícil controlar a raiva quando eles são injustos, de modo que passam o mês seguinte dizendo que sou a garota mais impertinente do mundo. Você não acha que de vez em quando deveriam ter pena de mim? Ainda bem que não sou do tipo ranzinza, porque poderia me tornar amarga e mal-humorada. Em geral, consigo ver o lado engraçado das censuras deles, mas é mais fácil quando é outra pessoa que está na berlinda.

Além disso, decidi (depois de pensar muito) abandonar a taquigrafia. Primeiro para ter mais tempo para os outros assuntos, e segundo por causa de meus olhos. É uma história triste. Fiquei bastante míope, e deveria usar óculos há muito tempo. (Argh, vou ficar parecendo uma imbecil!) Mas, como você sabe, pessoas escondidas não podem...

O único assunto do qual todos falavam ontem eram os olhos de Anne, porque mamãe sugeriu que eu fosse ao oúalmologista com o Sr. Kleiman. Só de ouvir isso fiquei com os joelhos moles, porque não é bobagem. Sair! Pense só, andar pela rua! Não consigo imaginar. A princípio fiquei petrificada, e depois feliz. Mas não é tão simples; as várias autoridades que teriam de aprovar um passo desses não puderam chegar a uma decisão rápida. Primeiro, teriam de pesar todas as dificuldades e os riscos, se bem que Miep estivesse pronta para sair comigo imediatamente. Enquanto isso, eu tinha apanhado meu casaco cinza no armário, mas ele estava tão pequeno que parecia pertencer a uma irmã mais nova. Baixamos a bainha, mas mesmo assim eu não conseguia abotoá-lo. Estou realmente curiosa para ver o que eles decidem, só não acho que cheguem a imaginar um plano, porque

os ingleses desembarcaram na Sicília e papai está todo animado com um fim rápido.

Bep está trazendo um bocado de trabalho do escritório para mim e Margot. Isso faz com que nos sintamos importantes, e é uma grande ajuda para ela. Qualquer um pode arquivar cartas e fazer anotações num livro de vendas, mas nós fazemos isso com uma precisão notável.

Miep tem tantas coisas a transportar que parece uma mula de carga. Quase todo dia sai em busca de legumes, e depois volta de bicicleta com suas compras em sacolas grandes. Também é ela que traz cinco livros da biblioteca a cada sábado. Nós esperamos ansiosamente o sábado. Parecemos um punhado de crianças com um presente. As pessoas comuns não sabem quanto os livros significam para alguém escondido. Nossas únicas diversões são ler, estudar e ouvir o rádio.

Sua Anne

Terça-feira, 13 de julho de 1943

A melhor mesinha

Ontem à tarde, papai me deixou perguntar ao Sr. Dussel se ele por acaso poderia fazer a gentileza (está vendo como sou educada?) de me deixar usar a mesa de nosso quarto duas tardes por semana, das quatro às cinco e meia. Eu já a uso todos os dias, das duas e meia às quatro, enquanto Dussel tira um cochilo, mas no resto do tempo o quarto e a mesa estão fora do meu alcance. É impossível estudar à tarde no outro cômodo, porque lá acontece muita coisa. Além disso, às vezes papai gosta de usar a escrivaninha durante a tarde.

Por isso, parecia um pedido razoável, e pedi muito educadamente a Dussel. O que você acha que o erudito cavalheiro respondeu? “Não.” Um simples “Não!”.

Fiquei furiosa e não quis ser despachada daquela maneira. Perguntei o motivo do “Não”, mas isso não ajudou nada. O tom de sua resposta foi:

– Você sabe que tenho de estudar também, e, se eu não puder fazer isso às tardes, não vou poder me concentrar. Tenho de terminar a tarefa que decidi fazer; do contrário, não há sentido em começar. Além disso, você não fala sério sobre os seus estudos. Mitologia: que tipo de trabalho é esse? Ler e tricotar também não contam. Eu uso a mesa e não vou abrir mão dela!

– Sr. Dussel – respondi –, eu levo o meu trabalho a sério. Não posso estudar à tarde no outro cômodo, e gostaria que o senhor reconsiderasse o meu pedido!

Tendo dito essas palavras, a insultada Anne virou e fingiu que o sábio doutor não estava ali. Eu estava explodindo de raiva e achava que Dussel tinha sido incrivelmente grosseiro (o que era verdade) e que eu fora muito educada.

Naquela noite, quando consegui me aproximar de Pim, contei o que havia acontecido e discutimos qual deveria ser o próximo passo, porque eu não pretendia desistir e preferia enfrentar eu mesma a questão. Pim me deu uma ideia de como abordar Dussel, mas me alertou para esperar até o dia seguinte, já que eu estava tão exaltada. Ignorei esse último conselho e esperei por Dussel depois de lavar os pratos. Pim estava sentado no cômodo ao lado, o que teve um efeito calmante. Comecei:

– Sr. Dussel, o senhor parece achar inútil discutir mais o assunto, mas peço que reconsidere.

Dussel me deu seu sorriso mais encantador e disse:

– Estou sempre preparado para discutir esse assunto, mesmo que ele já tenha sido resolvido.

Continuei falando, apesar das interrupções repetidas de Dussel.

– Quando o senhor chegou aqui, concordamos que o quarto seria compartilhado por nós dois. Se fôssemos dividir com justiça, o senhor teria a manhã inteira e eu teria a tarde inteira! Não estou pedindo tanto, mas duas tardes por semana parecem razoáveis para mim.

Dussel saltou de sua cadeira como se tivesse sentado num alfinete.

– Você não tem por que falar sobre os seus direitos ao quarto. Para onde eu deveria ir? Talvez eu devesse pedir que o Sr. van Daan construísse um cubículo para mim no sótão. Você não é a única que não consegue encontrar um lugar calmo para estudar. Você vive procurando briga. Se sua irmã Margot, que tem mais direito a espaço de trabalho do que você, tivesse vindo me procurar pedindo a mesma coisa, eu nem teria pensado em recusar, mas você...

E mais uma vez ele puxou o assunto sobre a mitologia e o tricô, e mais uma vez Anne foi insultada. Mas procurei não demonstrar e deixei Dussel terminar:

– Mas, não, é impossível falar com você, que é vergonhosamente egocêntrica. Ninguém mais importa, desde que você consiga o que quer. Nunca vi uma criança assim. Mas, depois de tudo dito e feito, serei obrigado a deixar que vença, porque não quero que mais tarde as pessoas digam que Anne Frank não passou nos exames porque o Sr. Dussel se recusou a abrir mão de sua mesa!

Ele continuou assim até criar um tal dilúvio de palavras que eu mal conseguia acompanhar. Em um breve instante, pensei: “Ele e suas mentiras. Vou lhe dar um soco tão forte nas fuças que ele vai quicar na parede!” Mas, no momento seguinte, pensei: “Acalme-se, não vale a pena se preocupar com esse sujeito!”

Depois de muito tempo, a fúria do Sr. Dussel se esgotou e ele saiu do quarto com uma expressão de triunfo misturado com ira, e com os bolsos do

casaco cheios de comida.

Corri até papai e contei toda a história, ou pelo menos as partes que ele não pudera escutar. Pim decidiu falar com Dussel naquela mesma noite, e eles conversaram durante mais de meia hora. Primeiro discutiram se Anne deveria ter permissão de usar a mesa, sim ou não. Papai disse que ele e Dussel já haviam falado disso antes, quando ele concordara com Dussel porque não queria contradizer o mais velho diante da mais nova, mas que, mesmo na época, ele não achara justo. Dussel achava que eu não tinha direito de falar como se ele fosse um intruso que requisitava tudo o que via. Mas papai protestou com veemência, já que ele não tinha me ouvido dizer nada do tipo. E assim a conversa avançava e recuava, com papai defendendo meu "egocentrismo" e minhas "atividades improdutivas", e Dussel reclamando o tempo todo.

Finalmente, Dussel teve de ceder, e ganhei a oportunidade de trabalhar sem interrupção duas tardes por semana. Dussel ficou muito irritado, não falou comigo durante dois dias e fazia questão de ocupar a mesa das cinco às cinco e meia – tudo muito infantil, claro.

Qualquer pessoa tão mesquinha e pedante aos 54 anos deve ter nascido assim, e nunca vai mudar.

Sexta-feira, 16 de julho de 1943

Querida Kitty,

Houve outra invasão, mas dessa vez foi real! Hoje de manhã, às sete horas, Peter desceu ao armazém e logo percebeu que a porta do depósito e a da rua estavam abertas. No mesmo instante contou a papai, que foi até o escritório particular, ligou o rádio numa estação alemã e trancou a porta. Em seguida, os dois subiram de novo. Nesses casos, temos ordens para não

nos lavarmos nem abrir nenhuma torneira, ficar quietos e vestidos às oito e não ir ao banheiro. Como sempre, seguimos tudo ao pé da letra. Todos ficamos satisfeitos por termos dormido bem sem escutar nada. Durante algum tempo, ficamos indignados porque ninguém do escritório subiu a manhã inteira; o Sr. Kleiman nos deixou no suspense até as onze e meia. Ele contou que os ladrões haviam forçado a porta de fora e a do depósito com um pé-de-cabra, mas, como não viram nada que valesse a pena roubar, tentaram a sorte no andar de cima. Roubaram duas caixas contendo florins, talões de cheques em branco e, pior de tudo, cupons para 170 quilos de açúcar, toda a nossa cota. Não vai ser fácil conseguir outros.

O Sr. Kugler acha que esse ladrão pertence à mesma gangue que há seis semanas fez uma tentativa malsucedida de abrir as três portas (a do depósito e as duas de fora).

O roubo causou outro tumulto, mas o Anexo parece viver de excitação. Naturalmente, ficamos felizes porque a caixa registradora e as máquinas de escrever tinham sido escondidas em nossos armários de roupas.

Sua Anne

P.S.: Aconteceu o desembarque na Sicília. Outro passo mais próximo da...!

Segunda-feira, 19 de julho de 1943

Querida Kitty,

No domingo, a parte norte de Amsterdã foi severamente bombardeada. Parece que houve muita destruição. Ruas inteiras estão em ruínas, e vai demorar um bocado para resgatarem todos os corpos. Até agora, houve duzentos mortos e incontáveis feridos; os hospitais estão lotados. Ficamos sabendo de crianças que procuram os pais entre as ruínas fumegantes.

Ainda estremeço ao pensar no ronco surdo a distância, indicando a destruição que se aproximava.

Sexta-feira, 23 de julho de 1943

Atualmente Bep está conseguindo cadernos, sobretudo para atas e livros-caixas, úteis para minha irmã escriturária! Outros tipos também se encontram à venda, mas não pergunte como são e quanto tempo duram. No momento, todos têm o rótulo: "Desnecessário cupons"! Como qualquer outra coisa que dá para ser comprada sem cupons de racionamento, são totalmente inúteis. Consistem em 12 folhas de papel-jornal com linhas estreitas que se inclinam pela página. Margot está pensando em fazer um curso de caligrafia; eu a aconselhei a ir em frente. Mamãe não me deixa, por causa de meus olhos, mas acho bobagem. Dá no mesmo, se eu fizer isso ou qualquer outra coisa.

Como você nunca passou por uma guerra, Kitty, e como sabe muito pouco sobre a vida num esconderijo, apesar de minhas cartas, vou contar só de brincadeira o que cada um de nós quer fazer assim que puder sair de novo.

Margot e o Sr. van Daan querem, em primeiro lugar, tomar um banho quente de banheira, cheia até a borda, onde possam ficar durante muito mais de meia hora. A Sra. van Daan gostaria de um bolo, Dussel só consegue pensar em ver a sua Charlotte, e mamãe está louca por uma xícara de café de verdade. Papai gostaria de visitar o Sr. Voskuijl, Peter quer ir ao centro da cidade; quanto a mim, ficaria tão alegre que nem saberia por onde começar.

Acima de tudo, quero uma casa nossa, onde eu possa me movimentar livremente e ter de novo alguém para me ajudar com o dever de casa, pelo menos. Em outras palavras, voltar à escola!

Bep se ofereceu para conseguir algumas frutas, a um preço que supostamente é uma pechincha: uvas a 5 florins o quilo; groselhas a 1,40 florim o quilo, um pêssego por 50 centavos, melões a 1,50 o quilo. Não é de espantar que os jornais publiquem em letras enormes e gordas: “Mantenha os preços baixos!”

Segunda-feira, 26 de julho de 1943

Querida Kitty,

Ontem foi um dia muito tumultuado, e ainda estamos nervosos. Na verdade, você pode se perguntar se há pelo menos um dia que se passe sem algum tipo de agitação.

A primeira sirene de alarme tocou de manhã, enquanto ainda estávamos tomando o café, mas não ligamos, porque só significava que os aviões estavam atravessando o litoral. Tive uma dor de cabeça terrível, por isso me deitei durante uma hora depois do café da manhã e fui para o escritório por volta das duas. Às duas e meia, Margot havia terminado seu trabalho de escritório e estava arrumando as coisas quando as sirenes recomeçaram a uivar. Por isso, nós duas corremos escada acima. Foi bem na hora, porque cinco minutos depois os canhões troavam tão alto que fomos para o corredor. A casa tremia e as bombas continuavam caindo. Eu estava agarrada com minha sacola de fuga, mais por querer segurar alguma coisa do que porque queria fugir. Sei que não podemos sair daqui, mas, se tivermos de fazer isso, sermos avistados na rua seria tão perigoso quanto sermos apanhados num ataque aéreo. Depois de meia hora, o ruído dos motores desapareceu e a casa recomeçou a zumbir de atividade. Peter saiu de seu posto de vigia no sótão da frente, Dussel continuou no escritório da frente, a Sra. van Daan sentia-se mais segura no escritório particular, o Sr.

van Daan ficou vigiando no sótão pequeno, e nós, que estávamos no patamar, nos espalhamos para ver as colunas de fumaça subindo do porto. Em pouco tempo o cheiro de fumaça estava em toda parte, e lá fora parecia que a cidade permanecia envolvida numa névoa espessa.

Um grande incêndio assim não é uma visão agradável, mas felizmente, para nós, o bombardeio havia terminado, e voltamos às nossas tarefas. Assim que começamos a jantar, soou outro alarme antiaéreo. A comida estava boa, mas perdi o apetite no momento em que ouvi a sirene. No entanto, nada aconteceu, e 45 minutos depois ouvimos o toque dizendo que o perigo passara. Depois de os pratos serem lavados, outro alarme antiaéreo, tiros de canhão e enxames de aviões. Ah, meu Deus, duas vezes num dia, pensamos. Isso é demais. De pouco adiantou, porque mais uma vez as bombas choveram, dessa vez do outro lado da cidade. De acordo com os noticiários ingleses, o aeroporto Schiphol fora bombardeado. Os aviões mergulhavam e subiam, o ar zumbia com o barulho dos motores. Foi muito assustador, e o tempo todo eu ficava pensando: "Lá vem ela, é essa."

Posso garantir que, quando fui para a cama às nove horas, minhas pernas ainda tremiam. Quando bateu meia-noite, acordei de novo: mais aviões! Dussel estava se despindo, mas não liguei e pulei fora, totalmente acordada, ao som da primeira explosão. Fiquei na cama de papai até as duas horas. Mas os aviões continuavam chegando. Por fim, eles pararam de disparar e pude voltar de novo para "casa". Finalmente, caí no sono às duas e meia.

Sete horas. Acordei num susto e me sentei na cama. O Sr. van Daan estava com papai. Meu primeiro pensamento foi: ladrões.

– Tudo – ouvi o Sr. van Daan dizer, e pensei que tudo fora roubado. Mas não, dessa vez eram notícias maravilhosas, as melhores que tínhamos em meses, talvez desde que a guerra havia começado. Mussolini renunciara e o rei da Itália assumira o governo.

Pulamos de alegria. Depois dos acontecimentos horríveis de ontem, finalmente alguma coisa boa acontece e nos traz... esperança! Esperança de um fim para a guerra, esperança de paz.

O Sr. Kugler apareceu e disse que a fábrica de armamento antiaéreo Fokker fora seriamente danificada. Enquanto isso, houve outro alarme antiaéreo hoje de manhã, com aviões passando lá em cima e outra sirene tocando. Eu já estava farta de alarmes. Mal tinha dormido, e a última coisa que queria fazer era trabalhar. Mas agora o suspense sobre a Itália e a esperança de que a guerra termine no fim do ano estão nos mantendo acordados...

Sua Anne

Quinta-feira, 29 de julho de 1943

Querida Kitty,

A Sra. van Daan, Dussel e eu estávamos lavando os pratos, e eu estava muito quieta. Isso é bem raro, e eles perceberam. Por isso, para evitar qualquer pergunta, rapidamente revirei o cérebro em busca de um assunto neutro. Pensei que o livro *Henri van de Overkant [Henry from Across the Street]* poderia servir, mas não poderia estar mais enganada; se a Sra. van Daan não pular na minha garganta, o Sr. Dussel pula. A história foi assim: o Sr. Dussel tinha recomendado o livro para mim e Margot como um exemplo de texto excelente. Achamos que não era nada disso. O garotinho havia sido bem retratado, mas quanto ao resto... quanto menos for dito, melhor. Mencionei algo do tipo enquanto lavávamos os pratos, e Dussel iniciou um verdadeiro discurso.

– Como você pode compreender a psicologia de um homem? A de uma criança não é tão difícil [!] . Mas você é pequena demais para ler um livro desses. Nem mesmo um homem de 20 anos poderia compreendê-lo. (Então por que será que ele teve o trabalho de recomendar o livro para mim e Margot?)

A Sra. van Daan e Dussel continuaram o sermão:

– Você sabe muitas coisas que não deveria saber. Sua criação foi totalmente errada. Mais tarde, quando for mais velha, não poderá desfrutar mais nada. Vai dizer: "Ah, eu li isso há vinte anos, em algum livro." É melhor correr se quiser pegar um marido ou se apaixonar, já que tudo deve ser uma decepção para você. Na teoria, você já sabe tudo. Mas e na prática? A história é outra!

Dá para imaginar como me senti? Fiquei pasma quando me peguei respondendo:

– Vocês podem achar que não fui bem-criada, mas muitas pessoas discordariam!

Parece que eles acreditam que a criação de filhos inclui tentar me jogar contra meus pais, já que é isso que sempre fazem. E que é ótimo não falar a uma garota da minha idade sobre temas adultos. Todos nós vemos o que acontece quando as pessoas são criadas assim.

Naquele momento, eu poderia ter dado um tapa em cada um por zombarem de mim. Eu estava furiosa; se ao menos soubesse quanto tempo ainda teríamos de suportar a companhia uns dos outros, começaria a contar os dias.

A Sra. van Daan é ótima de se conversar! É um exemplo de pessoa (um mau exemplo!). Todos sabem que é intrometidíssima, egoísta, esperta, calculista e eternamente insatisfeita. Acrescente a isso a vaidade e a mania de se oferecer aos homens e não haverá dúvida: ela é totalmente desprezível. Eu poderia escrever um livro inteiro sobre madame van Daan. E, quem sabe,

talvez algum dia escreva. Qualquer pessoa pode se fingir de agradável quando quer. A Sra. van Daan é simpática com os estranhos, especialmente com os homens, por isso as pessoas se enganam com facilidade quando a conhecem.

Mamãe acha a Sra. van Daan estúpida demais e que nem vale gastar palavras com ela, Margot acha que ela não tem importância nenhuma, Pim acha que ela é feia demais (literal e figurativamente!), e, depois de longas observações (eu nunca sou preconceituosa a princípio), cheguei à conclusão de que ela é as três coisas anteriores, e muito mais. A Sra. van Daan tem tantas más qualidades, por que eu deveria escolher só uma?

Sua Anne

P.S.: Será que o leitor pode levar em consideração que esta história foi escrita antes de a fúria da escritora esfriar?

Terça-feira, 3 de agosto de 1943

Querida Kitty,

As coisas vão bem na arena política. A Itália baniu o Partido Fascista. O povo luta contra os fascistas em muitos lugares – até mesmo o exército juntou-se à luta. Como é que um país como aquele pode continuar a guerra contra a Inglaterra?

Nosso lindo rádio foi levado embora na semana passada. Dussel ficou muito irritado com o Sr. Kugler por levá-lo no dia marcado. Dussel está caindo cada vez mais em meu conceito, e já está abaixo de zero. Tudo o que ele diz sobre política, história, geografia ou sobre o que quer que seja é tão ridículo que mal ouso repetir: Hitler desaparecerá da história; o porto de Roterdã é maior do que o de Hamburgo; os ingleses são idiotas por não

aproveitarem a oportunidade de bombardear a Itália até transformá-la em poeira etc. etc.

Acabamos de sofrer um terceiro ataque aéreo. Decidi trincar os dentes e treinar para ser corajosa.

A Sra. van Daan, que sempre diz “Deixe que elas caiam” e “Melhor terminar numa explosão do que não terminar”, é a mais covarde entre nós. Hoje de manhã, ela estava tremendo feito vara verde e até caiu no choro. Foi consolada pelo marido, a quem declarou recentemente uma trégua depois de uma semana de brigas; quase fiquei sentimental com aquela visão.

Agora, Mouschi provou, sem sombra de dúvida, que ter um gato traz tantas desvantagens quanto vantagens. A casa inteira está cheia de pulgas, e fica pior a cada dia. O Sr. Kleiman espalhou um pó amarelo em cada canto e fresta, mas as pulgas nem ligaram. Isso está deixando todo mundo nervoso. Vivemos imaginando uma picada nos braços e nas pernas ou em outras partes do corpo; por isso, saltamos e fazemos alguns exercícios, já que isso dá uma desculpa para olharmos os braços e o pescoço. Mas agora pagamos o preço por tão pouco exercício físico; estamos tão rígidos que mal conseguimos virar a cabeça. A ginástica de verdade foi abandonada há muito tempo.

Sua Anne

Quarta-feira, 4 de agosto de 1943

Querida Kitty,

Agora que estamos escondidos há pouco mais de um ano, você sabe bastante sobre nossa vida. Mesmo assim, não posso contar tudo, porque as coisas são muito diferentes, comparadas a uma época normal e pessoas

comuns. Mesmo assim, para dar uma ideia mais próxima de nossa vida, de vez em quando vou descrever parte de um dia comum aqui. Vou começar pela noite.

Nove da noite. No Anexo, a hora de dormir começa sempre com uma enorme agitação. Cadeiras são arrastadas, camas puxadas, cobertores desdobrados – nada fica onde estava durante o dia. Eu durmo num pequeno divã que só tem 1,5 metro, por isso temos de acrescentar algumas cadeiras para aumentá-lo. Edredom, lençóis, travesseiros e cobertores têm de ser retirados da cama de Dussel, onde ficam durante o dia.

No cômodo ao lado, ouve-se um barulho terrível: é a cama dobrável de Margot sendo armada. Mais cobertores e travesseiros, tudo que torne um pouquinho mais confortáveis aquelas tábuas duras. Lá em cima, parece haver um trovão, mas é somente a cama da Sra. van Daan sendo empurrada contra a janela para que Sua Majestade, vestida com a camisola cor-de-rosa, possa sentir o ar da noite em suas delicadas narinas.

Nove em ponto. Depois que Peter termina, é a minha vez de ir ao banheiro. Eu me lavo da cabeça aos pés, e com frequência encontro uma pulga minúscula flutuando na pia (somente durante os meses, as semanas ou os dias quentes). Escovo os dentes, enrolo o cabelo, cuido das unhas e passo água oxigenada para clarear os pelos escuros do rosto – tudo isso em menos de meia hora.

Nove e meia. Visto o roupão de banho. Com sabão numa das mãos, e o penico, os grampos, a calcinha, os rolinhos de cabelo e uma mecha de algodão na outra, saio depressa do banheiro. O próximo da fila invariavelmente me chama para remover os cabelos graciosamente encaracolados mas repugnantes que deixei na pia.

Dez horas. Hora de colocar os anteparos de blecaute e dizer boa-noite. Durante os próximos 15 minutos, pelo menos, a casa se enche do estalar de camas e do suspiro das molas quebradas, e depois, desde que nossos

vizinhos de cima não tenham uma discussão conjugal na cama, tudo fica silencioso.

Onze e meia. Abre-se uma fresta na porta do banheiro. Uma réstia de luz cai no quarto. Sapatos rangendo, um casaco grande, ainda maior do que o homem dentro dele... Dussel está voltando de seu trabalho noturno no escritório do Sr. Kugler. Eu o ouço arrastar os pés de um lado para o outro durante dez minutos, o barulho de papel (da comida que ele está guardando em seu armário) e da cama sendo arrumada. Então, a figura desaparece de novo, e o único som é um ou outro ruído suspeito vindo do banheiro.

Aproximadamente às três horas. Tenho de me levantar e usar o urinol de debaixo de minha cama. Por segurança, ele tem um tapete de borracha embaixo, para o caso de vazar. Sempre prendo a respiração enquanto faço isso, porque parece o barulho de um riacho descendo a montanha. O penico é colocado de novo no lugar, e a figura de camisola branca (que faz Margot exclamar toda noite: “Ah, aquela camisola indecente!”) volta para a cama. Um certo alguém fica acordado durante 15 minutos, escutando os ruídos da noite. Em primeiro lugar, para ouvir se há algum ladrão lá embaixo, e depois escutando as várias camas – lá em cima, no cômodo ao lado e em meu quarto – para saber se os outros estão acordados ou dormindo. Isso não tem graça, especialmente quando se trata de um membro da família chamado Dr. Dussel. Primeiro, há o som de um peixe buscando ar, e isso se repete nove ou dez vezes. Depois, os lábios são profusamente umedecidos. Isso se alterna com pequenos sons como de beijos estalados, seguidos por um longo período se revirando de um lado para o outro e arrumando os travesseiros. Depois de cinco minutos de silêncio total, a mesma sequência se repete mais três vezes, e depois disso ele supostamente volta a dormir um pouco.

Às vezes, os canhões disparam à noite, entre uma e quatro horas. Eu nunca percebo antes de acontecer, mas de repente me vejo de pé ao lado da cama, por puro costume. Há vezes em que estou tendo um sonho tão

profundo (com verbos franceses irregulares ou com uma briga no andar de cima) que só quando o sonho termina percebo que os tiros terminaram e continuei quieta no quarto. Mas, geralmente, acordo. Então, agarro um travesseiro e um lenço, coloco o roupão e os chinelos e corro para o quarto de papai, como Margot descreveu neste poema de aniversário:

Quando os tiros soam na escuridão,
A porta se abre, e aparecem então
Um lenço, um travesseiro, uma figura de branco...

Assim que chego à cama grande, o pior já passou, a não ser quando os tiros são exageradamente altos.

Seis e quarenta e cinco. Trriiiim... É o despertador, que eleva sua voz esganiçada a qualquer hora do dia ou da noite, quer você queira quer não. Crac... Tchum... A Sra. van D. o desliga. Treeec... O Sr. van D. se levanta, verte água e corre para o banheiro.

Sete e quinze. A porta se abre de novo. Dussel pode ir ao banheiro. Finalmente sozinha, tiro o anteparo de blecaute... e começa um novo dia no Anexo.

Sua Anne

Quinta-feira, 5 de agosto de 1943

Querida Kitty,

Hoje, vamos falar sobre a hora do almoço.

Meio-dia e meia. Todo o bando solta um suspiro de alívio: o Sr. van Maaren, o homem com passado sombrio, e o Sr. de Kok foram para casa

almoçar.

Dá para ouvir no andar de cima o barulho do aspirador de pó no lindo e único tapete da Sra. van Daan. Margot coloca alguns livros sob o braço e vai para a turma dos mais fracos, frequentada pelo Sr. Dussel. Pim vai se sentar num canto com seu companheiro constante, Dickens, na esperança de encontrar um pouco de paz e sossego. Mamãe sobe para ajudar a diligente dona de casa, e eu arrumo o banheiro e me arrumo ao mesmo tempo.

Meio-dia e quarenta e cinco. Um a um, eles aparecem: primeiro o Sr. Gies, depois o Sr. Kleiman ou o Sr. Kugler, seguidos por Bep e às vezes até Miep.

Uma. Apinhados em volta do rádio, todos ouvem extasiados a BBC. Essa é a única hora em que os membros da família do Anexo não se interrompem, pois nem mesmo o Sr. van Daan consegue discutir com o alto-falante.

Uma e quinze. Distribuição de comida. Todo mundo lá de baixo ganha uma caneca de sopa e a sobremesa, se houver. Satisfeito, o Sr. Gies senta-se no divã ou se apoia na mesa com seu jornal, sua caneca e geralmente o gato ao lado. Se falta uma das três coisas, ele não hesita em protestar. O Sr. Kleiman conta as últimas notícias da cidade, e ele é uma fonte excelente. O Sr. Kugler sobe correndo, dá uma batida curta, porém firme, na porta e entra torcendo as mãos ou esfregando-as animado, dependendo de estar quieto e mal-humorado, ou falante e bem-humorado.

Uma e quarenta e cinco. Todo mundo se levanta da mesa e vai cuidar de seus afazeres. Margot e mamãe lavam os pratos, o Sr. e a Sra. van D. vão para o divã, Peter vai para o sótão, papai vai para o seu divã, Dussel também, e Anne faz seu dever de casa.

O que vem em seguida é a hora mais silenciosa do dia; quando todos dormem, não há perturbações. A julgar por seu rosto, Dussel está sonhando com comida. Mas não olho para ele durante muito tempo, porque o tempo

passa e, antes que a gente perceba, serão quatro da tarde e o pedante Sr. Dussel estará de pé com o relógio na mão porque atrasei um minuto para liberar a mesa.

Sua Anne

Sábado, 7 de agosto de 1943

Querida Kitty,

Há algumas semanas comecei a escrever uma história, uma coisa que imaginei do princípio ao fim, e gostei tanto que os produtos de meus escritos começaram a formar pilhas.

Sua Anne

Segunda-feira, 9 de agosto de 1943

Querida Kitty,

Continuamos descrevendo um dia típico no Anexo. Como já almoçamos, está na hora de descrever o jantar.

O *Sr. van Daan* é servido em primeiro lugar, e pega uma porção generosa das coisas de que gosta. Em geral, participa da conversa, nunca deixa de dar sua opinião. Quando fala, sua palavra passa a ser definitiva. Se alguém ousar sugerir outra coisa, o Sr. van D. pode aprontar uma briga. Ah, ele consegue sibilar como um gato... mas eu prefiro que não faça isso. Depois de ver uma vez, você não suporta ver mais. A opinião dele é a melhor, ele sabe o máximo de tudo. Convenhamos que ele tem uma boa cabeça sobre os ombros, mas é uma cabeça inchada demais.

Madame. Na verdade, a melhor coisa seria não comentar nada. Há dias, sobretudo quando dá para ficar mal-humorada, seu rosto é difícil de ser decifrado. Se você analisar as discussões, vai perceber que ela não é o tema, e sim a culpada! Fato que todo mundo prefere ignorar. Mesmo assim, você poderia considerá-la provocadora. Criar problemas é *exatamente* o que a Sra. van Daan gosta de fazer. Criar problemas entre a Sra. Frank e Anne. Com Margot e o Sr. Frank, não é tão fácil.

Mas voltemos à mesa. A Sra. van Daan pode achar que nem sempre recebe o bastante, mas não é verdade. As melhores batatas, a guloseima mais gostosa, o pedaço mais macio do que quer que seja, esse é o mote de Madame. Os outros podem ter sua vez, desde que ela receba o melhor. (Exatamente o que ela acusa Anne Frank de fazer.) Seu segundo lema é: ficar falando. Desde que haja alguém ouvindo, não lhe ocorre pensar se a pessoa está interessada. Ela deve achar que qualquer coisa que disser vai interessar a todos.

Dê um sorriso charmoso, finja que sabe de tudo, dê conselhos a todo mundo e banque a mãezona – isso deve causar boa impressão. Mas se você olhar direito, a boa impressão desaparece. Mas preciso dizer. Número um: ela é trabalhadeira; dois: é alegre; três: tem charme – e às vezes um rosto bonito. Essa é Petronella van Daan.

O terceiro à mesa diz pouquíssima coisa. O jovem Sr. van Daan geralmente é quieto e mal demonstra que está presente. Quanto ao seu apetite, ele é um tonel das Danaides, que nunca se enche. Mesmo depois da refeição mais substanciosa, ele pode olhar você calmamente nos olhos e dizer que poderia ter comido o dobro.

Número quatro: Margot. Come como um passarinho e não abre a boca. Só come legumes e frutas. Mimada, na opinião dos van Daan. Pouco exercício e ar puro, e fica na sua.

Ao lado dela, mamãe. Tem bom apetite e participa da conversa. Ninguém tem a impressão – como ocorre com relação à Sra. van Daan – de que ela é uma dona de casa. Qual é a diferença entre as duas? Bom, a Sra. van D. cozinha, e mamãe lava os pratos e lustra os móveis.

Números seis e sete. Não vou falar muito sobre papai e eu. O primeiro é a pessoa mais modesta à mesa. Sempre olha para ver se os outros já se serviram. Não precisa de nada para si; as melhores coisas são para as crianças. É a bondade personificada. Sentado perto dele está o pequeno feixe de nervos do Anexo.

Dussel. Sirva-se, fixe os olhos na comida, coma e não fale. E se tiver de dizer alguma coisa, então, pelo amor de Deus, fale de comida. É um assunto que não leva a brigas, só a bobagens. Isso só é interrompido por seu cochilo à tarde, pela comida e pelo banheiro – seu local predileto. Três, quatro vezes por dia há alguém esperando do lado de fora do banheiro, tentando se segurar e mal conseguindo. Será que Dussel se incomoda? Nem um pouco. De sete e quinze às sete e meia, de meio-dia e meia à uma, de duas às duas e quinze, de quatro às quatro e quinze, de seis às seis e quinze, de onze e meia à meia-noite. Você pode acertar seu relógio por esses horários; são as horas de suas sessões regulares. Ele nunca se desvia nem se deixa incomodar pelas vozes do lado de fora, implorando que ele abra antes que aconteça um desastre.

O número nove não faz parte da família do Anexo, mas compartilha nossa casa e nossa mesa. Bep tem um apetite saudável. Limpa o prato e não é de escolher. Bep é fácil de se satisfazer, e isso nos agrada. Ela pode ser caracterizada assim: alegre, bem-humorada, gentil e bem-disposta.

Terça-feira, 10 de agosto de 1943

Querida Kitty,

Uma nova ideia: durante as refeições eu falo mais comigo mesma do que com os outros, o que tem duas vantagens. Primeiro, eles ficam satisfeitos por não precisarem ouvir minha conversa contínua, e segundo, não preciso me chatear com suas opiniões. Não acho que minhas opiniões sejam idiotas, mas as outras pessoas acham; por isso, é melhor guardá-las comigo. Aplico a mesma tática quando tenho de comer algo que odeio. Ponho o prato na minha frente, finjo que é delicioso e evito ao máximo olhar para ele, e a comida desaparece antes que eu tenha tempo de perceber o que é. Quando me levanto de manhã, outro momento muito desagradável, pulo fora da cama e penso comigo: "Logo, logo, você vai entrar de novo debaixo das cobertas." Vou até a janela, tiro o anteparo de blecaute, cheiro pela fresta até sentir um sopro de ar puro e estou acordada. Arrumo a cama o mais depressa possível para não me sentir tentada a voltar. Sabe como mamãe chama esse tipo de coisa? A arte de viver. Não é uma expressão engraçada?

Nesta última semana, nós todos ficamos meio confusos porque nossos amados sinos da Westertoren foram retirados para serem fundidos e usados na guerra; por isso, não temos ideia da hora exata, seja da noite ou do dia. Ainda tenho esperança de que arranjem um substituto, feito de latão, cobre ou outro material, para que o bairro se lembre do relógio.

A todo lugar onde vou, no andar de cima ou no de baixo, todos lançam olhares de admiração para os meus pés, que estão adornados por um par de sapatos lindíssimos (para os tempos atuais!). Miep conseguiu comprá-los por 27,50 florins. São de camurça e couro cor de vinho, com saltos médios. Eu me sinto caminhando sobre pernas de pau, e pareço ainda mais alta do que já sou.

Ontem, foi meu dia de azar. Espetei o polegar direito na ponta rombuda de uma agulha grande. Resultado, Margot teve de descascar batatas para mim (o bem resultando do mal), e foi difícil escrever. Depois dei uma

cabeçada tão forte na porta do armário que quase desmaiei, e brigaram comigo por ser desatenta. Eles não me deixaram abrir a torneira para molhar a testa, por isso, estou com um galo gigantesco em cima do olho direito. Para piorar a situação, o dedinho do meu pé ficou preso no aspirador de pó. Sangrou e doeu, mas os outros machucados já me causavam tanto problema que descuidei deste, o que foi uma burrice, porque agora estou com um dedo infeccionado. Com a pomada, a gaze e o esparadrapo, não posso calçar meu sapato maravilhoso.

Dussel nos colocou em perigo pela milésima vez. Pediu a Miep que lhe trouxesse um livro, um libelo contra Mussolini, que fora proibido. No caminho para cá ela foi derrubada por uma motocicleta da SS. Miep perdeu a cabeça e gritou: "Seus desgraçados!", e seguiu caminho. Não ouso pensar o que teria acontecido se ela fosse levada para o quartel.

Sua Anne

Tarefa cotidiana em nossa pequena comunidade:
Descascar batatas!

Uma pessoa vai pegar alguns jornais; outra, as facas (ficando com a melhor para si, claro); a terceira, as batatas; e a quarta, a água.

O Sr. Dussel começa. Ele nem sempre descasca direito, mas trabalha sem parar, olhando para a esquerda e a direita para ver se todo mundo está fazendo igual a ele. Não, não estamos.

– Olhe, Anne, estou segurando a faca assim, e vou de cima até embaixo! Nein, não é assim... é assim!

– Acho que o meu jeito é mais fácil, Sr. Dussel – respondo com cautela.

– Mas este é o melhor modo, Anne. Isso você pode aprender comigo. Claro que não adianta, você acaba fazendo do jeito que quer.

Continuamos descascando. Olho para Dussel com o canto dos olhos. Perdido em pensamentos (a meu respeito, sem dúvida), ele balança a cabeça, mas não diz mais nada.

Continuo descascando. Depois olho para papai, do outro lado. Quando lê, ele fica com uma ruga profunda na testa. Mas quando prepara batatas, feijões ou legumes, ele parece totalmente absorvido na tarefa. Arma a sua cara de descascador de batatas e, quando está desse jeito, é impossível para ele produzir alguma coisa que não seja uma batata perfeitamente descascada.

Continuo trabalhando. Levanto os olhos um segundo, mas só preciso desse tempo. A Sra. van Daan está tentando atrair a atenção de Dussel. Começa olhando na direção dele, mas Dussel finge não perceber. Ela pisca, mas Dussel continua descascando. Ela ri, mas Dussel ainda não levanta os olhos. Então, mamãe também ri, mas Dussel não liga. Tendo fracassado em seu objetivo, a Sra. van Daan é obrigada a mudar de tática. Há um breve silêncio. Então, ela diz:

– Putti, por que não coloca um avental? Desse jeito vou ter de passar amanhã, o dia inteiro, tentando tirar as manchas do seu terno!

– Não estou sujando o terno.

Outro breve silêncio.

– Putti, por que não se senta?

– Estou bem assim. Gosto de ficar de pé!

Silêncio.

– Putti, cuidado, *du spritzt schon*![7]

– Eu sei, mamãezinha, mas estou tendo cuidado.

A Sra. van D. passa para outro tópico.

– Diga, Putti, por que os ingleses não continuaram com os bombardeios aéreos hoje?

– Porque o tempo está ruim, Kerli!

– Mas ontem fez um dia ótimo e eles também não voaram.

– Vamos mudar de assunto.

– Por quê? Será que não se pode falar nisso, nem dar uma opinião?

– Não!

– Mas por que não, oras?

– Ah, fica quieta, *Mammichen*![8]

– O Sr. Frank sempre responde ao que a esposa dele pergunta.

O Sr. van D. está tentando se controlar. Essa observação sempre o deixa alterado, mas não é a Sra. van D. que vai ceder.

– Ah, nunca vai haver uma invasão!

O Sr. van D. fica branco, e quando ela percebe, a Sra. van Daan fica vermelha, mas não está disposta a se calar.

– Os ingleses não estão fazendo nada!

A bomba explode.

– E agora cale a boca, *Donnerwetter noch mal*![9]

Mamãe mal consegue reprimir uma gargalhada, e eu fico olhando direto para a frente.

Cenas assim se repetem quase todos os dias, a não ser que eles tenham acabado de ter uma briga terrível. Nesse caso, nem o Sr. nem a Sra. van Daan dizem uma palavra.

Está na hora de eu pegar mais algumas batatas. Vou até o sótão, onde Peter está ocupado catando pulgas no gato. Ele olha para cima, o gato percebe, e vuuupt... desaparece. Sai pela janela e desce pela calha de água de chuva.

Peter xinga; eu rio e saio do cômodo.

Liberdade no Anexo

Cinco e meia. A chegada de Bep sinaliza o início de nossa liberdade noturna. As coisas estão indo bem. Subo com Bep, que geralmente come a sobremesa antes do restante de nós. No momento em que ela se senta, a Sra. van D. começa a anunciar seus desejos. Sua lista geralmente começa com "Ah, a propósito, Bep, há outra coisa que eu queria...". Bep pisca para mim. A Sra. van Daan não perde uma chance de relatar seus desejos a qualquer pessoa que suba. Deve ser um dos motivos pelos quais nenhum deles gosta de ir lá em cima.

Cinco e quarenta e cinco. Bep vai embora. Desço dois andares para dar uma olhada: primeiro na cozinha, depois no escritório particular, por último no depósito de carvão, para abrir a portinhola para Mouschi.

Depois de uma longa inspeção, termino no escritório do Sr. Kugler. O Sr. van D. está revirando todas as gavetas e os arquivos em busca da correspondência de hoje. Peter pega Boche e a chave do depósito; Pim leva as máquinas de escrever para cima; Margot procura um lugar calmo para fazer seu trabalho do escritório; a Sra. van D. coloca uma chaleira de água no fogão; mamãe desce a escada com uma panela de batatas; cada um sabe qual é a sua tarefa.

Logo Peter volta do depósito. A primeira pergunta que lhe fazem é se ele se lembrou do pão. Não, não lembrou. Ele se agacha diante da porta do escritório da frente, para ficar o menor possível, e se arrasta de quatro para o armário de aço, pega o pão e começa a sair. De qualquer jeito, é isso que ele pretende fazer, mas antes que saiba o que aconteceu, Mouschi saltou sobre ele e foi se sentar sob a mesa.

Peter olha ao redor. Ah, lá está a gata! Ele se arrasta de volta ao escritório e pega a gata pelo rabo. Mouschi sibila, Peter suspira. O que será que ele conseguiu? Agora Mouschi está sentada perto da janela, lambendo-se, muito satisfeita por ter escapado das garras de Peter. Peter não tem

escolha senão atraí-la com um pedaço de pão. Mouschi aceita a oferta, o acompanha e a porta se fecha.

Vejo toda a cena através de uma fresta na porta.

O Sr. van Daan está furioso e bate com a porta. Margot e eu trocamos olhares e pensamos a mesma coisa: ele deve ter ficado com raiva de novo por causa de algum erro do Sr. Kugler e se esqueceu da existência da Companhia Keg no prédio ao lado.

Outro passo é ouvido no corredor. Dussel entra, vai em direção à janela com um ar de dono, cheira... e tosse, espirra e pigarreia. Está sem sorte: foi pimenta. Ele continua até o escritório da frente. As cortinas estão abertas, o que significa que não pode chegar até o seu papel de carta. Dussel some com uma careta.

Margot e eu trocamos outro olhar.

– Menos uma página para a sua queridinha amanhã – ouço-a dizer, e balanço a cabeça concordando.

Ouvem-se passos de elefante na escada. É Dussel, buscando consolo em seu local predileto.

Continuamos trabalhando. Toc, toc, toc... Três batidas significam hora do jantar!

Segunda-feira, 23 de agosto de 1943

Wenn Die Uhr Halb Neune Schlägt...[10]

Margot e mamãe estão nervosas. “Psiu... papai. Fique quieto, Otto. Psiu... Pim! São oito e meia. Venha cá, você não pode continuar com a torneira aberta. Ande sem fazer barulho!” Essa é uma amostra do que se diz a papai no banheiro. Quando são oito e meia, ele precisa estar na sala. Nada de água

corrente, nada de dar descarga no banheiro, nada de andar, nenhum barulho. Enquanto o pessoal do escritório não chega, os sons viajam com mais facilidade até o armazém.

A porta se abre no andar de cima às oito e vinte, e a isso se seguem três batidas fracas no chão... O mingau de Anne. Subo a escada para pegar minha vasilha de cachorro.

De volta ao andar de baixo, tudo tem de ser feito depressa, depressa: penteio o cabelo, esvazio o penico, recoloco a cama no lugar. Silêncio! O relógio está marcando oito e meia! A Sra. van D. troca de sapatos e arrasta os pés calçados com chinelos; o Sr. van D. também – um verdadeiro Charlie Chaplin. Tudo está quieto.

A cena familiar ideal chegou ao ponto alto. Quero ler ou estudar, e Margot também. Papai e mamãe também. Papai está sentado (com Dickens e o dicionário, claro) na beira da cama que balança e range, e que nem mesmo tem um colchão decente. Dois travesseiros grandes podem ser empilhados. “Não preciso disso”, pensa ele. “Posso me virar sem eles!”

Assim que começa a ler, ele não levanta mais os olhos. Ri de vez em quando e depois tenta fazer com que mamãe leia uma história.

– Agora não tenho tempo!

Ele parece frustrado. Mas continua a ler. Um pouquinho depois tenta de novo:

– Você tem de ler isso, mamãe!

Mamãe senta-se na cama dobrável, lendo, costurando, tricotando ou estudando, o que quer que esteja em sua lista de tarefas. De repente lhe ocorre uma ideia, e ela diz depressa, para não esquecer: “Anne, lembre-se de... Margot, faça isso...”

Depois de um tempo vem o silêncio de novo. Margot fecha o seu livro; papai franze a testa, com as sobrancelhas formando uma curva engraçada, e sua ruga de concentração reaparece na testa, e ele se enterra no livro outra

vez; mamãe começa a conversar com Margot; e eu fico curiosa e escuto também. Pim entra na conversa... Nove horas. Café da manhã!

Sexta-feira, 10 de setembro de 1943

Querida Kitty,

Sempre que escrevo para você, é porque aconteceu alguma coisa especial, geralmente mais desagradável do que agradável. Mas dessa vez está acontecendo uma coisa maravilhosa.

Na quarta-feira, 8 de setembro, estávamos acompanhando o noticiário das sete horas quando ouvimos um anúncio: “Eis aqui a melhor notícia da guerra até hoje: a Itália capitulou.” A Itália se rendeu incondicionalmente! O noticiário holandês, transmitido da Inglaterra, começou às oito e quinze com a notícia: “Caros ouvintes, há uma hora e quinze minutos, quando eu estava terminando meu relatório diário, recebemos a notícia maravilhosa da capitulação da Itália. Posso dizer: nunca joguei minhas anotações no cesto de lixo com tamanha satisfação quanto hoje!”

Em seguida tocaram “God Save the King”, o hino nacional do Reino Unido e a Internacional russa. Como sempre, o programa holandês se mostrava animado sem ser otimista demais.

Os ingleses desembarcaram em Nápoles. O norte da Itália está ocupado pelos alemães. A trégua foi assinada na sexta-feira, 3 de setembro, dia em que os ingleses desembarcaram na Itália. Os alemães estão alardeando em todos os jornais a traição de Badoglio e do rei da Itália.

Mesmo assim, também há más notícias. São sobre o Sr. Kleiman. Como você sabe, todos nós gostamos muito dele. É um homem alegre e incrivelmente corajoso, a despeito de estar sempre doente e sentindo dores, e de não poder comer muito nem andar muito.

– Quando o Sr. Kleiman entra num cômodo, o sol começa a brilhar – disse mamãe há pouco tempo. E ela está absolutamente certa.

Agora parece que ele tem de ser hospitalizado para uma operação muito difícil no estômago, e terá de ficar lá no mínimo quatro semanas. Você deveria tê-lo visto quando se despediu de nós. Agiu de modo normal, como se estivesse saindo para realizar uma tarefa na rua.

Sua Anne

Quinta-feira, 16 de setembro de 1943

Querida Kitty,

Os relacionamentos aqui no Anexo pioram a cada dia. Não ousamos abrir a boca na hora das refeições (a não ser para botar comida), porque não importa o que se diga, alguém acaba se ressentindo ou entende de modo errado. De vez em quando, o Sr. Voskuijl vem nos visitar. Infelizmente, ele não está muito bem. E não está facilitando as coisas para a sua família, porque sua atitude parece ser: me importar para quê? Vou morrer de qualquer jeito! Quando penso em como todo mundo aqui anda tão sensível, só posso imaginar como deve estar o clima na casa dos Voskuijl.

Estou tomando valeriana todos os dias para controlar a ansiedade e a depressão, mas isso não impede que me sinta ainda mais infeliz no dia seguinte. Uma boa gargalhada ajudaria mais do que dez gotas de valeriana, mas quase esquecemos aqui como se gargalha. Às vezes, tenho medo de que meu rosto fique flácido com toda essa tristeza e que minha boca fique caída para sempre nos cantos. Os outros não estão em situação melhor. Todo mundo anda apavorado com o grande terror conhecido como inverno.

Outro fato que não anima muito os nossos dias é que o Sr. van Maaren, o homem que trabalha no armazém, está desconfiando da existência do Anexo. Uma pessoa com algum cérebro já teria percebido que Miep diz às vezes que vai ao laboratório, Bep à sala dos arquivos e o Sr. Kleiman ao depósito da Opekta, enquanto o Sr. Kugler afirma que o Anexo não pertence a este prédio, e, sim, ao prédio vizinho.

Nós não nos importaríamos com o que o Sr. van Maaren pensa da situação, se ele não fosse considerado indigno de confiança e muito curioso. Não é o tipo de pessoa que se possa descartar com uma desculpa qualquer.

Certo dia, o Sr. Kugler quis ser especialmente cauteloso; ao meio-dia e vinte minutos vestiu o casaco e foi à farmácia da esquina. Menos de cinco minutos depois estava de volta, e subiu a escada como um ladrão para nos visitar. À uma e quinze se preparou para sair, mas Bep encontrou-o no patamar e disse que van Maaren estava no escritório. O Sr. Kugler se resignou e ficou conosco até uma e meia. Depois, tirou os sapatos e foi calçado somente de meias (apesar do frio) até o sótão da frente e desceu pela outra escada, dando um passo de cada vez, para evitar os estalos. Levou 15 minutos para vencer a escada, mas terminou em segurança no escritório, depois de ter entrado pela porta de fora.

Enquanto isso, Bep conseguira se livrar de van Maaren e tinha vindo pegar o Sr. Kugler no Anexo. Mas ele já havia saído, e naquele momento estava descendo cautelosamente a escada. O que será que as pessoas da rua devem ter pensado ao ver o gerente calçando os sapatos do lado de fora? Ei, você aí, andando só de meias!

Sua Anne

Quarta-feira, 29 de setembro de 1943

Querida Kitty,

É aniversário da Sra. van Daan. Afora cupons de racionamento para queijo, pão e carne, ela só ganhou de nós um pote de geleia. Seu marido, Dussel e o pessoal do escritório só lhe deram flores e comida também. São esses os tempos em que vivemos!

Bep teve uma crise nervosa na semana passada porque tinha muita coisa para fazer na rua. Dez vezes por dia, as pessoas mandavam que ela fizesse alguma coisa, sempre insistindo que ela fosse imediatamente ou que ela tinha feito tudo errado. E, quando se pensa que ela tem trabalho do escritório para fazer, que o Sr. Kleiman está doente, que Miep está gripada em casa, e que a própria Bep está com luxação num tornozelo, em crise com o namorado e um pai rabugento, não é de espantar que ela ande com os nervos à flor da pele. Nós a consolamos e dissemos que, se ela batesse o pé uma ou duas vezes e dissesse que não tinha tempo, as listas de compras encolheriam de imediato.

No sábado aconteceu um grande drama, como nunca tinha sido visto aqui. Começou com uma discussão sobre van Maaren e terminou numa briga geral com direito a lágrimas. Dussel reclamou com mamãe que estava sendo tratado como um leproso, que ninguém era amigo dele e que, afinal de contas, ele não fizera nada para merecer esse tratamento. Isso foi seguido por muita conversa mole que, felizmente, não convenceu mamãe dessa vez. Ela disse que estávamos decepcionados com ele e que, em mais de uma ocasião, ele havia provocado muito incômodo. Dussel prometeu a lua, mas, como sempre, não vimos nem mesmo um raio de luar.

Há problemas à vista com os van Daan, dá para ver! Papai anda furioso porque eles estão nos enganando: eles vêm escondendo carne e outras coisas. Ah, que tipo de bomba está para explodir agora? Se ao menos não nos envolvêssemos em todas essas brigas! Se ao menos eu pudesse sair daqui! Eles estão nos deixando loucos!

Sua Anne

Domingo, 17 de outubro de 1943

Querida Kitty,

O Sr. Kleiman voltou, graças a Deus! Está bem pálido, mesmo assim saiu alegremente para vender algumas roupas para o Sr. van Daan.

O fato desagradável é que o Sr. van Daan ficou sem dinheiro. Ele perdeu seus últimos 100 florins no armazém, o que ainda está gerando problemas para nós: os homens se perguntam como 100 florins poderiam sumir no armazém numa manhã de domingo. As suspeitas abundam. Enquanto isso, os 100 florins foram roubados. Quem foi o ladrão?

Mas eu ia falando sobre a falta de dinheiro. A Sra. van Daan tem pilhas de vestidos, casacos e sapatos, e acha que não pode abrir mão de nenhum. O terno do Sr. van Daan é difícil de ser passado adiante, e a bicicleta de Peter está à venda, mas ninguém quer comprar. Mas a história não termina aqui. Você vê, a Sra. van Daan vai ter de se separar de seu casaco de pele. Em sua opinião, a empresa deveria pagar nosso sustento, mas isso é ridículo. Houve uma briga terrível sobre isso, e os dois chegaram ao estágio de reconciliação cheio de "ah, meu doce Putti" e "querida Kerli".

Minha cabeça ficou abalada com a quantidade de desaforos que essa casa honrada teve de suportar no mês passado. Papai anda com os lábios tensos, e sempre que ouve o seu nome levanta os olhos alarmado, como se tivesse medo de que o chamem para resolver outro problema delicado. Mamãe anda tão alterada que está com o rosto cheio de manchas vermelhas, Margot reclama de dor de cabeça, Dussel não consegue dormir, a Sra. van Daan resmunga e solta fumaça o dia inteiro, e estou completamente maluca.

Para dizer a verdade, às vezes me esqueço de com quem estamos de bem e com quem estamos de mal.

A única maneira de afastar o pensamento é estudar, e ultimamente estou estudando muito.

Sua Anne

Sexta-feira, 29 de outubro de 1943

Minha querida Kitty,

O Sr. Kleiman saiu de novo; seu estômago não lhe dá um instante de paz. Ele nem sabe se parou de sangrar. Veio dizer que não estava se sentindo bem e que ia para casa, e pela primeira vez parecia realmente mal.

O Sr. e a Sra. van Daan tiveram mais brigas furiosas. O motivo é simples: eles estão falidos. Queriam vender um sobretudo e um terno do Sr. van Daan, mas não conseguiram encontrar quem comprasse. Os preços eram muito altos.

Há algum tempo, o Sr. Kleiman falou de um peleteiro que ele conhece. Isso deu ao Sr. van Daan a ideia de vender o casaco de pele da mulher. É feito de pele de coelho, e ela o tem há 17 anos. A venda rendeu 325 florins, uma quantia enorme. Ela queria guardar o dinheiro para comprar roupas novas depois da guerra, e demorou um bocado até o Sr. van Daan fazer com que ela entendesse que o dinheiro era extremamente necessário para cobrir despesas domésticas.

Você não pode imaginar a gritaria, as batidas de pés e os xingamentos. Foi terrível. Minha família ficou prendendo a respiração no pé da escada, para o caso de ser necessário apartá-los. Toda aquela briga, as lágrimas e o

nervosismo haviam se transformado em tamanha tensão que caí na cama à noite chorando e agradecendo aos céus por ter meia hora sozinha.

Estou bem, só que não tenho apetite. Vivo escutando: “Meu Deus, você está horrorosa!” Devo admitir que eles fazem o máximo para me manter em forma: vivem me enchendo de dextrose, óleo de fígado de bacalhau, lêvedo de cerveja e cálcio. Meus nervos costumam me dominar, principalmente aos domingos; é quando me sinto péssima. A atmosfera é sufocante e pesada como chumbo. Lá fora não se ouve um pássaro, e um silêncio mortal e opressivo paira sobre a casa e se gruda em mim, como se fosse me arrastar para as regiões mais profundas dos abismos subterrâneos. Em tempos assim, papai, mamãe e Margot não têm a menor importância para mim. Ando de cômodo em cômodo, subo e desço escadas e me sinto um pássaro de asas cortadas, que fica se atirando contra as barras da gaiola. “Me deixem sair para onde existem ar puro e risos!”, grita uma voz dentro de mim. Nem mesmo me incomodo mais em responder, só fico deitada no divã. O sono faz o silêncio e o medo terrível irem embora mais depressa, ajuda a passar o tempo, já que é impossível matá-lo.

Sua Anne

Sábado, 30 de outubro de 1943

Querida Kitty,

Os nervos de mamãe estão à flor da pele, e isso não é bom para mim. Será que é coincidência o fato de papai e mamãe nunca brigarem com Margot e sempre me culparem de tudo? Ontem à noite, por exemplo, Margot estava lendo um livro com ilustrações lindas; ela se levantou e deixou o livro de lado, para continuar depois. Eu não estava fazendo nada,

por isso peguei o livro e comecei a olhar as figuras. Margot voltou, viu o livro dela na minha mão, franziu a testa e exigiu furiosa o livro de volta. Eu queria olhar mais um pouco. Margot foi ficando cada vez mais furiosa, e mamãe se intrometeu:

– Margot estava lendo esse livro; devolva para ela.

Papai entrou e, sem nem mesmo saber o que estava acontecendo, viu que Margot estava sendo contrariada e partiu contra mim:

– Só queria ver o que você faria se Margot estivesse lendo um de seus livros!

Desisti imediatamente, larguei o livro e, de acordo com eles, saí do quarto ofendida. Eu não estava ofendida nem chateada, mas simplesmente triste.

Não foi justo papai fazer um julgamento sem saber qual era o assunto. Eu mesma teria devolvido o livro a Margot, e muito antes, se papai e mamãe não tivessem se intrometido e corrido em defesa dela, como se ela estivesse sofrendo uma grande injustiça.

Claro que mamãe ficou do lado de Margot; elas sempre ficam do mesmo lado. Estou tão acostumada com isso que me tornei totalmente indiferente às censuras de mamãe e ao mau humor de Margot. Eu gosto delas, mas somente porque são mamãe e Margot. Não dou a mínima para elas como pessoas. De minha parte, elas poderiam pular num lago. Com papai é diferente. Quando o vejo sendo parcial com Margot, aprovando qualquer coisa que ela faça, elogiando, abraçando, sinto uma dor por dentro, porque sou louca por ele. Eu me guio por papai, e não há ninguém no mundo que eu ame mais. Ele não percebe que trata Margot diferente de mim: por acaso Margot é simplesmente a mais inteligente, a mais delicada, a mais bonita e a melhor. Mas eu também tenho o direito de ser levada a sério. Sempre fui a palhaça e a ovelha negra da família; sempre tive de pagar em dobro pelos meus pecados: uma vez com broncas, e outra com meu desespero. Não estou

mais satisfeita com o afeto sem sentido e com as conversas supostamente sérias. Sinto falta de alguma coisa que papai é incapaz de me dar. Não tenho ciúme de Margot, nunca tive. Não invejo seu cérebro nem sua beleza. Só gostaria de sentir que papai realmente me ama, não porque sou sua filha, mas porque sou eu, Anne.

Eu me agarro a papai porque meu desprezo por mamãe cresce dia a dia, e só por intermédio dele consigo manter o pouquinho de sentimento familiar que ainda trago dentro de mim. Ele não entende que às vezes preciso demonstrar meus sentimentos com relação a mamãe. Ele não quer falar sobre isso e evita qualquer discussão relativa às falhas dela.

E, mesmo assim, mamãe, com todos os seus defeitos, é mais difícil de ser enfrentada. Não sei como devo agir. Não consigo fazer com que ela veja sua falta de atenção, seu sarcasmo e sua dureza de coração, mas não consigo assumir a culpa por tudo.

Sou o oposto de mamãe; por isso, nós nos desentendemos, claro. Não quero julgá-la; não tenho esse direito. Simplesmente estou olhando-a como mãe. Ela não é uma mãe para mim – eu tenho de ser minha própria mãe. Eu me afastei das duas. Não tenho escolha, porque posso imaginar como deveria ser uma mãe e uma esposa, e não consigo encontrar nada disso na mulher que deveria chamar de mãe.

Digo a mim mesma, repetidamente, para não ligar para o mau exemplo de mamãe. Só quero ver o seu lado bom, e procurar dentro de mim o que falta nela. Mas isso não funciona, e o pior é que papai e mamãe não percebem suas próprias incapacidades nem como eu os culpo por me deixarem deprimida. Será que existem pais que façam os filhos plenamente felizes?

Às vezes acho que Deus está querendo me testar, agora e no futuro. Vou ter de me tornar uma boa pessoa por conta própria, sem ninguém para

servir de modelo ou me aconselhar, mas no fim isso vai me tornar mais forte.

Quem mais, além de mim, vai ler estas cartas? Com quem mais, além de mim, posso procurar conforto? Estou sempre precisando de consolo, costumo me sentir fraca e com frequência deixo de atender às minhas expectativas. Sei disso, e todos os dias resolvo ser melhor.

Eles não são coerentes no modo como me tratam. Um dia dizem que Anne é uma garota sensível e que pode saber de tudo, e no dia seguinte Anne é uma bobalhona que não sabe de nada e imagina que aprendeu nos livros tudo o que precisa! Não sou mais o bebê e a queridinha mimada que provocava risos com tudo o que fazia. Tenho minhas próprias ideias, meus planos e ideais, mas ainda não consigo verbalizá-los.

Pois é. Tanta coisa me passa pela cabeça à noite, quando estou sozinha, ou durante o dia, quando sou obrigada a estar perto de gente que não suporto ou que sempre interpreta mal minhas intenções! É por isso que sempre termino voltando ao meu diário – começo nele e termino nele, porque Kitty é sempre paciente. Prometo a ela que, apesar de tudo, vou em frente, vou encontrar o meu caminho e refrear as lágrimas. Só gostaria de ver alguns resultados ou, pelo menos uma vez, receber incentivo de alguém que me ama.

Não me condene, mas pense em mim como uma pessoa que às vezes chega a ponto de explodir!

Sua Anne

Quarta-feira, 3 de novembro de 1943

Querida Kitty,

Para afastar os problemas de nossa mente e desenvolvê-la, papai pediu um catálogo de uma escola por correspondência. Margot examinou três vezes a brochura grossa sem encontrar nada que lhe agradasse e que estivesse dentro do orçamento. Papai foi mais fácil de agradar, e decidiu escrever pedindo uma aula experimental de latim elementar. Nem bem falou e logo agiu. A aula chegou. Margot passou a trabalhar entusiasmada e decidiu fazer o curso, a despeito do gasto. É difícil demais para mim, embora eu bem que gostaria de aprender latim.

Querendo me dar também um projeto, papai pediu ao Sr. Kleiman uma Bíblia infantil para que eu pudesse finalmente aprender alguma coisa sobre o Novo Testamento.

– Você está planejando dar a Anne uma Bíblia no Hanukkah? – perguntou Margot, meio perturbada.

– Sim... Bom, talvez o Dia de São Nicolau seja uma data melhor – respondeu papai.

Jesus e Hanukkah não combinam exatamente.

Como o aspirador de pó está quebrado, tenho de passar todas as noites uma escova velha no tapete. A janela está fechada, a luz está acesa, o fogão também, e lá estou eu escovando o tapete. "Certamente vai ser um problema", pensei comigo mesma pela primeira vez. "Vão reclamar." Eu estava certa: mamãe teve uma dor de cabeça por causa da nuvem espessa de poeira que ficou girando pelo cômodo, o novo dicionário de latim de Margot ficou coberto de pó e Pim reclamou que o chão não parecia nem um pouco diferente. São esses os agradecimentos pelas minhas dores.

Decidimos que, de agora em diante, acenderemos o fogo às sete e meia nas manhãs de domingo, e não às cinco e meia. Acho arriscado. O que será que os vizinhos pensarão da fumaça saindo pela chaminé?

Acontece o mesmo com as cortinas. Desde que viemos nos esconder, elas foram presas firmemente nas janelas. Às vezes uma das damas ou um

dos cavalheiros não consegue resistir a uma espiadinha lá fora. Resultado: uma tempestade de críticas. A resposta: “Ah, ninguém vai perceber.” É assim que começa e termina cada ato de descuido. Ninguém vai perceber, ninguém vai ouvir, ninguém vai prestar a mínima atenção. Fácil dizer, mas será verdade?

No momento, as brigas furiosas amainaram; somente Dussel e os van Daan ainda estão de cara feia. Quando Dussel fala sobre a Sra. van Daan, sempre a chama de “aquele morcego velho”, ou “aquela bruxa estúpida”, e, por sua vez, a Sra. van D. se refere ao nosso tão erudito cavalheiro como uma “velha” ou “uma tricoteira irritável e neurótica” etc.

É o roto falando do esfarrapado.

Sua Anne

Noite de segunda-feira,
8 de novembro de 1943

Querida Kitty,

Se você lesse todas as minhas cartas de uma vez, ficaria espantada com o fato de terem sido escritas com disposições de ânimo tão diferentes. Fico chateada por ser tão dependente dos humores aqui no Anexo, mas não sou a única: todos estamos sujeitos a eles. Se me envolvo num livro, preciso reorganizar os pensamentos antes de poder me juntar às outras pessoas, do contrário elas podem me achar estranha. Como você pode ver, estou atualmente no meio de uma depressão. Realmente não poderia dizer o que a provocou, mas acho que vem de minha covardia, que tenho de encarar o tempo todo. Hoje no fim da tarde, quando Bep ainda estava aqui, soou um toque longo e alto na campainha da porta. Fiquei branca no mesmo instante,

meu estômago revirou e meu coração bateu feito um louco – tudo isso porque eu estava com medo.

À noite, na cama, me vejo sozinha numa prisão, sem papai e mamãe. Ou estou andando pelas ruas, ou o Anexo está pegando fogo, ou eles vêm no meio da noite para nos levar e eu me enfio debaixo da cama, desesperada. Vejo tudo como se estivesse acontecendo. E pensar que tudo isso poderia acontecer logo!

Miep costuma dizer que nos inveja porque temos tanta paz e silêncio aqui. Pode ser verdade, mas ela obviamente não está se lembrando do nosso medo.

Simplesmente não consigo imaginar que o mundo volte a ser normal para nós. Falo sobre depois da guerra, mas é como se estivesse falando de castelos no ar, de uma coisa que pode nunca acontecer.

Vejo nós oito, no Anexo, como se fôssemos um retalho de céu azul rodeado por nuvens negras e ameaçadoras. O trecho perfeitamente redondo onde estamos ainda é seguro, mas as nuvens se aproximam, e o círculo entre nós e o perigo que se aproxima está se apertando cada vez mais. Estamos rodeados por escuridão e perigo, e, em nossa busca desesperada por uma saída, vivemos nos chocando uns contra os outros. Olhamos as lutas lá embaixo e a paz e a beleza lá em cima. Enquanto isso, somos cortados pela massa de nuvens, de modo que não podemos subir nem descer. Ela paira diante de nós como uma parede impenetrável, tentando nos esmagar, mas ainda sem conseguir. Só posso chorar e pedir: “Ah, círculo, círculo, abra e nos deixe sair!”

Sua Anne

Quinta-feira, 11 de novembro de 1943

Querida Kitty,

Tenho um bom título para este capítulo:

Ode à minha caneta-tinteiro:
In Memoriam

Minha caneta-tinteiro foi sempre um de meus bens mais preciosos; eu a valorizava tremendamente, sobretudo porque tinha pena grossa, e só consigo escrever direito com penas grossas. Teve uma vida longa e interessante de caneta-tinteiro, que irei resumir a seguir:

Quando eu tinha 9 anos, minha caneta-tinteiro (envolta em algodão) chegou de Aachen, onde morava minha avó (a gentil doadora), como amostra sem valor comercial. Eu estava de cama, gripada, enquanto os ventos de fevereiro uivavam ao redor do apartamento. A esplêndida caneta-tinteiro veio num estojo de couro vermelho, e mostrei às minhas amigas na primeira chance que tive. Eu, Anne Frank, a orgulhosa dona de uma caneta-tinteiro!

Quando tinha 10 anos, me deixaram levar a caneta para a escola, e, para minha surpresa, a professora até deixou que eu escrevesse com ela. Mas, quando fiz 11 anos, meu tesouro teve de ser guardado de novo, porque a professora da sexta série só nos deixava usar penas e tinteiros. Quando fiz 12 anos, fui para o Liceu Israelita, e minha caneta-tinteiro ganhou outro estojo em homenagem à ocasião. Ele não somente tinha espaço para um lápis, mas tinha também um zíper, o que era muito mais impressionante. Quando fiz 13 anos, a caneta veio comigo para o Anexo, e juntas percorremos incontáveis diários e redações. Fiz 14, e minha caneta-tinteiro desfrutava seu último ano de vida comigo, quando...

Foi pouco depois das cinco da tarde de sexta-feira. Saí de meu quarto e ia me sentar à mesa para escrever quando fui empurrada para o lado, para

dar espaço a Margot e papai, que queriam estudar latim. A caneta continuou na mesa, enquanto a dona, suspirando, era forçada a usar um canto minúsculo da mesa, onde começou a esfregar feijões. É assim que removemos mofo dos feijões e restauramos seu estado original. Às quinze para as seis varri o chão, coloquei o pó num jornal, com os feijões podres, e joguei no fogo. Saltou uma chama gigantesca, e achei maravilhoso que o fogo, que estivera nos últimos estertores, tivesse uma recuperação tão milagrosa.

Tudo ficou quieto de novo. Os estudantes de latim haviam saído, e me sentei à mesa para continuar do ponto em que havia parado. Mas, por mais que procurasse, não encontrava minha caneta-tinteiro. Procurei de novo. Margot procurou, mamãe procurou, papai procurou, Dussel procurou. Mas ela havia sumido.

– Talvez tenha caído no fogo, com os feijões! – sugeriu Margot.

– Não, não poderia ter acontecido! – respondi.

Mas, naquela noite, quando a caneta ainda não havia aparecido, todos presumimos que havia se queimado, principalmente porque o celuloide é altamente inflamável. Nossos piores medos foram confirmados no dia seguinte, quando papai foi limpar a lareira e encontrou entre as cinzas o clipe de prender a caneta no bolso. “Talvez tenha derretido no fogo”, papai pensou.

Tive um consolo, por pequeno que fosse: minha caneta-tinteiro foi cremada, como eu gostaria de ser um dia!

Sua Anne

Quarta-feira, 17 de novembro de 1943

Querida Kitty,

Acontecimentos recentes fizeram o prédio estremecer nos alicerces. Por causa de um surto de diÉeria na casa de Bep, ela não poderá entrar em contato conosco durante seis semanas. Sem ela, cozinhar e fazer compras será muito difícil, para não dizer o quanto sentiremos falta de sua companhia. O Sr. Kleiman ainda está de cama e há três dias não come nada, a não ser mingau. O Sr. Kugler está atolado de trabalho até o pescoço.

Margot manda as lições de latim a um professor, que as corrige e devolve. Ela está matriculada com o nome de Bep. O professor é muito bom e engraçado também. Aposto que fica feliz por ter uma aluna tão boa.

Dussel está agitadíssimo, e não sabemos por quê. Começou ficando mudo sempre que estava no andar de cima; não trocava sequer uma palavra com o Sr. ou a Sra. van Daan. Todo mundo notou. Isso continuou durante alguns dias; aí, mamãe aproveitou para alertá-lo sobre a Sra. van D., que poderia tornar a vida dele um sofrimento. Dussel disse que o Sr. van Daan começara a dar gelo primeiro, e que ele não tinha intenção de ceder. Eu deveria explicar que ontem foi 16 de novembro, primeiro aniversário de sua estada no Anexo. Mamãe recebeu uma planta em homenagem à ocasião, mas a Sra. van Daan, que aludira à data durante semanas e que deixava claro que Dussel deveria nos oferecer um jantar, não ganhou nada. Em vez de usar a oportunidade para agradecer – pela primeira vez – o fato de o termos abrigado generosamente, ele não disse uma palavra. E, na manhã do dia 16, quando perguntei se deveria lhe dar os parabéns ou os pêsames, ele respondeu que tanto fazia. Mamãe, tendo assumido o papel de pacificadora, não disse nada, e a situação finalmente terminou empatada.

Posso dizer, sem exagero, que Dussel tem um parafuso a menos. Nós costumamos rir quando ele não está perto, porque ele não tem memória, nem opiniões fixas, nem bom senso. Mais de uma vez nos espantou tentando transmitir as notícias que tinha acabado de escutar, porque a

mensagem invariavelmente se embaralha na transmissão. Além disso, ele responde a cada crítica ou acusação com um monte de promessas ótimas, mas nunca cumpre.

Der Mann hat einen grossen Geist
Und ist so klein von Taten![11]

Sua Anne

Sábado, 27 de novembro de 1943

Querida Kitty,

Ontem à noite, quando eu estava caindo no sono, Hanneli subitamente apareceu diante de mim.

Eu a vi ali, vestida de trapos, o rosto magro e desgastado. Ela me olhou com uma tristeza e com uma reprovação tão grandes em seus olhos enormes, que consegui ler a mensagem neles: "Ah, Anne, por que me abandonou? Me ajude, me ajude, me salve desse inferno!"

E não posso ajudá-la. Só posso ficar olhando, enquanto as pessoas sofrem e morrem. Só posso rezar para que Deus as traga de volta para nós. Eu vi Hanneli, só ela, e entendi por quê. Eu a julguei mal, não fui bastante madura para compreender como foi difícil para ela. Ela era muito dedicada à sua amiga, e deve ter parecido que eu estava tentando afastá-la. Como a coitadinha deve ter se sentido mal! Tive um relâmpago de entendimento, mas depois fiquei egoísta e me envolvi de novo em meus problemas e prazeres.

Foi maldade minha tratá-la daquele jeito, e agora ela estava me olhando, ah, tão desamparada, com o rosto pálido e os olhos desesperados. Se ao

menos pudesse ajudá-la! Meu Deus, eu tenho tudo que poderia desejar, enquanto o destino pegou-a com suas garras mortais. Ela era tão dedicada quanto eu, talvez até mais, e também queria fazer o que era certo. Mas por que fui escolhida para viver, enquanto ela provavelmente vai morrer? Qual é a diferença entre nós? Por que estamos tão distantes agora?

Para ser sincera, eu não pensava nela havia meses – não, pelo menos há um ano. Tinha esquecido completamente, e só quando a vi na minha frente pensei em todo o seu sofrimento.

Ah, Hanneli, espero que você viva até o fim da guerra e volte para nós, então poderei recebê-la e remediar o mal que lhe causei.

Mas, mesmo que eu estivesse em condições de ajudar, ela não precisaria mais do que precisa agora. Imagino se ela pensa em mim, e o que estará sentindo.

Deus misericordioso, conforte-a, para que ao menos ela não fique só. Ah, se ao menos o Senhor pudesse dizer-lhe que estou pensando nela com compaixão e amor, isso poderia ajudá-la.

Tenho de parar de pensar nisso. Não vai me levar a nada. Continuo vendo seus olhos enormes, e eles me assombram. Será que Hanneli realmente acredita em Deus, ou será que a religião foi simplesmente imposta a ela? Nem sei disso. Nunca me dei o trabalho de perguntar.

Hanneli, Hanneli, se ao menos eu pudesse salvá-la, se ao menos pudesse compartilhar com você tudo o que tenho. É tarde demais. Não posso ajudar, nem desfazer o mal que fiz. Mas nunca mais vou esquecê-la, e sempre rezarei por ela.

Sua Anne

Segunda-feira, 6 de dezembro de 1943

Querida Kitty,

À medida que se aproxima o Dia de São Nicolau, todos nós pensamos na cesta decorada do ano passado. Mais do que qualquer pessoa, eu acho que seria terrível não celebrar neste ano. Depois de pensar muito, finalmente tive uma ideia, uma coisa engraçada. Consultei Pim, e há uma semana começamos a trabalhar num poema para cada pessoa.

Na noite de domingo, às quinze para as oito, subimos a escada carregando o grande cesto de lavanderia, decorado com figuras recortadas e laços de papel-carbono rosa e azul. Em cima havia um grande pedaço de papel de embrulho com um bilhete preso. Todo mundo ficou espantado só com o tamanho do presente. Tirei o bilhete e li em voz alta:

O Dia de São Nicolau chega de novo
Ao esconderijo de nosso povo;
Acho que não vai ser tão engraçado
Quanto o dia feliz do ano passado.
Tínhamos esperança, sem duvidar,
De que o otimismo iria ganhar,
De que, quando chegasse este dia,
Livre e seguro cada qual estaria.
Mesmo assim, não deixaremos a data passar,
Mesmo não tendo nada para dar.
Temos de inventar algum fato:
Por isso, cada um olhe em seu sapato!

Quando cada pessoa pegou o próprio sapato na cesta, houve gargalhadas gerais. Dentro de cada sapato havia um embrulhinho endereçado ao dono.

Sua Anne

Quarta-feira, 22 de dezembro de 1943

Querida Kitty,

Um resfriado forte não me deixou escrever para você até hoje. É apavorante ficar doente aqui. A cada tosse eu tinha de me enfiar sob o cobertor – uma, duas, três vezes – e tentar não tossir mais. Na maioria das vezes, a irritação na garganta se recusava a sumir, e eu tinha de beber leite com mel, açúcar ou gotas para tosse. Fico tonta só de pensar em todos os tipos de cura a que fui submetida: suadouros, tratamento de vapor, compressas úmidas, compressas secas, bebidas quentes, pinceladas na garganta, repouso absoluto, travesseiro quente, bolsa de água quente, limonada e, a cada duas horas, o termômetro. Será que esses remédios realmente curam? A pior parte era quando o Sr. Dussel decidia bancar o médico e encostava sua cabeça cheia de brilhantina no meu peito nu, para ouvir os sons. Não somente seus cabelos pinicavam, mas eu ficava com vergonha, mesmo sabendo que ele frequentou a escola há trinta anos e tem uma espécie de diploma médico. Por que deveria encostar a cabeça em meu coração? Afinal de contas, ele não é meu namorado! Por sinal, ele não poderia dizer qual a diferença entre um som saudável e um som doentio. Antes, teria de limpar os ouvidos, já que está ficando com uma surdez incrível. Mas chega de minha doença. Estou ótima de novo. Cresci mais de um centímetro e ganhei um quilo. Estou pálida, mas doida para voltar aos livros.

Ausnahmweise[12] (é a única palavra que cabe aqui), estamos todos nos dando bem. Nenhuma briga, ainda que isso provavelmente não dure muito. Há pelo menos seis meses não baixava uma paz assim nesta casa.

Bep ainda está de quarentena, mas qualquer dia desses sua irmã vai passar do período de contágio.

Para o Natal, estamos recebendo óleo de cozinha extra, doce e melado. No Hanukkah o Sr. Dussel deu à Sra. van Daan e a mamãe um lindo bolo, que ele pediu para Miep assar. Além de todo o trabalho que ela já tem! Margot e eu ganhamos um broche feito com uma moeda de um *penny*, lustrosa e brilhante. Realmente não consigo descrever, mas é lindo.

Também tenho um presente de Natal para Miep e Bep. Durante um mês inteiro, economizei o açúcar que coloco no cereal quente, e o Sr. Kleiman o usou para fazer *fondants*.

O tempo está chuvoso e encoberto, o fogão cheira mal e a comida pesa em nossos estômagos, produzindo uma variedade de roncos.

A guerra se encontra num impasse, os ânimos estão baixos.

Sua Anne

Sexta-feira, 24 de dezembro de 1943

Querida Kitty,

Como escrevi muitas vezes antes, os humores tendem a nos afetar um bocado, e, no meu caso, isso está ficando pior ultimamente. *Himmelhoch jauchzend, zu Tode betrübt*[13] certamente se aplica a mim. Estou no topo do mundo quando penso em como temos sorte, ao me comparar com outras crianças judias, e nas profundezas do desespero quando, por exemplo, a Sra. Kleiman vem falar sobre o clube de hóquei de Jopie, passeios de canoa, peças de teatro na escola e chás com amigos.

Não acho que eu tenha ciúme de Jopie, mas gostaria de pelo menos uma vez me divertir de verdade, e de rir tanto a ponto de sentir dor. Estamos trancados nesta casa como se fôssemos leprosos, especialmente durante o inverno, o Natal e os feriados de Ano-Novo. Na verdade, eu nem deveria

estar escrevendo nada disso, pois pareço ingrata, mas não posso guardar tudo dentro de mim, portanto repito o que disse no início: “O papel é mais paciente do que as pessoas.”

Sempre que vem alguém de fora, com o vento nas roupas e o frio nas bochechas, sinto vontade de enterrar a cabeça debaixo dos cobertores para não pensar: “Quando será que poderemos respirar ar puro de novo?” Não posso fazer isso – pelo contrário, tenho de manter a cabeça erguida e ver as coisas de modo corajoso, mas os pensamentos voltam assim mesmo. Não apenas uma vez, mas sempre e sempre.

Acredite, se você ficasse trancada um ano e meio, acabaria achando demais. Mas os sentimentos não podem ser ignorados, não importa que pareçam injustos ou ingratos. Gostaria de andar de bicicleta, dançar, assoviar, olhar o mundo, me sentir jovem e saber que sou livre, mas não posso deixar isso transparecer. Imagine o que aconteceria se nós oito sentíssemos pena de nós mesmos ou se andássemos com a tristeza visível no rosto. Aonde isso nos levaria? Às vezes me pergunto se alguém algum dia entenderá o que estou dizendo, se alguém deixaria de lado a minha ingratidão e não se importaria se sou judia, e apenas me visse como uma adolescente que precisa demais de uma simples diversão. Não sei, e não poderia falar disso com ninguém, porque tenho certeza de que começaria a chorar. Chorar pode trazer alívio, desde que você não chore sozinha. Apesar de todas as minhas teorias e meus esforços, sinto falta – todo dia e toda hora – de uma mãe que me compreenda. É por isso que, em tudo o que faço e escrevo, imagino o tipo de mãe que eu gostaria de ser para os meus filhos no futuro. O tipo de mãe que não leva tão a sério tudo o que as pessoas dizem, mas que me leva a sério. Acho difícil descrever o que estou pensando, mas a palavra “mamãe” diz tudo. Sabe no que pensei? Para me dar o sentimento de chamar minha mãe de alguma coisa que soe como “mamãe”, costumo chamá-la de mama. Algumas vezes abrevio para mam: uma “mamãe”

imperfeita. Gostaria de poder homenageá-la completando a palavra. É bom que ela não perceba isso, porque só ficaria infeliz.

Bom, chega dessa conversa. O fato de escrever me levantou um pouco das “profundezas do desespero”.

Sua Anne

É o dia seguinte ao Natal, e não consigo deixar de pensar em Pim e na história que ele me contou nessa época, no ano passado. Não entendi o significado das palavras como entendo agora. Se ao menos puxasse o assunto de novo, poderia mostrar que entendo o que ele quis dizer.

Acho que Pim me contou aquilo porque ele, que conhece os segredos íntimos de tanta gente, precisou pelo menos uma vez expressar seus sentimentos; Pim nunca fala de si mesmo, e não creio que Margot tenha a menor ideia das coisas pelas quais ele passou. Coitado, Pim não consegue me enganar, dizendo que esqueceu aquela moça. Ele nunca vai esquecer. Ficou muito acomodado, porque não é cego às falhas de mamãe. Espero me tornar um pouco parecida com ele, sem ter de passar pelo que ele passou!

Anne

Segunda-feira, 27 de dezembro de 1943

Na noite de sexta-feira, pela primeira vez na vida, ganhei um presente de Natal. O Sr. Kleiman, o Sr. Kugler e as garotas prepararam uma surpresa maravilhosa para nós. Miep fez um delicioso bolo de Natal e escreveu em cima “Paz, 1944”, e Bep trouxe um bocado de biscoitos dignos dos padrões anteriores à guerra.

Peter, Margot e eu ganhamos potes de iogurte, e cada um dos adultos ganhou uma garrafa de cerveja. E mais uma vez tudo estava muito bem

embrulhado, com figuras bonitas coladas nos pacotes. Quanto ao resto, os feriados passaram depressa para nós.

Anne

Quarta-feira, 29 de dezembro de 1943

Ontem à noite foi muito triste de novo. Vovó e Hanneli me apareceram de novo. Vovó, minha doce vovó. Não entendemos direito como ela sofreu, como foi sempre gentil e como se interessava por tudo a nosso respeito. E pensar que durante todo aquele tempo ela guardava seu segredo terrível.[14]

Vovó sempre foi leal e boa. Nunca decepcionou nenhum de nós. Não importava o que acontecesse, não importava que eu me comportasse mal, vovó sempre me defendia. Você me amava, vovó, ou será que também não me entendia? Não sei. Como ela deve ter sido solitária, apesar de nossa presença! A gente pode estar sozinha mesmo quando é amada por muitas pessoas, quando não é o "único amor" de ninguém.

E Hanneli? Será que ainda está viva? O que estará fazendo? Meu Deus, cuide dela e a traga de volta para nós. Hanneli, você faz lembrar qual poderia ter sido o meu destino. O tempo todo me vejo em seu lugar. Então, por que costumo ficar triste com o que acontece aqui? Será que eu não deveria estar feliz, contente e satisfeita, a não ser quando penso em Hanneli e nas pessoas que sofrem como ela? Sou egoísta e covarde. Por que será que sempre penso e sonho com as coisas mais horrendas e quero gritar de terror? Porque, apesar de tudo, ainda não tenho bastante fé em Deus. Ele me deu tanto, me deu coisas que eu não mereço, e mesmo assim cometo tantos erros todos os dias!

Dá para chorar ao pensar no sofrimento das pessoas das quais a gente gosta; na verdade, daria para chorar o dia inteiro. O máximo que a gente pode fazer é rezar para que Deus faça um milagre e salve pelo menos alguns deles. E espero estar rezando bastante!

Anne

Quinta-feira, 30 de dezembro de 1943

Querida Kitty,

Desde as últimas brigas, a situação se acalmou aqui, não somente entre nós, Dussel e o pessoal de cima, mas também entre o Sr. e a Sra. van Daan. Mesmo assim, algumas nuvens negras estão se aproximando, e tudo por causa de... comida. A Sra. van Daan veio com a ridícula ideia de fritar menos batatas de manhã e guardá-las para o resto do dia. Mamãe, Dussel e o restante de nós não concordamos, por isso estamos dividindo também as batatas. Parece que a gordura e o óleo não estão sendo distribuídos com justiça, e mamãe vai ter de colocar um ponto final nisso. Se acontecer alguma coisa interessante a respeito, eu conto a você. Nos últimos meses, estamos separando a carne (a deles com gordura, a nossa sem), a sopa (eles tomam, nós não), as batatas (as deles descascadas, as nossas não), os extras e agora também as batatas fritas.

Se ao menos pudéssemos nos separar de uma vez por todas!

Sua Anne

P.S.: Bep mandou copiar para mim uma foto com toda a família real. Juliana parece bem jovem, e a rainha também. As três garotinhas são adoráveis. Foi incrivelmente gentil da parte de Bep, não é?

Domingo, 2 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Hoje de manhã, quando eu não tinha nada para fazer, folheei as páginas de meu diário e encontrei tantas cartas falando de "mamãe" em termos tão fortes que fiquei chocada. Disse a mim mesma: "Anne, é você mesma falando de ódio? Ah, Anne, como pôde?"

Continuei sentada com o caderno aberto na mão, e me perguntei por que fiquei tão cheia de raiva e ódio a ponto de precisar contar tudo a você. Tentei entender a Anne do ano passado e me desculpar por ela, porque enquanto eu deixar você com essas acusações e não tentar explicar o que as provocou, minha consciência não ficará limpa. Na época, eu estava sofrendo (e ainda estou) com estados de ânimo que mantinham minha cabeça debaixo d'água (figuradamente) e só deixavam que eu visse as coisas segundo meu ponto de vista, sem analisar calmamente o que os outros – pessoas a quem, com meu temperamento volúvel, eu tinha ferido ou ofendido – tinham dito, para depois agir como eles teriam feito.

Eu me escondi dentro de mim, pensei somente em mim e tranquilamente escrevi no diário sobre toda a minha alegria, o meu sarcasmo e a minha tristeza. Como este diário se transformou numa espécie de livro de memórias, ele significa muito para mim, mas eu poderia facilmente escrever "passado e esquecido" em muitas páginas.

Estava furiosa com mamãe (e na maior parte do tempo ainda estou). É verdade, ela não me entendia, mas eu também não a entendia. Como me amava, ela era terna e afetuosa, mas por causa das situações difíceis em que eu a punha – e por conta das circunstâncias em que ela se encontrava –, mamãe ficava nervosa e irritada, e eu consigo entender por que ela costumava ser rígida comigo.

Eu me ofendi, levei a coisa muito a sério e fui respondona e malcriada com ela; o que, por sua vez, deixou-a infeliz. Fomos apanhadas num círculo vicioso de ofensas e tristezas. Não foi um período muito feliz para nenhuma de nós, mas pelo menos está terminando. Eu não queria ver o que acontecia, e sentia pena de mim, mas isso também é compreensível.

Aquelas explosões violentas no papel são simples expressões de raiva que, numa vida normal, eu poderia ter resolvido me trancando em meu quarto e batendo com os pés, ou xingando mamãe pelas costas.

Terminou o período de lágrimas e julgamentos contra mamãe. Estou mais crescida e os nervos de mamãe estão mais tranquilos. Na maior parte do tempo, consigo segurar a língua quando me sinto chateada, e ela também; assim, superficialmente, parece que estamos nos dando melhor. Mas há uma coisa que não consigo fazer: amar mamãe com a devoção de uma filha.

Acalmo minha consciência com o pensamento de que é melhor pôr as palavras no papel do que deixar que mamãe as carregue no coração.

Sua Anne

Quinta-feira, 6 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Hoje tenho duas coisas para confessar. Vai demorar um longo tempo, mas tenho de contar a alguém, e você é a candidata mais adequada – sei que vai guardar segredo, não importa o que aconteça.

A primeira é sobre mamãe. Como sabe, sempre reclamei dela e depois tentei ao máximo ser gentil. De repente, percebi o que há de errado nela. Mamãe disse que nos vê mais como amigas do que como filhas. Isso é muito

bom, claro, só que uma amiga não pode substituir uma mãe. Eu preciso que minha mãe seja um bom exemplo e uma pessoa a quem eu possa respeitar, mas na maioria das vezes ela é um exemplo do que não fazer. Tenho a sensação de que Margot pensa de um modo tão diferente que nunca entenderá o que acabo de dizer. E papai evita qualquer conversa sobre mamãe.

A mãe que eu imagino é uma pessoa que, em primeiro lugar, tem muito tato, sobretudo com relação aos filhos adolescentes, e não uma pessoa que, como mama, zomba de mim quando choro. Não porque estou sofrendo, mas por causa de outras coisas.

Pode parecer bobagem, mas há um incidente pelo qual jamais poderei perdoá-la. Aconteceu num dia em que eu precisava ir ao dentista. Mamãe e Margot planejaram ir comigo e deixaram que eu fosse de bicicleta. Quando o dentista terminou e estávamos voltando, Margot e mamãe informaram muito delicadamente que iam ao centro da cidade comprar ou ver alguma coisa, não lembro o quê, e claro que eu quis ir junto. Mas elas disseram que eu não poderia porque estava com minha bicicleta. Lágrimas de raiva me vieram aos olhos, e Margot e mamãe começaram a rir de mim. Fiquei tão furiosa que mostrei a língua para elas, ali na rua. Uma velhinha que ia passando ficou chocadíssima. Voltei para casa de bicicleta e devo ter chorado durante horas. O estranho é que, apesar de mamãe ter me ferido milhares de vezes, esse ferimento específico ainda dói sempre que penso em como fiquei furiosa.

Acho difícil confessar a segunda coisa, porque é sobre mim. Não sou puritana, Kitty, e, no entanto, sempre que eles fazem um relato completo de suas idas ao banheiro, o que acontece com frequência, todo o meu corpo se revolta.

Ontem, li um artigo de Sis Heyster sobre pessoas que enrubescem. Foi como se ela tivesse escrito para mim. Não que eu enrubesça com facilidade,

mas o restante do artigo tinha a ver. O que ela diz, basicamente, é que durante a puberdade as meninas se recolhem em si mesmas e começam a pensar nas mudanças maravilhosas que acontecem em seus corpos. Sinto isso também, o que provavelmente é o motivo de minha vergonha recente com relação a Margot, mamãe e papai. Por outro lado, Margot é muito mais tímida do que eu, e mesmo assim não fica nem um pouco envergonhada.

Acho que o que está acontecendo comigo é maravilhoso, e não falo somente das mudanças que acontecem no exterior do meu corpo, mas também das que ocorrem por dentro. Nunca comento essas coisas com os outros, e é por isso que tenho de falar sobre elas comigo mesma. Sempre que fico menstruada (e isso só aconteceu três vezes), tenho a sensação de que, apesar de toda a dor, do desconforto e da sujeira, sou dona de um segredo. Assim, mesmo sendo uma coisa chata, de certo modo estou sempre ansiosa pela época em que vou sentir esse segredo outra vez dentro de mim.

Sis Heyster também escreve que as meninas da minha idade se sentem muito inseguras consigo mesmas e mal estão começando a descobrir que são indivíduos com ideias, pensamentos e hábitos próprios. Tinha acabado de fazer 13 anos quando cheguei aqui, por isso comecei a pensar em mim mesma e percebi que tinha me tornado uma “pessoa independente” mais cedo do que a maioria das garotas. Às vezes, quando me deito à noite, sinto um desejo terrível de tocar meus seios e ouvir as batidas calmas e firmes de meu coração.

Inconscientemente, eu tinha essas sensações antes mesmo de vir para cá. Uma vez, quando estava passando a noite na casa de Jacque, não pude conter minha curiosidade sobre seu corpo, que ela sempre havia escondido de mim e que eu nunca tinha visto. Perguntei se, como prova de nossa amizade, poderíamos tocar os seios uma da outra. Jacque recusou. Também tive um desejo terrível de beijá-la, e beijei. Sempre que vejo uma mulher nua, como a Vênus em meu livro de história da arte, entro em êxtase. Às vezes acho que

elas são tão maravilhosas que tenho de lutar para conter as lágrimas. Se ao menos eu tivesse uma amiga!

Quinta-feira, 6 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Meu desejo de ter alguém com quem conversar ficou tão insuportável que, de algum modo, enfiei na cabeça que tinha de escolher Peter. Nas poucas ocasiões em que fui até o quarto de Peter de dia, sempre achei que era um lugar bom e aconchegante. Mas Peter é educado demais para mandar alguém embora, mesmo quando está sendo importunado, por isso nunca ousei ficar muito tempo. Sempre tive medo de que ele me achasse uma intrometida. Estive procurando uma desculpa para ficar mais tempo em seu quarto e fazer com que ele entrasse na conversa sem sentir, e ontem tive a minha chance. Peter atualmente está passando por uma mania de palavras cruzadas, e não faz outra coisa o dia inteiro. Eu estava ajudando, e ficamos sentados um diante do outro, na mesa dele, Peter na cadeira e eu no divã.

Tive um sentimento maravilhoso quando olhei em seus olhos azul-escuros e vi como ele ficara retraído com minha visita inesperada. Dava para ler seus pensamentos mais íntimos, e vi em seu rosto um ar de desamparo e insegurança quanto ao modo de se comportar, e, ao mesmo tempo, tive um vislumbre de consciência da sua masculinidade. Vi sua timidez e me derreti. Quis dizer: “Fale de você. Veja além de minha aparência fútil.” Mas achei mais fácil pensar nas perguntas do que fazê-las.

A tarde passou e nada aconteceu, a não ser eu ter falado sobre o artigo sobre pessoas que enrubescem. Não as coisas que escrevi para você, claro, só disse que ele ficaria mais seguro à medida que envelhecesse.

Naquela noite, deitei-me na cama e chorei até me acabar, ao mesmo tempo em que procurava ter certeza de que ninguém me ouvia. A ideia de precisar pedir favores a Peter era simplesmente revoltante. Mas as pessoas fazem quase qualquer coisa para satisfazer seus desejos; veja o meu exemplo: tomei a decisão de visitar Peter com mais frequência e, de algum modo, fazer com que ele conversasse comigo.

Não pense que estou apaixonada por Peter, porque não estou. Se os van Daan tivessem uma filha, e não um filho, eu tentaria ficar amiga dela.

Hoje de manhã acordei logo antes das sete, e imediatamente me lembrei do sonho que tive. Estava sentada numa cadeira, e diante de mim estava Peter... Peter Schiff. Estávamos olhando um livro de desenhos de Mary Bos. O sonho foi tão nítido que até me lembro de alguns desenhos. Mas não foi só isso – o sonho continuou. Os olhos de Peter subitamente encontraram os meus, e fiquei olhando durante muito tempo aqueles olhos castanhos aveludados. Então, ele disse, em voz baixa:

– Se eu soubesse, teria procurado você há muito tempo!

Virei-me bruscamente, esmagada pela emoção. E, aí, senti um rosto macio, cálido e suave contra o meu, e foi tão bom, tão bom...

Nesse ponto acordei, ainda sentindo o rosto encostado no meu e os olhos castanhos olhando o fundo de meu coração, tão fundo que ele conseguia ler quanto eu o amava, e quanto ainda o amo. De novo, meus olhos se encheram de lágrimas, e fiquei triste por perdê-lo mais uma vez e, ao mesmo tempo, feliz, porque sabia, com certeza, que Peter ainda é o único para mim.

É engraçado, mas costumo ter essas imagens nítidas nos sonhos. Uma noite vi com tanta clareza a vó[15] a ponto de perceber sua pele de veludo macia e enrugada. De outra vez, vovó apareceu como um anjo da guarda. Depois disso, foi Hanneli, que ainda simboliza para mim o sofrimento de todos os meus amigos e dos judeus em geral, de modo que, quando estou

rezando por ela, também rezo por todos os judeus e por todas as pessoas que passam necessidades.

E agora Peter, meu querido Peter. Eu nunca tinha tido uma imagem mental tão clara de Peter. Não preciso de fotografia, posso vê-lo bem demais.

Sua Anne

Sexta-feira, 7 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Sou tão idiota! Esqueci que ainda não contei a você a história de meu único amor verdadeiro.

Quando eu era uma menininha, na época da pré-escola, comecei a gostar de Sally Kimmel. Seu pai havia morrido, e ele e a mãe moravam com uma tia. Um dos primos de Sally era um garoto bonito, esguio e de cabelos escuros, chamado Appy, que mais tarde ficou parecido com um astro de cinema e atraía mais admiração do que o pequeno, atarracado e engraçado Sally. Durante muito tempo, eu e Sally íamos juntos a todo canto, mas, afora isso, meu amor não foi correspondido, até que Peter atravessou meu caminho, e fiquei caidinha por ele. Ele também gostou de mim, e ficamos juntos um verão inteiro. Ainda nos vejo andando de mãos dadas pela vizinhança, Peter de terno de algodão branco e eu num vestido curto de verão. No fim das férias de verão, ele foi para a sétima série, e eu, para a sexta. Ele me pegava no caminho de casa, ou eu o apanhava. Peter era o menino ideal: alto, bonito e magro, com um rosto sério, quieto e inteligente. Tinha cabelos escuros, lindos olhos castanhos, bochechas vermelhas e um nariz lindamente afilado. Eu era maluca pelo seu sorriso, que o fazia parecer moleque e malandro.

Passei as férias de verão no campo e, quando voltei, Peter não estava no mesmo lugar; tinha se mudado e estava morando com um garoto mais velho, que parece ter dito que eu era só uma criança, porque Peter parou de se encontrar comigo. Eu o amava tanto que não quis enfrentar a verdade. Continuei grudada até o dia em que finalmente percebi que, se continuasse atrás dele, as pessoas diriam que eu era assanhada.

Os anos passaram. Peter estava sempre com garotas da sua idade e não se incomodava em me dizer "oi". Comecei a estudar no Liceu Israelita, e vários garotos de minha turma se apaixonaram por mim. Gostei disso e me senti honrada pelas atenções, mas era só. Mais tarde, Hello ficou completamente caído por mim, mas, como já disse, nunca me apaixonei de novo.

Há um ditado que diz: "O tempo cura todas as feridas." Foi assim comigo. Eu disse a mim mesma que esqueceria Peter e que não gostava mais dele. Mas as lembranças são tão fortes que tenho de admitir que o único motivo para não gostar mais dele era o ciúme das outras garotas. Hoje de manhã, percebi que nada mudou; pelo contrário, à medida que cresci e amadureci, meu amor também cresceu. Agora posso entender que Peter me achava infantil, mas, mesmo assim, dói pensar que ele me esqueceu de vez. Vi o seu rosto tão claramente! Tive certeza de que somente Peter poderia ter ficado tão preso ao meu pensamento.

Hoje, fiquei num estado de confusão total. Quando papai me beijou de manhã, eu quis gritar: "Ah, se você fosse Peter!" Estive pensando nele constantemente, e o dia inteiro fiquei repetindo para mim mesma: "Ah, Petel, meu querido Petel..."

Quem pode me ajudar? Simplesmente tenho de continuar vivendo e pedindo a Deus que, se algum dia sairmos daqui, o caminho de Peter se cruze com o meu; que ele olhe nos meus olhos, leia o amor que existe neles e diga: "Ah, Anne, se eu soubesse, teria procurado você há muito tempo."

Uma vez, quando papai e eu estávamos falando sobre sexo, ele disse que eu era muito nova para entender esse tipo de desejo. Mas eu achava que entendia, e agora tenho certeza de que entendo. Nada me é tão caro quanto meu querido Petel!

Vi meu rosto no espelho, e ele parecia tão diferente! Meus olhos estavam claros e profundos, minhas bochechas, rosadas, coisa que não acontecia há semanas, minha boca estava muito mais macia. Eu parecia feliz; entretanto, havia alguma coisa triste em minha expressão, que fez o sorriso desaparecer de imediato. Não estou feliz, porque sei que Petel não pensa em mim, e, mesmo assim, ainda consigo sentir seus olhos lindos me olhando e seu rosto macio encostado no meu... Ah, Petel, Petel, como vou me libertar de sua imagem? Qualquer um que ocupasse o seu lugar seria um fraco substituto. Amo você, com um amor tão grande que simplesmente não pode continuar crescendo no coração, precisa saltar para fora e se revelar em toda magnitude.

Há uma semana, até mesmo há um dia, se você me perguntasse "Com qual de seus amigos você poderia se casar?", teria respondido: "Sally, porque ele faz com que eu me sinta bem, em paz e segura!" Mas agora eu gritaria: "Petel, porque eu o amo de todo o coração e de toda a minha alma. Eu me rendo completamente!" A não ser por uma coisa: ele pode tocar meu rosto, mas só isso.

Esta manhã imaginei que estava no sótão da frente com Petel, sentada no chão perto das janelas, e que depois de conversar um pouco, nós dois começamos a chorar. Momentos depois, senti sua boca e seu rosto maravilhoso! Ah, Petel, venha para mim. Pense em mim, Petel querido!

Quarta-feira, 12 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Bep voltou há duas semanas, mas sua irmã só vai poder frequentar a escola na semana que vem. A própria Bep passou dois dias de cama com uma gripe forte. Miep e Jan também deixaram de trabalhar dois dias, com problemas no estômago.

Atualmente, estou com mania de dança e balé e ensaio meus passos todas as noites. Fiz uma roupa de dança ultramoderna, usando uma combinação rendada cor de lavanda, que é de mamãe. Um viés passa pelo decote e é amarrado acima do busto. Um laço de cordão cor-de-rosa completa a criação. Tentei transformar meus tênis em sapatilhas, mas não deu certo. Meus membros rígidos estão a caminho de voltarem a ser membros. Um exercício fantástico é sentar no chão, apoiar um calcanhar em cada mão e levantar as duas pernas. Tenho de me sentar numa almofada, caso contrário meu pobre traseiro realmente sofre.

Todo mundo aqui está lendo um livro chamado *O chtend zonder wolken [A Cloudless Morning]*. Mamãe achou muito bom porque descreve vários problemas dos adolescentes. Pensei comigo mesma, com certa ironia: “Por que não se interessa primeiro por suas próprias adolescentes?”

Acho que mamãe pensa que Margot e eu temos um relacionamento melhor com nossos pais do que qualquer outra pessoa no mundo e que nenhuma mãe se envolve mais com a vida das filhas do que ela. Deve estar pensando em minha irmã, já que não acredito que Margot tenha os mesmos problemas e pensamentos que eu. Longe de mim dizer a mamãe que uma de suas filhas não corresponde ao que ela imagina. Ela ficaria totalmente perplexa, e, de qualquer jeito, nunca vai poder mudar. Gostaria de lhe poupar essa tristeza, sobretudo porque sei que tudo vai continuar igual. Mamãe sente que Margot a ama muito mais do que eu, mas acha que estou apenas passando por uma fase.

Margot está muito melhor. Parece bem diferente do que era. Não anda implicante ultimamente e está se tornando uma amiga de verdade. Não me acha mais uma criança sem importância.

É engraçado, mas às vezes consigo me enxergar como os outros me vêem. Dou uma olhada tranquila na pessoa chamada Anne Frank e folheio as páginas de sua vida como se ela fosse uma estranha.

Antes de vir para cá, quando eu não entendia tanto as coisas, de vez em quando achava que não pertencia a mamãe, papai e Margot, e que seria sempre uma estranha. Algumas vezes passava uns seis meses fingindo que era órfã. Depois me repreendia por bancar a vítima, quando na verdade eu sempre tinha sido uma felizarda. Depois disso, me forçava a ser simpática durante um tempo. Todas as manhãs, quando ouvia passos na escada, esperava que fosse Margot vindo me dar bom-dia. Eu a recebia toda acolhedora, porque sinceramente estava ansiosa por seu olhar afetuoso. Mas aí ela brigava comigo por ter feito algum comentário, e eu ia para a escola me sentindo totalmente sem força. Na volta para casa eu a desculpava, dizendo a mim mesma que tinha muitas preocupações. Chegava em casa animada, falando pelos cotovelos, até que os acontecimentos da manhã se repetissem e eu saísse da sala com a pasta na mão e um olhar pensativo no rosto. Às vezes, decidia ficar furiosa, mas sempre tinha tanta coisa para falar depois da escola que esquecia minha decisão e queria que mamãe parasse o que estava fazendo para me ouvir. E mais uma vez chegava a época em que eu não ouvia mais os passos na escada e me sentia solitária, e chorava no travesseiro todas as noites.

Aqui tudo ficou muito pior. Mas você já sabe disso. Agora Deus mandou alguém para me ajudar: Peter. Seguro o meu medalhão, encosto-o nos lábios e penso: “Que me importa! Petel é meu e ninguém sabe disso!” Pensando assim, pairo acima de qualquer bronca. Qual das pessoas aqui suspeitaria de tanta coisa passando pela mente de uma adolescente?

Sábado, 15 de janeiro de 1944

Minha querida Kitty,

Não há motivo para eu continuar descrevendo todas as nossas brigas e discussões até os mínimos detalhes. Basta dizer que dividimos muitas coisas, como carne, gordura e óleo, e que estamos fritando nossas próprias batatas. Nos últimos dias, comemos um pouco mais de pão de centeio, porque às quatro horas já estamos com tanta fome que mal podemos controlar os roncos no estômago.

O aniversário de mamãe se aproxima rapidamente. Ela ganhou um pouco de açúcar extra do Sr. Kugler, o que causou inveja nos van Daan, porque a Sra. van D. não recebeu nenhum no seu aniversário. Mas qual é o sentido de chateá-la com palavras agressivas, conversas desagradáveis e lágrimas, quando sabemos que isso nos chateia ainda mais?

Mamãe contou um desejo, que provavelmente não vai se realizar tão cedo: não precisar ver o rosto da Sra. van Daan durante duas semanas inteiras. Fico pensando se todo mundo que divide uma casa acaba cedo ou tarde se desentendendo com os outros moradores. Ou será que simplesmente demos azar? Na hora das refeições, quando Dussel pega um quarto do molho e deixa o resto para todos nós, perco o apetite e tenho vontade de avançar nele, derrubá-lo da cadeira e jogá-lo pela porta.

Será que a maioria das pessoas é tão pão-dura e egoísta? Desde que vim para cá aprendi alguma coisa sobre a natureza humana, e isso é bom, mas, por enquanto, já basta. Peter diz a mesma coisa.

A guerra vai continuar, independentemente das brigas e do desejo de liberdade e ar puro, por isso deveríamos tornar a nossa estada o mais agradável possível.

Estou fazendo sermão, mas também acredito que, se eu morar aqui durante muito mais tempo, vou me transformar num pé de feijão velho e

seco. E, na verdade, só quero ser uma adolescente!

Sua Anne

Noite de quarta-feira, 19 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Eu (e lá vou eu de novo!) não sei o que aconteceu, mas, desde meu sonho, percebo como mudei. A propósito, ontem à noite sonhei de novo com Peter e de novo senti seus olhos penetrando nos meus, mas esse sonho foi menos forte e não tão lindo quanto o outro.

Você sabe que sempre tive ciúme do relacionamento de Margot com papai. Não sobrou nenhum traço desse ciúme; ainda me dói quando o nervoso de papai não deixa ele ser legal comigo, mas, depois, penso: "Não posso culpá-lo por ser como é. Vocês falam tanto sobre as mentes das crianças e dos adolescentes, mas não sabem o mais essencial sobre eles!" Desejo mais do que o afeto de papai, mais do que seus abraços e beijos. Não é uma coisa ruim eu ser tão preocupada comigo mesma? Será que eu, que quero ser boa e gentil, não deveria primeiro perdoá-los? Perdoo Margot também, mas sempre que ela diz alguma coisa sarcástica ou ri de mim, perdoá-la é tudo o que posso fazer para me controlar.

Sei que estou longe de ser o que deveria; será que algum dia serei?

Anne Frank

P.S.: Papai perguntou se contei a você sobre o bolo. No aniversário, mamãe ganhou do pessoal do escritório um bolo de mocha verdadeiro, qualidade pré-guerra. Foi um dia ótimo! Mas no momento não há espaço em minha cabeça para coisas desse tipo.

Sábado, 22 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Você pode me dizer por que as pessoas se esforçam tanto para esconder seu eu verdadeiro? Ou por que sempre me comporto de modo muito diferente, quando estou perto dos outros? Por que as pessoas confiam tão pouco umas nas outras? Sei que deve haver um motivo, mas às vezes acho horrível não poder confiar em ninguém, nem mesmo nas pessoas mais próximas.

Parece que cresci desde a noite em que tive aquele sonho, como se tivesse ficado mais independente. Você ficará espantada quando eu contar que mudei até minha atitude com relação aos van Daan. Parei de ver todas as discussões e brigas segundo o ponto de vista de minha família. Por que houve essa mudança radical? Bom, você vê, de repente percebi que, se mamãe fosse diferente, se fosse uma mãe de verdade, nosso relacionamento seria muito, muito diferente. A Sra. van Daan não é uma pessoa maravilhosa, de jeito nenhum, mas metade das discussões não haveria se mamãe não fosse tão difícil de lidar sempre que o assunto fica complicado. Mas a Sra. van Daan tem uma coisa boa: dá para falar com ela. Ela pode ser egoísta, avarenta e metida a esperta, mas recua facilmente se você não provocá-la e não fizer com que pareça irracional. Essa tática não funciona sempre, mas dá para ficar experimentando e ver até onde se pode chegar.

Todos os conflitos sobre a nossa criação, sobre não mimar crianças, sobre a comida – sobre tudo, absolutamente tudo – poderiam ter tomado um rumo diferente se fôssemos abertos e gentis, em vez de olhar sempre o lado pior.

Sei exatamente o que você vai dizer, Kitty. “Mas, Anne, essas palavras estão realmente saindo dos seus lábios? De você, que teve de enfrentar tantas

palavras grosseiras do pessoal lá de cima? De você, que tem consciência de todas as injustiças?"

E, no entanto, elas estão saindo de mim. Quero ver as coisas com olhos novos e formar minha opinião, não somente copiar meus pais, como no provérbio "A maçã não cai longe da árvore". Quero reexaminar os van Daan e decidir por mim mesma o que é verdade e o que é um exagero. Se eu terminar decepcionada com eles, sempre posso tomar o lado de papai e mamãe. Mas se isso não acontecer, posso tentar mudar a atitude deles. E, se não der certo, terei de ficar com minhas opiniões e meus julgamentos. Vou aproveitar toda oportunidade de falar abertamente com a Sra. van D. sobre nossas muitas diferenças e não ter medo – apesar de minha reputação de sabichona – de apresentar minha opinião imparcial. Não vou dizer nada negativo sobre minha família, mas isso não significa que não vou defendê-la se alguém fizer isso, e a partir de hoje minhas fofocas são coisa do passado.

Até agora eu estava absolutamente convencida de que os van Daan eram os únicos culpados das brigas, mas agora tenho certeza de que a culpa também foi nossa. Tínhamos razão, mas pessoas inteligentes (como nós!) deveriam ter uma ideia melhor de como lidar com os outros.

Espero ter adquirido pelo menos um toque desse discernimento, e espero ter ocasião de utilizá-lo.

Sua Anne

Segunda-feira, 24 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Aconteceu uma coisa muito estranha comigo. (Na verdade, aconteceu não é a palavra exata.)

Antes de vir para cá, sempre que alguém em casa ou na escola falava sobre sexo, era uma coisa cheia de segredos e nojenta. Qualquer palavra relativa a sexo era dita em sussurros, e as crianças que não entendiam eram ridicularizadas. Isso me parecia estranho, e muitas vezes fiquei me perguntando por que as pessoas eram tão misteriosas e pedantes quando falavam nesse assunto. Mas como eu não podia mudar nada, falava o mínimo possível ou pedia informações às minhas amigas.

Depois de eu ter aprendido um bocado, uma vez mamãe me disse:

– Anne, quero dar um conselho. Nunca converse sobre isso com garotos, e, se eles puxarem o assunto, não responda.

Ainda lembro minha resposta exata:

– Não, claro que não. Imagine!

E nada mais foi dito.

Assim que viemos nos esconder, papai costumava me falar de coisas que eu preferiria ter ouvido de mamãe, e aprendi o restante em livros ou em pedaços de conversas que captei.

Peter van Daan nunca foi tão pedante com relação a esse assunto quanto os garotos da escola. Ou, talvez, só uma ou duas vezes, no início, se bem que não tentasse me induzir a falar. Uma vez a Sra. van Daan disse que nunca discutia esses assuntos com Peter e, pelo que sabia, o marido também não. Pelo jeito, ela nem tinha ideia de quanto Peter sabia nem onde ele conseguira as informações.

Ontem, quando Margot, Peter e eu estávamos descascando batatas, o assunto caiu em Boche.

– Ainda não temos certeza se Boche é um gato ou uma gata, temos? – perguntei.

– Sim, temos – respondeu ele. – Boche é um gato.

Comecei a rir.

– Um tremendo gato, se estiver grávido.

Peter e Margot também riram. Você vê, há um ou dois meses Peter nos informou que Boche teria gatinhos em pouco tempo, porque estava com a barriga inchando. Mas a pança gorda de Boche se devia a um bocado de ossos roubados. Nenhum gatinho crescia lá dentro, nem estava para nascer.

Peter sentiu necessidade de se defender de minha acusação.

– Venha comigo. Você vai ver. Um dia desses eu estava brincando com o gato e pude ver claramente que era macho.

Incapaz de conter a curiosidade, fui com ele até o armazém. Mas Boche não estava recebendo visitas àquela hora, e não se encontrava em lugar algum. Esperamos um tempo, mas ficou frio, e voltamos para cima.

Mais tarde, ouvi Peter descendo pela segunda vez. Reuni coragem para atravessar sozinha a casa silenciosa e cheguei ao armazém. Boche estava na mesa de fazer embrulhos, brincando com Peter, que se preparava para colocá-lo na balança e pesá-lo.

– Ei, quer dar uma olhada?

Sem qualquer preliminar, ele pegou o gato, virou-o de barriga para cima, segurou destramente as patas e começou a aula.

– Este é o órgão sexual masculino, estes são alguns pelos dispersos, e aqui fica o traseiro.

O gato se virou e ficou sobre as patinhas brancas.

Se outro garoto tivesse apontado o "órgão sexual masculino" do gato para mim, eu nunca o olharia de novo. Mas Peter continuou falando em voz normal sobre um assunto que poderia ser muito estranho. E também não tinha nenhuma segunda intenção. Quando ele terminou, eu me senti tão à vontade que também comecei a agir normalmente. Brincamos com Boche, nos divertimos, conversamos um pouco e finalmente atravessamos o longo armazém até a porta.

– Você estava lá quando Mouschi foi castrada?

– Estava, claro. Não demorou muito. Eles dão anestesia na gata, claro.

– Eles tiram alguma coisa?

– Não. O veterinário só dá um pique nas trompas. Não se vê nada do lado de fora.

Tive de controlar os nervos para fazer uma pergunta, já que não era tão normal quanto eu pensava.

– Peter, em alemão, Geschlechtsteil significa órgão sexual, não é? Mas o masculino e o feminino têm nomes diferentes.

– Sei disso.

– O feminino é vagina, isso eu sei, mas não sei como é o masculino.

– Hmmm.

– Bom – disse eu. – Como é que a gente vai conhecer essas palavras? Quase sempre a gente topa nelas por acidente.

– Por que esperar? Vou perguntar aos meus pais. Eles sabem mais do que eu e têm mais experiência.

Já estávamos na escada, e nada mais foi dito.

Bom, isso realmente aconteceu. Eu nunca tinha falado sobre essas coisas com uma garota num tom de voz tão normal. Também estou certa de que não era isso que mamãe quis dizer quando me alertou sobre os garotos.

Apesar de tudo, não me senti normal durante todo o dia. Quando pensava na conversa, ela me parecia estranha. Mas aprendi pelo menos uma coisa: há pessoas jovens, mesmo do sexo oposto, que podem conversar sobre essas coisas naturalmente, sem piadinhas.

Será que Peter vai realmente fazer um monte de perguntas aos pais? Será que ele é mesmo do jeito que parecia ser ontem?

Ah, o que é que eu sei?!!!

Sua Anne

Sexta-feira, 28 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Nas últimas semanas, desenvolvi um enorme gosto por árvores genealógicas e pelas linhagens das famílias reais. Concluí que, quando se começa a buscar, é preciso cavar cada vez mais fundo no passado, o que leva a descobertas ainda mais interessantes.

Apesar de ser dedicadíssima aos estudos e poder acompanhar bem o Home Service da BBC pelo rádio, ainda passo muitas manhãs de domingo folheando e olhando minha coleção de astros do cinema, que está de um tamanho respeitável. O Sr. Kugler me deixa feliz todas as segundas-feiras, trazendo um exemplar da revista Cinema & Theater. Os membros mais fúteis de nosso lar costumam se referir a esse pequeno mimo como desperdício de dinheiro, mas nunca deixam de se surpreender ao ver como posso citar com exatidão os atores de qualquer filme, mesmo depois de um ano. Bep, que no dia de folga costuma ir ao cinema com o namorado, me conta no sábado o nome do filme que eles vão ver, e começo a metralhar os nomes dos atores e o que diz a crítica. Recentemente, mamãe observou que eu não precisarei ir ao cinema mais tarde, porque sei de cor todos os roteiros, os nomes dos artistas e as críticas.

Sempre que invento um novo penteado, consigo decifrar a crítica no rosto dos outros, e posso ter certeza de que alguém vai perguntar que estrela de cinema estou tentando imitar. Quando digo que inventei, a resposta é recebida com ceticismo. Quanto ao penteado, não fica no lugar mais de meia hora. Fico tão cheia das piadinhas que corro para o banheiro e restauro a massa normal de cachos.

Sua Anne

Sexta-feira, 28 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Hoje de manhã me perguntei se você já se sentiu como uma vaca, tendo de ruminar eternamente minhas notícias velhas, até ficar tão cheia dessa monotonia a ponto de bocejar e desejar no íntimo que Anne descubra alguma coisa nova.

Desculpe, sei que você acha isso chatíssimo, mas imagine como estou enjoada de ouvir sempre as mesmas coisas. Se a conversa na hora das refeições não é sobre política ou boa comida, então mamãe ou a Sra. van D. desfiam as histórias da infância, que já ouvimos milhares de vezes, ou Dussel fala de belos cavalos de corrida, do enorme guarda-roupa de sua Charlotte, de barcos a remo que vazam, de garotos que nadam aos 44 anos, de músculos doloridos ou de pacientes apavorados. O negócio é o seguinte: sempre que um de nós oito abre a boca, os outros sete podem terminar a história. Sabemos o desfecho de cada piada logo no início, de modo que a pessoa que conta fica rindo sozinha. Os vários leiteiros, quitandeiros e açougueiros das duas ex-donas de casa foram elogiados ou execrados tantas vezes que, em nossa imaginação, eles ficaram tão velhos quanto Matusalém; não há qualquer chance de se discutir alguma coisa nova no Anexo.

Mesmo assim, tudo isso poderia ser suportável se ao menos os adultos não tivessem o hábito de repetir as histórias que ouvimos do Sr. Kleiman, de Jan ou de Miep, sempre enfeitando com alguns detalhes pessoais, de modo que preciso beliscar meu braço debaixo da mesa para me impedir de recolocar o entusiasmado narrador nos trilhos. Criancinhas como Anne não devem nunca, jamais, corrigir os mais velhos, não importa que digam bobagens ou que se deixem levar pela imaginação.

Jan e o Sr. Kleiman adoram falar de pessoas que se tornaram clandestinas ou que se esconderam; eles sabem que ficamos ansiosos para

saber de outras pessoas em situação igual à nossa e que realmente simpatizamos com a tristeza dos que foram presos e com a alegria de prisioneiros que foram libertados.

Entrar para a clandestinidade ou se esconder se tornou uma coisa tão rotineira quanto o cachimbo e os chinelos que antigamente esperavam os homens da casa, depois de um longo dia de trabalho. Há muitos grupos de resistência como o Holanda Livre, que falsificam carteiras de identidade, dão apoio financeiro aos que estão escondidos, organizam esconderijos e arrumam trabalho para jovens cristãos que entram para a clandestinidade. É espantoso o que fazem essas pessoas generosas e desapegadas, arriscando a própria vida para ajudar a salvar os outros.

O melhor exemplo disso são as pessoas que nos ajudam, que conseguiram nos trazer até aqui e que, esperamos, irão nos levar em segurança até o porto seguro, porque do contrário vão acabar compartilhando o destino das pessoas que estão tentando proteger. Nunca disseram uma única palavra sobre o fardo que devemos representar para eles, nunca reclamaram dizendo que causamos problemas demais. Sobem todos os dias e falam com os homens sobre negócios e política, com as mulheres sobre comida e dificuldades dos tempos de guerra, e com os jovens sobre livros e jornais. Estampam no rosto as expressões mais alegres, trazem flores e presentes nos aniversários e nos feriados, e estão sempre prontos para fazer tudo o que podem. Não devemos nos esquecer disso nunca; enquanto outros demonstram heroísmo nas batalhas ou contra os alemães, nossos benfeitores provam o seu com a alegria e o afeto.

Circulam as histórias mais esquisitas, e, no entanto, a maioria é verdadeira. Por exemplo, o Sr. Kleiman contou que esta semana houve um jogo de futebol na província de Gelderland, com um time totalmente formado por homens que passaram a ser clandestinos e o outro formado por 11 policiais

militares. Em Hilversum estão sendo dados novos cartões de registro. Para que as muitas pessoas escondidas consigam suas rações (você precisa mostrar esse cartão para obter o bloco de cupons ou, então, pagar 60 florins por bloco), os responsáveis pediram a todas as pessoas escondidas naquele distrito que fossem pegar seus cartões numa hora determinada, quando os documentos poderiam ser apanhados numa mesa à parte.

Mesmo assim, precisamos ter cuidado para que essas notícias não cheguem aos ouvidos dos alemães.

Sua Anne

Domingo, 30 de janeiro de 1944

Minha querida Kitty,

Outro domingo se foi; não me importo com eles tanto quanto no início, mas são bastante chatos.

Ainda não fui ao armazém, mas talvez vá logo. Ontem à noite, desci no escuro sozinha, depois de estar lá com papai algumas noites antes. Fiquei no topo da escada, enquanto aviões alemães voavam de um lado para o outro, e soube que estava sozinha, que não podia contar com a ajuda dos outros. Meu medo desapareceu. Olhei para o céu e confiei em Deus.

Tenho enorme necessidade de ficar sozinha. Papai percebeu que não sou a mesma de sempre, mas não posso dizer a ele o que me incomoda. Só quero gritar: “Me deixem sozinha, me deixem sozinha!”

Quem sabe, talvez chegue um dia em que me deixarão sozinha mais do que eu gostaria!

Anne Frank

Quinta-feira, 3 de fevereiro de 1944

Querida Kitty,

A febre da invasão cresce dia a dia pelo país. Se você estivesse aqui, posso apostar que ficaria tão impressionada quanto eu com tanta preparação, se bem que com certeza riria de toda a confusão que fazemos – talvez por nada!

Os jornais estão cheios de notícias sobre a invasão, e deixam todo mundo louco com declarações do tipo: no caso de um inglês desembarcar na Holanda, os alemães farão todo o possível para defender o país, nem que seja preciso inundá-lo. Publicaram mapas da Holanda onde estão marcadas as possíveis áreas de inundação. Como grande parte de Amsterdã está incluída, nossa primeira pergunta foi: o que devemos fazer se a água na rua subir acima da cintura? A pergunta gerou uma variedade de respostas:

– Será impossível andar a pé ou de bicicleta, por isso teremos de andar pela água.

– Não seja idiota. Precisaremos tentar nadar. Vamos colocar as roupas de banho e nadar o máximo possível por baixo d'água, para que ninguém veja que somos judeus.

– Besteira! Imagino as senhoras nadando e os ratos mordendo as suas pernas! (Esse foi um homem, claro; veremos quem grita mais alto!)

– Nem vamos poder sair de casa. O armazém é tão instável que vai desmoronar se houver uma enchente.

– Escutem todos; deixando as piadas de lado, realmente precisamos tentar conseguir um barco.

– Por que se incomodar? Tenho uma ideia melhor. Cada um de nós pode pegar um caixote no sótão e remar com uma colher de pau.

– Vou andar com pernas de pau. Quando jovem, eu era craque nisso.

– Jan Gies não precisa. Pode carregar a mulher nas costas, e Miep é que estará com pernas de pau.

Então agora você tem uma vaga ideia do que foi dito, não é, Kit? Essa conversa leve é muito divertida, mas a realidade será outra. A segunda pergunta sobre a invasão acabaria surgindo: o que deveríamos fazer se os alemães evacuassem Amsterdã?

– Sair da cidade com os outros. Nos disfarçarmos da melhor forma possível.

– O que quer que aconteça, não devemos sair! A melhor coisa é ficar! Os alemães são capazes de arrebanhar toda a população da Holanda para a Alemanha, onde todos morrerão.

– Claro que ficaremos aqui. É o lugar mais seguro. Tentaremos convencer Kleiman e sua família a vir para cá, morar conosco. Podemos conseguir um saco de serragem, para que possamos dormir no chão. Vamos pedir a Miep e Kleiman para trazer alguns cobertores, só para prevenir. E vamos encomendar mais cereais para completar os 40 quilos que já temos. Jan pode tentar conseguir mais feijão. No momento, temos quase 40 quilos de feijão e 5 quilos de ervilhas. E não esqueçam as 50 latas de legumes.

– E o resto, mamãe? Diga como anda o estoque.

– Dez latas de peixe, 40 latas de leite, 10 quilos de leite em pó, 3 garrafas de óleo, 4 potes de manteiga, 4 vidros de carne, 2 potes grandes de morangos, 2 de framboesas, 20 vidros de tomates, 5 quilos de aveia, 4,5 quilos de arroz. É isso.

Nossas provisões estão relativamente boas. Mas temos de alimentar o pessoal do escritório, o que significa diminuir o estoque a cada semana, por isso não é tanto quanto parece. Temos carvão e lenha suficientes, e velas também.

– Vamos fazer saquinhos de dinheiro para esconder nas roupas, para que possamos levar o dinheiro se tivermos de sair daqui.

– Podemos fazer listas do que levar no caso de ser preciso fugir e preparar as mochilas com antecedência.

– Quando chegar a época, poremos duas pessoas de vigia, uma no sótão da frente e a outra nos fundos.

– Ei, de que adianta tanta comida, se não houver gás ou eletricidade?

– Teremos de cozinhar na lareira. Filtrar e ferver a água. Vamos limpar alguns garrafões e encher de água. Também podemos guardar água nos três caldeirões que usamos para preparar conservas, e na tina.

– Além disso, ainda temos uns 115 quilos de batatas para o inverno, no depósito de especiarias.

É só o que ouço o dia inteiro. Invasão, invasão, só invasão. Conversas sobre fome, morte, bombas, extintores de incêndio, sacos de dormir, carteiras de identidade, gás venenoso etc. Não é precisamente uma coisa alegre.

Um exemplo dos avisos explícitos dados pelo contingente masculino é a seguinte conversa com Jan:

Anexo: Temos medo de que, quando recuarem, os alemães levem toda a população com eles.

Jan: Isso é impossível. Eles não têm trens suficientes.

Anexo: Trens? Você realmente acha que eles vão colocar civis nos trens? Claro que não. Todo mundo vai ter de andar a pé. (Ou, como Dussel sempre diz, per pedes apostolorum.)

Jan: Não acredito. Vocês sempre veem o lado pior. Que motivo teriam para arrebanhar todos os civis e levá-los com eles?

Anexo: Não se lembra de que Goebbels disse que, se os alemães tiverem de ir embora, vão bater atrás de si as portas de todos os países ocupados?

Jan: Eles dizem muita coisa.

Anexo: Você acha que os alemães são nobres demais ou humanos demais para fazer isso? O raciocínio deles é: se nós afundarmos, todo

mundo afunda junto.

Jan: Vocês podem dizer o que quiserem. Só que não acredito.

Anexo: É sempre a mesma história. Ninguém quer ver o perigo até que ele aparece cara a cara.

Jan: Mas vocês não têm certeza de nada. Só estão fazendo suposições.

Anexo: Porque já passamos por tudo isso. Primeiro, na Alemanha, e, depois, aqui. O que você acha que está acontecendo na Rússia?

Jan: Vocês não deveriam incluir os judeus. Não creio que ninguém saiba o que está acontecendo na Rússia. Os ingleses e os russos provavelmente estão exagerando com objetivos de propaganda, da mesma forma que os alemães.

Anexo: Absolutamente, não. A BBC sempre disse a verdade. E, mesmo se as notícias forem ligeiramente exageradas, os fatos já são ruins por si. Você não pode negar que milhões de cidadãos pacíficos na Polônia e na Rússia foram assassinados ou asfixiados com gás.

Vou poupar você do resto de nossa conversa. Estou muito calma e não ligo para toda essa confusão. Cheguei a ponto de nem me importar se vivo ou se morro. O mundo vai continuar girando sem mim, e não posso fazer nada para mudar os acontecimentos. Vou deixar que as coisas sigam o seu rumo e me concentrar no estudo e na esperança de que tudo acabe bem.

Sua Anne

Terça-feira, 8 de fevereiro de 1944[16]

Querida Kitty,

Não posso contar como me sinto. Num minuto desejo paz e silêncio, e no outro quero um pouco de diversão. Nós nos esquecemos de como se ri –

falo de rir tanto a ponto de não conseguir parar.

Hoje de manhã dei risinhos; você sabe, do tipo que dávamos na escola. Margot e eu estávamos dando risinhos como verdadeiras adolescentes.

Ontem à noite, houve outro atrito com mamãe. Margot estava se enrolando no cobertor de lã quando de repente pulou da cama e examinou cuidadosamente a coberta. O que você acha que ela encontrou? Um alfinete! Mamãe tinha remendado o cobertor e se esqueceu de tirar o alfinete. Papai balançou a cabeça em sinal de reprovação e fez um comentário sobre como mamãe é descuidada. Logo depois mamãe chegou do banheiro, e só para chateá-la eu disse:

– *Du bist doch eine echte Rabenmutter*.[17]

Claro que ela perguntou por que eu tinha dito aquilo, e nós contamos sobre o alfinete que ela havia esquecido. Ela imediatamente assumiu sua expressão mais arrogante e disse:

– Quem é você para dizer isso? Quando costura, o chão inteiro fica coberto de alfinetes. E, veja só, deixou o conjunto de manicure largado de novo. Não guarda nunca!

Eu disse que ainda não tinha usado, e Margot me apoiou, pois ela era a culpada.

Mamãe continuou falando sobre como eu era bagunceira, até que me enchi e disse:

– Nem fui eu que chamei você de descuidada. Vivo levando a culpa pelos erros dos outros!

Mamãe ficou quieta, e menos de um minuto depois fui obrigada a lhe dar o beijo de boa-noite. O episódio pode não ter sido muito importante, mas hoje tudo me dá nos nervos.

Como acho que no momento estou passando por um período de reflexão e deixando a mente vagar sobre qualquer coisa e todas as coisas, meus pensamentos naturalmente se voltaram para o casamento de papai e

mamãe. Ele sempre foi apresentado a mim como um casamento ideal. Jamais uma discussão, nem rostos raivosos, harmonia perfeita etc. etc.

Eu sei de algumas coisas sobre o passado de papai, e o que não sei, inventei; tenho a impressão de que papai se casou com mamãe por achar que ela seria uma boa esposa. Tenho de admitir que admiro mamãe pelo modo como ela assumiu o papel de esposa e nunca, pelo que sei, reclamou ou demonstrou ciúme. Não é fácil para uma esposa amorosa saber que nunca será a primeira nos afetos do marido, e mamãe sabia disso. Papai certamente admirava a atitude de mamãe e achava que ela tinha um caráter excelente. Por que se casar com outra pessoa? Os ideais dele tinham sido despedaçados e sua juventude estava no fim. Que tipo de casamento acabou sendo? Sem brigas ou diferenças de opinião – mas, dificilmente, um casamento ideal. Papai respeita mamãe e a ama, mas não com o tipo de amor que eu vislumbro para um casamento. Papai aceita mamãe como ela é, costuma ficar chateado, mas fala o mínimo possível, porque sabe dos sacrifícios que mamãe teve de fazer.

Papai nem sempre pede a opinião dela, seja sobre os negócios, sobre outras questões, sobre pessoas, sobre todo tipo de coisas. Não conta tudo a ela, porque sabe que ela é emotiva demais, crítica demais e, não raro, preconceituosa demais. Papai não é apaixonado por ela. Ele a beija do mesmo modo que nos beija. Nunca a toma como um exemplo, porque não pode. Olha para ela de modo provocador, ou zombeteiro, mas nunca amoroso. Talvez o grande sacrifício de mamãe a tenha deixado áspera e desagradável com as pessoas ao redor, mas com certeza garantiu que ela se distanciasse ainda mais do caminho do amor, que ela despertasse ainda menos admiração; um dia, talvez, papai perceba que, por fora, ela nunca exigiu seu amor total, e que por dentro ela está lentamente, mas com certeza, desmoronando. Ela o ama mais do que qualquer pessoa, e é difícil ver esse tipo de amor não ser correspondido.

Então, será que eu deveria sentir mais simpatia por mamãe? Será que deveria ajudá-la? E papai? Não posso, vivo imaginando outra mãe. Simplesmente, não posso. Como poderia? Ela não me contou nada sobre si, e eu nunca pedi que contasse. O que sabemos dos pensamentos uma da outra? Eu não posso falar com ela, não posso olhar com amor aqueles olhos frios, não posso. Nunca! Se ela tivesse ao menos uma qualidade que uma mãe compreensiva deve ter: gentileza, ou amabilidade, ou paciência, ou alguma coisa, eu continuaria tentando me aproximar dela. Mas amar essa pessoa insensível, essa criatura debochada, está se tornando mais e mais impossível a cada dia!

Sua Anne

Sábado, 12 de fevereiro de 1944

Querida Kitty,

O sol está brilhando, o céu é de um azul profundo, há uma brisa deliciosa, e estou sentindo falta – realmente sentindo falta – de tudo: conversa, liberdade, amigos, de ficar sozinha. Sinto vontade... de chorar! Sinto como se fosse explodir. Sei que chorar ajuda, mas não consigo. Estou inquieta. Ando de um cômodo para o outro, respiro pela fresta na janela, sinto o coração bater como se dissesse: realize meus desejos...

Acho que a primavera está dentro de mim. Sinto a primavera despertando, sinto em todo o meu corpo e minha alma. Tenho de me forçar a agir normalmente. Estou numa confusão absoluta, não sei o que ler, o que escrever, o que fazer. Só sei que estou sentindo falta de alguma coisa...

Sua Anne

Segunda-feira, 14 de fevereiro de 1944

Querida Kitty,

Muita coisa mudou para mim desde sábado. O que aconteceu é o seguinte: eu estava sentindo falta de algo (e ainda estou), mas... uma parte pequena, muito pequena, do problema se resolveu.

Na manhã de domingo, percebi, para minha grande alegria (vou ser franca com você), que Peter ficou me olhando o tempo todo. Não de um jeito comum. Não sei, não posso explicar, mas de repente tive a sensação de que ele não está apaixonado por Margot, como eu achava. Durante o dia inteiro, tentei não olhar muito para ele, porque sempre que fazia isso via que ele estava me olhando, e então – bom, isso fez com que eu me sentisse maravilhosa por dentro, e essa não é uma sensação que costume ter.

Na noite de domingo, todo mundo, menos Pim e eu, estava apinhado em volta do rádio, ouvindo o programa "Música Imortal dos Mestres Alemães". Dussel ficava o tempo inteiro virando os controles, o que incomodava Peter e os outros também. Depois de se conter durante meia hora, Peter pediu, meio irritado, que ele parasse de mexer no rádio. Dussel respondeu em seu tom de voz mais arrogante:

– *Ich mach das schon!*[18]

Peter ficou irritado e fez uma observação insolente. A Sra. van Daan ficou do lado dele, e Dussel teve de recuar.

O motivo da discordância não era nada interessante, mas parece que Peter levou a coisa muito a sério, porque, hoje de manhã, quando eu estava remexendo no caixote de livros no sótão, ele veio e começou a contar o que havia acontecido. Eu não sabia de nada, mas logo Peter descobriu que tinha encontrado uma ouvinte atenta, e foi se empolgando.

– Bom, é assim – disse ele. – Geralmente não falo muito, porque já sei que vou ter dificuldade. Começo a gaguejar e a ficar vermelho e confundo as

palavras até que preciso parar, porque não encontro as palavras certas. Foi isso que aconteceu ontem. Eu queria dizer uma coisa completamente diferente, mas assim que comecei, misturei tudo. É horrível. Eu tinha um péssimo hábito, e às vezes gostaria de ainda ter: sempre que ficava furioso com uma pessoa, batia nela em vez de discutir. Sei que esse método não leva a nada, e é por isso que admiro você. Você nunca fica sem palavras: diz exatamente o que quer dizer e não se intimida nem um pouco.

– Ah, você está errado – respondi. – A maioria das coisas que digo sai muito diferente do que planejei. Além disso, falo muito e por muito tempo, o que também é ruim.

– Talvez, mas você tem a vantagem de que ninguém consegue ver que você está confusa. Você não fica vermelha nem se atrapalha.

Não pude deixar, no íntimo, de achar engraçado o que ele tinha dito. Mas, como queria que Peter continuasse falando calmamente a seu respeito, prendi o riso, sentei-me numa almofada no chão, abracei os joelhos e olhei-o atentamente.

Fico feliz ao ver que mais alguém nesta casa tem as mesmas fúrias que eu. Peter pareceu aliviado por poder criticar Dussel sem ter medo de que eu desse com a língua nos dentes. Quanto a mim, fiquei satisfeita também, porque tive uma sensação forte de amizade, que só me lembro de ter compartilhado com minhas amigas.

Sua Anne

Terça-feira, 15 de fevereiro de 1944

O pequeno atrito com Dussel teve várias repercussões, pelas quais ele só pôde culpar a si mesmo. Na noite de segunda-feira, Dussel veio procurar

mamãe e contou todo feliz que Peter perguntara de manhã se ele tinha dormido bem e que depois disse como lamentava o que acontecera na noite de domingo – que não tinha falado aquilo a sério. Dussel respondeu que não fazia mal. De modo que tudo estava bem de novo. Mamãe me contou essa história, e no fundo fiquei espantada imaginando como Peter, que tinha sentido tanta raiva de Dussel, se humilhou, apesar de garantir o contrário.

Não pude me conter, e sondei Peter com relação a isso, e ele respondeu de cara que Dussel estava mentindo. Você precisava ver o rosto dele. Gostaria de ter uma máquina fotográfica. Indignação, raiva, indecisão, agitação e muito mais coisas atravessaram seu rosto numa rápida sucessão.

Naquela noite, o Sr. van Daan e Peter realmente desancaram Dussel. Mas não poderiam exagerar, porque Peter tinha outra consulta dentária hoje.

Na verdade, eles não queriam falar um com o outro nunca mais.

Quarta-feira, 16 de fevereiro de 1944

Peter e eu não tínhamos conversado o dia inteiro, a não ser algumas poucas palavras sem importância. Estava frio demais para subir ao sótão e, de qualquer maneira, era aniversário de Margot. Ao meio-dia e meia, ele veio olhar os presentes e ficou batendo papo durante mais tempo do que o necessário, coisa que ele nunca havia feito. Mas, à tarde, tive minha oportunidade. Como estava com vontade de agradar Margot, fui pegar o café e, depois, as batatas. Quando cheguei ao quarto de Peter, ele imediatamente tirou os seus papéis da escada e perguntei se deveria fechar o alçapão do sótão.

– Sim, pode ser – disse ele. – Quando quiser voltar, é só bater e eu abro para você.

Agradeci, subi a escada e passei pelo menos dez minutos procurando as batatas menores no barril. Minhas costas começaram a doer, e o sótão estava frio. Naturalmente, não me incomodei em bater, e abri o alçapão sozinha. Mas ele, com toda a educação, se levantou e tirou a panela de minhas mãos.

– Me esforcei ao máximo, mas não consegui encontrar menores do que estas.

– Você olhou no barril grande?

– Olhei em todos.

Nesse ponto eu já estava na base da escada, e ele examinou a panela de batatas que ainda estava segurando.

– Ah, mas essas estão ótimas – comentou. E, acrescentou, quando peguei a panela de volta: – Meus parabéns!

Quando disse isso, ele me deu um olhar tão acolhedor e terno que comecei a reluzir por dentro. Dava para ver que ele queria me agradar, mas como não conseguia fazer um discurso elogioso mais comprido, disse tudo com os olhos. Compreendi muito bem e me senti muito agradecida. Ainda fico feliz ao pensar naquelas palavras e naquele olhar!

Quando desci, mamãe disse que precisava de mais batatas, dessa vez para o jantar, por isso me ofereci para subir de novo. Ao entrar no quarto de Peter, me desculpei por incomodá-lo de novo. Quando estava subindo a escada, ele se levantou, foi ficar entre a escada e a parede, agarrou meu braço e tentou me parar.

– Deixe que eu vou – disse ele. – Preciso ir lá em cima mesmo.

Respondi que não era necessário, que dessa vez não precisava pegar só as pequenas. Convencido, ele soltou meu braço. Na volta, abriu o alçapão e de novo pegou a panela comigo. Parei perto da porta e perguntei:

– O que você está estudando?

– Francês.

Perguntei se podia dar uma olhada nas lições. Depois, fui lavar as mãos e me sentei no divã, diante dele.

Depois que expliquei um pouco de francês, começamos a conversar. Ele disse que depois da guerra queria ir para as Índias Orientais Holandesas e morar numa plantação de borracha. Falou sobre a vida em casa, sobre o mercado negro e como se sentia um idiota inútil. Eu disse que ele tinha um enorme complexo de inferioridade. Ele falou da guerra, dizendo que a Rússia e a Inglaterra acabariam se enfrentando, e sobre os judeus. Disse que a vida seria muito mais fácil se ele fosse cristão ou se pudesse se tornar cristão, depois da guerra. Perguntei se ele queria ser batizado, mas não era isso que ele queria dizer. Disse que nunca se sentiria como um cristão, mas que, depois da guerra, evitaria que alguém soubesse que ele era judeu. Senti uma pontada rápida. É uma pena que ele tenha esse pouquinho de deslealdade.

Peter acrescentou:

– Os judeus foram e sempre serão o povo escolhido!

– Pelo menos dessa vez espero que seja escolhido para alguma coisa boa! – respondi.

Mas continuamos a conversar agradavelmente, sobre papai, sobre como julgar o caráter humano e todo tipo de coisas, tantas que nem me lembro de todas.

Saí às cinco e quinze, porque Bep havia chegado.

Naquela noite, ele disse uma outra coisa que achei ótima. Estávamos falando sobre a foto de uma estrela de cinema que eu tinha lhe dado e que estava pendurada no seu quarto há pelo menos um ano e meio. Peter gostou tanto que prometi dar mais algumas.

– Não – respondeu ele. – Prefiro guardar essa que já tenho. Olho para ela todo dia, e as pessoas da foto já ficaram minhas amigas.

Agora entendo melhor por que ele sempre abraça Mouschi com tanta força. Obviamente, também precisa de afeto. Esqueci de contar outra coisa da qual ele esteve falando. Ele disse:

– Não, não tenho medo, a não ser das coisas que existem dentro de mim, mas estou trabalhando nisso.

Peter tem um gigantesco complexo de inferioridade. Por exemplo, ele sempre acha que é muito burro e que nós somos inteligentes. Quando o ajudo com o francês, ele me agradece mil vezes. Um dia desses vou dizer: "Ah, para com isso! Você é muito melhor em inglês e geografia!"

Anne Frank

Quinta-feira, 17 de fevereiro de 1944

Querida Kitty,

Hoje de manhã eu estava no andar de cima, porque tinha prometido ler uma de minhas histórias para a Sra. van Daan. Comecei com *Evar's droom ["O sonho de Eva"]*, da qual ela gostou muito, e depois li algumas partes de "O Anexo Secreto", que a retratava de pernas de pau. Peter também ouviu um pouco (só a última parte) e perguntou se um dia desses eu iria ao quarto dele para ler mais. Decidi aproveitar a chance na hora, por isso peguei meu caderno e deixei que ele lesse aquela parte em que Cady e Hans falam de Deus. Não posso dizer que tipo de impressão isso causou. Peter disse uma coisa da qual não me lembro direito, não foi sobre a qualidade, mas sobre a ideia que havia por trás. Eu disse que queria que ele visse que eu não escrevia somente coisas engraçadas. Ele concordou, e eu saí do quarto. Veremos se vou ficar sabendo de mais alguma coisa!

Sua Anne Frank

Sexta-feira, 18 de fevereiro de 1944

Minha querida Kitty,

Sempre que vou para o andar de cima, é para vê-lo. Agora que tenho um objetivo, a vida melhorou bastante.

Pelo menos o objeto de minha amizade está sempre aqui, e não preciso ter medo de rivais (a não ser Margot). Não pense que estou apaixonada, porque não estou, mas tenho a sensação de que vai se desenvolver uma coisa linda entre Peter e mim, uma espécie de amizade e uma sensação de confiança. Vou vê-lo sempre que tenho chance, e não é como antigamente, quando ele não tinha opinião a meu respeito. Pelo contrário, ele continua falando, mesmo quando já estou de saída. Mamãe não gosta que eu fique subindo. Sempre diz que estou incomodando Peter e que devo deixá-lo a sós. Francamente, será que ela não imagina que tenho alguma intuição? Ela sempre me olha de um modo muito estranho quando vou ao quarto de Peter. Quando desço de novo, ela pergunta onde estive. É terrível, mas estou começando a odiá-la!

Sua Anne M. Frank

Sábado, 19 de fevereiro de 1944

Querida Kitty,

É sábado de novo, acho que não preciso dizer mais nada. Hoje de manhã, tudo esteve tranquilo. Passei quase uma hora lá em cima preparando almôndegas, mas só falei com ele de passagem.

Às duas e meia, quando todo mundo subiu para ler ou cochilar, eu desci, com cobertor e tudo, para me sentar à escrivaninha e ler ou escrever. Em

pouco tempo, não estava mais aguentando. Apoiei a cabeça nos braços e solucei feito uma louca. As lágrimas escorriam pelo rosto, e eu me sentia desesperadamente infeliz. Ah, se ao menos ele viesse me consolar!

Já eram mais de quatro horas quando subi de novo. Às cinco, fui pegar algumas batatas, esperando mais uma vez que a gente se encontrasse, mas, enquanto eu ainda estava no banheiro ajeitando o cabelo, ele foi ver Boche.

Quis ajudar a Sra. van Daan e subi com meu livro e tudo, mas de repente senti as lágrimas retornando. Desci correndo para o banheiro e, no caminho, peguei o espelho de mão. Fiquei sentada no vaso, totalmente vestida, muito tempo depois de ter terminado, com as lágrimas deixando marcas escuras no vermelho do avental, e me senti totalmente arrasada.

Eis o que me passava pela cabeça: "Ah, desse jeito nunca chegarei perto de Peter. Quem sabe, talvez ele nem goste de mim e não precise de uma confidente. Talvez só pense em mim de um jeito comum. Vou ter de ficar sozinha de novo, sem ninguém em quem confiar e sem Peter, sem esperança, consolo ou qualquer outro objetivo. Ah, se ao menos eu pudesse apoiar a cabeça em seu ombro e não me sentir tão desamparada, só e abandonada! Quem sabe, talvez ele não se importe comigo e veja todos os outros do mesmo jeito afetuoso. Talvez eu só tenha imaginado que comigo era uma coisa especial. Ah, Peter, se ao menos você pudesse me ouvir ou me ver. Se a verdade for frustrante, não poderei suportar."

Pouco depois me senti esperançosa e cheia de expectativa de novo, ainda que minhas lágrimas continuassem rolando – por dentro.

Sua Anne M. Frank

Domingo, 20 de fevereiro de 1944

O que acontece na casa das outras pessoas no resto da semana acontece aos domingos aqui no Anexo. Enquanto as outras pessoas colocam suas melhores roupas e vão passear ao sol, nós esfregamos e varremos o chão e lavamos roupa.

Oito horas. O restante de nós prefere dormir mais um pouco, mas Dussel se levanta às oito. Vai ao banheiro, depois desce, depois sobe de novo e, em seguida, vai ao banheiro, onde passa uma hora inteira se lavando.

Nove e meia. O fogão e a lareira são acesos, o anteparo de blecaute é retirado, e o Sr. van Daan vai para o banheiro. Um de meus sacrifícios das manhãs de domingo é ter de ficar na cama e ver as costas de Dussel, enquanto ele reza. Sei que parece estranho, mas Dussel rezando é uma visão horrorosa. Não que ele chore ou fique sentimental, de jeito nenhum, mas ele passa um quarto de hora – 15 minutos seguidos – se balançando dos dedos dos pés ao calcanhar. Para trás e para a frente. Isso dura uma eternidade, e se eu não fechar os olhos minha cabeça começa a rodar.

Dez e quinze. O assobio dos van Daan; o banheiro está livre. Nos aposentos da família Frank, os primeiros rostos sonolentos começam a emergir dos travesseiros. Em seguida, tudo acontece rápido, rápido, rápido. Margot e eu nos revezamos lavando roupas. Como lá embaixo é muito frio, vestimos calças compridas e xales em volta da cabeça. Enquanto isso, papai vai para o banheiro. Margot ou eu entra no banheiro às onze, e, então, estamos todos limpos.

Onze e meia. Café da manhã. Não vou me demorar nisso, porque já se fala demais de comida sem que eu também puxe o assunto.

Meio-dia e quinze. Cada qual segue seu rumo. Papai, vestido com o sobretudo, fica de quatro e esfrega o tapete tão vigorosamente que o cômodo é tomado por uma nuvem de pó. O Sr. Dussel arruma as camas (tudo errado, claro), sempre assobiando o mesmo concerto de violino de Beethoven. Pode-se ouvir mamãe arrastando os pés no sótão enquanto pendura as

roupas lavadas. O Sr. van Daan põe o chapéu e desaparece nas regiões inferiores, geralmente acompanhado por Peter e Mouschi. A Sra. van Daan coloca um avental comprido, uma blusa de lã preta e pantufas, enrola um cachecol de lã vermelha na cabeça, pega um amontoado de roupas sujas e, com um ensaiado gesto de lavadeira, vai para baixo. Margot e eu lavamos os pratos e arrumamos a sala.

Quarta-feira, 23 de fevereiro de 1944

Minha querida Kitty,

Desde ontem o tempo está maravilhoso, e me sinto um pouquinho mais animada. Meus escritos, a melhor coisa que tenho, estão indo bem. Vou ao sótão quase todas as manhãs, tirar o ar estagnado dos pulmões. Hoje de manhã, quando fui para lá, Peter estava fazendo a limpeza. Ele terminou depressa e veio até onde eu estava, meu local preferido no chão. Nós dois olhamos para o céu azul, para o castanheiro nu brilhando de umidade, as gaivotas e outras aves luzindo de prata, enquanto rodopiavam no ar, e ficamos tão comovidos e extasiados que não conseguíamos falar. Ele encostou a cabeça numa trave grossa, e eu continuei sentada. Respiramos o ar, olhamos para fora e nós dois sentimos que o encanto não deveria ser quebrado com palavras. Continuamos assim durante longo tempo, e, quando ele teve de ir ao sótão pequeno rachar lenha, eu soube que Peter era um cara legal e decente. Ele subiu a escada até o sótão pequeno, e fui atrás; durante os 15 minutos em que ele rachou lenha, nós também não dissemos nada. Fiquei observando-o, e pude notar que ele obviamente estava se esforçando ao máximo para rachar a lenha do modo correto e mostrar sua força. Mas também espiei pela janela aberta, deixando o olhar percorrer boa

parte de Amsterdã. Sobre os telhados e em direção ao horizonte, havia uma tira de azul tão claro que era quase invisível.

Como posso me sentir triste enquanto isso existir, pensei, esta luz e este céu sem nuvens, e enquanto eu puder desfrutar essas coisas?

O melhor remédio para os amedrontados, solitários ou infelizes é sair, ir a um local em que possam ficar a sós, com o céu, a natureza e Deus. Só então você pode sentir que tudo é como deveria ser, e que Deus deseja a felicidade das pessoas em meio à beleza e à simplicidade da natureza.

Enquanto isso existir – e deve existir para sempre –, sei que haverá consolo para toda tristeza, em qualquer circunstância. Acredito firmemente que a natureza pode trazer conforto a todos que sofrem.

Ah, quem sabe, talvez não demore muito antes que eu possa compartilhar esse sentimento de felicidade avassaladora com alguém que sinta o mesmo que eu.

Sua Anne

P.S.: Pensamentos: Para Peter.

Sentimos falta de tanta coisa aqui, tanta coisa, e durante tanto tempo! Sinto tanta falta quanto você. Não estou falando de coisas exteriores, já que estamos bem providos delas, mas, sim, das interiores. Como você, anseio por liberdade e ar puro, mas acho que temos sido bastante compensados por essa perda. Por dentro, quero dizer.

Hoje de manhã, quando estava sentada diante da janela e olhando longa e profundamente para Deus e para a natureza, fiquei feliz, simplesmente feliz. Peter, enquanto as pessoas sentirem esse tipo de felicidade interior, a alegria da natureza, a saúde e muito mais sempre poderão resgatar essa felicidade.

Riqueza, prestígio, tudo pode ser perdido. A felicidade em seu coração pode ser diminuída; mas estará sempre lá, enquanto você viver, para torná-lo feliz de novo.

Sempre que estiver sozinho ou triste, tente ir para o sótão num dia lindo e olhar para fora. Não para as casas e os telhados, mas para o céu. Enquanto puder olhar sem medo para o céu, saberá que é puro por dentro, e encontrará a felicidade outra vez.

Domingo, 27 de fevereiro de 1944

Minha querida Kitty,

Desde o início da manhã até o fim da noite, só penso em Peter. Durmo com sua imagem diante dos olhos, sonho com ele e acordo com ele ainda olhando para mim.

Tenho a forte sensação de que Peter e eu não somos tão diferentes como podemos parecer na superfície, e vou explicar por quê: nem Peter nem eu temos mãe. A dele é superficial demais, gosta de paquerar os homens e não se preocupa muito com o que o filho pensa. A minha se interessa ativamente por minha vida, mas não tem tato, sensibilidade ou compreensão materna.

Peter e eu estamos lutando com nossos sentimentos mais íntimos. Ainda não temos certeza de nós mesmos e somos muito vulneráveis emocionalmente para que nos tratem tão mal. Sempre que isso acontece, quero correr para fora ou esconder meus sentimentos. Em vez disso, bato nos potes e nas panelas, esparramo água e faço barulho, e todo mundo fica querendo que eu estivesse a quilômetros de distância. A reação de Peter é se fechar, dizer pouca coisa, sentar-se em silêncio e devanear, ao mesmo tempo em que esconde a sete chaves seu eu verdadeiro.

Mas como, e quando, finalmente poderemos alcançar um ao outro?

Não sei por quanto tempo poderei continuar controlando esse desejo.

Sua Anne M. Frank

Segunda-feira, 28 de fevereiro de 1944

Minha querida Kitty,

Parece um pesadelo que continua durante muito tempo depois que acordo. Eu o vejo quase todas as horas do dia e, mesmo assim, não posso estar com ele, não posso deixar os outros perceberem, e tenho de fingir alegria, mesmo com dor no coração.

Peter Schiffe Peter van Daan se fundiram num só, num Peter que é bom e gentil e que desejo desesperadamente. Mamãe é horrível, papai é bom, o que o torna ainda mais irritante, e Margot é a pior, porque se aproveita de meu rosto sorridente para me manter por perto, quando só quero ficar sozinha.

Peter não veio me encontrar no sótão maior, e depois foi ao sótão pequeno fazer um trabalho de carpintaria. A cada martelada se despedaçava mais um pedaço da minha coragem, e eu ficava ainda mais infeliz. A distância, um sino de relógio tocava: pureza no coração, pureza no pensamento!

Sou sentimental, sei disso. Sou dependente e boba, sei disso também.

Ah, me ajude!

Sua Anne M. Frank

Quarta-feira, 1º de março de 1944

Querida Kitty,

Meus problemas foram empurrados para segundo plano por... um roubo. Estou chateando você com todos os roubos que conto, mas o que posso fazer quando os ladrões têm tamanho prazer em honrar a Gies & Co

com sua presença? Esse incidente foi muito mais complicado do que o outro, de julho de 1943.

Ontem à noite, às sete e meia, o Sr. van Daan estava indo, como sempre, ao escritório do Sr. Kugler, quando viu que a porta de vidro e a do escritório estavam abertas. Ficou surpreso, mas foi em frente e ficou ainda mais perplexo ao ver que as portas da saleta também estavam abertas, e que havia uma confusão terrível no escritório da frente. Houve um roubo, foram as palavras que explodiram em sua cabeça. Mas, para ter certeza, ele desceu até a porta da frente, verificou a tranca e encontrou tudo fechado. Bep e Peter devem ter sido muito descuidados esta tarde, concluiu o Sr. van Daan. Ele continuou durante algum tempo no escritório do Sr. Kugler, apagou a luz e subiu sem se preocupar muito com as portas abertas e o escritório bagunçado.

Hoje de manhã, Peter bateu em nossa porta para dizer que a porta da frente estava escancarada e que o projetor e a pasta nova do Sr. Kugler haviam desaparecido do armário. Peter foi instruído a trancar a porta. O Sr. van Daan contou sobre suas descobertas da noite anterior, e ficamos preocupadíssimos.

A única explicação é que o ladrão deve ter uma chave em duplicata, pois não havia sinal de que forçara a entrada. Ele deve ter entrado furtivamente à tarde, trancado a porta, se escondido quando ouviu o Sr. van Daan e fugido depois que o Sr. van Daan subiu e, na pressa, não se incomodou em trancar a porta.

Quem poderia ter nossa chave? Por que o ladrão não foi até o depósito? Será que era um dos nossos empregados do armazém, e será que vai nos denunciar, agora que ouviu o Sr. van Daan e talvez até mesmo o tenha visto?

É realmente apavorante, porque não sabemos se o ladrão vai tentar de novo. Ou será que ficou tão assustado ao ouvir outra pessoa no prédio e por isso vai ficar longe?

Sua Anne

P.S.: Nós adoraríamos que você pudesse contratar um bom detetive. Obviamente há uma condição: ele deve ser de confiança e não informar sobre pessoas escondidas.

Quinta-feira, 2 de março de 1944

Querida Kitty,

Margot e eu estávamos juntas no sótão hoje. Não consigo gostar tanto de ficar lá com ela quanto imagino que gostaria de ficar com Peter (ou outra pessoa). Sei que, com relação à maior parte das coisas, ela sente o mesmo que eu!

Enquanto lavava os pratos, Bep começou a falar com mamãe e a Sra. van Daan sobre como está desanimada. E que ajuda aquelas duas lhe ofereceram? Minha mãe, especialmente, com sua falta de tato característica, só fez piorar as coisas. Sabe qual foi o seu conselho? Que ela deveria pensar nas outras pessoas que sofrem no mundo! Como é que pensar no sofrimento de outras pessoas pode ajudar se você está se sentindo péssima? Eu disse isso. A resposta delas, claro, foi que eu não deveria me meter nesse tipo de conversa.

Os adultos são tão idiotas! Como se Peter, Margot, Bep e eu não tivéssemos os mesmos sentimentos. A única coisa que ajuda é um amor de mãe, daquela amiga muito, muito íntima. Mas essas duas mães não entendem nada sobre nós! Talvez a Sra. van Daan entenda um pouquinho mais do que mamãe. Ah, eu gostaria de ter dito alguma coisa à coitada da Bep, alguma coisa que sei, por experiência, que teria ajudado. Mas papai se intrometeu, me empurrando para o lado. São todos tão imbecis!

Também falei com Margot sobre papai e mamãe, sobre como seria bom se eles não fossem tão irritantes. Poderíamos organizar noites em que cada um se revezaria discutindo determinado assunto. Mas já passamos por tudo isso. Para mim, é impossível falar aqui! O Sr. van Daan parte para a ofensiva, mamãe fica sarcástica e não consegue dizer nada em voz normal, papai não sente vontade de participar, nem o Sr. Dussel, e a Sra. van Daan é atacada com tanta frequência que só fica sentada com o rosto vermelho, praticamente incapaz de continuar brigando. E quanto a nós? Não deixam que tenhamos opinião! Minha nossa, como são modernos! Nem ter uma opinião! As pessoas podem mandar você calar a boca, mas não podem lhe impedir de ter uma opinião. Não se pode proibir ninguém de ter opinião, não importa se a pessoa é muito jovem! A única coisa que ajudaria a Bep, Margot, Peter e a mim seria um grande amor e dedicação, coisa que não recebemos. E ninguém, especialmente os sábios idiotas daqui, é capaz de nos compreender, pois somos mais sensíveis e temos pensamentos muito mais avançados do que eles suspeitam!

Amor, o que é o amor? Não creio que se possa realmente pôr em palavras. Amor é entender alguém, se importar, compartilhar as alegrias e as tristezas. Isso pode incluir o amor físico. Você compartilha alguma coisa, dá alguma coisa e recebe algo em troca, seja ou não casada, tenha ou não um filho. Perder a virtude não importa, desde que você saiba que, enquanto viver, terá ao lado alguém que a compreenda e que não precisa ser dividido com ninguém mais!

Sua Anne M. Frank

No momento, mamãe está pegando no meu pé de novo; está evidentemente com ciúme porque converso mais com a Sra. van Daan do que com ela. Não me interessa!

Consegui segurar Peter hoje à tarde, e conversamos durante pelo menos 45 minutos. Ele queria me contar uma coisa a seu respeito, mas não conseguia. Finalmente, conseguiu, mas demorou. Sinceramente eu não sabia se era melhor ficar ou ir embora. Mas queria tanto ajudá-lo! Falei de Bep e de como nossas mães têm pouco tato. Ele disse que os pais estão sempre brigando por causa de política, cigarro e qualquer tipo de coisa. Como já disse antes, Peter é muito tímido, mas não a ponto de admitir que ficaria plenamente feliz se não visse os pais durante um ano ou dois.

– Meu pai não é tão legal quanto parece – disse ele. – Mas, na questão dos cigarros, mamãe está certíssima.

Também falei sobre minha mãe. Mas ele veio em defesa de papai. Peter acha que ele é um sujeito incrível.

Hoje à noite, quando eu estava pendurando o avental depois de lavar os pratos, ele me chamou e pediu que eu não dissesse nada lá embaixo sobre seus pais terem brigado de novo e não estarem se falando. Prometi, apesar de já ter contado a Margot. Mas tenho certeza de que Margot não vai passar adiante.

– Ah, não, Peter – disse. – Não precisa se preocupar comigo. Aprendi a não falar de tudo que ouço. Nunca repito as coisas que você me conta.

Ele ficou satisfeito ao ouvir isso. Também comentei que éramos uns tremendos fofoqueiros e disse:

– Margot está certa, claro, quando diz que não estou sendo honesta; porque mesmo querendo parar de fofocar, não há nada de que eu mais goste do que falar do Sr. Dussel.

– É bom que você reconheça isso. – Peter ficou vermelho, e seu elogio sincero quase me deixou sem jeito também.

Depois falamos um pouco mais sobre lá em cima e lá embaixo. Peter ficou realmente surpreso ao saber que não gostamos dos pais dele.

– Peter – disse. – Você sabe que sou sempre honesta; por que não contaria isso? Nós também vemos os defeitos deles.

Acrescentei:

– Eu realmente gostaria de ajudar você, Peter. Você deixa? Está numa posição incômoda, e mesmo que não diga nada, sei que isso o chateia.

– Ah, a sua ajuda é sempre bem-vinda.

– Talvez fosse melhor que você conversasse com papai. Você pode contar tudo a ele, ele não passa adiante.

– Sei disso, seu pai é um cara legal.

– Você gosta muito dele, não é?

Peter confirmou, e continuei:

– Bom, ele também gosta de você, você sabe!

Ele levantou os olhos rapidamente e ficou vermelho. Era realmente tocante ver como essas palavras o deixaram feliz.

– Acha mesmo? – perguntou ele.

– Acho. Dá para ver pelas coisinhas que ele deixa escapar de vez em quando.

Então o Sr. van Daan entrou para fazer um pouco de ditado. Peter é um "cara legal", como papai!

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 3 de março de 1944

Minha querida Kitty,

Quando olhei para a vela hoje à noite, me senti calma e feliz de novo. Parece que vovó está naquela vela e que vovó é quem me vigia, me protege e me faz sentir feliz de novo. Mas... há outra pessoa que governa o meu

humor, e é... Peter. Hoje fui pegar as batatas, e enquanto eu estava na escada com a panela cheia, ele perguntou:

– O que você fez na hora do almoço?

Sentei-me na escada e começamos a falar. As batatas só chegaram à cozinha às cinco e quinze (uma hora depois de eu ter subido para apanhá-las). Peter não disse mais nada sobre os pais; só falamos de livros e do passado. Ah, ele me olha com tanto calor nos olhos! Não acho que falte muito para eu me apaixonar.

À noite ele puxou o assunto. Fui ao seu quarto depois de descascar batatas e disse que estava com calor.

– Dá para saber a temperatura olhando para Margot e para mim, porque nós ficamos brancas quando está frio, e quando está quente ficamos vermelhas – disse.

– De paixão? – perguntou ele.

– Por que eu deveria estar apaixonada? – Foi uma resposta (ou melhor, uma pergunta) bem idiota.

– Por que não? – disse ele.

E já estava na hora do jantar.

O que será que ele quis dizer? Hoje, finalmente, consegui perguntar se minha conversa o chateava. Ele só disse:

– Ah, eu acho legal!

Não sei até que ponto essa resposta foi por causa da timidez. Kitty, estou parecendo uma pessoa apaixonada que só consegue falar sobre seu querido amado. E Peter é meu querido. Será que algum dia poderei dizer isso a ele? Só se ele pensar a mesma coisa a meu respeito, mas sou o tipo de pessoa que precisa ser tratada com luvas de pelica, sei disso muito bem. E Peter gosta de ficar sozinho, por isso não sei quanto ele gosta de mim. De qualquer forma, estamos nos conhecendo um pouquinho melhor. Gostaria que tivéssemos coragem de dizer mais. Mas, quem sabe, talvez esse tempo chegue mais

rápido do que penso! Uma ou duas vezes por dia, ele me lança um olhar significativo, pisco de volta e nós dois ficamos felizes. Parece loucura dizer que ele fica feliz, mas tenho a sensação forte de que ele pensa como eu.

Sua Anne M. Frank

Sábado, 4 de março de 1944

Querida Kitty,

Em muitos meses, este é o primeiro sábado que não foi cansativo, terrível e chato. O motivo é Peter. Hoje de manhã, quando eu estava indo ao sótão pendurar meu avental, papai perguntou se eu queria ficar e treinar francês. Eu disse que sim. Ficamos falando francês durante um tempo, e expliquei algumas coisas a Peter, depois estudamos inglês. Papai leu Dickens em voz alta, e fiquei no sétimo céu, porque estava sentada na poltrona de papai, perto de Peter.

Desci às quinze para as onze. Quando subi de novo às onze e meia, Peter já estava me esperando na escada. Conversamos até quinze para a uma. Sempre que saio da sala, por exemplo, depois de uma refeição, e Peter vê que ninguém está ouvindo, ele diz:

– Tchau, Anne, a gente se vê depois.

Ah, estou tão feliz! Será que, afinal de contas, ele vai se apaixonar por mim? De qualquer modo, Peter é um cara legal, e você não tem ideia de como é bom conversar com ele!

A Sra. van Daan não vê problemas em eu conversar com Peter, mas, hoje, ela me perguntou, só para chatear:

– Posso confiar em vocês dois lá em cima?

– Claro – protestei. – Isso para mim é uma ofensa!

De manhã, de tarde e de noite estou sempre ansiosa para ver Peter.

Sua Anne M. Frank

P.S.: Antes que eu esqueça, ontem à noite tudo estava coberto de neve. Agora ela derreteu, e não sobrou quase nada.

Segunda-feira, 6 de março de 1944

Querida Kitty,

Desde que Peter me falou de seus pais, senti uma espécie de responsabilidade com relação a ele – não acha estranho? É como se as brigas deles tivessem a ver comigo também, e, mesmo assim, não tenho coragem de puxar o assunto de novo, porque tenho medo de que isso o incomode. Eu não quero me intrometer, nem por todo o dinheiro do mundo.

Posso dizer, pelo rosto de Peter, que ele pensa nas coisas tão profundamente quanto eu. Ontem à noite fiquei chateada quando a Sra. van Daan brincou, dizendo:

– Olha só o pensador!

Peter ficou vermelho e pareceu sem graça, e eu quase voei para cima dela.

Por que é que essas pessoas não ficam de boca fechada? Você não pode imaginar como é ter de manter a distância e ver como ele é solitário, sem poder fazer nada. Imagino, como se estivesse no lugar dele, como Peter deve se sentir desanimado com essas brigas. E quanto ao amor... pobre Peter, ele precisa tanto ser amado!

Ele pareceu frio quando disse que não precisava de amigos. Ah, ele está enganado! Não acho que tenha falado sério. Ele se agarra à sua

masculinidade, à solidão e à indiferença fingida para conseguir manter o papel que representa, para que nunca, jamais, precise mostrar os sentimentos. Coitado, até quando vai conseguir? Será que não vai acabar explodindo com seus esforços sobre-humanos?

Ah, Peter, se ao menos eu pudesse ajudá-lo, se ao menos você deixasse! Juntos poderíamos banir a solidão, a sua e a minha!

Tenho pensado bastante, mas não comento muito. Fico feliz quando o vejo e ainda mais feliz se o sol brilha quando estamos juntos. Lavei o cabelo ontem, e como sabia que ele estava no cômodo ao lado, fiz muito barulho. Não pude evitar; quanto mais quieta e séria estou por dentro, mais ruidosa fico por fora! Quem será o primeiro a descobrir a brecha em minha armadura?

É ótimo que os van Daan não tenham uma filha. Minha conquista nunca seria tão desafiadora, tão linda e tão boa com alguém do mesmo sexo!

Sua Anne Frank

P.S.: Você sabe que sou sempre honesta com você, por isso acho que devo contar que vivo de um encontro para o outro. Espero descobrir que ele fica louco para me ver, e fico extasiada ao perceber suas tentativas tímidas. Acho que ele gostaria de poder se expressar tão facilmente quanto eu; mal sabe ele que é sua falta de jeito que acho tão atraente.

Terça-feira, 7 de março de 1944

Querida Kitty,

Quando penso na minha vida em 1942, tudo parece irreal. A Anne Frank que desfrutava uma vida celestial era completamente diferente da que

ficou ajuizada dentro destas paredes. Sim, foi celestial. Cinco admiradores em cada esquina, umas vinte amigas, a preferida da maioria dos professores, completamente mimada por mamãe e papai, sacolas cheias de doces e dinheiro para gastar. Que mais eu poderia pedir?

É provável que você esteja se perguntando como eu poderia ter conquistado todas aquelas pessoas. Peter diz que é porque sou atraente, mas não é só isso. Os professores se divertiam com minhas respostas espertas, com minhas observações engraçadas, com meu rosto sorridente e o pensamento crítico. Eu era isto: uma tremenda namoradeira, charmosa e animada. Tinha alguns pontos positivos que me mantinham nas boas graças de todo mundo: trabalhava muito, era honesta e generosa. Nunca teria recusado alguém que me fizesse uma pergunta, era magnânima com meus doces e não era grudenta.

Será que toda aquela admiração acabaria me tornando confiante demais? Foi bom que, no auge de minha glória, eu tivesse sido jogada de repente na realidade. Demorei mais de um ano para me acostumar a viver sem admiração.

Como será que me viam na escola? Como a comediante da turma, a eterna líder, nunca mal-humorada, nunca reclamando. Seria de espantar que todo mundo quisesse ir de bicicleta comigo para a escola ou me fazer pequenos favores?

Vejo aquela Anne Frank como uma garota agradável, divertida, mas superficial, que não tem nada a ver comigo. O que Peter diz a meu respeito?

– Sempre que eu a via, você estava cercada por um monte de garotas e pelo menos dois garotos, estava sempre rindo e era sempre o centro das atenções!

Ele estava certo.

O que sobrou daquela Anne Frank? Ah, não me esqueci do riso nem das respostas afiadas; continuo boa – talvez até melhor – em deixar as pessoas

pisando em brasas, e ainda consigo paquerar e ser divertida, se quiser...

Mas aí é que está o problema. Eu gostaria de ter aquela vida aparentemente descuidada e feliz durante uma tarde, alguns dias, uma semana. No fim da semana, estaria exausta, e agradeceria à primeira pessoa que conversasse comigo sobre algo importante. Quero amigos, não admiradores. Pessoas que me respeitem pelo caráter e pelo que faço, não pelo sorriso encantador. O círculo ao meu redor seria bem menor, mas não importa, desde que fosse composto por gente sincera.

Apesar de tudo, eu não era totalmente feliz em 1942; costumava me sentir abandonada, mas como passava o dia inteiro na agitação, nem pensava nisso. Eu me divertia ao máximo, tentando, consciente ou inconscientemente, preencher o vazio com piadas.

Olhando para trás, noto que esse período de minha vida terminou de vez; meus dias de escola, felizes e despreocupados, se foram para sempre. Nem sinto falta. Superei. Não posso mais ficar de brincadeira, porque o meu lado sério sempre aparece.

Vejo minha vida até o Ano-Novo de 1944 como se estivesse olhando através de uma lente poderosa. Quando estava em casa, minha vida era cheia de sol. Depois, no meio de 1942, tudo mudou da noite para o dia. As brigas, as acusações... não podia me adaptar a elas. Fui apanhada desprevenida, e o único jeito de manter a individualidade era contra-atacar.

A primeira metade de 1943 trouxe acessos de choro, solidão e a percepção gradual de minhas falhas e meus defeitos, que eram numerosos e pareciam ainda maiores. Eu preenchia o dia com conversa fiada, tentava atrair Pim e não conseguia. Isso me deixou sozinha com a tarefa de me desenvolver, para que não tivesse de ouvir suas críticas, porque elas me deixavam desanimada.

A segunda metade do ano foi ligeiramente melhor. Virei uma adolescente, e fui tratada como uma pessoa mais crescida. Comecei a pensar

em coisas e em escrever histórias; finalmente concluí que os outros não tinham mais nada a ver comigo. Eles não tinham o direito de me virar para um lado e para o outro como um pêndulo de relógio. Eu queria me modificar ao meu jeito. Percebi que podia me virar sem minha mãe, completa e totalmente, e isso doeu. Mas o que mais me afetou foi compreender que nunca poderia confiar em papai. Eu só confiava em mim.

Depois do Ano-Novo, aconteceu a segunda grande mudança: meu sonho, graças ao qual descobri que desejava... um rapaz; não uma amiga, mas um namorado. Também descobri uma felicidade interior, abaixo de meu exterior superficial e alegre. De vez em quando, eu ficava quieta. Agora só vivo para Peter, porque o que vai me acontecer no futuro depende principalmente dele.

Vou me deitar, depois de terminar as orações com as palavras *Ich danke dir für all das Gute und Liebe und Schöne*,[19] e me encho de alegria. Penso no esconderijo, na saúde e em todo o meu ser como das Gute; no amor de Peter (que ainda é tão novo e frágil e do qual nenhum de nós dois ousa falar em voz alta), no futuro, na felicidade e no amor como das Liebe; no mundo, na natureza e na imensa beleza de tudo, em todo esse esplendor, como das Schöne.

Nesses momentos, não penso na infelicidade e, sim, na beleza que permanece. É nisso que eu e mamãe somos muito diferentes. Seu conselho diante da melancolia é: "Pense em todo o sofrimento que há no mundo e agradeça por não fazer parte dele." Meu conselho é: "Saia, vá para o campo, aproveite o sol e tudo que a natureza tem para oferecer. Saia e tente recapturar a felicidade que há dentro de você; pense na beleza que há em você e em tudo ao seu redor, e seja feliz."

Não acho que o conselho de mamãe possa ser bom, porque o que você deveria fazer caso participasse do sofrimento? Ficaria totalmente perdida. Pelo contrário, a beleza continua a existir, mesmo na desgraça. Se a procurar,

você descobrirá cada vez mais felicidade, e recuperará o equilíbrio. Uma pessoa feliz tornará as outras felizes; uma pessoa com coragem e fé nunca morrerá na desgraça!

Sua Anne M. Frank

Quarta-feira, 8 de março de 1944

Margot e eu estávamos escrevendo bilhetes uma para a outra, só para nos distrair, é claro.

Anne: É estranho, mas só no dia seguinte consigo lembrar o que aconteceu na noite anterior. Por exemplo, me lembrei de repente de que o Sr. Dussel estava roncando alto ontem à noite. (Agora são quinze para as três da tarde de quarta-feira, e o Sr. Dussel está roncando de novo, e foi por isso que a imagem me veio à mente, é lógico.) Quando tenho de usar o urinol, procuro fazer mais barulho a fim de que o ronco pare.

Margot: O que é melhor, o ronco ou quando ele fica sem ar?

Anne: O ronco é melhor, porque para quando faço barulho, sem acordar a pessoa em questão.

O que não escrevi para Margot, mas que vou confessar para você, querida Kitty, é que tenho sonhado muito com Peter. Anteontem à noite, sonhei que estava patinando aqui em nossa sala de estar, com aquele garotinho do rinque de patinação no gelo Apollo; ele estava com a irmã, a

garota de pernas finas que sempre usa o mesmo vestido azul. Eu me apresentei, exagerando um pouco a pose, e perguntei o nome dele. Era Peter. No meu sonho, eu me perguntava exatamente quantos Peters eu conhecia!

Então, sonhei que eu e Peter estávamos no quarto dele, um de frente para o outro, ao lado da escada. Eu disse alguma coisa; ele me beijou, mas respondeu que não me amava tanto e que eu não deveria paquerar. Numa voz desesperada e implorante eu disse: "Não estou paquerando, Peter!"

Quando acordei, fiquei feliz porque, afinal de contas, Peter não tinha dito aquilo.

Ontem à noite, sonhei que estávamos nos beijando, mas o rosto de Peter foi uma frustração: não era tão macio quanto parecia. Era mais como o de papai – o rosto de um homem que já se barbeia.

Sexta-feira, 10 de março de 1944

Minha querida Kitty,

O provérbio "A desgraça nunca vem sozinha" definitivamente se aplica ao dia de hoje. Peter acabou de dizer isso. Vou contar todas as coisas horríveis que aconteceram e que ainda estão pairando sobre nossas cabeças.

Em primeiro lugar, Miep está doente, por causa do casamento de Henk e Aagje, ontem. Ela pegou um resfriado na Westerkerk, onde foi realizada a cerimônia. Em segundo, o Sr. Kleiman não voltou ao trabalho desde a última vez em que seu estômago começou a sangrar, por isso Bep tem de cuidar da fortaleza sozinha. Em terceiro lugar, a polícia prendeu um homem (cujo nome não vou escrever). Foi terrível não somente para ele, mas também para nós, porque ele nos fornecia batata, manteiga e geleia. O Sr. M., como vou chamá-lo, tem cinco filhos com menos de 13 anos, e mais um a caminho.

Ontem, no início da noite, levamos outro susto: estávamos no meio do jantar, quando de repente alguém bateu na parede do prédio vizinho. Durante o resto da noite ficamos nervosos e deprimidos.

Ultimamente, não estou com muito clima para escrever tudo que acontece aqui. Ando mais introspectiva. Não me leve a mal, estou terrivelmente chateada com o que aconteceu ao bondoso Sr. M., mas não há muito espaço para ele em meu diário.

Terça, quarta e quinta-feira estive no quarto de Peter, de quatro e meia às cinco e quinze. Estudamos francês e conversamos. Fico realmente ansiosa por essa hora da tarde, mas o melhor de tudo é pensar que Peter também gosta de me ver.

Sua Anne Frank

Sábado, 11 de março de 1944

Querida Kitty,

Ultimamente não tenho conseguido parar. Subo e desço as escadas o tempo todo. Gosto de conversar com Peter, mas vivo com medo de parecer uma boba. Ele me falou um pouco sobre o passado, sobre seus pais e sobre ele mesmo, mas isso não é suficiente, e a cada cinco minutos me pergunto por que desejo mais. Antes ele me achava uma chatice, e o sentimento era mútuo. Mudei de ideia, mas como saber se ele também mudou? Acho que sim, mas isso não significa necessariamente que tenhamos de nos tornar os melhores amigos, se bem que, de minha parte, isso tornaria mais suportável o tempo que passamos aqui. Mas não vou deixar isso me enlouquecer. Passo

bastante tempo pensando nele, e não preciso chatear você também, simplesmente porque estou tão infeliz!

Domingo, 12 de março de 1944

Querida Kitty,

As coisas estão ficando cada dia mais loucas. Peter não me procura desde ontem. Age como se estivesse com raiva de mim. Estou me esforçando ao máximo para não ficar atrás dele e de falar com ele o mínimo possível, mas não é fácil! O que está acontecendo, o que faz com que Peter se mantenha distante num minuto e corra para o meu lado no outro? Talvez ele seja uma pessoa instável, como eu, e talvez amanhã tudo esteja bem outra vez!

Tive a maior dificuldade para manter uma fachada normal, já que estou me sentindo tão triste e infeliz. Tenho de falar, ajudar nas tarefas da casa, me sentar com os outros e, sobretudo, fingir que estou alegre! Mais do que tudo, sinto falta de sair e de ter um lugar em que possa ficar sozinha o tempo que quiser! Acho que estou misturando tudo, Kitty, mas ando numa confusão absoluta: por um lado, estou meio louca de desejo por ele, mal consigo ficar no mesmo cômodo sem olhá-lo; e, por outro lado, me pergunto por que ele se importaria comigo e por que não consigo me acalmar de novo!

Dia e noite, durante todas as horas em que estou acordada, só faço me perguntar: “Você lhe deu chances suficientes para ficar sozinho? Você passou tempo demais lá em cima? Fala demais sobre assuntos sérios sobre os quais ele não está preparado para conversar? Talvez ele nem goste de você. Será que tudo não está apenas em sua imaginação? Mas por que Peter contou tantas coisas sobre ele mesmo? Será que está arrependido disso?” E muito mais.

Ontem à tarde, fiquei tão estressada com as notícias tristes do mundo exterior que me deitei em meu divã para tirar um cochilo. Só queria dormir e não pensar. Dormi até as quatro horas, mas depois tive de ir para o cômodo ao lado. Não foi fácil responder a todas as perguntas de mamãe e inventar uma desculpa para explicar meu cochilo a papai. Inventei uma dor de cabeça, o que não foi propriamente uma mentira, já que eu tive uma... por dentro!

Pessoas comuns, garotas comuns, adolescentes como eu, pensariam que sou meio maluca com toda essa autopiedade. Mas é isso. Abro meu coração para você, e no resto do tempo sou o mais extrovertida, alegre e autoconfiante possível para evitar perguntas e controlar meus nervos.

Margot é muito boa e gostaria que eu contasse as coisas para ela, mas não posso dizer tudo. Ela me leva muito a sério, a sério demais, e passa muito tempo pensando em sua irmã doida, me olhando atentamente sempre que abro a boca e pensando: "Será que ela está representando, ou será que fala sério?"

Isso é porque estamos sempre juntas. Não quero que a pessoa a quem conto as coisas esteja sempre perto de mim.

Quando será que vou desenrolar meus pensamentos? Quando reencontrarei a paz interior?

Sua Anne

Terça-feira, 14 de março de 1944

Querida Kitty,

Pode ser engraçado para você (mas não para mim) ficar sabendo o que vamos comer hoje. A faxineira está trabalhando lá embaixo, por isso, no

momento estou sentada na mesa oleada na sala dos van Daan, apertando contra o nariz e a boca um lenço cheio de perfume anterior à guerra. Você provavelmente não faz a mínima ideia do que estou falando, então deixa eu "começar do início". As pessoas que nos fornecem cupons de comida foram presas, portanto, só temos nossos cinco blocos de ração para o mercado negro – sem cupom não se consegue gordura e óleo. Como Miep e o Sr. Kleiman estão doentes de novo, Bep não pode fazer as compras. A comida está um horror, e nós também. E, amanhã, não teremos nem um pingo de gordura, manteiga ou margarina. Não podemos comer batatas fritas no café da manhã (o que vínhamos fazendo para economizar pão), por causa disso estamos comendo cereal quente, e como a Sra. van Daan acha que passamos fome, compramos um pouco de cereal misturado. O almoço de hoje consiste em purê de batata e couve em conserva. Isso explica a medida de precaução com o lenço. Você não acreditaria como a couve fede depois de alguns anos! A cozinha cheira como uma mistura de ameixa estragada, ovos podres e desinfetante. Argh, só de pensar em comer isso tenho vontade de vomitar! Além do mais, nossas batatas contraíram tantas doenças estranhas que um em cada dois cestos de pommes de terre termina no lixo. Nós nos distraímos tentando descobrir que doença elas pegaram e chegamos à conclusão de que sofrem de câncer, sarampo e catapora. Francamente, ficar escondida no quarto ano da guerra não é um piquenique. Se ao menos essa bagunça fedorenta acabasse!

Para dizer a verdade, a comida não importaria tanto se a vida aqui tivesse outras coisas mais agradáveis. Mas é só isso: essa existência cansativa começa a transformar todos nós em pessoas desagradáveis. Eis as opiniões dos cinco adultos sobre a situação atual (as crianças não têm direito de ter opiniões, e pela primeira vez estou cumprindo as regras):

Sra. van Daan: "Há muito tempo parei de querer ser a rainha da cozinha. Mas é chato ficar sem fazer nada, por isso voltei a cozinhar. Mesmo assim,

não consigo deixar de reclamar: é impossível cozinhar sem óleo, e todos esses fedores enjoam meu estômago. Além disso, o que ganho em troca de meus esforços? Ingratidão e palavras grosseiras. Sou sempre a ovelha negra; a culpada de tudo. E mais, acho que a guerra está avançando muito pouco. Os alemães vão acabar vencendo. Estou apavorada, achando que vamos passar fome, e quando estou mal-humorada, brigo com qualquer um que passar por perto."

Sr. van Daan: "Eu só fumo e fumo e fumo. E, então, a comida, a situação política e o mau humor de Kerli não parecem tão ruins. Kerli é um doce. Se eu não tenho nada para fumar, fico doente, e então preciso comer carne, a vida fica insuportável, nada presta, e pode surgir uma briga feia. Minha Kerli é uma idiota."

Sra. Frank: "A comida não é muito importante, mas eu adoraria um pedaço de pão de centeio agora mesmo, porque estou com muita fome. Se eu fosse a Sra. van Daan, há muito tempo teria colocado um ponto final no vício de fumo do Sr. van Daan. Mas agora preciso desesperadamente de um cigarro, porque minha cabeça está um turbilhão. Os van Daan são pessoas horríveis; os ingleses podem cometer muitos erros, mas a guerra está avançando. Eu deveria manter a boca fechada e agradecer por não estar na Polônia."

Sr. Frank: "Tudo está ótimo, não preciso de nada. Fiquem calmos, nós temos tempo suficiente. Basta me dar minhas batatas, e eu fico quieto. Melhor separar parte de minhas rações para Bep. A situação política está melhorando, estou muito otimista."

Sr. Dussel: "Devo terminar a tarefa que me dispus a realizar, tudo deve ser terminado na hora certa. A situação política está parecendo 'gut', é 'empossível' que nós sejamos apanhados. Eu, eu, eu...!"

Sua Anne

Quinta-feira, 16 de março de 1944

Querida Kitty,

Uau! Libertada da tristeza e da depressão por alguns instantes! Durante o dia inteiro, só ouvi: “Se isso e isso acontecerem, teremos problemas, e se fulano ficar doente, teremos de nos virar sozinhos, e se...”

Bom, você sabe o resto – de qualquer modo, acredito que esteja familiarizada com os moradores do Anexo para imaginar do que eles estão falando.

O motivo de todos esses “ses” é que o Sr. Kugler foi chamado para um trabalho forçado de seis dias, Bep está de cama com uma gripe forte e talvez tenha de ficar em casa amanhã, Miep não se curou do resfriado e o estômago do Sr. Kleiman sangrou tanto que ele perdeu a consciência. Quanta desgraça!

Achamos que o Sr. Kugler deveria ir direto a um médico de confiança pedir um atestado, que ele pode apresentar à prefeitura em Hilversum. Os empregados do armazém receberam folga amanhã, por isso Bep ficará sozinha no escritório. Se (este é outro se) Bep tiver de continuar em casa, a porta vai ficar trancada e teremos de ficar quietos feito camundongos para que o pessoal da Companhia Keg não nos ouça. À uma da tarde, Jan virá durante meia hora, como um tratador do zoológico, verificar como nós, pobres coitados, estamos passando.

Hoje à tarde, pela primeira vez em séculos, Jan nos deu algumas notícias do mundo lá fora. Você deveria ter visto todos nós ao redor dele; parecia uma gravura: “Aos pés da vovó.”

Ele regalou a plateia agradecida falando de – o que mais poderia ser? – comida. A Sra. P., amiga de Miep, vem preparando as refeições para ele. Anteontem, Jan comeu cenouras com ervilhas, ontem comeu as sobras, hoje

ela está preparando ervilha graúda, e para amanhã está planejando fazer purê das cenouras que sobraram, juntamente com as batatas.

Perguntamos sobre o médico de Miep.

– Médico? – perguntou Jan. – Que médico? Eu telefonei hoje de manhã e consegui falar com a secretária. Pedi uma receita para gripe e ela me disse para eu ir pegá-la amanhã de manhã, entre oito e nove horas. Se você estiver com uma gripe particularmente forte, o médico vem ao telefone e diz: "Estique a língua e diga 'aah'. Ah, estou ouvindo, sua garganta está inflamada. Vou dar uma receita e você pode levá-la à farmácia. Bom dia." E é só isso. O trabalho dele é fácil, diagnóstico por telefone. Afinal de contas, a gente só tem duas mãos, e hoje em dia há muitos pacientes para poucos médicos.

Mesmo assim, nós rimos com satisfação do telefonema de Jan. Imagino como devem estar as salas de espera dos médicos hoje. Os médicos não torcem mais o nariz para pacientes pobres e, sim, para os que têm doenças menos importantes. Eles pensam: "Ei, o que você está fazendo aqui? Vá para o fim da fila; os verdadeiros doentes têm prioridade!"

Sua Anne

Quinta-feira, 16 de março de 1944

Querida Kitty,

O tempo está maravilhoso, indescritivelmente lindo, vou subir ao sótão daqui a pouco.

Agora sei por que sou muito mais inquieta do que Peter. Ele tem o quarto dele, onde pode trabalhar, sonhar, pensar e dormir. Estou sempre sendo empurrada de um canto para o outro. Nunca fico sozinha no quarto

que compartilho com Dussel, mesmo querendo tanto. Esse é outro motivo para eu buscar refúgio no sótão. Quando estou lá, ou com você, posso ser eu mesma, pelo menos durante algum tempo. Mesmo assim, não quero ficar reclamando. Pelo contrário, quero ser corajosa!

Graças a Deus os outros não percebem nada de meus sentimentos mais íntimos, só veem que fico cada vez mais fria e cada vez desprezo mais mamãe, sou menos afetuosa com papai e menos disposta a compartilhar um simples pensamento com Margot; estou mais tensa do que um tambor. Acima de tudo, tenho de manter meu ar de confiança. Ninguém deve saber que meu coração e minha mente estão sempre em guerra um com o outro. Até agora a razão vem ganhando a batalha, mas será que minhas emoções não vão acabar dominando? Algumas vezes temo que sim, porém com mais frequência acabo esperando que sim!

Ah, é tão terrível não comentar com Peter essas coisas, mas sei que tenho de deixar que ele puxe o assunto; é tão difícil agir durante o dia como se tudo que eu tivesse dito e pensado nos sonhos nunca houvesse acontecido! Kitty, Anne é maluca, mas estes são tempos malucos, e as circunstâncias são ainda piores.

A melhor coisa é poder escrever todos os meus pensamentos e sentimentos; do contrário, iria me sufocar. Fico me perguntando o que Peter acha disso tudo. Continuo pensando que algum dia poderei conversar sobre isso com ele. Peter deve ter adivinhado alguma coisa sobre o que se passa dentro de mim, já que não poderia amar a Anne exterior que ele conheceu até agora! Como será que alguém como Peter, que ama a paz e o silêncio, poderia suportar minha agitação e meu barulho? Será que ele vai ser a primeira e a única pessoa a ver o que há por baixo de minha máscara de granito? Será que isso vai demorar muito? Não existe um velho ditado dizendo que o amor é irmão da piedade? Não é isso que está acontecendo aqui também? Porque costumo ter tanta pena dele quanto de mim!

Francamente, não sei como começar. Verdade. Assim, como posso esperar que Peter comece, quando, para ele, falar é muito mais difícil? Se ao menos eu pudesse lhe escrever, ele pelo menos saberia o que estou tentando dizer, já que é tão difícil dizer em voz alta!

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 17 de março de 1944

Minha querida,

Afinal de contas, tudo acabou bem; Bep só estava com a garganta irritada, não era gripe, e o Sr. Kugler conseguiu um atestado médico para se livrar do trabalho forçado. Todo o Anexo soltou um enorme suspiro de alívio. Tudo está ótimo aqui! A não ser Margot e eu, que estamos cansadas de nossos pais.

Não me leve a mal. Ainda amo papai do mesmo jeito, e Margot ama papai e mamãe, mas quando você tem a nossa idade, quer tomar algumas decisões sozinha, sair debaixo da asa deles. Sempre que vou lá para cima, eles perguntam o que vou fazer, não me deixam colocar sal na minha comida, mamãe me pergunta todas as noites, às oito e quinze, se não está na hora de eu colocar a camisola, e eles têm de aprovar cada livro que leio. Devo admitir que não são tão rígidos com relação a isso, e me deixam ler quase tudo, mas Margot e eu estamos cheias de precisar ouvir seus comentários e suas perguntas o dia inteiro.

Há outra coisa que desagrada a eles: não sinto mais vontade de beijá-los de manhã, ao meio-dia e à noite. Todos aqueles apelidinhos parecem ridículos, e é nojenta a mania de papai falar sobre peidos e sobre ir ao banheiro. Resumindo, não há nada que eu adoraria mais do que ficar um

tempo longe dos dois, e eles não entendem isso. Não que Margot e eu tenhamos dito isso alguma vez. De que adiantaria? Eles não entenderiam mesmo.

Ontem à noite, Margot disse:

– O que realmente me incomoda é que, se por acaso você pousa a cabeça nas mãos e suspira uma ou duas vezes, eles imediatamente perguntam se você está com dor de cabeça ou se não se sente bem.

Para nós duas foi um golpe perceber de repente que resta muito pouco da família íntima e harmoniosa que éramos em casa! Isso acontece sobretudo porque tudo aqui está fora dos eixos. Com isso quero dizer que somos tratadas como crianças quando se trata de questões externas, e por dentro somos muito mais velhas do que as garotas de nossa idade. Mesmo tendo somente 14 anos, sei o que quero, sei quem está certo e quem está errado, tenho minhas opiniões, ideias e meus princípios, e mesmo que pareça estranho vindo de uma adolescente, me sinto mais como uma pessoa do que como uma criança – me sinto completamente independente dos outros. Sei que sou melhor do que mamãe num debate ou numa discussão, sei que sou mais objetiva, não exagero tanto, sou muito mais arrumada e mais hábil com as mãos, e por causa disso sinto (isso pode fazer você rir) que sou superior a ela em muita coisa. Para amar uma pessoa, preciso admirá-la e respeitá-la, mas não sinto respeito nem admiração por mamãe!

Tudo estaria bem se ao menos eu tivesse Peter, já que o admiro em muitas coisas. Ele é tão honesto e inteligente!

Sua Anne Frank

Sábado, 18 de março de 1944

Querida Kitty,

Falei mais sobre mim e sobre meus sentimentos a você do que a qualquer outra pessoa, então por que isso não incluiria o sexo?

Os pais, e as pessoas em geral, são muito estranhos quando o assunto é sexo. Em vez de contar tudo aos filhos quando eles têm 12 anos, mandam as crianças para fora da sala quando surge o assunto e deixam que elas descubram tudo sozinhas. Mais tarde, quando os pais percebem que, de algum modo, os filhos encontraram a informação, presumem que eles sabem mais (ou menos) do que realmente sabem. Então, por que não tentam consertar perguntando o que é o quê?

Uma grande barreira para os adultos – ainda que em minha opinião ela não seja maior do que um pedregulho – é que eles têm medo de que os filhos não vejam mais o casamento como algo tão sagrado e puro ao perceberem que, na maioria dos casos, essa pureza é um total absurdo. Segundo meu ponto de vista, não é errado que um homem traga um pouco de experiência anterior ao casamento. Afinal de contas, isso não tem nada a ver com o casamento em si, tem?

Logo depois que fiz 11 anos, eles me falaram de menstruação. Mas, mesmo assim, eu não tinha ideia de por onde o sangue saía ou qual era o motivo. Quando fiz 12 anos e meio, fiquei sabendo mais um pouco com Jacque, que não era tão ignorante quanto eu. Minha intuição me contou o que um homem e uma mulher fazem quando estão juntos; no começo pareceu uma ideia doida, mas quando Jacque confirmou, fiquei orgulhosa ao ter imaginado sozinha!

Também foi Jacque quem me disse que as crianças não saíam pela pança das mães. Ela disse:

– Os ingredientes entram pelo mesmo lugar de onde sai o produto pronto!

Jacque e eu ficamos sabendo do hímen, e de alguns outros detalhes, num livro de educação sexual. Eu também sabia que era possível evitar filhos, mas continuava sendo um mistério o modo como isso funcionava dentro do corpo. Quando cheguei aqui, papai me falou sobre prostitutas e tudo o mais, mas ainda existem perguntas sem respostas.

Se as mães não contam tudo aos filhos, eles ficam sabendo aos pedaços, e isso não pode ser certo.

Mesmo sendo sábado, não estou chateada! É porque estive no sótão com Peter. Fiquei lá sentada, devaneando de olhos fechados, e foi maravilhoso.

Sua Anne M. Frank

Domingo, 19 de março de 1944

Querida Kitty,

Ontem foi um dia muito importante para mim. Depois do almoço, tudo estava como sempre. Às cinco peguei as batatas, e mamãe me deu um pouco de chouriço para levar para Peter. No começo, eu não queria, mas acabei indo. Ele não quis aceitar o chouriço, e tive a sensação apavorante de que ainda era por causa da discussão que tivéramos sobre desconfiança. De repente, não consegui suportar mais um minuto, e meus olhos se encheram de lágrimas. Sem dizer mais nada, devolvi o prato à mamãe e fui ao banheiro chorar um pouco. Depois disso, decidi resolver as coisas com Peter. Antes do jantar, nós quatro o ajudamos com um jogo de palavras cruzadas; por isso, não pude dizer nada. Mas, quando estávamos nos sentando para comer, sussurrei para ele:

– Você vai treinar taquigrafia hoje à noite, Peter?

– Não.

– Gostaria de conversar com você mais tarde.

Ele concordou.

Depois de lavar os pratos, fui ao quarto dele e perguntei se ele havia recusado o chouriço por causa de nossa briga. Felizmente, o motivo não era esse. Lá embaixo fazia muito calor, e meu rosto estava vermelho como um camarão. Por isso, depois de levar um pouco de água para Margot, voltei para cima, para respirar um pouco de ar puro. Pelo bem das aparências, primeiro fui me sentar junto à janela dos van Daan antes de ir ao quarto de Peter. Ele estava em pé, à esquerda da janela aberta, por isso fui para a direita. É muito mais fácil falar perto de uma janela aberta na semiescuridão do que à luz do dia, e acho que Peter pensou a mesma coisa. Nós conversamos tanto, tanto, que não consigo repetir tudo. Mas foi bom; foi a noite mais maravilhosa que já tive no Anexo. Vou fazer uma breve descrição dos vários assuntos que abordamos.

Primeiro falamos sobre as brigas e como as vejo de modo muito diferente hoje em dia, e depois como nos separamos de nossos pais. Falei a Peter sobre mamãe, papai, Margot e eu. Em determinado momento, ele perguntou:

– Vocês sempre se dão um beijo de boa-noite, não é?

– Um? São dezenas. Vocês não fazem isso, não é?

– Não, na verdade nunca beijei ninguém.

– Nem no seu aniversário?

– Bom, no meu aniversário, já.

Falamos em como nós dois realmente não confiamos em nossos pais e em como os pais dele se amam um bocado e gostariam que ele contasse as coisas, mas que ele não quer. Como eu morro de chorar na cama, e ele vai ao sótão xingar. Como só recentemente Margot e eu começamos a nos conhecer, e mesmo assim dizemos muito pouco uma à outra, pois estamos sempre juntas. Falamos sobre tudo o que se possa imaginar, sobre confiança,

sentimentos e sobre nós mesmos. Ah, Kitty, ele é exatamente como eu achava que seria.

Depois comentamos sobre o ano de 1942, e sobre como éramos diferentes naquela época; nem mesmo nos reconhecíamos naquele passado. Falamos sobre como no começo não nos suportávamos. Ele me achava uma peste barulhenta, e concluí rapidamente que ele não era nada de especial. Eu não entendia por que ele não me paquerava, mas agora estou feliz por isso. Ele também falou sobre como vivia fechado no quarto. Eu disse que meu barulho, minha exuberância e o silêncio dele eram dois lados da mesma moeda, e que eu também gostava de paz e de silêncio, mas que não tenho nada que seja só meu, a não ser meu diário, e que todo mundo preferiria me ver pelas costas, a começar pelo Sr. Dussel, e que nem sempre quero ficar com meus pais. Comentamos sobre como ele fica feliz por meus pais terem filhos, e sobre como sou feliz por ele estar aqui. Como agora entendo sua necessidade de recolhimento e seu relacionamento com os pais, e o quanto eu gostaria de ajudá-lo quando os dois discutem.

– Mas você sempre me ajuda! – disse ele.

– Como? – perguntei, boquiaberta.

– Sendo alegre.

Foi a melhor coisa que ele me disse durante toda a noite. Ele também disse que não se importava, como antes, que eu fosse ao seu quarto; na verdade, ele gostava. Também comentei que os apelidos que papai e mamãe usam não têm sentido, que um beijo aqui e ali não gera automaticamente a confiança. Também falamos sobre fazer as coisas do nosso jeito, sobre o diário, a solidão, a diferença entre o interior e o exterior de todas as pessoas, sobre a minha máscara etc.

Foi maravilhoso. Ele deve ter passado a me amar como uma amiga, e por enquanto isso basta. Fico tão agradecida e feliz que não consigo

encontrar palavras. Devo pedir desculpas, Kitty, porque hoje meu estilo não está no padrão de sempre. Escrevi o que me veio à cabeça!

Tenho a sensação de que Peter e eu temos um segredo. Sempre que ele me olha com aqueles olhos, com aquele sorriso quando pisca, é como se uma luz se acendesse dentro de mim. Espero que as coisas continuem assim e que tenhamos muitas, muitas horas felizes, juntos.

Sua agradecida e feliz Anne

Segunda-feira, 20 de março de 1944

Querida Kitty,

Hoje de manhã, Peter perguntou se eu voltaria lá uma noite dessas. Ele jurou que eu não o incomodaria, e disse que onde havia espaço para um, havia para dois. Respondi que não poderia vê-lo todas as noites, pois meus pais não gostavam da ideia, mas ele achou que eu não deveria me chatear com isso. Por isso, eu disse que gostaria de ir numa tarde de sábado e pedi que ele me avisasse quando desse para ver a lua.

– Tudo bem – disse ele. – Talvez a gente possa ir lá embaixo e ver a lua de lá.

Concordei; realmente não estou com tanto medo de ladrões.

Enquanto isso, caiu uma sombra sobre minha felicidade. Durante muito tempo, eu tinha a sensação de que Margot gostava de Peter. Quanto, não sei, mas a situação é muito desagradável. Agora, sempre que vou ver Peter, faço ela sofrer, mesmo sem querer. O engraçado é que ela praticamente não deixa notar. Sei que eu ficaria louca de ciúmes, mas Margot simplesmente diz que eu não deveria sentir pena dela.

– Acho horrível saber que você é que está sendo prejudicada – acrescentei.

– Estou acostumada a isso – respondeu ela com certa amargura.

Não ouso contar a Peter. Talvez, mais tarde, mas primeiro ele e eu precisamos conversar muitas outras coisas.

Ontem à noite, mamãe me deu um tapa, e mereci. Não devo levar longe demais meu desprezo e minha indiferença por ela. Apesar de tudo, eu deveria mais uma vez tentar ser agradável e guardar para mim minhas observações!

Até Pim está menos gentil do que costumava ser. Ele tenta não me tratar como criança, mas agora anda frio demais. Veremos até onde isso vai! Ele me disse que, se eu não estudar álgebra, não vou receber aulas particulares depois da guerra. Eu poderia simplesmente esperar e ver o que acontece, mas gostaria de recomeçar, desde que consiga um livro novo.

Por hoje é só. Só faço olhar para Peter, e estou transbordando!

Sua Anne M. Frank

Uma prova da bondade de Margot. Recebi isto hoje, 20 de março de 1944:

> Anne, ontem, quando eu disse que não tinha ciúme de você, não estava sendo totalmente honesta. A situação é a seguinte: não tenho ciúme nem de você nem de Peter. Apenas fico triste porque não encontrei ninguém com quem dividir meus pensamentos e meus sentimentos, e, talvez, não encontrarei num futuro próximo. Mas é por isso que desejo, do fundo do coração, que vocês dois consigam confiar um no outro. Você já sente falta de muita coisa aqui, coisas que outras pessoas têm como ponto pacífico.
>
> Por outro lado, tenho certeza de que nunca iria tão longe com Peter, porque acho que preciso de muita intimidade com uma pessoa antes de me abrir com ela. Gostaria de sentir que ele me entende

plenamente, mesmo que eu não dissesse muita coisa. Por isso, teria de ser alguém que eu sentisse ser intelectualmente superior a mim, e não é o caso de Peter. Mas imagino que você se sinta íntima dele.

Por isso, você não precisa se censurar porque acha que está recebendo algo que seria para mim; nada pode estar mais longe da verdade. Você e Peter têm tudo a ganhar com essa amizade.

Minha resposta:

Querida Margot,

Sua carta foi muito gentil, mas ainda não me sinto completamente feliz com a situação, e não creio que jamais me sentirei.

No momento, Peter e eu não confiamos um no outro tanto quanto você parece achar. Apenas acontece que as pessoas, quando estão perto de uma janela ao crepúsculo, podem dizer mais coisas umas às outras do que se estivessem à luz do sol. Também é mais fácil sussurrar os sentimentos do que gritar de um telhado. Acho que você começou a sentir uma espécie de afeição fraterna por Peter e que gostaria de ajudá-lo tanto quanto eu. Talvez você possa fazer isso algum dia, ainda que este não seja o tipo de confiança que temos em mente. Acredito que a confiança tem de vir dos dois lados; também acho que é por isso que papai e eu nunca fomos realmente íntimos. Mas não vamos mais falar sobre isso. Se houver alguma coisa que você ainda queira conversar, por favor, escreva, porque para mim é mais fácil dizer no papel o que desejo do que cara a cara. Você sabe o quanto eu a admiro, e só espero que parte de sua bondade e da bondade de papai passe para mim, porque, nesse sentido, vocês dois são muito parecidos.

Sua Anne

Quarta-feira, 22 de março de 1944

Querida Kitty,

Ontem à noite recebi esta carta de Margot:

Querida Anne,

Depois de sua carta de ontem, tenho a sensação desagradável de que sua consciência a incomoda sempre que você procura Peter para trabalhar ou conversar; não há motivo para isso. No fundo de meu coração, sei que existe alguém que merece minha confiança (assim como mereço a dele), e não poderia tolerar Peter em seu lugar.

Entretanto, como você escreveu, realmente penso em Peter como uma espécie de irmão... um irmão mais novo; nós temos nos sondado, e um afeto fraterno pode se desenvolver ou não, no futuro, mas certamente ainda não chegou a esse estágio. Portanto, você não precisa sentir pena de mim. Agora que você conseguiu uma companhia, aproveite ao máximo.

Enquanto isso as coisas aqui estão cada vez mais maravilhosas. Eu acho, Kitty, que o verdadeiro amor pode estar se desenvolvendo no Anexo. Todas aquelas piadas sobre eu me casar com Peter, se nós ficarmos aqui por tempo suficiente, não parecem tão idiotas, afinal. Não que eu esteja pensando em me casar com ele, veja bem. Nem mesmo sei como ele vai ser quando crescer. Ou se estaremos bastante apaixonados para casar.

Agora, tenho certeza de que Peter também me ama; só não sei qual é o tipo de amor. Não consigo imaginar se ele apenas deseja uma boa amiga, ou

se está atraído por mim como namorada ou como irmã. Quando ele disse que sempre o ajudei quando seus pais brigavam, fiquei muito feliz; foi um passo na direção de acreditar em sua amizade. Ontem perguntei o que ele faria se houvesse uma dezena de Annes aparecendo para vê-lo. Ele respondeu:

– Se fossem todas como você, não seria tão ruim.

Ele é finíssimo, e acho que realmente gosta de me ver. Enquanto isso, está se esforçando muito para aprender francês, chega a estudar na cama até dez e quinze.

Ah, quando penso no sábado à noite, em nossas palavras, em nossas vozes, fico satisfeita comigo mesma pela primeira vez; o que estou querendo dizer é que diria a mesma coisa, e não mudaria nada, do jeito que costumo fazer. Ele é tão bonito, sorrindo ou sério. É tão doce, bom e lindo! Acho que o que o deixou mais surpreso comigo foi descobrir que não sou nem um pouco a Anne superficial e fútil que pareço, e, sim, uma sonhadora, como ele, e com a mesma quantidade de problemas!

Ontem à noite, depois de lavar os pratos, esperei que ele me pedisse para ficar no andar de cima. Mas nada aconteceu; fui embora. Ele desceu para dizer a Dussel que estava na hora de ouvir o rádio e ficou perto do banheiro algum tempo, mas como Dussel demorou demais, ele voltou para cima. Andou de um lado para o outro no quarto e foi dormir cedo.

À noite, fiquei tão inquieta que tive de ir ao banheiro toda hora para jogar água fria no rosto. Li um pouco, sonhei um pouco mais, olhei o relógio e esperei, esperei, esperei, enquanto ouvia seus passos. Fui para a cama cedo, exausta.

Hoje à noite tenho de tomar um banho, e amanhã?

Amanhã está tão distante!

Sua Anne M. Frank

Minha resposta:

Querida Margot,

Acho que o melhor é esperar e ver o que acontece. Não pode demorar muito até que Peter e eu tenhamos de decidir se voltamos ao ponto em que estávamos ou se fazemos outra coisa. Não sei como vai ser; não consigo ver além da ponta do meu nariz.

Mas tenho certeza de uma coisa: se Peter e eu realmente ficarmos amigos, vou contar a ele que você também gosta muito dele e que está preparada para ajudá-lo, se ele precisar. Você não vai querer que eu faça isso, tenho certeza, mas vou perguntar a ele quando chegar a hora. Com certeza não é uma coisa ruim – pelo contrário! Você é bem-vinda para ficar conosco no sótão, ou onde estivermos. Você não estará nos perturbando, porque temos um acordo tácito de só falar à noite, quando está escuro.

Mantenha o ânimo! Estou me esforçando ao máximo, mesmo não sendo fácil. Sua hora pode chegar mais cedo do que você pensa.

Sua Anne

Quinta-feira, 23 de março de 1944

Querida Kitty,

As coisas aqui voltaram mais ou menos ao normal. Nosso homem dos cupons saiu da cadeia, graças a Deus!

Miep está de volta, desde ontem, mas hoje foi a vez de o marido cair de cama – tremores e febre, sintomas comuns de gripe. Bep está melhor, apesar de ainda tossir, e o Sr. Kleiman precisará ficar em casa muito tempo.

Ontem um avião caiu aqui perto. A tripulação conseguiu saltar de paraquedas a tempo. Ele se chocou contra o telhado de uma escola, mas por

sorte não havia crianças dentro. Houve um pequeno incêndio e duas pessoas morreram. Enquanto os aviadores desciam de paraquedas, os alemães os metralharam. Os moradores de Amsterdã que viram ficaram morrendo de raiva de tanta covardia. Nós – ou seja, as senhoras – também ficamos apavoradas. Brrr, odeio o som das armas.

Agora sobre mim:

Estive com Peter ontem e, honestamente, não sei como terminamos falando de sexo. Eu tinha decidido há muito tempo perguntar-lhe algumas coisas. Ele sabe tudo; quando falei que Margot e eu não éramos bem informadas, ele ficou pasmo. Falei um bocado sobre Margot, sobre mim, mamãe e papai, e disse que ultimamente não ouso perguntar nada a eles. Ele se ofereceu para me esclarecer, e eu aceitei: Peter descreveu como funcionam os métodos anticoncepcionais, e tomei coragem para perguntar como os garotos ficavam sabendo que haviam crescido. Ele teve de pensar nisso; disse que me contaria hoje à noite. Contei o que aconteceu com Jacque, e disse que as garotas são indefesas contra garotos fortes.

– Bom, você não precisa ter medo de mim – disse ele.

Quando voltei naquela noite, ele me falou como acontece com os garotos. Fico meio sem graça, mas, mesmo assim, é bom demais poder falar disso com ele. Nem eu nem ele jamais havíamos imaginado que poderíamos falar tão abertamente com uma garota ou um garoto sobre questões tão íntimas. Acho que agora sei tudo. Ele me contou sobre o que, em alemão, chamou de *Präsentivmitteln*.[20]

Naquela noite, no banheiro, Margot e eu falamos sobre Bram e Trees, duas amigas dela.

Hoje de manhã, tive uma surpresa ruim: depois do café, Peter me chamou para cima.

– Foi uma sujeira o que você fez comigo – disse ele. – Ouvi o que você e Margot estavam conversando no banheiro ontem à noite. Acho que você só

queria saber quanto Peter sabia e depois dar boas gargalhadas!

Fiquei impressionada! Fiz todo o possível para tirar essa ideia absurda da cabeça dele; podia entender como ele se sentia, mas não era verdade!

– Ah, não, Peter – respondi. – Eu não seria tão má. Eu disse que não passaria adiante nada do que você me disse, e não vou fazer isso. Armar uma coisa desse jeito e, depois, de propósito ser tão má... não, Peter, isso para mim não é piada. Não seria justo. Eu não disse nada, honestamente. Acredita em mim?

Ele garantiu que acreditava, mas acho que teremos de conversar de novo sobre o assunto um dia desses. Durante o dia, não fiz outra coisa a não ser me preocupar. Graças a Deus ele foi direto e disse o que estava pensando. Imagine se ficasse pensando que sou tão ruim. Ele é tão meigo!

Agora vou ter de lhe contar tudo!

Sua Anne

Sexta-feira, 24 de março de 1944

Querida Kitty,

Ultimamente costumo ir ao quarto de Peter depois do jantar, para respirar o ar puro da noite. As conversas importantes acontecem mais rapidamente no escuro do que com o sol no rosto. É aconchegante e bom ficar sentada perto dele e olhar para fora. Os van Daan e Dussel fazem as piadas mais idiotas quando desapareço no quarto dele. "*Annes zweite Heimat*",[21] dizem eles; ou, "Será que é certo um jovem cavalheiro receber moças em seu quarto à noite e com a luz apagada?". Peter tem uma presença de espírito incrível diante dessas piadinhas. Minha mãe, por acaso, também está cheia de curiosidade e simplesmente louca para saber do que falamos,

só que no íntimo receia que eu me recuse a responder. Peter diz que os adultos têm ciúme porque nós somos jovens e que não deveríamos levar a sério esses comentários antipáticos.

Às vezes, ele desce para me chamar, mas isso também é estranho, porque, apesar de todas as suas precauções, seu rosto fica vermelho e ele mal consegue dizer uma palavra. Fico feliz porque não coro; deve ser muito desagradável.

Além disso, me incomoda que Margot tenha de ficar lá embaixo sozinha, enquanto estou lá em cima desfrutando a companhia de Peter. Mas o que posso fazer? Eu não me importaria que ela viesse, mas ela é que ficaria de fora, como um nó num tronco de árvore.

Tive de ouvir um monte de observações sobre nossa súbita amizade. Não dá para dizer quantas vezes a conversa na mesa da refeição girou sobre um casamento no Anexo se a guerra durar mais cinco anos. Será que prestamos atenção a essa conversa fiada dos pais? É difícil, pois é ridícula demais. Será que meus pais se esqueceram de que já foram jovens? Parece que sim. De qualquer modo, eles riem de nós quando estamos sérios e ficam sérios quando estamos brincando.

Não sei o que vai acontecer em seguida, ou se vamos acabar sem ter o que dizer. Mas, a continuar assim, acabaremos podendo ficar juntos sem falar. Se ao menos os pais dele parassem de agir de modo tão estranho! Pode ser que não gostem de me ver com tanta frequência; claro que Peter e eu nunca dizemos a eles sobre o que conversamos. Imagine se soubessem que estamos falando de coisas tão íntimas!

Gostaria de perguntar se Peter sabe como são as garotas, lá na parte de baixo. Não acredito que os garotos sejam tão complicados quanto as garotas. Dá para ver facilmente como eles são, pelas fotos ou pinturas de homens nus, mas com as mulheres é diferente. Nas mulheres, os órgãos genitais, ou como quer que se chamem, estão escondidos entre as pernas. Peter

provavelmente nunca viu uma menina tão de perto. Para dizer a verdade, nem eu. Garotos são muito mais fáceis. Como eu poderia descrever as partes de uma garota? Pelo que Peter diz, posso ver que ele não sabe exatamente como tudo se encaixa. Ele estava falando sobre o *Muttermund*[22], mas isso fica por dentro, onde não dá para ver. Tudo é muito bem arrumado em nós, mulheres. Até eu ter 11 ou 12 anos, não notava que havia outros lábios por dentro, pois não dá para ver. Ainda mais engraçado é que eu achava que a urina saía pelo clitóris. Um dia, perguntei a mamãe o que era aquela protuberância, e ela disse que não sabia. Ela realmente gosta de bancar a imbecil quando lhe convém.

Mas, voltando ao assunto. Como você pode explicar a aparência sem usar modelos? Será que devo explicar? Bom, lá vai!

Quando a gente fica de pé, na frente só dá para ver os pelos. Entre as pernas há duas coisas macias, almofadadas, também cobertas de pelos, que se comprimem juntas quando a gente está de pé. Elas se separam quando a gente senta, e são muito vermelhas e bem carnudas por dentro. Na parte superior, entre os lábios externos, há uma dobra de carne que, pensando bem, parece uma espécie de bolha. É o clitóris. Depois vêm os lábios internos, que também se comprimem numa espécie de fenda. Quando eles se abrem, dá para ver um montinho carnudo, que não é maior do que a ponta do meu polegar. A parte de cima tem dois buraquinhos, e é de onde sai a urina. A parte de baixo parece só pele, e mesmo assim é ali que fica a vagina. Mal dá para achar porque as dobras de pele escondem a entrada. O buraco é tão pequeno que mal consigo imaginar como a coisa de um homem poderia entrar ali, e muito menos como um bebê pode sair. Já é difícil tentar colocar o dedo indicador lá dentro. É só isso, e mesmo assim tem um papel tão importante!

Sua Anne M. Frank

Sábado, 25 de março de 1944

Querida Kitty,

A gente não faz ideia de como mudou até que a mudança já tenha acontecido. Eu mudei de um jeito radical, tudo em mim é diferente: minhas opiniões, minhas ideias, a visão crítica. Por dentro, por fora, nada é igual. E posso afirmar com segurança, já que é verdade: mudei para melhor. Uma vez eu lhe disse que, depois de anos sendo adorada, era difícil me ajustar à realidade e às censuras dos adultos. Mas papai e mamãe é que têm a culpa de eu ter de suportar tanta coisa. Em casa, eles queriam que eu aproveitasse a vida, o que era ótimo, mas aqui não deveriam ter me encorajado a concordar com eles e só me mostrarem o seu lado em todas as brigas e fofocas. Demorou muito até eu descobrir que a coisa era meio a meio. Agora sei que muitos erros foram cometidos aqui, tanto pelos jovens quanto pelos adultos. O maior erro de papai e mamãe ao lidar com os van Daan é que eles nunca são sinceros e amistosos (aparentemente, a amizade deveria ser uma coisa fingida). Acima de tudo, quero manter a paz, não quero brigas nem fofocas. Com papai e Margot, isso não é difícil, mas com mamãe é; por isso, fico satisfeita quando ela me dá uma bronca de vez em quando. Você pode ganhar o Sr. van Daan se concordar com ele, ouvindo em silêncio, não dizendo muita coisa e, acima de tudo... respondendo aos seus deboches e às suas piadas de mau gosto com outra piada. Pode-se ganhar a Sra. van Daan conversando abertamente e reconhecendo quando você está errada. Ela também admite francamente suas falhas, que são muitas. Sei muito bem que ela não pensa tão mal a meu respeito como pensava no início. E isso acontece simplesmente porque sou honesta e digo às pessoas o que sinto, mesmo quando não é um elogio. Quero ser honesta; acho que assim você chega mais longe e que isso faz você se sentir melhor consigo mesma.

Ontem, a Sra. van Daan estava falando sobre o arroz que demos ao Sr. Kleiman.

– Nós só damos, damos, damos. Mas chega uma hora em que eu acho que basta. Se ao menos o Sr. Kleiman se importasse, ele poderia conseguir seu próprio arroz. Por que devemos dar o que é nosso? Nós também precisamos.

– Não, Sra. van Daan – respondi. – Não concordo. O Sr. Kleiman pode muito bem conseguir um pouco de arroz, mas ele não gosta de se preocupar com isso. Não está no nosso direito criticar as pessoas que nos ajudam. Nós devemos lhes dar tudo o que eles precisarem, se pudermos. Menos um prato de arroz por semana não vai fazer tanta diferença; nós podemos comer feijão.

A Sra. van Daan não concordava comigo, mas disse que, mesmo discordando, estava disposta a ceder, e isso era uma coisa totalmente diferente.

Bom, já falei muito. Às vezes sei qual é o meu lugar, e outras vezes tenho dúvida, mas acabarei chegando aonde quero! Sei que sim! Ainda mais agora que tenho ajuda, pois Peter me auxilia a atravessar caminhos árduos e dias chuvosos!

Sinceramente, não sei quanto ele me ama e se chegarei a conseguir um beijo; de qualquer modo, não quero forçar! Disse a papai que costumo me encontrar com Peter, e perguntei se ele aprovava, e claro que ele aprovou!

Agora é muito mais fácil falar com Peter as coisas que normalmente eu guardava para mim; por exemplo: eu disse que no futuro quero ser escritora e que, se não puder, quero escrever nas horas vagas.

Não tenho dinheiro nem posses terrenas, não sou linda, inteligente nem esperta, mas estou feliz e pretendo continuar assim! Nasci feliz, adoro as pessoas, tenho uma natureza estável, e gostaria que todo mundo também fosse feliz.

Sua amiga dedicada, Anne M. Frank

Um dia vazio, mesmo claro e puro
Como qualquer noite, é escuro.

(Escrevi isso há algumas semanas, e não acho que seja mais verdade, mas incluí porque meus poemas são poucos e espaçados.)

Segunda-feira, 27 de março de 1944

Querida Kitty,

Pelo menos um grande capítulo de nossa vida no esconderijo deveria abordar a política, mas venho evitando o assunto, pois ele me interessa muito pouco. Hoje, porém, vou dedicar uma carta inteira à política.

Claro que há muitas opiniões diferentes sobre o tema, e não é surpresa que seja discutido com frequência nos tempos de guerra, mas... discutir tanto sobre política é pura estupidez! Deixe que eles riam, xinguem, apostem, soltem grunhidos e façam o que quiserem, desde que se respeitem. Mas que não briguem, porque isso só piora a situação. As pessoas que vêm de fora trazem muitas notícias que mais tarde acabam sendo inverídicas; mas até agora o rádio nunca mentiu. Jan, Miep, o Sr. Kleiman, Bep e o Sr. Kugler têm altos e baixos em seus humores políticos, se bem que Jan é o que menos se altera.

Aqui no Anexo o humor jamais varia. Os intermináveis debates sobre a invasão, os ataques aéreos, os discursos são acompanhados por incontáveis exclamações como "*Empossível!, Um Gottes Willen*,[23] Se eles estão começando agora, quanto tempo vai durar!, Está indo de modo esplêndido, *gut*, ótimo!"

Otimistas e pessimistas – para não mencionar realistas – expressam suas opiniões com energia inabalável e, como acontece com os outros assuntos, todos têm certeza de que possuem o monopólio da verdade. Certa dama fica chateada ao ver que seu esposo tem fé suprema nos ingleses, e certo esposo ataca a mulher por causa das observações jocosas e disparatadas sobre o adorável país onde ele nasceu!

E assim a coisa vai, desde o início da manhã até o fim da noite; o engraçado é que eles nunca se cansam. Descobri um truque, e o efeito dele é poderoso, como espetar alguém com um alfinete e vê-lo pular. Eis como funciona: começo a falar de política e, antes que você perceba, toda a família se envolve!

Como se não bastassem as "Wehrmacht News", da Alemanha, e a BBC, de Londres, agora os noticiários acrescentaram anúncios especiais sobre ataques aéreos. Numa palavra: esplêndido. Mas o outro lado da moeda é que a Força Aérea inglesa está operando dia e noite. Igual à máquina de propaganda alemã, que solta mentiras 24 horas por dia!

Assim, o rádio é ligado todas as manhãs às oito horas (quando não acontece mais cedo ainda) e ouvido o tempo todo até nove, dez, ou até mesmo onze da noite. Essa é a melhor prova de que os adultos têm paciência infinita, mas também de que seus cérebros viraram mingau (alguns, claro, pois não gostaria de ofender ninguém). Um noticiário, dois no máximo, deveriam bastar para o dia inteiro. Mas não, aqueles velhos burros... deixa pra lá, já disse tudo! "Música enquanto você trabalha", programa transmitido em alemão, da Inglaterra, Frank Phillips ou a rainha Guilhermina se revezam e buscam ouvintes atentos. Se não estão comendo ou dormindo, os adultos se espremem ao redor do rádio falando sobre comer, dormir e política. Nossa! Este texto está ficando muito chato, mas só posso fazer isso

para também não me transformar numa bruxa velha e medonha! Se bem que, com tanta gente velha ao redor, talvez não seja má ideia!

Eis um exemplo claro, um discurso feito por nosso amado Winston Churchill.

Nove horas, noite de domingo. O bule, coberto pelo abafador, está sobre a mesa, e os convidados entram na sala. Dussel senta-se à esquerda do rádio, o Sr. van Daan, na frente do aparelho, e Peter, ao lado. Mamãe fica ao lado do Sr. van Daan, com a Sra. van Daan atrás. Margot e eu estamos na última fila, e Pim, junto à mesa. Vejo que não é uma descrição muito clara de nossa arrumação, mas tudo bem. Os homens fumam, os olhos de Peter se fecham com a tensão de ouvir, mamãe está vestida com seu robe comprido e escuro, a Sra. van Daan está tremendo por causa dos aviões, que não ligam para o discurso e voam despreocupados para Essen, papai está tomando chá, e Margot e eu estamos unidas de modo fraterno por Mouschi, que se apossou de nossos joelhos para dormir. O cabelo de Margot está encaracolado, e minha camisola é pequena demais, apertada demais e curta demais. Tudo parece muito íntimo, aconchegante e pacífico, e pela primeira vez realmente está. Mas eu espero apavorada o fim do discurso. Eles estão impacientes, forçando as rédeas para iniciar outra discussão! Psit, psit, como um gato tentando atrair o rato para fora do buraco, eles se atraem mutuamente para discussões e brigas.

Sua Anne

Terça-feira, 28 de março de 1944

Minha querida Kitty,

Mesmo querendo escrever mais sobre política, tenho muitas outras notícias para hoje. Em primeiro lugar, mamãe praticamente me proibiu de subir ao quarto de Peter, já que, de acordo com ela, a Sra. van Daan está com ciúme. Em segundo lugar, Peter convidou Margot para se juntar a nós lá em cima. Não sei se falou sério ou se estava apenas sendo educado. Em terceiro, perguntei a papai se ele achava que eu deveria ligar para o ciúme da Sra. van Daan e ele disse que eu não precisava.

O que devo fazer? Mamãe está com raiva, não quer que eu suba, quer que eu volte a fazer os deveres no quarto que divido com Dussel. Ela é que pode estar com ciúme. Papai não se ressente com essas poucas horas, e acha bom estarmos nos dando tão bem. Margot também gosta de Peter, mas acha que três pessoas não podem falar sobre as mesmas coisas que duas.

Além disso, mamãe acha que Peter se apaixonou por mim. Para dizer a verdade, eu gostaria que ele estivesse apaixonado. Então, estaríamos empatados e seria muito mais fácil nos conhecer. Ela também diz que ele vive me olhando. Bom, acho que nós piscamos um para o outro de vez em quando. Mas não posso fazer nada se ele vive admirando minhas covinhas, posso?

Estou numa posição muito difícil. Mamãe está contra mim e eu estou contra ela. Papai se finge de cego para a luta silenciosa entre nós duas. Mamãe está triste, porque ainda me ama, mas não estou nem um pouco infeliz, porque ela não significa mais nada para mim.

Quanto a Peter... não quero desistir dele. Ele é tão meigo, e eu o admiro tanto! Nós dois podemos ter um relacionamento lindo, então por que os velhos ficam metendo o nariz onde não são chamados? Ainda bem que estou acostumada a esconder meus sentimentos; por isso, consigo não mostrar como sou louca por ele. Será que um dia ele vai dizer alguma coisa? Será que algum dia vou sentir seu rosto encostado no meu, como senti o rosto de Petel no sonho? Ah, Peter e Petel, vocês são um só! Eles não

entendem; nunca entenderiam que nos contentamos em simplesmente ficar lado a lado sem dizer uma palavra. Não têm ideia do que nos atrai! Ah, quando será que vamos superar todas essas dificuldades? E, mesmo assim, é bom que tenhamos de enfrentá-las, porque o fim será muito mais lindo. Quando ele pousa a cabeça nos braços e fecha os olhos, ainda é uma criança; quando brinca com Mouschi ou fala sobre ela, é lindo; quando carrega as batatas ou outros pesos, é forte; quando vai espiar o tiroteio ou atravessa a casa escura para procurar ladrões, é corajoso; e quando é tão desajeitado e desastrado, é totalmente querido. E melhor ainda é quando ele me explica alguma coisa, em vez de eu ensinar a ele. Gostaria que ele fosse superior a mim em todos os sentidos!

Papai sempre diz que eu sou convencida, mas não sou, sou só vaidosa! Não conheci muita gente que me dissesse que sou bonita, a não ser um garoto na escola, que disse que eu ficava linda quando sorria. Ontem, Peter me fez um verdadeiro elogio, e só de brincadeira vou dar a você uma ideia de nossa conversa.

Peter costuma dizer: “Sorria!” Eu achava estranho, por isso ontem perguntei:

– Por que você sempre quer que eu sorria?

– Porque você fica com covinhas no rosto. Como consegue isso?

– Nasci com elas. Também tenho no queixo. É minha única marca de beleza.

– Não, isso não é verdade!

– É, sim. Sei que não sou bonita. Nunca fui e nunca serei!

– Não concordo. Acho você bonita.

– Não sou.

– Eu digo que é, e você precisa acreditar na minha palavra.

Então, claro, disse o mesmo sobre ele.

Sua Anne M. Frank

Quarta-feira, 29 de março de 1944

Querida Kitty,

O ministro Bolkestein, falando no noticiário holandês transmitido da Inglaterra, declarou que depois da guerra farão uma coletânea de diários e cartas que falem da guerra. Claro que todo mundo se lembrou imediatamente do meu diário. Imagine como seria interessante se eu publicasse um romance sobre o Anexo Secreto. Só o título faria as pessoas acharem que é uma história de detetives.

Sério, dez anos depois da guerra, as pessoas achariam muito interessante ler sobre como nós vivemos, o que comemos e sobre o que falamos como judeus escondidos. Apesar de eu contar a você muita coisa sobre nossa vida, você ainda sabe muito pouco a nosso respeito. Como as mulheres ficam apavoradas durante os ataques aéreos; no domingo passado, por exemplo, quando 350 aviões ingleses lançaram 550 toneladas de bombas sobre Ijmuiden, de modo que as casas tremeram como lâminas de vidro ao vento. Ou quantas epidemias grassam por aqui.

Você não sabe nada sobre isso, e eu levaria o dia inteiro para descrever tudo até os mínimos detalhes. As pessoas precisam entrar em filas para comprar legumes e todo tipo de mercadorias; os médicos não podem visitar os pacientes, pois seus carros e bicicletas são roubados no momento em que eles viram as costas; roubos e assaltos são tão comuns que você se pergunta o que aconteceu de repente com os holandeses para de uma hora para outra passarem a ter os dedos tão leves. Crianças pequenas, de 8 e 11 anos,

quebram os vidros das casas e roubam o que podem. As pessoas não ousam sair de casa por cinco minutos, já que podem voltar e descobrir que tudo desapareceu. Todos os dias, os jornais estão cheios de anúncios de recompensas pela devolução de máquinas de escrever, tapetes persas, relógios elétricos, tecidos etc. Os relógios elétricos das esquinas foram desmantelados, os telefones públicos são depenados até o último fio.

O moral dos holandeses não pode estar bom. Todo mundo está faminto; a não ser pelo café falsificado, a ração alimentar para uma semana não dura dois dias. A invasão está demorando, os homens são mandados para a Alemanha, as crianças estão doentes ou desnutridas, todo mundo usa roupas velhas e sapatos gastos. Uma sola nova custa 7,50 florins no mercado negro. Além disso, poucos sapateiros fazem consertos, e, quando fazem, você precisa esperar meses os sapatos, que na confusão podem ter desaparecido.

Uma coisa boa resultou disso tudo: à medida que a comida fica pior e os decretos mais duros, aumentam os atos de sabotagem contra as autoridades. O departamento de alimentação, a polícia, as autoridades – todos estão ajudando os cidadãos ou denunciando-os e mandando-os para a prisão. Felizmente, apenas uma pequena porcentagem dos holandeses está do lado errado.

Sua Anne

Sexta-feira, 31 de março de 1944

Querida Kitty,

Imagine, ainda continua bem frio, e a maioria das pessoas está sem carvão há quase um mês. Parece horrível, não é? Há um clima geral de

otimismo apesar da frente russa, porque lá os resultados estão bons! Não costumo escrever sobre a situação política, mas devo dizer onde os russos se encontram no momento. Chegaram à fronteira da Polônia e ao rio Prut, na Romênia. Estão perto de Odessa e rodearam Ternopol. A noite inteira esperamos um comunicado extra de Stalin.

Em Moscou, dão tantas salvas de tiros para comemorar que a cidade deve estremecer todos os dias. Não sei se gostam de fingir que a luta está perto ou se simplesmente não têm outro meio de expressar alegria.

A Hungria foi ocupada por tropas alemãs. Ainda há um milhão de judeus vivendo por lá; eles também estão condenados.

Nada de especial acontece aqui. Hoje é aniversário do Sr. van Daan. Ele ganhou dois pacotes de fumo, uma porção de café, que sua mulher conseguiu economizar, ponche de limão do Sr. Kugler, sardinhas de Miep, nós demos água-de-colônia, e ele ainda ganhou lilases, tulipas e, finalmente, um bolo com recheio de framboesa, ligeiramente grudento por causa da má qualidade da farinha e da falta de manteiga, mas mesmo assim delicioso.

A falação sobre mim e Peter diminuiu um pouco. Ele vem me pegar hoje à noite. Que gentileza, não acha, já que ele odeia fazer isso! Somos muito amigos. Passamos muito tempo juntos e falamos sobre tudo o que se possa imaginar. É ótimo não ter de recuar, como eu faria com outros garotos, quando surge um tema delicado. Por exemplo, estávamos falando sobre sangue e, de algum modo, a conversa passou para menstruação etc. Ele acha que nós, mulheres, somos muito corajosas para suportar a perda de sangue, e que eu também sou. Imagino por quê.

Minha vida aqui ficou melhor, muito melhor. Deus não me abandonou, e nunca abandonará.

Sua Anne M. Frank

Sábado, 1º de abril de 1944

Minha querida Kitty,

Mesmo assim tudo é tão difícil! Você sabe o que quero dizer, não sabe? Tenho tanto desejo de que ele me beije, mas esse beijo está demorando muito! Será que ele ainda pensa em mim como amiga? Será que não significo nada além disso?

Você e eu sabemos que sou forte, que posso carregar muitos fardos sozinha e que nunca me prendi à minha mãe, mas adoraria pousar a cabeça no ombro de Peter e só ficar ali quietinha.

Não posso, simplesmente não posso esquecer aquele sonho com o rosto de Peter, quando tudo foi tão bom! Será que ele tem o mesmo desejo? Será que é tímido demais para dizer que me ama? Por que me quer junto com tanta frequência? Ah, por que ele não diz alguma coisa?

Tenho de parar, tenho de ficar calma. Vou tentar ser forte de novo, e se eu for paciente, o restante virá. Mas – e esta é a pior parte – parece que vivo atrás dele. Sou sempre eu que tenho de subir; ele nunca vem me procurar. Mas isso é por causa dos quartos, e Peter entende por que faço objeções. Ah, tenho certeza de que ele entende mais do que imagino.

Sua Anne M. Frank

Segunda-feira, 3 de abril de 1944

Minha querida Kitty,

Ao contrário do que costumo fazer, vou dar uma descrição detalhada da situação alimentar, já que está se tornando uma situação difícil e importante,

não somente aqui no Anexo, mas em toda a Holanda, em toda a Europa e mesmo no resto do mundo.

Nos 21 meses em que vivemos aqui, passamos por muitos ciclos alimentares – logo você entenderá o que isso significa. Um ciclo alimentar é um período em que só temos um prato específico ou um tipo de verdura para comer. Durante longo tempo, só tivemos endívias. Endívia assim, endívia assado, endívia com purê de batatas, caçarola de endívia com purê de batatas. Depois é espinafre, seguido por couve, salsão, pepinos, tomates, chucrute, e por aí vai.

Não é muito divertido quando, por exemplo, você tem de comer chucrute todos os dias no almoço e no jantar, mas, com fome, você acaba aceitando um bocado de coisas. Agora, porém, estamos passando pelo período mais delicioso de todos, porque não temos nenhuma verdura.

Nosso almoço durante a semana consiste em feijão, sopa de ervilha, batata com bolinhos, guisado de batata, e, pela graça de Deus, cenouras podres ou nabos, e em seguida voltamos ao feijão. Por causa da escassez de pão, comemos batatas em todas as refeições, a começar pelo café da manhã, mas, aí, nós as fritamos um pouco. Para fazer sopa, usamos feijão, batatas, pacotes de sopa de legumes, pacotes de sopa de galinha e pacotes de sopa de feijão. O feijão entra em tudo, até no pão. No jantar, comemos sempre batata com imitação de molho de carne e – graças a Deus ainda temos – salada de beterraba. Preciso falar dos bolinhos. Nós os fazemos com farinha do governo, água e fermento. Eles ficam tão grudentos e duros que a gente parece ter pedras no estômago, mas tudo bem!

O ponto alto de nossa semana é uma fatia de salsicha de fígado e a geleia no pão sem manteiga. Mas ainda estamos vivos, e na maior parte do tempo isso também tem um gosto bom!

Sua Anne M. Frank

Quarta-feira, 5 de abril de 1944

Minha querida Kitty,

Por muito tempo fiquei sem entender por que me incomodava em estudar matérias de escola. O fim da guerra ainda parecia tão distante, tão irreal como um conto de fadas. Se a guerra não terminar em setembro, não vou voltar à escola, pois não quero ficar dois anos atrasada.

Peter preencheu meus dias – somente Peter –, meus sonhos e meus pensamentos até o sábado à noite, quando me senti muito infeliz; ah, foi horrível. Contive as lágrimas enquanto estava com Peter, gargalhei com os van Daan quando tomamos ponche de limão e ficamos alegres e empolgados, mas no minuto em que fiquei sozinha achei que ia chorar até os olhos se dissolverem. Escorreguei para o chão, vestida de camisola, e comecei a rezar, com muita fé. Depois encostei os joelhos no peito, pousei a cabeça nos braços e chorei, encolhida no chão. Um soluço alto me trouxe de volta à terra, e prendi as lágrimas, porque não quero que ninguém me ouça no outro cômodo. Em seguida, tentei me controlar, repetindo várias vezes: "Eu devo, eu devo, eu devo..." Com o corpo enrijecido por causa da posição desconfortável, me encostei na lateral da cama e continuei lutando até quase dez e quinze, quando voltei para a cama. Havia terminado!

E agora terminou mesmo. Finalmente percebi que devo fazer os deveres de escola para não ficar ignorante, para continuar com a vida, para me tornar uma jornalista, porque é isso que desejo! Eu sei que posso escrever. Algumas de minhas histórias são boas, minhas descrições do Anexo Secreto são bem-humoradas, boa parte de meu diário é vivo e interessante, mas... resta saber se realmente tenho talento.

"Eva's Droom" é meu melhor conto de fadas, e o estranho é que não tenho a menor ideia de onde ele surgiu. Algumas partes de "Cady's Liven" ["A vida de Cady"] também são boas, mas no todo não é nada especial. Sou

minha crítica melhor e mais feroz. Sei o que é bom e o que não é. A não ser que você escreva, não saberá como é maravilhoso; eu sempre reclamava de não conseguir desenhar, mas agora me sinto felicíssima por saber escrever. E, se não tiver talento para escrever livros ou artigos de jornal, sempre posso escrever para mim mesma. Mas quero conseguir mais do que isso. Não consigo me imaginar vivendo como mamãe, a Sra. van Daan e todas as mulheres que fazem o seu trabalho e depois são esquecidas. Preciso ter alguma coisa além de um marido e de filhos aos quais me dedicar! Não quero que minha vida tenha passado em vão, como a da maioria das pessoas. Quero ser útil ou trazer alegria a todas as pessoas, mesmo àquelas que jamais conheci. Quero continuar vivendo depois da morte! E é por isso que agradeço tanto a Deus por ter me dado esse dom, que posso usar para me desenvolver e para expressar tudo o que existe dentro de mim!

Quando escrevo, consigo afastar todas as preocupações. Minha tristeza desaparece, meu ânimo renasce! Mas – e esta é uma grande questão – será que conseguirei escrever alguma coisa importante, será que me tornarei jornalista ou escritora?

Espero, ah, espero muito, porque escrever me permite registrar tudo, todos os meus pensamentos, meus ideais e minhas fantasias.

Não trabalho há séculos em “Cady’s Liven”. Na minha cabeça já decidi exatamente o que acontece em seguida, mas a história não parece estar saindo muito boa. Pode ser que eu nunca a termine, e que ela acabe no cesto de lixo ou no fogo. É uma ideia terrível, mas depois digo a mim mesma: “Com 14 anos e tão pouca experiência, você não pode escrever sobre filosofia.”

E vou em frente, com o espírito renovado. Tudo vai dar certo, porque estou decidida a escrever!

Sua Anne M. Frank

Quinta-feira, 6 de abril de 1944

Querida Kitty,

Você me perguntou quais são meus passatempos e meus interesses, e eu gostaria de responder, mas é bom avisar, eles são muitos, por isso não fique surpresa.

Antes de tudo: escrever, mas, na verdade, não penso nisso como um passatempo.

Depois: árvores genealógicas. Procuro em cada jornal, cada livro e cada documento que encontro as árvores genealógicas das famílias reais da França, Alemanha, Espanha, Inglaterra, Áustria, Rússia, Noruega e Holanda. Fiz grandes progressos com muitas delas, porque durante muito tempo venho anotando, enquanto leio biografias ou livros de história. Chego a copiar muitas passagens da história.

Assim, meu terceiro passatempo é a história, e papai já me comprou muitos livros. Mal posso esperar o dia em que poderei ir à biblioteca pública e pegar toda a informação de que preciso.

O número quatro é mitologia greco-romana. Também tenho vários livros sobre o assunto. Posso citar de cor os nomes das nove musas, das sete amantes de Zeus, das mulheres de Hércules.

Meus outros passatempos são os astros de cinema e as fotos de família. Sou louca por leitura e por livros. Adoro história da arte, especialmente com relação a escritores, poetas e pintores; os músicos podem vir depois. Odeio álgebra, geometria e aritmética. Gosto de todas as outras matérias da escola, mas a predileta é história!

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 11 de abril de 1944

Minha querida Kitty,

Minha cabeça está girando, realmente não sei por onde começar. A quinta-feira (a última vez em que escrevi para você) foi como sempre. Na tarde de sexta (Sexta-Feira Santa), brincamos de jogo de tabuleiro; na tarde de sábado, também. Os dias passaram muito depressa. Lá pelas duas horas de sábado começaram disparos violentos – segundo os homens, eram metralhadoras. De resto, tudo esteve calmo.

Na tarde de domingo, Peter veio me procurar às quatro e meia, a meu convite. Às cinco e quinze fomos para o sótão da frente, onde ficamos até as seis horas. Transmitiram um lindo concerto de Mozart pelo rádio, das seis às sete e quinze; gostei especialmente da Kleine Nachtmusik. Mal consigo ouvi-la quando estou na cozinha, porque as músicas lindas me abalam as profundezas da alma. Na tarde de domingo, Peter não pôde tomar banho, porque a tina estava na cozinha do escritório, cheia de roupas para lavar. Nós dois fomos juntos ao sótão da frente, e, para nos sentarmos confortavelmente, levei a única almofada que encontrei em meu quarto. Nós nos sentamos num caixote. Como o caixote e a almofada eram muito estreitos, ficamos bem perto um do outro, encostados em mais dois caixotes; Mouschi serviu de dama de companhia. De repente, às quinze para as nove, o Sr. van Daan assobiou e perguntou se estávamos com a almofada do Sr. Dussel. Nós pulamos e descemos com a almofada, o gato e o Sr. van Daan. Essa almofada deu o que falar. Dussel ficou furioso, porque havíamos apanhado a que ele usa como travesseiro, e ficou com medo de que ela estivesse cheia de pulgas; ele virou a casa de cabeça para baixo por causa da almofada. De vingança, Peter e eu colocamos duas escovas duras em sua cama, mas tivemos de tirá-las de novo quando Dussel, sem mais nem menos, decidiu sentar-se na sala. De qualquer forma, demos boas risadas.

Mas a alegria durou pouco. Às nove e meia, Peter bateu na porta suavemente e pediu que papai fosse lá em cima ajudá-lo com uma frase difícil em inglês.

– Deve ser golpe – disse eu para Margot. – Claro que é um pretexto. Pelo jeito como os homens estão falando, dá para perceber que alguém invadiu o prédio!

Eu estava certa. O armazém estava sendo invadido naquele mesmo instante. Papai, o Sr. van Daan e Peter desceram num segundo. Margot, mamãe, a Sra. van Daan e eu esperamos. Quatro mulheres apavoradas têm necessidade de falar, e foi o que fizemos até ouvirmos uma pancada forte lá embaixo. Depois disso, tudo ficou em silêncio. O relógio marcou quinze para as dez. A cor sumira de nossos rostos, mas ficamos calmas, mesmo com medo. Onde estavam os homens? Que pancada seria aquela? Será que estavam lutando com os ladrões? Estávamos apavoradas demais para pensar; só podíamos esperar.

Dez horas, passos na escada. Papai, pálido e nervoso, entrou, seguido pelo Sr. van Daan.

– Apaguem as luzes, vamos para cima sem fazer barulho, a polícia deve chegar!

Não houve tempo para se apavorar. Apagamos as luzes; agarrei um casaco e subimos.

– O que aconteceu? Conte logo!

Não havia ninguém para contar; os homens haviam descido de novo. Os quatro só subiram às dez e dez. Dois deles ficaram de vigia na janela de Peter, que estava aberta. A porta para o patamar estava fechada, a estante trancada. Penduramos um suéter sobre o abajur e eles contaram o que aconteceu.

Peter estava no patamar quando ouviu duas batidas fortes. Desceu e viu que faltava um grande painel na metade esquerda da porta do armazém. Ele

correu para cima, alertou a Guarda Doméstica e os quatro desceram. Quando entraram no armazém, os ladrões estavam em plena ação. Sem pensar, o Sr. van Daan gritou: “Polícia!” Ouviram-se passos correndo para fora. A tábua foi reposta no mesmo lugar na porta, para que a polícia não percebesse a abertura, mas, aí, um chute rápido, vindo de fora, jogou-a no chão. Os homens ficaram espantados com a audácia dos ladrões. Peter e o Sr. van Daan foram tomados de uma fúria assassina. O Sr. van Daan bateu com um machado no chão, e tudo ficou em silêncio de novo. Mais uma vez, o painel foi recolocado, e outra vez a tentativa falhou. Do lado de fora, um homem e uma mulher apontaram uma lanterna para a abertura, iluminando todo o armazém.

– O que... – murmurou um dos homens, mas agora seus papéis haviam se invertido. Em vez de policiais, agora eles eram os ladrões. Os quatro subiram correndo. Dussel e o Sr. van Daan pegaram os livros de Dussel, Peter abriu as portas e as janelas da cozinha e do escritório particular, jogou o telefone no chão e os quatro finalmente passaram pela estante.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

Sem dúvida alguma, o homem e a mulher com a lanterna haviam alertado a polícia. Era noite de domingo, domingo de Páscoa. No dia seguinte, segunda-feira de Páscoa, o escritório ficaria fechado, o que significa que só poderíamos andar pela casa na manhã de terça-feira. Pense só, ter de ficar num terror desses durante um dia e duas noites! Não pensamos em nada, simplesmente ficamos ali sentados naquela escuridão de breu – em seu medo, a Sra. van Daan apagara a luz. Ficamos ali sussurrando e sempre que ouvíamos um estalo alguém fazia “psiu”.

Eram dez e meia, e depois onze horas. Nenhum som. Papai e o Sr. van Daan se revezavam vindo até nós. Depois, às onze e quinze, veio um ruído lá

de baixo. Em cima, dava para ouvir toda a família respirando. Quanto ao resto, ninguém movia um músculo. Passos na casa, no escritório particular, na cozinha e depois... na escada. Todos os sons de respiração pararam, oito corações batiam. Passos na escada e, depois, um barulho na estante. Esse momento foi indescritível.

– Agora estamos perdidos – disse eu, e tive visões de nós todos sendo arrastados naquela mesma noite pela Gestapo.

Mais barulho na estante, duas vezes. Então, ouvimos uma lata caindo, e os passos recuaram. Estávamos fora de perigo, por enquanto! Todo mundo estremeceu, ouvi várias dentaduras batendo, ninguém dizia uma palavra. Ficamos assim até onze e meia.

Não houve mais sons na casa, mas ficou uma luz acesa em nosso patamar, na frente da estante. Seria porque os policiais desconfiaram de algo ou simplesmente porque se esqueceram de apagar? Será que alguém voltaria? Voltamos a encontrar nossas línguas. Não havia mais ninguém no prédio, mas talvez alguém estivesse de guarda do lado de fora. Então, fizemos três coisas: tentamos adivinhar o que estava acontecendo, trememos de medo, e fomos ao banheiro. Como os penicos estavam no sótão, só tínhamos a lata de lixo de Peter. O Sr. van Daan foi primeiro, depois papai, mas mamãe ficou muito sem graça. Papai levou a lata de lixo para o cômodo ao lado, onde Margot, a Sra. van Daan e eu a usamos agradecidas. Mamãe finalmente cedeu. Houve grande demanda por papel, e ainda bem que eu tinha um pouco no bolso.

A lata de lixo fedia, tudo aconteceu em sussurros, e nós estávamos exaustos. Era meia-noite.

– Deitem no chão e vão dormir!

Eu e Margot recebemos cada qual um lençol e um travesseiro. Margot se deitou perto do armário de comida, e fiz minha cama entre as pernas da mesa. O cheiro não era tão ruim quando a gente estava no chão, mas a Sra.

van Daan foi pegar um pouco de cloro em pó e colocou uma toalha de pratos sobre o balde, por medida de precaução.

Falas, sussurros, medo, fedor, pessoas peidando e indo continuamente ao banheiro; tente dormir com isso! Mas, às duas e meia, eu estava tão cansada que apaguei e não ouvi nada até três e meia. Acordei quando a Sra. van Daan deitou a cabeça nos meus pés.

– Pelo amor de Deus, me deem alguma coisa para vestir! – pedi. Recebi algumas roupas, mas não pergunte o quê: uma calça de lã por cima do pijama, um suéter vermelho e uma saia preta, meias curtas brancas e meias compridas esburacadas.

A Sra. van Daan voltou a sentar-se na poltrona, e o Sr. van Daan se deitou com a cabeça aos meus pés. A partir das três e meia fiquei pensando, e ainda tremia tanto que o Sr. van Daan não conseguia dormir. Estava me preparando para a volta da polícia. Diríamos a eles que estávamos escondidos. Se fossem gente boa, estaríamos em segurança, e se fossem simpatizantes dos nazistas, nós tentaríamos suborná-los!

– Deveríamos esconder o rádio! – gemeu a Sra. van Daan.

– Isso, na lareira – respondeu o Sr. van Daan. – Se eles nos encontrarem, também podem encontrar o rádio!

– Então, também podem encontrar o diário de Anne – acrescentou papai.

– Então, queime o diário – sugeriu a mais apavorada do grupo.

Esse momento e o momento em que a polícia bateu na estante foram os que mais me amedrontaram. Ah, o meu diário não; se o meu diário se for, eu vou também! Graças a Deus papai não disse mais nada.

Não há sentido em contar todas as conversas; muita coisa foi dita. Acalmei a Sra. van D., que estava muito apavorada. Falamos sobre fugir, sobre ser interrogados pela Gestapo, telefonar para o Sr. Kleiman e ser corajosos.

– Devemos nos comportar como soldados, Sra. van Daan. Se nossa hora chegar, que seja pela rainha, pelo país, pela liberdade, pela verdade e pela justiça, como sempre dizem no rádio. A única coisa ruim é que vamos arrastar os outros conosco!

Depois de uma hora, o Sr. van Daan trocou outra vez de lugar com a esposa, e papai veio sentar-se perto de mim. Os homens fumavam um cigarro após o outro, ouvia-se um suspiro ocasional, alguém fazia outra viagem ao balde, e tudo recomeçava.

Quatro horas, cinco, cinco e meia. Fui me sentar com Peter, perto da janela, e ouvir. Estávamos tão perto que cada um podia sentir o corpo do outro tremendo; falávamos uma ou duas palavras, de vez em quando, e ouvíamos atentamente. Eles faziam uma lista de tudo o que planejavam dizer ao Sr. Kleiman pelo telefone, porque pretendiam ligar para ele às sete e pedir que mandasse alguém. Estavam se arriscando muito, porque o guarda na porta ou no armazém poderia ouvi-los telefonar, mas havia o risco ainda maior de a polícia voltar.

Estou anexando a lista, mas, pelo bem da clareza, vou copiá-la aqui.

Roubo: Polícia no prédio, até a estante, mas não passou daí. Ladrões aparentemente flagrados forçaram a porta do armazém, fugiram pelo jardim. Entrada principal trancada; Kugler deve ter saído pela outra porta.

Máquina de escrever e de somar intactas no armário preto do escritório particular.

Roupa de Miep ou de Bep na tina, na cozinha.

Só Bep ou Kugler têm chave da outra porta; tranca deve estar quebrada.

Tentar avisar Jan e conseguir chave, olhar no escritó-
rio; também alimentar gato.

Quanto ao restante, tudo seguiu de acordo com o plano. Telefonaram ao Sr. Kleiman, as travas foram retiradas das portas, a máquina de escrever foi reposta no armário. Então, todos nos sentamos de novo ao redor da mesa e esperamos por Jan ou pela polícia.

Peter tinha ido dormir, e o Sr. van Daan e eu estávamos deitados no chão, quando ouvimos passos barulhentos lá embaixo. Eu me levantei em silêncio.

– É Jan!

– Não, não, é a polícia – disseram todos.

Houve uma batida na estante. Miep assoviou. Isso foi demais para a Sra. van Daan, que desmontou no sofá, branca como um lençol. Se a tensão demorasse mais um minuto, ela teria desmaiado.

Jan e Miep entraram e foram recebidos com uma cena deliciosa. Só a mesa já valia uma foto: um exemplar de *Cinema & Teater*, aberta numa página com coristas e suja de geleia e da pectina que estávamos tomando para a diarreia, dois potes de geleia, dois pedaços de pão, pectina, um espelho, um pente, fósforos, cinzas, cigarro, fumo, um cinzeiro, livros, uma calcinha, uma lanterna, o pente da Sra. van Daan, papel higiênico etc.

Claro que Jan e Miep foram recebidos com gritos e lágrimas. Jan pregou uma tábua de pinho no buraco da porta e saiu de novo com Miep para comunicar o roubo à polícia. Miep também tinha descoberto, debaixo da porta do armazém, um bilhete de Sleegers, o vigia noturno, que vira o buraco e alertara a polícia. Jan também estava planejando procurar Sleegers.

Então, tínhamos meia hora para nos arrumar e dar um jeito na casa. Nunca vi uma transformação como a que aconteceu naqueles trinta minutos. Margot e eu fizemos as camas no andar de baixo, lavamos as mãos e penteamos o cabelo. Depois ajeitei um pouco o quarto e voltei para cima. A mesa já fora limpa; por isso, pegamos um pouco de água, fizemos café e chá, fervemos o leite e arrumamos a mesa. Papai e Peter esvaziaram nossos

penicos improvisados e os lavaram com água quente e cloro. O maior estava cheio até a borda e ficou tão pesado que eles tiveram dificuldade para levantar. Para piorar as coisas, estava vazando, por isso tiveram de colocá-lo dentro de um balde.

Às onze horas, Jan estava de volta e se juntou a nós na mesa, e aos poucos todo mundo começou a relaxar. Jan contou a seguinte história:

O Sr. Sleegers estava dormindo, mas a sua mulher disse a Jan que o marido descobrira o buraco na porta enquanto fazia a ronda. Ele chamou um policial, e os dois deram a busca no prédio. O Sr. Sleegers, na função de vigia noturno, patrulha a área de bicicleta, todas as noites, junto de seus dois cães. A mulher disse que ele contaria o restante ao Sr. Kugler na segunda-feira. Ninguém na delegacia de polícia parecia saber qualquer coisa sobre a invasão, mas disseram que viriam na manhã seguinte dar uma olhada.

No caminho de volta, Jan encontrou por acaso o Sr. van Hoeven, o homem que fornece batatas, e contou sobre a invasão.

– Eu sei – respondeu calmamente o Sr. van Hoeven. – Ontem à noite, quando minha mulher e eu estávamos passando pelo seu prédio, vi um buraco na porta. Minha mulher quis entrar, mas olhei dentro, com a ajuda de uma lanterna, e foi então que os ladrões devem ter fugido. Decidi não chamar a polícia. Achei que, no seu caso, não seria sensato. Não sei de nada, mas tenho minhas desconfianças.

Jan agradeceu e prosseguiu. Obviamente, o Sr. van Hoeven suspeita de que estamos aqui, porque sempre entrega as batatas na hora do almoço. Um sujeito decente!

Era uma hora quando Jan saiu e lavamos os pratos. Fomos os oito para a cama. Acordei às quinze para as três e vi que o Sr. Dussel já estava de pé. Com o rosto vincado de sono, esbarrei em Peter no banheiro, logo depois de ele ter descido. Combinamos de nos encontrar no escritório. Lavei o rosto e desci.

– Depois de tudo isso, você ainda tem coragem de ir ao sótão da frente? – perguntou ele.

Eu disse que sim, agarrei meu travesseiro, com um pano enrolado em volta, e subimos juntos. O tempo estava maravilhoso, e mesmo com as sirenes antiaéreas começando logo a tocar, ficamos onde estávamos. Peter passou o braço pelo meu ombro, passei o meu pelo dele, e ficamos sentados em silêncio até as quatro horas, quando Margot veio nos chamar para o café.

Comemos pão, tomamos limonada e rimos (enfim, conseguíamos de novo), e quanto ao resto, tudo voltou ao normal. Naquela noite, agradeci a Peter porque ele fora o mais corajoso de todos.

Nenhum de nós jamais enfrentara um perigo como aquele. Deus estava realmente cuidando de nós. Pense só – a polícia chegou perto da estante, a luz estava acesa, e mesmo assim ninguém descobriu nosso esconderijo! "Agora estamos perdidos!", eu havia sussurrado naquele momento, mas de novo fomos poupados. Quando chegar a invasão e as bombas começarem a cair, vai ser cada um por si, mas dessa vez tivemos medo por aqueles cristãos bons e inocentes que estão nos ajudando.

"Nós fomos salvos, continuem nos salvando!", é só o que podemos dizer.

Esse incidente provocou muitas mudanças. A partir de agora, Dussel vai fazer seu trabalho no banheiro, e Peter vai patrulhar a casa entre oito e meia e nove e meia. Peter não tem mais autorização para abrir a sua janela, desde que um dos funcionários da Keg notou que ela estava aberta. Não podemos mais dar descarga depois das nove e meia da noite. O Sr. Sleegers foi contratado como vigia noturno, e esta noite um carpinteiro que está na clandestinidade vem fazer uma barricada com o estrado de uma de nossas camas. Os debates acontecem o tempo todo no Anexo. O Sr. Kugler nos censurou por sermos descuidados. Jan também disse que não deveríamos

descer nunca. O que temos de fazer é descobrir se Sleegers é de confiança, se os cães vão latir se ouvirem alguém atrás da porta, como fazer a barricada, todo tipo de coisas.

Fizeram questão de lembrar que somos judeus acorrentados, acorrentados num lugar, sem qualquer direito, mas com mil deveres. Devemos colocar os sentimentos de lado; devemos ser corajosos e fortes, suportar o desconforto sem reclamar, fazer o máximo possível e confiar em Deus. Algum dia essa guerra terrível vai terminar. Chegará a hora em que seremos gente de novo, e não somente judeus!

Quem fez isso contra nós? Quem nos separou de todo o resto? Quem nos colocou neste sofrimento? É Deus que nos fez do jeito que somos, mas também é Deus que irá nos erguer no fim. Aos olhos do mundo, estamos condenados, mas se depois de todo esse sofrimento ainda sobrarem judeus, o povo judeu servirá de exemplo. Quem sabe, talvez nossa religião ensine ao mundo e às pessoas o que é a bondade, e talvez esse seja o único motivo de nosso sofrimento. Nunca poderemos ser apenas holandeses, ou ingleses, ou de qualquer outra nacionalidade, seremos sempre também judeus. E teremos de continuar sendo judeus, mas, afinal, vamos querer ser.

Ser corajosos! Vamos lembrar nossos deveres e realizá-los sem reclamar. Haverá uma saída. Deus nunca abandonou seu povo. Ao longo das eras, os judeus sofreram, mas continuaram vivendo, e os séculos de sofrimento só os tornaram mais fortes. Os fracos cairão, e os fortes sobreviverão e não serão derrotados!

Naquela noite, eu realmente achei que morreria. Esperei a polícia e estava pronta para a morte, como um soldado no campo de batalha. Daria de bom grado a vida pela pátria. Mas agora, agora que fui poupada, meu primeiro desejo para depois da guerra é me tornar cidadã holandesa. Amo os holandeses, amo este país, amo a língua, e quero trabalhar aqui. E, mesmo

que tenha de escrever para a própria rainha, não vou desistir antes de alcançar meu objetivo!

Estou ficando cada vez mais independente de meus pais. Mesmo sendo jovem, enfrento a vida com mais coragem e tenho um sentimento de justiça melhor e mais verdadeiro do que o de mamãe. Sei o que quero, tenho um objetivo, tenho opiniões, uma religião e amor. Se ao menos eu pudesse ser eu mesma, ficaria satisfeita. Sei que sou uma mulher, uma mulher com força interior e muita coragem!

Se Deus me deixar viver, vou realizar mais do que mamãe jamais realizou, vou fazer com que minha voz seja ouvida, vou para o mundo e trabalharei em prol da humanidade!

Agora sei que primeiro é preciso coragem e felicidade!

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 14 de abril de 1944

Querida Kitty,

Todo mundo ainda está tenso por aqui. Pim quase chegou ao ponto de ebulição; a Sra. van Daan está de cama, resfriada, gemendo; o Sr. van Daan está ficando pálido sem seus cigarros; Dussel, que teve de abandonar muitos de seus confortos, reclama de todos etc. etc. Parece que estamos sem sorte ultimamente. O sanitário está vazando, e a torneira emperrou. Graças às nossas muitas conexões, logo poderemos mandar consertar.

De vez em quando, fico sentimental, como você sabe, mas às vezes tenho motivo para isso: quando Peter e eu estamos sentados juntos num caixote de

madeira, no meio do lixo e do pó, abraçados, Peter mexendo num cacho do meu cabelo; quando os pássaros lá fora trinam suas canções, quando as árvores florescem, quando o sol aparece e o céu fica muito azul – ah, nessa hora eu desejo tanta coisa!

Só vejo ao redor rostos insatisfeitos e amargurados, e só ouço suspiros e reclamações. É de pensar que nossa vida mudou para pior. Francamente, as pessoas é que fazem as coisas ficarem ruins. Aqui no Anexo, ninguém se incomoda em dar bom exemplo. Cada um tem de imaginar um jeito de melhorar o próprio humor!

Todo dia só se ouve: "Se pelo menos tudo tivesse terminado!"

Trabalho, coragem, esperança... amar,
Faça-me boa, e me ajude a enfrentar!

Realmente acredito, Kit, que hoje estou meio doida, e não sei por quê. Meu texto está todo misturado, estou pulando de uma coisa para outra, e às vezes duvido seriamente se alguém se interessará por essas bobagens. Provavelmente, vão chamar de "Os pensamentos de um patinho feio". Meus diários com certeza não terão muita utilidade para o Sr. Bolkestein e o Sr. Gerbrandy.[24]

Sua Anne M. Frank

Sábado, 15 de abril de 1944

Querida Kitty,

"É uma desgraça depois da outra. Quando isso vai acabar?" Você pode dizer isso de novo. Imagine o que aconteceu agora? Peter se esqueceu de

destrancar a porta da frente. Ou seja, o Sr. Kugler e os empregados do armazém não puderam entrar. Ele foi até a Keg, quebrou a janela da cozinha do escritório e entrou por ali. O que será que eles devem estar pensando? E van Maaren? O Sr. Kugler está furioso. Nós o acusamos de não fazer nada para reforçar a porta, e depois vacilamos desse jeito! Peter está perturbadíssimo. Na mesa, mamãe disse que sentia mais pena de Peter do que de todo mundo, porque costumamos perguntar todos os dias se ele destrancou a porta. Talvez eu possa consolá-lo mais tarde. Quero tanto ajudá-lo!

Eis as notícias sobre a vida no Anexo Secreto nas últimas semanas:

No sábado passado, de repente, Boche ficou doente. Ficou quieto e começou a miar. Imediatamente, Miep pegou-o, enrolou-o numa toalha, colocou-o na bolsa de compras e levou-o à clínica de cães e gatos. Boche estava com algum tipo de problema intestinal, e o veterinário indicou um remédio. Peter deu o remédio algumas vezes, mas logo Boche começou a desaparecer. Aposto que foi namorar. Mas agora está com o nariz arranhado e mia sempre que alguém o pega – talvez estivesse tentando roubar comida e alguém bateu nele. Mouschi perdeu a voz durante alguns dias. Exatamente quando decidimos que ela também deveria ir ao veterinário, a gata começou a melhorar.

Agora deixamos a janela do sótão com uma fresta aberta todas as noites. Peter e eu costumamos sentar lá ao anoitecer.

Graças a cimento branco e tinta a óleo, nosso sanitário pôde ser consertado. Trocaram a torneira quebrada.

Felizmente o Sr. Kleiman está ficando melhor. Logo vai se consultar com um especialista. Só podemos esperar que ele não precise de uma cirurgia.

Este mês, recebemos oito talões de racionamento. Nas próximas duas semanas, o feijão será substituído por aveia ou sêmola, o que é uma pena. A

última novidade são os picles. Se você não tiver sorte, só recebe um vidro cheio de pepinos e molho de mostarda.

Os legumes estão difíceis de aparecer. Só há alface, alface e mais alface. Nossa comida consiste basicamente em batatas e imitação de molho de carne.

Os russos tomaram posse de mais de metade da Crimeia. Os ingleses não estão avançando além de Cassino. Teremos de contar com a Muralha Ocidental. Tem havido um monte de ataques aéreos incrivelmente violentos. O cartório de registro civil de Haia foi bombardeado. Todos os holandeses receberam novos registros para cupons de racionamento.

Por hoje chega.

Sua Anne M. Frank

Domingo, 16 de abril de 1944

Minha querida Kitty,

Lembre-se da data de ontem, porque foi um dia fundamental para mim. Não é importantíssimo para qualquer garota o dia em que ela recebe o primeiro beijo? Bom, para mim é. O beijo que Bram me deu no rosto e o que o Sr. Woudstra me deu na mão direita não contam. Como é que de repente ganhei esse beijo? Vou contar.

Ontem à noite, às oito horas, eu estava com Peter no seu divã, e não demorou muito até ele passar o braço pelo meu ombro. (Como era sábado, ele não estava usando o sobretudo.)

– Por que a gente não chega mais para lá? – disse eu. – Assim não fico batendo com a cabeça no armário.

Ele se afastou tanto que praticamente ficou no canto. Enfiei o braço sob o dele, pelas suas costas, e ele passou o braço sobre meu ombro, de modo que quase fui engolfada por ele. Já havíamos nos sentado assim em outras ocasiões, mas nunca tão próximos como ontem à noite. Ele me segurou firme, e meu lado esquerdo ficou encostado em seu peito; meu coração já começara a bater forte, mas havia mais coisas para acontecer. Ele não ficou satisfeito até que minha cabeça se encostou em seu ombro, com a dele pousada em cima. Depois de uns 15 minutos, me sentei reta de novo, mas logo depois ele pegou minha cabeça com as mãos e encostou-a de novo na dele. Ah, foi tão maravilhoso! Eu mal podia falar, meu prazer era intenso demais; ele acariciou meu rosto e meu braço, meio desajeitado, e brincou com meu cabelo. Na maior parte do tempo, nossas cabeças se tocavam.

Não posso dizer, Kitty, qual foi o sentimento que me atravessou. Eu estava feliz demais para dizer qualquer coisa, e acho que ele também.

Às nove e meia nos levantamos. Peter calçou os tênis, para não fazer muito barulho em sua ronda noturna pelo prédio, e eu estava em pé, ao lado. Não sei como fiz de repente o movimento certo, mas, antes que descêssemos, ele me deu um beijo, por entre meus cabelos, metade no lado esquerdo do rosto, metade na orelha. Desci sem olhar para trás, e estou tremendamente ansiosa pelo que vai acontecer hoje.

Manhã de domingo, logo antes das onze horas.

Sua Anne M. Frank

Segunda-feira, 17 de abril de 1944

Querida Kitty,

Você acha que papai e mamãe aprovariam uma garota da minha idade sentada num divã e beijando um rapaz de 17 anos e meio? Duvido de que aprovassem, mas tenho de confiar em meu julgamento nessa questão. É tão calmo e seguro ficar em seus braços e sonhar, é tão emocionante sentir seu rosto encostado no meu, é tão maravilhoso saber que há alguém esperando por mim! Mas – e existe um mas – será que Peter vai querer que a situação fique nesse ponto? Não esqueci sua promessa, mas... ele é um rapaz!

Sei que estou começando muito nova. Menos de 15 anos e já tão independente – é meio difícil para os outros entenderem. Tenho certeza de que Margot nunca beijaria um rapaz, a não ser que houvesse alguma conversa sobre noivado ou casamento. Nem Peter nem eu temos esse tipo de plano. Também tenho certeza de que mamãe nunca tocou num homem antes de conhecer papai. O que será que minhas amigas ou Jacque diriam se soubessem que fiquei nos braços de Peter, com o coração encostado no peito dele, minha cabeça em seu ombro e sua cabeça e seu rosto encostados no meu?

Ah, Anne, que coisa impressionante! Mas, falando sério, não creio que seja chocante; nós estamos trancados aqui, isolados do mundo, ansiosos e com medo, sobretudo nesses últimos tempos. Por que deveríamos ficar separados quando nos amamos? Por que não deveríamos nos beijar em tempos assim? Por que deveríamos esperar até a idade apropriada? Por que deveríamos pedir a permissão dos outros?

Decidi cuidar de meus interesses. Ele nunca vai me magoar ou me fazer infeliz. Por que eu não deveria fazer o que meu coração manda, e tornar nós dois felizes?

Mesmo assim, tenho a impressão, Kitty, de que você pode sentir minha dúvida. Deve ser minha honestidade se revoltando contra toda essa necessidade de disfarçar. Você acha que devo contar a papai o que estou fazendo? Acha que nosso segredo deve ser compartilhado com mais

alguém? Boa parte da beleza vai se perder, mas será que eu me sentiria melhor por dentro? Vou conversar com ele.

Ah, sim, ainda tenho muita coisa que quero conversar com ele, já que não vejo sentido em somente fazer carinho. Dividir os pensamentos com outra pessoa exige muita confiança, mas nós ficaremos mais fortes com isso!

Sua Anne M. Frank

P.S.: Ontem acordamos às seis da manhã, porque toda a família ouviu de novo sons de uma invasão. Dessa vez, a vítima deve ter sido um de nossos vizinhos. Quando fomos verificar, às sete horas, as portas ainda estavam trancadas, graças a Deus!

Terça-feira, 18 de abril de 1944

Querida Kitty,

Tudo está ótimo aqui. Ontem à noite, o carpinteiro veio de novo colocar chapas de ferro nos painéis das portas. Papai acaba de dizer que espera operações de larga escala na Rússia, na Itália e no Ocidente antes de 20 de maio; quanto mais a guerra demora, mais difícil é imaginar que seremos libertados deste local.

Ontem Peter e eu finalmente tivemos a conversa que vínhamos adiando nos últimos dez dias. Eu lhe contei tudo sobre as garotas, sem temer em analisar as questões mais íntimas. Achei engraçado ele pensar que a abertura no corpo de uma mulher era simplesmente deixada de fora das ilustrações. Ele não podia imaginar que na verdade ela se localiza entre as pernas. A noite terminou com um beijo mútuo, perto da boca. É uma sensação deliciosa!

Pode ser que eu leve meu caderno de anotações prediletas lá para cima um dia desses, para que Peter e eu possamos nos aprofundar nas questões. Não creio que ficar nos braços um do outro dia após dia seja muito satisfatório, e espero que ele ache a mesma coisa.

Depois do inverno não muito intenso, estamos com uma primavera maravilhosa. Abril está glorioso, nem muito quente nem muito frio, com chuvas leves de vez em quando. Nosso castanheiro está cheio de folhas, e aqui e ali dá para ver pequenas flores.

No sábado, Bep nos presenteou com quatro buquês de flores: três de narcisos e um de jacintos, este para mim. O Sr. Kugler tem trazido cada vez mais jornais.

Está na hora dos exercícios de álgebra, Kitty. Tchau.

Sua Anne M. Frank

Quarta-feira, 19 de abril de 1944

Queridíssima,

(Este é o título de um filme com Dorit Kreysler, Ida Wüst e Harald Paulsen!)

O que poderia ser melhor do que se sentar diante de uma janela aberta, desfrutando a natureza, ouvindo os pássaros, sentindo o sol no rosto e tendo nos braços um cara maravilhoso? Sinto-me tão em paz e segura com seu braço no meu ombro, sabendo que ele está perto e não precisando falar; como isso pode ser ruim se me faz tão bem? Ah, se ao menos nunca fôssemos perturbados de novo, nem mesmo por Mouschi!

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 21 de abril de 1944

Minha querida Kitty,

Ontem fiquei de cama, com a garganta irritada, mas como já estava chateada na primeira tarde e não tive febre, hoje me levantei. Minha irritação na garganta está quase *verschwunden*.[25]

Ontem, como você provavelmente já descobriu, nosso *Führer* fez 55 anos. Hoje, Sua Alteza Real, a princesa Elizabeth de York, faz 18 anos. A BBC informou que ela ainda não foi declarada maior de idade, apesar de os filhos da família real geralmente serem. Estivemos pensando no príncipe com quem essa beldade vai se casar, mas não consigo pensar num candidato digno; talvez sua irmã, a princesa Margaret Rose, se case com o príncipe Balduíno da Bélgica!

Aqui, passamos de um desastre a outro. Nem bem as portas externas foram reforçadas, van Maaren já aprontou de novo. É bem provável que ele tenha roubado a farinha de batata, e agora está tentando culpar Bep. Não é surpresa que mais uma vez o Anexo esteja tumultuado. Bep está fora de si, de tanta raiva. Talvez o Sr. Kugler finalmente demita esse mau-caráter.

O avaliador da Beethovenstraat esteve aqui hoje de manhã. Ele ofereceu 400 florins pelo nosso armário; em nossa opinião, as outras avaliações também foram muito baixas.

Quero perguntar à revista *De Prins* se eles aceitam um de meus contos de fadas, sob pseudônimo, claro. Mas, por enquanto, meus contos de fadas são longos demais, por isso não creio que tenha grande chance.

Até a próxima, querida.

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 25 de abril de 1944

Querida Kitty,

Há dez dias Dussel não fala com o Sr. van Daan, e tudo por causa das novas medidas de segurança desde a invasão. Uma delas é que ele não pode mais descer à noite. Peter e o Sr. van Daan fazem a última ronda todas as noites às nove e meia, e depois ninguém pode descer. Não podemos mais dar descarga depois das oito da noite ou antes das 8 horas da manhã. Só se pode abrir as janelas de manhã, quando se acendem as luzes no escritório do Sr. Kugler, e não podem mais ser abertas empurrando-se com uma vara à noite. Essa última medida é o motivo da carranca de Dussel. Ele diz que o Sr. van Daan lhe deu uma bronca, mas a culpa é dele mesmo. Diz que preferiria viver sem comida do que sem ar, e que eles simplesmente devem imaginar um meio de manter as janelas abertas.

– Tenho de falar sobre isso com o Sr. Kugler – disse-me ele.

Respondi que nunca conversávamos esse tipo de coisa com o Sr. Kugler, só dentro do grupo.

– Tudo está sempre acontecendo pelas minhas costas. Tenho de conversar com o seu pai.

Além disso, ele não tem mais permissão para ficar no escritório do Sr. Kugler nas tardes de sábado e nos domingos, porque o gerente da Keg pode ouvi-lo, se estiver no prédio ao lado. Mesmo assim, Dussel foi para lá. O Sr. van Daan ficou furioso, e papai desceu para conversar com Dussel, que subiu dando alguma desculpa esfarrapada, mas dessa vez nem papai acreditou. Agora papai reduziu seu contato com Dussel ao mínimo necessário, porque Dussel o ofendeu. Nenhum de nós sabe o que ele disse, mas deve ter sido coisa feia.

E pensar que esse homem miserável aniversaria na semana que vem. Como alguém pode comemorar o aniversário de cara emburrada? Como

pode aceitar presentes de pessoas com quem não fala?

O Sr. Voskuijl está piorando rapidamente. Há mais de dez dias teve febre de quase quarenta graus. O médico disse que não há esperanças; acham que o câncer se espalhou para os pulmões. Coitado, gostaríamos tanto de ajudá-lo, mas agora só Deus é que pode!

Escrevi uma história divertida chamada “Blurry, o explorador”, que fez um enorme sucesso entre meus três ouvintes.

Ainda estou com gripe, e passei para Margot, mamãe e papai. Tomara que Peter não pegue. Ele insistiu num beijo, e me chamou de seu El Dorado. Não se pode chamar uma pessoa disso, cara bobo! Mas mesmo assim ele é uma graça!

Sua Anne M. Frank

Quinta-feira, 27 de abril de 1944

Querida Kitty,

A Sra. van Daan estava mal-humorada hoje de manhã. Só fez reclamar, primeiro da gripe, de não ter remédio para a tosse e da agonia de ter de assoar o nariz o tempo todo. Depois reclamou porque o sol não estava aparecendo, porque a invasão não havia começado, porque não podíamos olhar pelas janelas, e coisa e tal. Só podíamos rir dela, e ela não devia estar tão ruim, porque logo veio se juntar a nós.

Eis nossa receita modificada de bolo de batata, porque faltam cebolas:

Passe as batatas descascadas por um moedor e acrescente um pouco de farinha do governo e sal. Unte uma forma ou um prato

refratário com parafina ou estearina e cozinhe durante duas horas e meia. Sirva com compota de morangos podres. (Não há cebolas. Nem óleo para untar ou para a massa!)

No momento leio *Keizer Karel V [Emperor Charles V]*, escrito por um professor da Universidade de Göttingen; ele passou quarenta anos escrevendo este livro. Levei cinco dias para ler cinquenta páginas. Não consigo mais do que isso. Como o livro tem 598 páginas, dá para imaginar quanto tempo demorarei. Nem estou contando com o segundo volume. Mas... muito interessante.

As coisas que uma garota precisa fazer durante um único dia! Pegue o meu exemplo. Primeiro traduzi do holandês para o inglês uma passagem da última batalha de Nelson. Depois li mais sobre a Guerra do Norte (1700-1721), que envolveu Pedro o Grande, Carlos XII, Augusto o Forte, Stanislaus Leczinsky, Mazeppa, von Görz, Brandenburgo, a Pomerânia Ocidental e a Dinamarca, além das datas de sempre. Depois terminei no Brasil, lendo sobre o fumo da Bahia, a abundância de café, o milhão e meio de habitantes do Rio de Janeiro, de Pernambuco, São Paulo, sem esquecer o rio Amazonas. Depois sobre negros, mulatos, mestiços, brancos, a taxa de analfabetismo – mais de 50% – e malária. Como ainda tinha tempo, examinei uma árvore genealógica: Jan, o Antigo, Willem Lodewijk, Ernst Casimir I, Henrik Casimir I, até a pequena Margriet Franciska (nascida em 1943, em Ottawa).

Meio-dia: retomei os estudos no sótão, lendo sobre deões, padres, ministros, papas e... nossa, já era uma hora!

Às duas a pobre criança (hã-hã) voltou ao trabalho. Macacos do Velho Mundo e do Novo Mundo. Kitty, diga depressa, quantos dedos tem um hipopótamo?

Depois veio a Bíblia, a Arca de Noé, Sem, Cam e Jafé. Depois disso, Carlos V. Depois, com Peter, o livro de [redacted]ackeray sobre o coronel, em inglês.

Um teste de francês, e depois uma comparação entre o Mississippi e o Missouri!

Por hoje chega. Adieu!

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 28 de abril de 1944

Querida Kitty,

Nunca me esqueci do sonho com Peter Schiff(ver início de janeiro). Até agora consigo sentir seu rosto encostado no meu, e aquela felicidade maravilhosa que tornava tudo tão bom. De vez em quando, eu tinha a mesma sensação com Peter, mas nunca tão intensamente... até ontem à noite. Estávamos sentados no divã, como sempre, abraçados. De repente, a Anne de todos os dias desapareceu, e a segunda Anne assumiu o seu lugar. A segunda Anne, que nunca é confiante demais ou divertida, mas que só quer amar e ser gentil.

Fiquei encostada nele e senti uma onda de emoção me invadir. Lágrimas me vieram aos olhos; as da esquerda caíram no sobretudo dele, e as da direita escorreram pelo meu nariz e caíram perto das primeiras. Será que ele percebeu? Ele não fez qualquer movimento para mostrar que havia percebido. Será que sentia o mesmo que eu? Não disse nada. Será que percebeu que tinha duas Annes ao seu lado? Minhas perguntas continuaram sem resposta.

Às oito e meia me levantei e fui à janela, onde sempre nos despedíamos. Ainda estava trêmula, ainda era a Anne número dois. Ele veio até mim, enlacei o seu pescoço e beijei-o no rosto, do lado direito. Ia beijar do outro

lado quando minha boca encontrou a dele, e comprimimos os lábios. Atordoados, nos abraçamos, de novo e de novo, para jamais terminar. Ah!

Peter precisa de carinho. Pela primeira vez na vida, ele descobriu uma garota; pela primeira vez na vida, viu que até as maiores pestes têm alguma coisa por dentro, um coração, e se transformam assim que você está a sós com elas. Pela primeira vez na vida, ele se dera e dera sua amizade a outra pessoa. Ele nunca tivera um amigo ou uma amiga. Agora, nós nos encontramos. Eu também não o conhecia, nunca tinha tido alguém em quem confiar, e a situação chegou a esse ponto...

A mesma pergunta vive me intrigando: “Está certo?” Está certo me entregar tão cedo, ser tão passional, me encher de tanta paixão e tanto desejo quanto Peter? Será que eu, uma garota, posso me permitir isso?

Só há uma resposta: “Eu desejo tanto... e desejei durante tanto tempo! Sou tão sozinha e agora encontrei consolo!”

De manhã agimos normalmente, nas tardes também, a não ser de vez em quando. Mas, à noite, o desejo reprimido o dia inteiro, a felicidade e a alegria das vezes anteriores emergem, e só conseguimos pensar um no outro. Toda noite, depois do último beijo, sinto vontade de correr e nunca mais olhá-lo nos olhos. Para longe, muito longe, para a escuridão e sozinha!

E o que me espera no fundo daqueles 14 degraus? Luzes fortes, perguntas e risos. Preciso agir normalmente e esperar que não percebam nada.

Meu coração ainda é sensível demais para se recuperar tão depressa de um choque como o que tive ontem à noite. A Anne gentil aparece raramente, e não gosta de ser expulsa depois de ter chegado. Peter tocou numa parte minha que ninguém havia tocado antes, a não ser no sonho! Ele me agarrou e me virou pelo avesso. Será que as pessoas não precisam de

algum tempo em silêncio para se recuperar? Ah, Peter, o que você fez comigo? O que quer de mim?

Onde será que isso vai parar? Ah, agora entendo Bep. Agora, agora que também estou passando por isso, entendo suas dúvidas; se eu fosse mais velha e ele quisesse se casar comigo, qual seria a minha resposta? Anne, seja honesta! Você não poderia casar com ele. Mas é tão difícil abandonar a ideia! Peter ainda tem pouco caráter, pouca força de vontade, pouca firmeza e coragem. Ainda é uma criança, emocionalmente não tem mais idade do que eu; só quer felicidade e paz de espírito. Será que realmente só tenho 14 anos? Será que realmente não passo de uma estudante idiota? Será que sou mesmo tão inexperiente em tudo? Tenho mais experiência do que a maioria; experimentei uma coisa que quase ninguém da minha idade provou.

Tenho medo de mim, medo de que meu desejo faça com que eu me entregue cedo demais. Como poderia dar certo com outros rapazes mais tarde? Ah, é tão difícil, a eterna luta entre coração e mente! Há um tempo e um lugar para as duas coisas, mas como posso ter certeza de que escolhi o tempo certo?

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 2 de maio de 1944

Querida Kitty,

Sábado à noite perguntei a Peter se ele acha que devo contar sobre nós a papai. Depois de termos conversado, ele disse que achava que sim. Fiquei feliz; isso mostra que ele é sensível e tem bom senso. Assim que desci, fui pegar água com papai. Enquanto estávamos na escada, comecei:

– Papai, tenho certeza de que você percebeu que, quando eu e Peter estamos juntos, não nos sentamos exatamente em cantos opostos do quarto. Acha isso errado?

Papai fez uma pausa antes de responder:

– Não, não acho errado. Mas, Anne, como vocês estão vivendo tão perto, precisam ter cuidado.

Ele falou outras coisas a esse respeito, e depois nós subimos.

No domingo de manhã, ele me chamou e disse:

– Anne, estive pensando no que você disse. – (Ah, eu sabia o que ia acontecer!) – Aqui no Anexo, fazer isso não é uma boa ideia. Eu pensei que vocês eram apenas amigos. Peter está apaixonado por você?

– Claro que não – respondi.

– Bom, você sabe que eu entendo os dois. Mas é você quem deve se conter. Não vá lá para cima com tanta frequência, não o encoraje mais do que o necessário. Em questões assim, é sempre o homem que assume o papel ativo, e é dever da mulher mostrar os limites. Lá fora, onde as pessoas são livres, as coisas são diferentes. Você vê outros rapazes e moças, pode sair, participar de esportes e todo tipo de atividade. Mas aqui, se vocês ficam muito tempo juntos e querem sair, não podem. Vocês se veem todas as horas do dia; na verdade, o tempo inteiro. Tenha cuidado, Anne, não leve isso muito a sério!

– Não levo, papai, mas Peter é um rapaz decente, um bom rapaz!

– Sim, mas ele não tem muita força de caráter. Pode ser facilmente influenciado para o bem, mas também para o mal.

Espero que ele continue bom, porque Peter é essencialmente uma boa pessoa.

Conversamos mais um pouco e combinamos que papai falaria com ele.

Na tarde de sábado, quando estávamos no sótão da frente, Peter perguntou:

– Você já falou com seu pai, Anne?

– Falei. Vou contar como foi. Ele não acha errado, mas disse que aqui, onde nós ficamos tão perto, isso poderia gerar conflitos.

– Nós já prometemos não brigar, e pretendo manter a promessa.

– Eu também, Peter. Mas papai não acha que nós estejamos levando a sério, ele achava que só éramos amigos. Você acha que ainda podemos ser?

– Acho. E você?

– Eu também. Também falei a papai que confio em você. Eu confio, Peter, tanto quanto confio em papai. E acho que você merece minha confiança. Você merece, não é?

– Espero que sim. – (Ele ficou muito tímido e corou.)

– Acredito em você, Peter. Acredito que tem bom caráter e que vai vencer no mundo.

Depois disso, falamos de outras coisas. Aí, eu disse:

– Sei que, se sairmos daqui, você nem vai pensar mais em mim.

Ele ficou todo alterado.

– Isso não é verdade, Anne. Ah, não. Não vou deixar que você pense isso a meu respeito!

Então, alguém nos chamou.

Papai conversou com ele, Peter me contou na segunda-feira.

– Seu pai achou que nossa amizade pode virar amor. Mas eu disse que nós nos controlamos.

Papai quer que eu pare de ir lá para cima com tanta frequência. Não só porque gosto de ficar com Peter, mas porque eu disse que confiava nele. Eu confio nele, e quero provar, mas nunca poderei provar se ficar lá embaixo por causa da desconfiança dos outros.

Não, eu vou!

Nesse meio-tempo, o drama de Dussel se resolveu. Sábado à noite, no jantar, ele se desculpou num belo holandês. De imediato o Sr. van Daan se reconciliou. Dussel deve ter passado o dia inteiro ensaiando o discurso.

O domingo, dia de seu aniversário, passou sem incidentes. Nós lhe demos uma garrafa de vinho bom, de 1919; os van Daan (que agora podiam dar seu presente, afinal de contas) lhe deram um vidro de picles e um pacote de lâminas de barbear, e o Sr. Kugler lhe deu uma jarra de xarope de limão (para fazer limonada), Miep deu um livro, *Martijntje [Little Martin]*, e Bep deu uma planta. Ele ofereceu um ovo a cada um de nós.

Sua Anne M. Frank

Quarta-feira, 3 de maio de 1944

Querida Kitty,

Primeiro as notícias da semana! Estamos tirando férias da política. Não há nada, e quero dizer absolutamente nada, para relatar. Também estou gradualmente começando a acreditar que a invasão acontecerá. Afinal, eles não podem deixar que os russos façam todo o trabalho sujo; na verdade, os russos também não estão fazendo nada no momento.

Agora, o Sr. Kleiman vem ao escritório todas as manhãs. Ele conseguiu um novo jogo de molas para o divã de Peter; por isso, Peter terá de trabalhar refazendo o estofado. Não é nenhuma surpresa que ele não esteja disposto. O Sr. Kleiman também trouxe pó de broca para matar as pulgas dos gatos.

Já contei que Boche desapareceu? Não o vemos desde a quinta-feira passada. É provável que já esteja no céu dos gatos, e algum amante dos animais o transformou num prato saboroso.

Talvez alguma garota com dinheiro esteja usando um gorro feito com a pele de Boche. Peter está desolado.

Nas últimas duas semanas, temos almoçado no sábado às onze e meia; de manhã temos de nos contentar com uma xícara de mingau quente. A partir de amanhã, será assim todo dia; isso faz com que economizemos uma refeição. Ainda é muito difícil conseguir verduras. Esta tarde tivemos alface podre cozida. Alface comum, espinafre e alface cozida, é só o que há. Acrescente a isso batatas podres e você terá uma refeição digna de um rei!

Minha menstruação não vinha há dois meses, mas finalmente começou no domingo passado. Apesar da sujeira e do incômodo, estou feliz porque ela não me abandonou.

Como, sem dúvida, você pode imaginar, nós costumamos perguntar, em desespero: "Qual é o sentido da guerra? Por que, por que as pessoas não podem viver juntas em paz? Por que toda essa destruição?"

A pergunta é compreensível, mas até agora ninguém encontrou uma resposta satisfatória. Por que a Inglaterra fabrica aviões e bombas maiores e melhores e, ao mesmo tempo, constrói casas novas? Por que se gastam milhões com a guerra a cada dia, enquanto não existe um centavo para a ciência médica, para os artistas e para os pobres? Por que as pessoas têm de passar fome, quando montanhas de comida apodrecem em outras partes do mundo? Ah, por que as pessoas são tão malucas?

Não acredito que a guerra seja apenas obra de políticos e capitalistas. Ah, não, o homem comum é igualmente culpado; caso contrário, os povos e as nações teriam se rebelado há muito tempo! Há uma necessidade destrutiva nas pessoas, a necessidade de demonstrar fúria, de assassinar e matar. E até que toda a humanidade, sem exceção, passe por uma metamorfose, as guerras continuarão a ser declaradas, e tudo o que foi

cuidadosamente construído, cultivado e criado será cortado e destruído, só para começar outra vez!

Eu costumo me sentir mal, mas nunca me desespero. Vejo nossa vida no esconderijo como uma aventura interessante, cheia de perigo e romance, e cada privação é algo divertido a acrescentar no diário. Decidi levar uma vida diferente da de outras garotas, e não me tornar mais tarde uma dona de casa comum. O que estou vivenciando aqui é um bom início para uma vida interessante, e este é o motivo – o único – para eu rir do lado engraçado dos momentos perigosos.

Sou jovem e tenho muitas qualidades ocultas; sou jovem, forte e vivo uma grande aventura; estou no meio dela e não posso passar o dia inteiro reclamando porque é impossível me divertir! Sou abençoada com tantas coisas: felicidade, alegria e força. A cada dia me sinto amadurecendo, sinto a libertação se aproximar, sinto a beleza da natureza e a bondade das pessoas ao redor. A cada dia penso em como essa aventura é fascinante e divertida! Com tudo isso, por que deveria me desesperar?

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 5 de maio de 1944

Querida Kitty,

Papai está chateado comigo. Depois de nossa conversa no domingo, ele achou que eu pararia de subir todas as noites. Não quer a continuação daquele *Knutscherei*.[26] Não suporto essa palavra. Falar sobre isso já foi ruim – por que será que ele tem de fazer com que eu também me sinta mal? Vou

conversar com ele hoje. Margot me deu um bom conselho. Eis aqui, mais ou menos, o que eu gostaria de dizer:

Acho que você espera uma explicação minha, papai, por isso vou dar. Você está decepcionado comigo, esperava que eu me contivesse mais, sem dúvida quer que eu aja como deve agir uma garota de 14 anos. Mas é aí que você está errado!

Desde que estamos aqui, de julho de 1942 até há algumas semanas, minha vida não foi fácil. Se ao menos soubesse o quanto eu chorava à noite, como era infeliz e abandonada, como me sentia solitária, entenderia meu desejo de ir lá para cima! Agora cheguei no ponto em que não preciso do apoio de mamãe nem de mais ninguém. Isso não aconteceu da noite para o dia. Lutei demais, durante muito tempo, para me tornar independente como sou. Você pode rir e se recusar a crer, mas não me importo. Sei que sou independente, e não sinto necessidade de prestar contas de meus atos a vocês. Só digo isso porque não quero que pense que estou fazendo as coisas pelas suas costas. Mas só há uma pessoa a quem preciso prestar contas: eu.

Quando tive problemas, todo mundo – eu, inclusive – fechou os olhos e os ouvidos e não me ajudou. Pelo contrário, só recebia repreensões por ser tão barulhenta. Eu só era barulhenta para evitar ser infeliz o tempo todo. Eu demonstrava um excesso de confiança para me impedir de ouvir a voz interior. No último ano e meio, venho representando, dia sim, dia não. Nunca reclamei nem tirei a máscara, nada disso, e agora... agora a batalha terminou. Venci! Sou independente de corpo e pensamento. Não preciso mais de uma mãe, e emergi da luta como uma pessoa mais forte.

Agora que terminou, agora que sei que venci a batalha, quero seguir meu caminho, seguir o caminho que me parece correto. Não pense em mim como uma menina de 14 anos, porque todos esses problemas me fizeram crescer; não vou me arrepender de meus atos, vou me comportar como acho que devo!

Um conselho suave não vai me impedir de subir. Você terá de proibir ou confiar cegamente em mim. Faça o que quiser, mas me deixe em paz!

Sua Anne M. Frank

Sábado, 6 de maio de 1944

Querida Kitty,

Ontem à noite, antes do jantar, enfiei a carta no bolso de papai. De acordo com Margot, ele leu e ficou perturbado o resto da noite. (Eu estava lá em cima, lavando os pratos!) Pobre Pim, eu deveria ter sabido qual seria o efeito de uma carta dessas. Ele é tão sensível! Imediatamente pedi que Peter não perguntasse nada nem dissesse nada. Pim não falou mais nada sobre o assunto. Será que vai falar?

Tudo aqui voltou mais ou menos ao normal. Mal podemos acreditar no que Jan, o Sr. Kugler e o Sr. Kleiman falam sobre os preços e as pessoas lá fora; 250 gramas de chá custam 350 florins, 250 gramas de café custam 80 florins, meio quilo de manteiga, 35 florins, um ovo, 1,45 florim. As pessoas pagam 14 florins por uma onça de tabaco búlgaro! Todo mundo compra e vende no mercado negro; cada menino de recados tem alguma coisa a oferecer. O entregador da padaria arranjou linha de costura – 90 centavos por um retrós fino –, o leiteiro consegue talões de racionamento, um coveiro

vende queijo. Roubos, assassinatos e assaltos ocorrem diariamente. Até a polícia e os vigias noturnos entram na dança. Todo mundo quer botar comida no estômago, e como os salários estão congelados, as pessoas têm de arrumar algum esquema. A polícia está atolada, tentando encontrar as muitas garotas de 15, 16 e 17 anos que desaparecem a cada dia.

Quero terminar minha história sobre Ellen, a fada. Só de brincadeira, posso dá-la de aniversário a papai, junto de todos os direitos autorais.

Até logo! (Na verdade, essa não é a expressão certa. No programa em alemão, transmitido da Inglaterra, eles sempre fecham com *Auf wiederhören*[27]. Por isso, acho que devo dizer "até nos escrevermos de novo".)

Sua Anne M. Frank

Manhã de domingo, 7 de maio de 1944

Querida Kitty,

Ontem à tarde papai e eu tivemos uma longa conversa. Chorei feito uma louca, e ele chorou também. Sabe o que ele me disse, Kitty?

– Recebi muitas cartas na vida, mas nenhuma tão dolorosa como essa. Você, que teve tanto amor de seus pais. Você, cujos pais sempre estiveram prontos a ajudá-la, que sempre a defenderam, não importa de quê. Você fala de não precisar prestar contas de seus atos a nós! Acha que foi injustiçada e abandonada. Não, Anne, você foi muito injusta! Talvez não quisesse dizer isso, mas foi isso que escreveu. Não, Anne, nós não fizemos nada para merecer uma censura dessas!

Ah, eu errei desgraçadamente. Foi a pior coisa que fiz em toda a vida. Usei minhas lágrimas para me exibir, para parecer importante de modo que ele me respeitasse. É claro que tive minha cota de infelicidade, e tudo o que

disse de mamãe é verdadeiro. Mas acusar Pim, que é tão bom e que fez tudo por mim... não, foi crueldade demais.

Até que enfim alguém me colocou no lugar certo, quebrou meu orgulho, e isso é bom, porque tenho sido orgulhosa demais. Nem tudo o que a senhorita Anne faz é bom! Qualquer pessoa que, de propósito, cause tamanha dor a outra que diz amar é digna de desprezo, a mais baixa das mais baixas criaturas!

O que mais me envergonha é a maneira como papai me perdoou; ele disse que vai queimar a carta, e está sendo gentil comigo agora, como se ele tivesse feito alguma coisa errada. Bom, Anne, você ainda tem muito que aprender. Já é hora de começar, em vez de olhar os outros de cima e sempre culpá-los!

Tive muitas tristezas, mas quem não teve, na minha idade? Estava representando, mas nem percebia. Eu me sentia solitária, mas nunca desesperada! Não como papai, que certa vez correu para a rua com uma faca para pôr um ponto final em tudo. Nunca cheguei tão longe.

Deveria estar profundamente envergonhada, e estou mesmo. O que está feito não pode ser desfeito, mas pelo menos posso evitar que aconteça de novo. Gostaria de recomeçar tudo, e isso não deve ser difícil, agora que tenho Peter. Com o apoio dele, sei que posso! Não estou mais sozinha. Ele me ama, eu o amo, tenho meus livros, meus escritos e meu diário. Não sou tão feia nem tão burra, tenho um temperamento alegre e quero desenvolver um bom caráter!

Isso mesmo, Anne, você sabia muito bem que sua carta foi agressiva e que não era verdadeira, mas se orgulhou dela! Mais uma vez vou tomar papai como exemplo, e vou melhorar.

Sua Anne M. Frank

Segunda-feira, 8 de maio de 1944

Querida Kitty,

Já lhe contei alguma coisa sobre nossa família? Acho que não; por isso, deixe-me começar. Papai nasceu em Frankfurt am Main, filho de pais muito ricos: Michael Frank era banqueiro e tornou-se milionário, e os pais de Alice Stern eram importantes e bem de vida. Michael Frank não era rico desde o início; ele se fez sozinho. Na juventude, papai levou uma vida de filhinho de papai. Festas todas as semanas, havia bailes, banquetes, mulheres lindas, valsas, jantares, uma casa enorme etc. Depois que vovô morreu, a maior parte do dinheiro se perdeu, e depois da Grande Guerra e da inflação não sobrou nada. Até a guerra ainda havia alguns parentes ricos. Por isso, papai foi muito bem-criado, e teve de rir ontem porque, pela primeira vez na vida, raspou a frigideira na mesa.

A família de mamãe não era tão rica, mesmo assim vivia muito bem, e ouvimos histórias incríveis de bailes, jantares e festas de noivado com 250 convidados.

Agora estamos longe de ser ricos, mas depositei todas as minhas esperanças no pós-guerra. Posso garantir que não me atrai uma vida burguesa como a de mamãe e Margot. Gostaria de passar um ano em Paris e Londres, estudando línguas e história da arte. Compare isso com Margot, que quer cuidar de recém-nascidos na Palestina. Ainda tenho visões de vestidos lindos e gente fascinante. Como já contei muitas vezes, quero ver o mundo e fazer todo tipo de coisa interessante, e um pouco de dinheiro não fará mal!

Hoje de manhã, Miep contou sobre a festa de noivado de sua prima, no sábado passado. Os pais da prima são ricos, e os do noivo são mais ainda. Miep nos deixou com água na boca ao falar da comida: sopa de legumes

com almôndegas, queijo, bolinhos de carne picada, hors d'oeuvres de ovos e rosbife, bolinhos de queijo, bolo confeitado, vinho e cigarros, e cada qual podia comer quanto quisesse.

Miep bebeu dez schnapps e fumou três cigarros – será que era a mesma pessoa que conosco defendia a moderação? Se Miep bebeu tudo isso, imagino quanto o seu marido conseguiu entornar. Todo mundo na festa ficou meio tocado, claro. Também havia dois oficiais do esquadrão de homicídios, que tiraram fotos dos noivos. Você pode ver que Miep está sempre pensando em nós, porque anotou os nomes e os endereços deles, no caso de precisarmos de contatos com bons holandeses.

Nossas bocas ficaram totalmente cheias d'água. Nós, que só tínhamos duas colheres de mingau quente no café-da-manhã e estávamos absolutamente famintos; nós, que só tínhamos espinafres meio cozidos (por causa das vitaminas!) e batatas podres dia após dia; nós, que só colocávamos no estômago alface cozida, alface crua, espinafre, espinafre e mais espinafre. Talvez terminemos fortes como Popeye, mas até agora não vejo o menor sinal disso!

Se Miep nos tivesse levado à festa, não sobraria nenhum bolinho para os outros convidados. Se estivéssemos lá, teríamos agarrado tudo, incluindo a mobília. Sem brincadeira, nós praticamente arrancamos as palavras da boca de Miep. Estávamos apinhados ao seu redor como se nunca na vida tivéssemos ouvido falar de comidas deliciosas e pessoas elegantes! E estas são as netas do distinto milionário. O mundo é um hospício!

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 9 de maio de 1944

Querida Kitty,

Terminei minha história sobre Ellen, a fada. Copiei-a num papel bonito, decorei com tinta vermelha e costurei as páginas. Está bem interessante, mas não sei se basta como presente de aniversário. Margot e mamãe escreveram poemas.

O Sr. Kugler subiu hoje de manhã com a notícia de que, a partir de segunda-feira, a Sra. Brooks gostaria de passar duas horas no escritório todas as tardes. Imagine só! O pessoal do escritório não vai poder subir, não será possível entregar as batatas, Bep não vai receber o seu jantar, não poderemos ir ao banheiro, não poderemos nos movimentar e haverá todo tipo de inconveniência! Propusemos várias maneiras de nos livrar dela. O Sr. van Daan achou que um bom laxante em seu café poderia funcionar.

– Não – respondeu o Sr. Kleiman. – Por favor, não faça isso, do contrário nunca conseguiremos tirá-la da lata!

Gargalhadas gerais.

– A lata? – perguntou a Sra. van Daan. – O que significa isso?

Havia uma explicação.

– Está certo usar essa palavra? – perguntou ela, em total inocência.

– Imagine que você está fazendo compras na Bijenkorf e pergunta onde fica a lata – riu Bep. – Eles nem saberiam do que você está falando!

Agora Dussel se senta na lata – tomando emprestada a expressão – todos os dias, ao meio-dia em ponto. Esta tarde, corajosamente, peguei um pedaço de papel cor-de-rosa e escrevi:

Horário do Sr. Dussel no toalete
Manhãs, de 7h15 às 7h30
Tardes, depois de 13h
Afora isso, somente de acordo com a necessidade!

Grudei na porta verde do banheiro, enquanto ele ainda estava dentro. Poderia ter acrescentado: “Quem transgredir estará sujeito a confinamento! Porque nosso banheiro pode ser trancado por dentro e por fora.”
A última piada do Sr. van Daan:

Depois de uma aula bíblica sobre Adão e Eva, um menino de 13 anos perguntou ao pai:

– Diga, papai, como foi que nasci?

– Bom – respondeu o pai. – A cegonha tirou você do oceano, colocou na cama da mamãe e deu uma bicada forte na perna dela. Sangrou tanto que ela teve de ficar de cama durante uma semana.

Não se satisfazendo, o garoto foi procurar a mãe.

– Diga, mamãe, como foi que você nasceu e como foi que eu nasci?

A mãe contou a mesma história. Finalmente, esperando obter os detalhes, ele procurou o avô.

– Diga, vovô, como foi que você nasceu e como foi que a sua filha nasceu?

E pela terceira vez ouviu exatamente a mesma história.

Naquela noite ele escreveu em seu diário: “Depois de cuidadosa pesquisa, devo concluir que não houve relação sexual em nossa família nas últimas três gerações!”

Ainda tenho trabalho para fazer; já são três horas.

Sua Anne M. Frank

P.S.: Como acho que mencionei a nova faxineira, quero observar que ela é casada, tem 60 anos e é meio surda! Muito conveniente, em vista de todo o barulho que oito pessoas escondidas são capazes de fazer.

Ah, Kit, está fazendo um tempo tão maravilhoso. Se pelo menos eu pudesse sair!

Quarta-feira, 10 de maio de 1944

Querida Kitty,

Ontem à tarde estávamos sentados no sótão estudando francês, quando de repente ouvi barulho de água atrás de mim. Perguntei a Peter o que poderia ser. Sem parar para responder, ele correu até a água-furtada, a cena do desastre. Mouschi estava urinando do lado de fora da caixa, que estava molhada, e Peter empurrou-a de volta ao lugar devido. Isso foi seguido por gritos e guinchos, e depois Mouschi, que tinha acabado de mijar, desceu correndo. Na busca de alguma coisa semelhante à sua caixa, Mouschi havia encontrado uma pilha de serragem sobre uma rachadura no piso. A poça imediatamente escorreu para o sótão e, por azar, caiu dentro e ao lado do barril de batatas. O teto estava pingando, e como o piso do sótão também tem rachaduras, pequenos pingos amarelos vazaram e caíram sobre a mesa de jantar, entre uma pilha de meias e livros.

Eu estava me dobrando de rir, de tão engraçado que era. Lá estava Mouschi encolhida debaixo de uma cadeira, Peter armado com água, cloro e um pano, e o Sr. van Daan tentando acalmar todo mundo. Logo a sala foi arrumada, mas sabe-se que urina de gato fede que é um horror. A prova disso foram as batatas e a serragem que papai recolheu num balde e levou para queimar no andar de baixo.

Coitada da Mouschi! Como poderia saber que não dá para conseguir turfa para sua caixa?

Anne

Quinta-feira, 11 de maio de 1944

Querida Kitty,

Um novo esquete para você rir:

O cabelo de Peter teve de ser cortado, e como sempre a cabeleireira foi sua mãe. Às sete e vinte e cinco Peter desapareceu em seu quarto e reapareceu às sete e meia, vestido apenas com o calção de banho azul e um par de tênis.

– Você vem? – perguntou ele à mãe.

– Vou, daqui a um minuto, mas não estou achando a tesoura!

Peter ajudou a procurar, remexendo na gaveta de cosméticos da mãe.

– Não faça bagunça, Peter – reclamou ela.

Não ouvi a resposta de Peter, mas deve ter sido insolente, porque ela o beliscou no braço. Ele beliscou-a de volta, ela deu-lhe um soco com toda força, e Peter encolheu o braço com um ar de horror fingido.

– O que é isso, garota!

A Sra. van Daan ficou parada. Peter agarrou-a pelos pulsos e puxou-a pela sala. Ela riu, chorou, gemeu e chutou, mas não adiantou nada. Peter levou a prisioneira até a escada para o sótão, onde teve de soltá-la. A Sra. van Daan voltou à sala e desmoronou na poltrona com um suspiro alto.

– *Die Entführung der Mutter*[28] – brinquei.

– É, mas ele me machucou.

Dei uma olhada e refresquei seus pulsos quentes e vermelhos com água. Peter, ainda perto da escada e cada vez mais impaciente, entrou na sala com o cinto na mão, como um domador de leões. A Sra. van Daan não se moveu; ficou perto da escrivaninha, procurando um lenço.

– Primeiro você tem de se desculpar.

– Claro, eis aqui meus pedidos de desculpas, mas só peço porque, do contrário, vamos ficar nisso até a meia-noite.

A Sra. van Daan teve de rir, mesmo a contragosto. Levantou-se e foi para a porta, e, então, sentiu necessidade de dar uma explicação a papai, mamãe e a mim, que lavávamos os pratos.

– Em casa, ele não era assim. Eu lhe teria dado uma boa surra de cinto, que ele teria corrido escada abaixo [!] . Ele nunca foi tão insolente. Esta não é a primeira vez em que ele merecia um bom castigo. É isso que se consegue com a criação moderna, com crianças modernas. O senhor tratava a sua mãe assim, Sr. Frank?

Ela estava muito chateada, andando de um lado para o outro, dizendo tudo o que lhe vinha à cabeça, e ainda não tinha subido. Finalmente, depois de muito tempo, acabou saindo.

Menos de cinco minutos depois, voltou apressada, se abanando, e jogou o avental numa cadeira. Quando perguntei se havia terminado, ela respondeu que estava indo para baixo. Desceu a escada como um furacão, provavelmente direto para os braços de seu Putti.

Só voltou a subir às oito, dessa vez com o marido. Peter foi arrastado do sótão e levou uma bronca daquelas: moleque malcriado, gênio ruim, mau exemplo, Anne isso, Margot aquilo, não pude ouvir o restante.

Tudo parece ter se acalmado de novo hoje!

Sua Anne M. Frank

P.S.: Nas noites de terça e quarta-feira nossa amada rainha se dirigiu ao país. Ela está tirando férias, para que recupere a saúde ao voltar para a Holanda. Usou palavras como “em breve, assim que eu retornar à Holanda”, “uma libertação rápida”, “heroísmo” e “fardos pesados”.

Em seguida, veio um discurso do primeiro-ministro Gerbrandy. Ele tem uma voz esganiçada de criancinha, que fez mamãe dizer instintivamente: “Oooh!” Um pastor, que deve ter pegado sua voz emprestada com o Sr. Edel, concluiu pedindo que Deus cuidasse dos judeus, de todos os que estão nos

campos de concentração, nas prisões e de todos os que estão trabalhando na Alemanha.

Quinta-feira, 11 de maio de 1944

Querida Kitty,

Como deixei toda a minha caixa de bagulhos – incluindo a caneta-tinteiro – lá em cima e não posso perturbar os adultos na hora da sesta (até as duas e meia), você terá de se conformar com uma carta escrita a lápis.

No momento, estou ocupadíssima, e por mais que possa parecer estranho, não tenho tempo para fazer minha pilha de trabalhos. Será que devo contar brevemente o que tenho para fazer? Bom, antes de amanhã, tenho de terminar o primeiro volume da biografia de Galileu Galilei, pois ela tem de ser devolvida à biblioteca. Comecei lendo ontem e cheguei à página 220, de um total de 320, por isso vou conseguir. Na semana que vem, tenho de ler *Palestina op de tweesprong [Palestine at the Crossroads]* e o segundo volume do Galileu. Além disso, terminei ontem o primeiro volume de uma biografia do imperador Carlos V, e ainda tenho de trabalhar nas muitas árvores genealógicas que coletei e nas anotações que fiz. Em seguida, tenho três páginas de palavras estrangeiras tiradas dos vários livros; todas devem ser escritas, memorizadas e lidas em voz alta. Número quatro: meus astros de cinema estão numa confusão louca e pedindo para serem arrumados, mas como isso vai demorar vários dias e a professora Anne está, como já disse, até o pescoço de trabalhos para fazer, eles terão de se conformar mais um pouco com o caos. Depois Teseu, Édipo, Peleu, Orfeu, Jasão e Hércules estão esperando para serem desamarrados, já que seus vários feitos se entrelaçam em minha mente como fios multicoloridos num vestido. Míron e Fídias também precisam de atenção urgente, do contrário esquecerei por

completo como eles se ajustam ao quadro geral. O mesmo se aplica, por exemplo, à Guerra dos Sete Anos e à Guerra dos Nove Anos. Agora estou misturando tudo. Bom, o que se pode fazer com uma memória como a minha! Imagine como vou estar esquecida aos 18 anos!

Ah, mais uma coisa. A Bíblia. Quanto tempo vai demorar até que eu chegue à história do banho de Susana? E o que será que querem dizer com Sodoma e Gomorra? Ah, ainda há muita coisa para descobrir e aprender. E, enquanto isso, deixei Carlota do Palatino esperando.

Dá para ver, Kitty, que estou quase cheia, a ponto de explodir?

E outra coisa. Há muito tempo você sabe que meu maior desejo é ser jornalista, e mais tarde uma escritora famosa. Teremos de esperar para ver se essas grandes ilusões (ou desilusões) irão se cumprir, mas até agora não sinto falta de assunto. De qualquer modo, depois da guerra, eu gostaria de publicar um livro chamado O Anexo Secreto. Resta ver se conseguirei, mas meu diário pode servir de base.

Também preciso terminar “Cady’s Liven”. Já pensei no restante do enredo. Depois de ser curada no sanatório, Cady volta para casa e continua escrevendo para Hans. É 1941, e ela não demora muito a descobrir que Hans é simpatizante do nazismo, e como Cady se preocupa muito com o sofrimento dos judeus e de sua amiga Marianne, os dois começam a se afastar. Eles se encontram e se reconciliam, mas rompem quando Hans aparece com outra moça. Cady fica arrasada, e como quer arranjar um bom emprego, estuda enfermagem. Depois da formatura, a pedido de amigos de seu pai, aceita um emprego de enfermeira num hospital de tuberculosos na Suíça. Nas férias, vai ao lago de Como, onde por acaso encontra Hans. Ele diz que há dois anos se casou com a sucessora de Cady, mas que a esposa matou-se numa crise de depressão. Agora que viu de novo a pequena Cady, ele percebe o quanto a ama, e mais uma vez a pede em casamento. Cady

recusa, mesmo amando-o, contra a sua vontade, como sempre. Mas seu orgulho a impede. Hans vai embora, e anos depois Cady fica sabendo que ele foi para a Inglaterra, onde está lutando contra uma doença.

Aos 27 anos, Cady se casa com um homem rico do país, chamado Simon. Ela passa a amá-lo, mas não tanto quanto amara Hans. Tem duas filhas e um filho, Lilian, Judith e Nico. Ela e Simon são felizes juntos, mas Hans está sempre nas profundezas de sua mente, até que uma noite ela sonha com ele e diz adeus.

Não é uma bobagem sentimental: baseia-se na história da vida de papai.

Sua Anne M. Frank

Sábado, 13 de maio de 1944

Minha querida Kitty,

Ontem foi aniversário de papai, o 19º aniversário de casamento de papai e mamãe, um dia sem a faxineira... e o sol estava brilhando como nunca antes em 1944. Nosso castanheiro está totalmente florido. Está coberto de folhas e ainda mais bonito do que no ano passado.

Papai recebeu de presente do Sr. Kleiman uma biografia de Lineu, do Sr. Kugler ganhou um livro sobre a natureza, de *Dussel Amsterdam te water [The Canals of Amsterdam]*, uma caixa enorme dos van Daan (tão lindamente embrulhada que o trabalho parecia feito por um profissional) com três ovos, uma garrafa de cerveja, um vidro de iogurte e uma gravata verde. Fez nosso vidro de melado parecer bem pobre. Minhas rosas cheiravam maravilhosamente, comparadas aos cravos vermelhos de Miep e Bep. Ele foi totalmente mimado. Cinquenta petits-fours vieram da padaria

de Siemon, deliciosos! Papai também serviu bolo de especiarias, cerveja para os homens e iogurte para as damas. Foi tudo o máximo!

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 16 de maio de 1944

Minha querida Kitty,

Só para variar (já que não faço isso há muito tempo), vou contar uma pequena discussão entre o Sr. e a Sra. van D., ontem à noite:

Sra. van Daan: "Os alemães tiveram tempo de sobra para fortificar a Muralha do Atlântico, e certamente vão fazer tudo para conter os ingleses. É impressionante como os alemães são fortes!"

Sr. van Daan: "É, sim, impressionante!"

Sra. van Daan: "É mesmo!"

Sr. van Daan: "Tão fortes que devem terminar ganhando a guerra, é isso que você quer dizer?"

Sra. van Daan: "Eles podem ganhar. Não estou convencida de que não ganhem."

Sr. van Daan: "Nem vou responder a isso."

Sra. van Daan: "Você sempre acaba respondendo. Você se deixa ser levado todas as vezes."

Sr. van Daan: "Não é verdade. Eu sempre restrinjo minhas respostas ao mínimo necessário."

Sra. van Daan: "Mas você sempre tem uma resposta, e sempre acha que tem razão! Suas previsões nunca deram certo, você sabe disso!"

Sr. van Daan: "Até agora deram."

Sra. van Daan: “Não deram, não. Você disse que a invasão começaria no ano passado, que, por enquanto, os finlandeses estariam fora da guerra, que a campanha na Itália teria de estar vencida no último inverno e que os russos já deviam ter capturado Lemberg. Ah, eu não ponho fé nas suas previsões.”

Sr. van Daan (saltando de pé): “Por que você não fecha essa matraca, para variar? Vou mostrar quem está certo; um dia desses você vai se cansar de me atazanar. Não aguento sua aporrinhação nem mais um minuto. Cuidado, um dia vou fazer você engolir suas palavras!” (Fim do primeiro ato.)

Na verdade, não pude controlar o riso. Mamãe também não, e Peter estava mordendo os lábios para não gargalhar. Ah, esses adultos imbecis. Precisam aprender certas coisas antes de começar a falar mal da geração mais nova!

Desde a sexta-feira, voltamos a abrir as janelas à noite.

Sua Anne M. Frank

Os interesses de nossa família no Anexo
(Uma pesquisa sistemática sobre cursos e leituras)

Sr. van Daan. Nenhum curso; procura muitas coisas na Enciclopédia e no Dicionário Knaur; gosta de ler histórias policiais, livros de medicina e romances, empolgantes ou banais.

Sra. van Daan. Cursos de inglês por correspondência; gosta de ler romances biográficos e, às vezes, outros tipos de romances.

Sr. Frank. Está estudando inglês (*Dickens*!) e um pouco de latim; nunca lê romances, mas gosta de descrições sérias e secas sobre pessoas e lugares.

Sra. Frank. Curso de inglês por correspondência; lê qualquer coisa, menos histórias policiais.

Sr. Dussel. Está estudando inglês, espanhol e holandês, sem resultados visíveis; lê de tudo; segue a opinião da maioria.

Peter van Daan. Está estudando inglês, francês (curso por correspondência), taquigrafia em holandês, inglês e alemão, correspondência comercial em inglês, marcenaria, economia e, às vezes, matemática; lê raramente, algumas vezes, geografia.

Margot Frank. Cursos de inglês, francês e latim por correspondência, de taquigrafia em inglês, alemão e holandês, trigonometria, mecânica, física, química, álgebra, geometria, literatura inglesa, literatura francesa, literatura alemã, literatura holandesa, biblioteconomia, geografia, história moderna, biologia, economia; lê de tudo, de preferência religião e medicina.

Anne Frank. Taquigrafia em francês, inglês, alemão e holandês, geometria, álgebra, história, geografia, história da arte, mitologia, biologia, história bíblica, literatura holandesa; gosta de ler biografias, chatas ou empolgantes, e livros de história (às vezes, romances e leituras leves).

Sexta-feira, 19 de maio de 1944

Querida Kitty,

Ontem estava me sentindo podre. Com vômitos (e isso vindo de Anne!), dor de cabeça, dor no estômago e tudo o mais que você possa imaginar. Hoje estou me sentindo melhor. Estou faminta, mas acho que vou dispensar o feijão que temos para o jantar.

Tudo vai bem entre mim e Peter. O coitado é ainda mais carente de ternura do que eu. Ainda fica ruborizado sempre que recebe o beijo de boa-noite, e depois pede outro. Será que sou apenas uma substituta de Boche? Não faz mal. Ele fica feliz só de saber que alguém o ama.

Depois de minha conquista laboriosa, me distanciei um pouco da situação, mas você não deve achar que meu amor esfriou. Peter é um doce, mas bati a porta de meu eu interior; se ele quiser forçar a fechadura de novo, terá de usar um pé-de-cabra!

Sua Anne M. Frank

Sábado, 20 de maio de 1944

Querida Kitty,

Ontem à noite, quando desci do sótão, percebi, no momento em que entrei na sala, que o lindo vaso de cravos havia caído. Mamãe estava de joelhos enxugando a água e Margot estava pegando meus papéis no chão.

– O que aconteceu? – perguntei ansiosa, e antes que elas pudessem responder, avaliei os danos na sala. Todo o meu arquivo de genealogias, meus cadernos, meus livros, tudo estava ensopado. Quase chorei e fiquei tão perturbada que comecei a falar em alemão. Não consigo me lembrar de uma palavra, mas de acordo com Margot eu balbuciava alguma coisa como "*unübersehbarer Schaden, schrecklich, entsetzlich, nie zu ersetzen*"[29] e muito mais.

Papai começou a rir, e mamãe e Margot também, mas eu sentia vontade de chorar porque todo o meu trabalho e as anotações elaboradas estavam perdidas.

Olhei mais de perto e, felizmente, a "perda incalculável" não era tão ruim quanto eu esperava. No sótão, separei com cuidado as folhas que estavam grudadas e pendurei no varal para secar. Foi uma visão tão engraçada que até eu tive de rir. Maria de Médici junto de Carlos V, Guilherme de Orange com Maria Antonieta.

– É *Rassenschande*[30] – brincou o Sr. van Daan.

Depois de deixar meus papéis aos cuidados de Peter, voltei para baixo.

– Que livros se estragaram? – perguntei a Margot, que estava examinando-os.

– Álgebra.

Mas, por falta de sorte, meu livro de álgebra não tinha se estragado totalmente. Eu gostaria que ele tivesse caído no vaso. Nunca detestei tanto um livro como aquele. Na parte de dentro da capa, estão os nomes de pelo menos vinte garotas que o tiveram antes de mim. Está velho, amarelado, cheio de rabiscos, palavras sublinhadas e revisões. Na próxima vez em que estiver enfezada, vou rasgar aquela porcaria em pedacinhos!

Sua Anne M. Frank

Segunda-feira, 22 de maio de 1944

Querida Kitty,

No dia 20 de maio, papai perdeu uma aposta e teve de dar cinco potes de iogurte à Sra. van Daan: a invasão ainda não havia começado. Posso dizer com segurança que toda Amsterdã, toda a Holanda, na verdade toda a costa ocidental da Europa, até a Espanha, está falando da invasão dia e noite, debatendo, apostando e... esperando.

O suspense está crescendo; nem todas as pessoas que achamos serem bons holandeses mantêm a fé nos ingleses, nem todo mundo acha que o blefe dos ingleses é um magistral golpe de estratégia. Ah, não, as pessoas querem feitos – feitos grandes e heroicos.

Ninguém consegue ver além do nariz, ninguém pensa no fato de que os ingleses estão lutando por seu próprio país e seu povo; todo mundo acha

que o dever da Inglaterra é salvar a Holanda, o mais rapidamente possível. Que obrigação têm os ingleses com relação a nós? O que os holandeses fizeram para merecer o auxílio generoso que esperam tão desesperadamente? Ah, não, os holandeses estão muito enganados. Os ingleses, apesar de seu blefe, certamente não têm mais culpa da guerra do que todos os outros países, grandes e pequenos, que agora estão ocupados pelos alemães. Os ingleses não vão pedir desculpa; certo, eles dormiram no ponto durante os anos em que a Alemanha se rearmou, mas todos os outros países, sobretudo os que fazem fronteira com a Alemanha, também comeram mosca. A Inglaterra e o restante do mundo descobriram que não adianta enterrar a cabeça na areia, e agora cada um deles, em especial a Inglaterra, está pagando um alto preço por sua política de avestruz.

Nenhum país sacrifica seus homens sem motivo, e com certeza não o farão pelo interesse dos outros, e a Inglaterra não é exceção. A invasão e a libertação virão algum dia; mas a Inglaterra, e não os territórios ocupados, é que escolherá o momento.

Para grande tristeza e frustração, ouvimos dizer que muita gente mudou de atitude com relação a nós, judeus. Disseram-nos que o antissemitismo brotou em ambientes em que antes seria impensável. Isso nos afetou muito, muito profundamente. O motivo para o ódio é compreensível, talvez até mesmo humano, mas isso não o torna direito. Segundo os cristãos, os judeus estão contando os segredos deles aos alemães, denunciando as pessoas que os ajudaram e fazendo com que sofram o destino terrível e as punições que já foram lançados contra tantos. Isso é verdade. Mas como acontece com tudo, eles deveriam ver a questão pelos dois lados: será que os cristãos agiriam diferente se estivessem em nosso lugar? Será que alguém, independentemente de ser judeu ou cristão, continua quieto diante da

pressão dos alemães? Todo mundo sabe que é praticamente impossível, então por que pedem o impossível aos judeus?

Fala-se, em alguns círculos da clandestinidade, que os judeus imigrados para a Holanda antes da guerra, e que agora foram mandados para a Polônia, não deveriam ter permissão de voltar para cá. Eles receberam asilo na Holanda, mas, depois que Hitler for embora, devem voltar à Alemanha.

Quando ouvimos isso, começamos a nos perguntar por que lutamos nessa guerra longa e difícil. Sempre nos disseram que estamos lutando pela liberdade, pela verdade e pela justiça! A guerra ainda nem terminou e já há divergências, e os judeus são vistos como seres inferiores. Ah, é triste, muito triste, que o velho ditado seja confirmado pela milésima vez: “O que um cristão faz é de sua própria responsabilidade; o que um judeu faz reflete-se sobre todos os judeus.”

Para ser honesta, não consigo entender como os holandeses, pessoas boas, honestas e direitas, podem nos julgar assim. A nós – o povo mais oprimido, infeliz e digno de pena de todo o mundo.

Só tenho uma esperança: de que esse antissemitismo seja apenas uma onda passageira, de que os holandeses mostrem suas verdadeiras cores, que nunca se afastem daquilo que, em seus corações, sabem ser justo, porque isso é uma injustiça!

E se eles levarem adiante essa terrível ameaça, os poucos judeus que continuam na Holanda terão de ir embora. Também teremos de colocar as trouxas nas costas e partir para longe deste país lindo, que um dia nos recebeu tão gentilmente e que agora nos vira as costas.

Amo a Holanda. Um dia esperei que se tornasse minha pátria, já que perdi aquela onde nasci. E ainda espero!

Sua Anne M. Frank

Quinta-feira, 25 de maio de 1944

Querida Kitty,

Bep está noiva! Não é uma grande surpresa, mas nenhum de nós ficou particularmente satisfeito. Bertus pode ser um bom rapaz, firme e atlético, mas Bep não o ama, e para mim isso basta para aconselhá-la a não se casar com ele.

Bep está tentando crescer no mundo, e Bertus a puxa para trás; ele é um operário, sem qualquer interesse ou ambição de virar alguma coisa, e não acho que isso faça Bep feliz. Consigo entender que ela queira pôr um ponto final em sua indecisão; há quatro semanas ela tinha decidido escrever para ele, rompendo o namoro, mas depois se sentiu ainda pior. Acabou escrevendo uma carta, e agora está noiva.

Há vários fatores envolvidos nesse noivado. Primeiro, o pai de Bep, que está doente e gosta muito de Bertus. Segundo, ela é a mais velha das filhas do Sr. Voskuijl, e sua mãe vive perturbando-a por ser uma solteirona. Terceiro, ela acaba de fazer 24 anos, e isso importa muito para Bep.

Mamãe disse que teria sido melhor se Bep só tivesse um caso com Bertus. Não sei, sinto pena de Bep e entendo sua solidão. De qualquer modo, eles só podem se casar depois da guerra, já que Bertus está escondido, ou pelo menos entrou para a clandestinidade. Além disso, eles não têm um tostão e nada que possa servir como enxoval. Que perspectiva triste para Bep, a quem desejamos tudo de bom! Só espero que Bertus melhore sob sua influência, ou que Bep encontre outro homem que saiba como apreciá-la.

Sua Anne M. Frank

Mesmo dia

Acontece alguma coisa todos os dias. Hoje de manhã, o Sr. van Hoeven foi preso. Ele estava escondendo dois judeus em sua casa. Foi um golpe duro para nós, porque aqueles pobres judeus estão mais uma vez na beira do abismo, e também porque é algo terrível para o Sr. van Hoeven.

O mundo virou de cabeça para baixo. As pessoas mais decentes são mandadas para campos de concentração, prisões e solitárias, enquanto os mais baixos dos mais baixos governam jovens e velhos, ricos e pobres. Um é preso por negociar no mercado negro, outro por esconder judeus ou pessoas desafortunadas. Se você não é nazista, não sabe o que vai lhe acontecer de um dia para o outro.

O Sr. van Hoeven é uma grande perda também para nós. Bep não pode nem deve carregar uma quantidade tão grande de batatas até aqui, de modo que nossa única chance é comer menos batatas. Vou contar o que pensamos, mas que certamente não vai tornar a vida aqui mais agradável. Mamãe disse que vamos abrir mão do café da manhã, comer cereal quente e pão no almoço e batatas fritas no jantar e, se possível, legumes ou alface uma ou duas vezes por semana. É só o que há. Vamos passar fome, mas não é pior do que sermos presos.

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 26 de maio de 1944

Minha querida Kitty,

Finalmente, depois de muito tempo, posso me sentar calmamente à minha mesa, diante da janela entreaberta, e escrever tudo, tudo o que quero dizer.

Estou mais infeliz do que me sentia há meses. Mesmo depois do assalto no prédio, não fiquei tão mal, por dentro e por fora. Por um lado, são as notícias sobre o Sr. van Hoeven, a questão dos judeus (que é analisada em detalhe por todas as pessoas da casa), a invasão (que demora tanto a acontecer), a comida horrível, a tensão, a atmosfera infeliz, minha decepção com Peter. Por outro lado, há o noivado de Bep, a festa de Pentecostes, as flores, o aniversário do Sr. Kugler, bolos e histórias sobre cabarés, filmes e concertos. Aquele vazio, aquele vazio enorme, está sempre presente. Um dia rimos do lado cômico da vida no esconderijo, e no dia seguinte (e há muitos dias assim) estamos apavorados, e o medo, a tensão e o desespero podem ser lidos em nossos rostos.

Miep e o Sr. Kugler carregam o maior fardo por nós e por todos que estão escondidos – Miep em tudo que faz, e o Sr. Kugler com sua enorme responsabilidade para com nós oito, e que algumas vezes é tão grande que ele mal consegue falar, de tanta tensão represada. O Sr. Kleiman e Bep também cuidam de nós, mas conseguem tirar o Anexo da cabeça, mesmo que seja apenas durante algumas horas do dia. Eles têm suas preocupações, o Sr. Kleiman com sua saúde e Bep com seu noivado, que no momento não parece muito promissor. Mas também saem, visitam amigos, levam a vida cotidiana como pessoas comuns, de modo que às vezes a tensão se alivia, pelo menos durante algum tempo, ao passo que a nossa tensão nunca diminui, nunca diminuiu, nenhuma vez nos dois anos em que estamos aqui. Por quanto tempo continuará essa pressão cada vez mais insuportável?

Os canos de esgoto estão entupidos de novo. Não podemos abrir as torneiras e, se abrimos, é só um fio; não podemos dar descarga, por isso temos de usar uma vassourinha de privada; e estamos colocando a água suja num grande vaso de cerâmica. Por hoje, conseguimos nos virar, mas o que vai acontecer se o bombeiro não conseguir consertar sozinho? O departamento de águas e esgotos só poderá vir na terça-feira.

Miep mandou um pão de passas com as palavras “Feliz Pentecostes” escritas em cima. É quase como se ela estivesse zombando de nós, porque nosso humor está longe de ser feliz.

Todos ficamos mais apavorados desde o que aconteceu com van Hoeven. Mais uma vez, ouvem-se “psius” vindos de todo lado, e estamos fazendo tudo em silêncio. A polícia arrombou a porta dele; pode muito bem fazer o mesmo aqui! O que faremos se... não, não devo escrever isso. Mas, hoje, a pergunta não quer se afastar de meu pensamento; pelo contrário, todo o medo que já senti paira na minha frente com o seu horror.

Tive de descer sozinha às oito da noite para usar o banheiro. Não havia ninguém lá embaixo, porque estavam todos ouvindo o rádio. Quis ser corajosa, mas foi difícil. Sempre me sinto mais segura lá em cima do que naquela casa enorme e silenciosa; quando estou sozinha com aqueles sons abafados e misteriosos vindos de cima e o barulho das buzinas na rua, tenho de correr e me lembrar de onde estou, para não me arrepiar toda.

Miep vem agindo com muito mais gentileza conosco, desde que conversou com papai. Mas ainda não falei disso. Uma tarde dessas, ela chegou toda ruborizada e perguntou direto a papai se achávamos que eles também estavam contaminados pela corrente de antissemitismo. Papai ficou pasmo e rapidamente fez com que ela afastasse essa ideia, mas parte da suspeita de Miep continuou. Agora, eles estão fazendo mais coisas para nós e mostrando mais interesse em nossos problemas, embora, claro, não devamos incomodá-los com nossos sofrimentos. Ah, são pessoas tão boas, tão nobres!

Eu me perguntei várias vezes se não teria sido melhor não termos nos escondido, se estivéssemos mortos agora e não tivéssemos de passar por toda essa desgraça, especialmente para que os outros fossem poupados desse fardo. Mas nos encolhemos só de pensar. Ainda amamos a vida, ainda não esquecemos a voz da natureza e continuamos com esperança de... tudo.

Que aconteça alguma coisa logo, até mesmo um ataque aéreo! Nada pode ser mais esmagador do que essa ansiedade. Que chegue o fim, mesmo sendo cruel; pelo menos saberemos se vamos ser vencedores ou vencidos.

Sua Anne M. Frank

Quarta-feira, 31 de maio de 1944

Querida Kitty,

Sábado, domingo, segunda e terça-feira estava quente demais e eu nem conseguia segurar a caneta-tinteiro, e por isso não escrevi para você. Na sexta, o esgoto estava entupido, no sábado, foi consertado. O Sr. Kleiman veio nos visitar à tarde e contou várias coisas sobre Jopie; ela e Jacque van Maarsen estão no mesmo clube de hóquei. No domingo, Bep apareceu para ter certeza de que não tinha havido um assalto, e ficou para o café da manhã. Na segunda (foi feriado, por causa do Pentecostes), o Sr. Gies ficou de vigia no Anexo, e na terça, afinal, pudemos abrir as janelas. Raramente tivemos um fim de semana de Pentecostes tão lindo e quente. Talvez "calorento" seja uma palavra melhor. O tempo de calor é horrível no Anexo. Para dar ideia das muitas reclamações, vou descrever brevemente esses dias tórridos.

Sábado: "Maravilhoso, que tempo fantástico", dissemos todos de manhã. "Se ao menos não estivesse tão quente", dissemos à tarde, quando as janelas tiveram de ser fechadas.

Domingo: "O calor é insuportável, a manteiga está derretendo, não há nenhum lugar fresco na casa, o pão está secando, o leite está azedando, não podemos abrir as janelas. Nós, os pobres párias, sufocamos enquanto todo mundo desfruta o dia de Pentecostes." (De acordo com a Sra. van Daan.)

Segunda-feira: “Meus pés doem, não tenho nenhuma roupa fresca para usar, não posso lavar os pratos nesse calor!” Reclamações desde a manhã até a noite. Foi horrível.

Não suporto o calor. Fiquei satisfeita porque hoje começou a ventar, mas o sol continua brilhando.

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 2 de junho de 1944

Querida Kitty,

“Se for ao sótão, leve um guarda-chuva, de preferência um grande!”, para protegê-la dos “chuveiros domésticos”. Há um provérbio holandês que diz: “Alto e seco, seguro e bom”, mas obviamente não se aplica aos tempos de guerra (armas!) e a pessoas escondidas (caixa do gato!). Mouschi adquiriu o hábito de se aliviar em alguns jornais ou entre as fendas nas tábuas, de modo que temos bom motivo para temer o líquido e, ainda pior, o cheiro. A nova Moortje, do armazém, tem o mesmo problema.

Qualquer pessoa que tenha um gato não treinado pode imaginar o fedor, além do de pimenta e tomilho, que permeia esta casa.

Também tenho uma receita novíssima para os tremores provocados pelos tiroteios: quando os disparos ficarem altos, vá até a escada de madeira mais próxima. Corra para cima e para baixo algumas vezes, procurando tropeçar pelo menos uma vez. Com os arranhões e o barulho da correria e das quedas, você nem poderá ouvir os tiros, quanto mais se preocupar com eles. Sua amiga testou essa fórmula, com grande sucesso!

Sua Anne M. Frank

Segunda-feira, 5 de junho de 1944

Querida Kitty,

Novos problemas no Anexo. Uma discussão entre Dussel e os Frank pela divisão da manteiga. Capitulação por parte de Dussel. Amizade íntima entre este último e a Sra. van Daan, paqueras, beijos e sorrisinhos amigáveis. Dussel está começando a sentir falta de companhia feminina.

Os van Daan não entendem por que devemos fazer um bolo de especiarias para o aniversário do Sr. Kugler, quando não podemos fazer um para nós. Tudo muito mesquinho. Humor lá em cima: ruim. A Sra. van Daan está resfriada. Dussel apanhado com tabletes de fermento para pão, enquanto nós não temos nenhum.

O Quinto Exército ocupou Roma. A cidade não foi destruída nem bombardeada. Grande propaganda para Hitler.

Muito poucas batatas e legumes. Um pão estava mofado.

Scharminkeltje (nome da nova gata do armazém) não suporta pimenta. Ela dorme na caixa e faz as necessidades na serragem. Impossível impedir.

Mau tempo. Bombardeio contínuo do Passo de Calais e na costa oeste da França.

Ninguém compra dólares. O ouro atrai ainda menos interesse. O fundo de nossa caixa preta de dinheiro está à vista. Como viveremos no mês que vem?

Terça-feira, 6 de junho de 1944

Minha querida Kitty,

“Este é o Dia D”, anunciou a BBC ao meio-dia. “Este é o dia.” A invasão começou!

Hoje de manhã, às oito horas, os ingleses informaram sobre pesados bombardeios em Calais, Boulogne, Le Havre e Cherbourg, além de no Passo de Calais (como sempre). Além disso, como medida de precaução para as pessoas dos territórios ocupados, todo mundo que mora num raio de 35 quilômetros da costa foi alertado a se preparar para os bombardeios. Onde for possível, os ingleses soltarão panfletos uma hora antes.

De acordo com os noticiários alemães, paraquedistas ingleses pousaram na costa da França. Segundo a BBC, “navios de desembarque de tropas entraram em combate com unidades navais alemãs”.

Conclusão do Anexo durante o café da manhã, às nove horas: esse é um ensaio de desembarque, como o que aconteceu há dois anos em Dieppe.

Transmissões da BBC em alemão, holandês, francês e outras línguas às dez horas: a invasão começou! Então, essa é a “verdadeira invasão”. Transmissão da BBC em alemão, às onze horas: discurso do comandante supremo, general Dwight Eisenhower.

Transmissão da BBC em inglês: “Este é o Dia D.” O general Eisenhower disse ao povo francês: “Agora virá a luta árdua, mas depois será a vitória. O ano de 1944 é o ano da vitória completa. Boa sorte!”

Transmissão da BBC em inglês, à uma hora da tarde: 11 mil aviões estão voando de um lado para o outro, ou lançando tropas e bombas por trás das linhas inimigas; quatro mil lanchas de desembarque e barcos pequenos chegam continuamente à área entre Cherbourg e Le Havre. Tropas inglesas e americanas já travam combate pesado. Discursos de Gerbrandy, do primeiro-ministro da Bélgica, do rei Haakon da Noruega, de De Gaulle da França, do rei da Inglaterra e, por último, mas igualmente importante, de Churchill.

Grande comoção no Anexo! Será que este é realmente o início da esperada libertação? A libertação da qual falamos tanto, que ainda parece boa demais, semelhante demais a um conto de fadas para ser verdadeira? Será que este ano, 1944, nos trará a vitória? Ainda não sabemos. Mas onde há esperança há vida. Ela nos enche de coragem renovada e nos torna fortes outra vez. Teremos de ser bravos para suportar os medos, as dificuldades e os sofrimentos ainda por vir. Agora, é questão de permanecer calmos e firmes, de trincar os dentes e manter o lábio superior rígido! A França, a Rússia, a Itália e até mesmo a Alemanha podem chorar de agonia, mas nós não temos esse direito!

Ah, Kitty, o melhor da invasão é que tenho a sensação de que são amigos chegando. Aqueles terríveis alemães nos oprimiram e ameaçaram durante tanto tempo que a ideia de amigos e de salvação significa tudo para nós! Agora não são apenas os judeus, mas a Holanda e toda a Europa ocupada. Talvez, como diz Margot, eu até mesmo possa voltar para a escola em setembro ou outubro.

Sua Anne M. Frank

P.S.: Vou mantê-la informada das últimas novidades!

Hoje de manhã e ontem à noite, foram jogados, do ar, bonecos feitos de palha e borracha por trás das linhas alemãs, e eles explodiam no momento em que batiam no chão. Muitos paraquedistas, com os rostos pintados de preto para não serem vistos no escuro, também pousaram. A costa da França foi bombardeada com 5.500 toneladas de bombas durante a noite, e depois, às seis da manhã, a primeira lancha de desembarque chegou à praia. Hoje, vinte mil aviões participaram da ação. As baterias costeiras alemãs foram destruídas antes mesmo do desembarque; uma pequena cabeça-de-ponte já foi estabelecida. Tudo vai bem, apesar do mau tempo. O exército e as pessoas são uma só vontade e uma só esperança.

Sexta-feira, 9 de junho de 1944

Querida Kitty,

Boas notícias da invasão! Os Aliados tomaram Bayeux, uma cidade na costa da França, e agora estão lutando por Caen. Eles pretendem claramente isolar a península onde fica Cherbourg. Todas as noites, os correspondentes de guerra relatam as dificuldades, a coragem e o espírito de luta do exército. Para conseguir suas histórias, eles realizam os feitos mais incríveis. Alguns dos feridos que voltaram à Inglaterra também falaram no rádio. Apesar do tempo horrível, os aviões estão voando de um lado para o outro. Ouvimos na BBC que Churchill queria desembarcar com as tropas no Dia D, mas Eisenhower e os outros generais conseguiram demovê-lo. Imagine quanta coragem num homem velho – ele deve ter pelo menos 70 anos!

A empolgação por aqui diminuiu um pouco; mesmo assim, ainda estamos todos esperando que a guerra termine no fim do ano. Já era tempo! As reclamações constantes da Sra. van Daan estão insuportáveis; agora que ela não pode mais nos deixar loucos com a invasão, geme o dia inteiro por causa do mau tempo. Se ao menos pudéssemos enfiá-la num balde de água fria no sótão!

Todo mundo no Anexo, menos a Sra. van Daan e Peter, leu a trilogia *Hongaorse Khapsodie [Hungarian Rhapsody]*, uma biografia do compositor, pianista e menino prodígio Franz Liszt. É muito interessante, mas na minha opinião há uma ênfase meio exagerada nas mulheres; Liszt não era apenas o maior e mais famoso pianista de seu tempo, também era o maior mulherengo, mesmo aos 70 anos. Ele teve casos com a condessa Marie d'Agoult, com a princesa Carolyne Sayn-Wittgenstein, com a dançarina Lola Montez, com a pianista Agnes Kingworth, com a pianista Sophie Menter, com a princesa circassiana Olga Janina, a baronesa Olga Meyendorff, a atriz

Lilla não-sei-das-quantas etc. etc., e não acaba mais. As partes do livro que falam de música e das outras artes são muito mais interessantes. Algumas das pessoas mencionadas são Schumann, Clara Wieck, Hector Berlioz, Johannes Brahms, Beethoven, Joachim, Richard Wagner, Hans von Bülow, Anton Rubinstein, Frédéric Chopin, Victor Hugo, Honoré de Balzac, Hiller, Hummel, Czerny, Rossini, Cherubini, Paganini, Mendelssohn etc. etc.

Liszt parece ter sido um homem decente, muito generoso e modesto, ainda que excepcionalmente vaidoso. Ajudou outras pessoas, punha a arte acima de tudo, gostava demais de conhaque e de mulheres, não suportava ver lágrimas, era um cavalheiro, não conseguia recusar um favor a ninguém, não se interessava por dinheiro e se preocupava com a liberdade religiosa e com o mundo.

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 13 de junho de 1944

Querida Kitty,

Outro aniversário passou, agora tenho 15 anos. Recebi um bocado de presentes: o livro de história da arte de Springer, em cinco volumes, roupas de baixo, dois cintos, um lenço, dois potes de iogurte, um pote de geleia, dois biscoitos de mel (pequenos); de papai e mamãe ganhei um livro de botânica, de Margot um bracelete de ouro, um álbum de figurinhas dos van Daan, Biomalt e ervilhas-de-cheiro de Dussel, doces de Miep, doces e cadernos de Bep, e o ponto alto: o livro *Maria Teresia* e três fatias de queijo cremoso do Sr. Kugler. Peter me deu um lindo buquê de peônias; o coitado fez de tudo para conseguir um presente, mas não adiantou.

A invasão segue de modo esplêndido, apesar do tempo ruim – chuvas torrenciais, ventos fortes e mar revolto.

Ontem, Churchill, Smuts, Eisenhower e Arnold visitaram as cidades francesas que os ingleses capturaram e libertaram. Churchill foi num navio-torpedeiro que bombardeou a costa. Como muitos homens, ele não parece saber o que é o medo – uma característica invejável!

De nossa posição aqui no Anexo, é difícil avaliar o ânimo dos holandeses. Sem dúvida, muita gente está feliz porque os preguiçosos (!) ingleses finalmente arregaçaram as mangas e puseram mãos à obra. Os que vivem dizendo que não querem ser ocupados pelos ingleses não percebem como estão sendo injustos. A linha de raciocínio deles é a seguinte: a Inglaterra deve lutar, se esforçar e sacrificar seus filhos para libertar a Holanda e os outros países ocupados. Depois disso, os ingleses não devem permanecer na Holanda: devem pedir as desculpas mais abjetas a todos os países ocupados, restaurar as Índias Orientais Holandesas ao legítimo dono e, depois, voltar, enfraquecidos e empobrecidos, à Inglaterra. Que idiotas. E, mesmo assim, como já falei, existem muitos holandeses que pensam desse jeito. O que teria acontecido com a Holanda e seus vizinhos se a Inglaterra houvesse assinado um tratado de paz com a Alemanha, como teve amplas oportunidades de fazer? A Holanda teria se tornado alemã, e isso seria o fim da história!

Todos os holandeses que ainda olham os ingleses de cima, que desprezam os ingleses e seu governo e os chamam de covardes e que, mesmo assim, odeiam os alemães, deveriam levar uma boa sacudida, como a gente faz para afofar um travesseiro. Talvez isso consertasse seus cérebros amarrotados!

Desejos, pensamentos, acusações e censuras giram em minha cabeça. Na verdade não sou tão convencida como muita gente acha; conheço minhas

falhas e meus defeitos melhor do que qualquer pessoa, mas há uma diferença: também sei o que quero modificar, o que vou modificar e o que já modifiquei bastante!

Por que será, costumo me perguntar, que todo mundo me acha tão metida a besta e a sabichona? Será que eu sou mesmo tão arrogante? Ou eles é que são? Parece coisa de maluco, eu sei, mas não vou sublinhar essa última frase, porque não é tão maluco quanto parece. Todo mundo sabe que a Sra. van Daan e Dussel, meus dois principais acusadores, são totalmente sem inteligência ou, para não ser sutil demais, simplesmente "imbecis"! Gente estúpida geralmente não pode suportar quando outros fazem alguma coisa melhor do que ela; os melhores exemplos são estes dois estafermos, a Sra. van Daan e Dussel. A Sra. van Daan acha que sou estúpida porque não sofro tanto quanto ela com essa privação, ela me acha metida porque é mais metida do que eu, acha que meus vestidos são muito curtos porque os dela são ainda mais, e me acha sabichona porque fala duas vezes mais do que eu sobre coisas das quais não tem conhecimento. O mesmo acontece com Dussel. Mas um de meus ditados preferidos é: "Onde há fumaça há fogo", e admito que sou metida a saber de tudo.

O difícil em minha personalidade é que zombo de mim e me xingo muito mais do que qualquer outra pessoa; se mamãe acrescentar um conselho, a pilha de sermões se torna tão grande que tenho medo de jamais conseguir ultrapassá-los. Então, respondo e começo a contradizer todo mundo até que o velho e familiar refrão de Anne brota de novo: "Ninguém me entende!"

Essa frase faz parte de mim, e, por mais improvável que pareça, há um fundo de verdade nela. Às vezes, fico tão enterrada em autorrepreensões que desejo uma palavra de conforto que ajude a me desenterrar. Se ao menos eu tivesse alguém que levasse meus sentimentos a sério! Mas ainda não encontrei essa pessoa, por isso, a busca deve prosseguir.

Sei que você está se perguntando a respeito de Peter, não é, Kit? É verdade, Peter me ama, não como namorada, mas como amiga. Seu afeto cresce dia a dia, mas alguma força misteriosa nos puxa para trás, e não sei o que é.

Às vezes, acho que o desejo terrível que sinto por ele foi exagerado. Mas não é verdade, porque quando não posso ir ao seu quarto durante um ou dois dias, quero-o com tanto desespero como sempre. Peter é gentil e bom, e mesmo assim não posso negar que ele me decepcionou de muitas maneiras. Não gosto especialmente de sua aversão à religião, de suas conversas à mesa e de várias coisas desse tipo. Mesmo assim, estou firmemente convencida de que vamos nos prender ao trato de nunca discutir. Peter é amante da paz, tolerante e fácil de se lidar. Permite que eu diga um monte de coisas que ele nunca admitiria ouvir da mãe. Está fazendo um grande esforço para remover os borrões de seu caderno e manter suas coisas em ordem. Mas onde será que ele guarda seu eu mais íntimo, ao qual nunca me dá acesso?

Claro que ele é muito mais fechado do que eu, mas sei por experiência (mesmo sendo constantemente acusada de saber tudo na teoria, mas não na prática) que, com o tempo, até mesmo as pessoas menos comunicativas desejam, como as outras – ou, talvez, mais ainda –, ter alguém em quem confiar.

Peter e eu passamos nossos anos contemplativos no Anexo. Costumamos conversar sobre o futuro, o passado e o presente, mas, como já lhe disse, sinto falta da coisa verdadeira, e sei que ela existe!

Será que me tornei tão encantada pela natureza porque estou trancada há tanto tempo? Recordo uma época em que um céu azul magnífico, pássaros cantando, luar e flores em botão não me cativavam. As coisas mudaram desde que vim para cá. Uma noite, no feriado de Pentecostes, quando estava tão quente, lutei para manter os olhos abertos até onze e meia para, sozinha

pela primeira vez, dar uma boa olhada na lua. De outra vez, há vários meses, eu estava lá em cima de noite com a janela aberta. Só voltei para baixo quando ela teve de ser fechada de novo. A noite escura e chuvosa, o vento, as nuvens correndo me deixaram enfeitiçada; era a primeira vez, em um ano e meio, que eu via a noite cara a cara. Depois daquela noite, meu desejo de vê-la de novo era ainda maior do que meu medo dos ladrões, de assaltos ou de uma casa escura infestada por ratos. Desci sozinha e olhei pelas janelas da cozinha e do escritório particular. Muitas pessoas acham a natureza linda, muitas pessoas dormem de vez em quando sob o céu estrelado, e muitas pessoas em hospitais e prisões sonham com o dia em que estarão livres para desfrutar o que a natureza tem para oferecer. Mas poucas, como nós, estão isoladas das alegrias da natureza que podem ser compartilhadas igualmente por ricos e pobres.

Não é somente minha imaginação. Olhar o céu, as nuvens, a lua e as estrelas realmente faz com que me sinta calma e esperançosa. É um remédio muito melhor do que valeriana ou brometo. A natureza faz com que me sinta humilde e pronta para enfrentar cada golpe com coragem.

Infelizmente – a não ser em raras ocasiões – só posso ver a natureza através de cortinas empoeiradas presas em janelas sujas; isso tira o prazer de olhar. A natureza é a única coisa para a qual não há substituto!

Uma das muitas perguntas que me incomodam é por que as mulheres eram vistas, e ainda são, como inferiores aos homens. É fácil dizer que isso é injusto, mas não basta; realmente gostaria de saber o motivo dessa grande injustiça!

Aparentemente os homens dominaram as mulheres desde o início por causa da força física; são os homens que ganham a vida, geram crianças e fazem o que querem... Até bem pouco tempo, as mulheres aceitavam isso em silêncio, o que era algo estúpido, já que quanto mais as coisas demoram a

mudar, mais entranhadas ficam. Ainda bem que a educação, o trabalho e o progresso abriram os olhos das mulheres. Em muitos países, elas adquiriram direitos iguais; muitas pessoas, principalmente mulheres, e também homens, percebem agora como é errado tolerar essa situação durante tanto tempo. As mulheres modernas querem o direito de ser completamente independentes.

Mas não é só isso. As mulheres devem ser respeitadas também! Falando em termos gerais, os homens são mais valorizados em todas as partes do mundo; então, por que as mulheres não devem ter a sua cota de respeito? Soldados e heróis de guerra são homenageados e condecorados, exploradores recebem fama imortal, mártires são reverenciados, mas quantas pessoas veem as mulheres também como soldados?

No livro *Stridjers voor het leven [Men Against Death]*, fiquei chocada com o fato de que somente com o parto a mulher costuma sofrer mais dor, doenças e infortúnios do que qualquer herói de guerra. E o que ela recebe por suportar toda essa dor? É jogada para o lado quando é desfigurada pelos partos, os filhos logo vão embora, a beleza desaparece. As mulheres, seres que sofrem e suportam a dor para garantir a continuação de toda a raça humana, seriam soldados muito mais corajosos do que todos aqueles heróis falastrões lutadores pela liberdade postos juntos.

Não quero sugerir que as mulheres devam parar de ter filhos; pelo contrário, a natureza lhes deu essa tarefa, e é assim que deve ser. O que condeno é nosso sistema de valores e os homens que não reconhecem como é grande, difícil, mas lindo, o papel da mulher na sociedade.

Concordo totalmente com Paul de Kruif, autor desse livro, quando diz que os homens devem aprender a não pensar mais no nascimento como uma coisa inevitável nas partes do mundo que consideramos civilizadas. Para os homens é fácil falar – eles não suportam nem terão de suportar os fardos da mulher!

Acredito que, no correr do próximo século, a ideia de que é dever da mulher ter filhos mudará e abrirá caminho para o respeito e a admiração a todas as mulheres, que carregam seus fardos sem reclamar e sem um monte de palavras pomposas!

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 16 de junho de 1944

Querida Kitty,

Novos problemas: a Sra. van Daan está no fundo do poço. Fala em levar um tiro, ser presa, ser enforcada e cometer suicídio. Tem ciúme porque Peter confia em mim e não confia nela, fica ofendida porque Dussel não reage como ela queria aos seus flertes e tem medo de que o marido gaste em fumo todo o dinheiro do casaco de pele. Briga, xinga, sente pena de si mesma, ri e começa tudo de novo.

O que se pode fazer com um espécime humano tão idiota e baixo astral? Ninguém a leva a sério, ela não tem força de caráter, reclama com tudo e todos, e você precisava ver como anda: von hinten *Lyzeum, von vorne Museum.*[31] E pior, Peter está ficando insolente, o Sr. van Daan, irritado e mamãe, cínica. É, todo mundo está caindo pelas tabelas! Só há uma regra que é preciso lembrar: rir de tudo e esquecer todo mundo! Parece egoísta, mas é a única cura para os que sofrem de autopiedade.

O Sr. Kugler deverá passar quatro semanas em Alkmar, no trabalho forçado. Está tentando se livrar com um atestado médico e uma carta da Opekta. O Sr. Kleiman espera ser operado do estômago em breve. Todos os telefones públicos foram cortados ontem às onze da noite.

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 23 de junho de 1944

Querida Kitty,

Nada de especial acontecendo aqui. Os ingleses começaram seu ataque total a Cherbourg. Segundo Pim e o Sr. van Daan, com certeza seremos libertados antes de 10 de outubro. Os russos estão participando da campanha; ontem eles começaram a ofensiva perto de Vitebsk, hoje faz exatamente três anos que os alemães invadiram a Rússia.

O estado de ânimo de Bep anda mais baixo do que nunca. Estamos quase sem batatas; de agora em diante cada pessoa vai receber uma, e pode fazer o que quiser com ela. A partir de segunda-feira, Miep vai tirar uma semana de folga. Os médicos do Sr. Kleiman não encontraram nada na radiografia. Ele está indeciso entre uma operação e deixar a natureza seguir seu curso.

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 27 de junho de 1944

Minha querida Kitty,

O estado de ânimo mudou, tudo vai maravilhosamente bem. Cherbourg, Vitebsk e Zhlobin caíram hoje. Foi capturada uma enorme quantidade de homens e equipamentos. Cinco generais alemães foram mortos perto de Cherbourg e dois foram presos. Agora que eles têm um porto, os ingleses podem trazer o que quiserem. Toda a península do Cotentin foi capturada apenas três dias depois da invasão! Que conquista!

Em três semanas desde o Dia D, não há um dia sem chuva e tempestade, nem aqui nem na França, mas essa má sorte não impediu que os ingleses e

americanos mostrassem sua força. E como! Claro que os alemães lançaram sua arma maravilhosa, mas um rojãozinho daqueles não vai causar nem mesmo um arranhão, a não ser, talvez, pequenos danos na Inglaterra e manchetes escandalosas nos jornais dos chucrutes. De qualquer modo, quando na "Chucrutelândia" perceberem que os bolcheviques realmente estão chegando perto, vão começar a tremer dentro das botas.

Todas as mulheres alemãs que não trabalham para os militares estão sendo evacuadas, com os filhos, das regiões costeiras para as províncias de Groningen, Friesland e Gelderland. Mussert[32] anunciou que, se a invasão chegar à Holanda, ele se alistará. Será que aquele porco pretende lutar? Ele poderia ter feito isso na Rússia, há muito tempo. A Finlândia recusou uma oferta de paz há algum tempo, e agora as negociações foram rompidas de novo. Aqueles cabeças-de-vento vão se arrepender!

Onde você acha que teremos chegado no dia 27 de julho?

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 30 de junho de 1944

Querida Kitty,

Bad weather from one at a stretch to the thirty June.[33] Viu como falei direito? Ah, sim, já sei um pouquinho de inglês; só para provar estou lendo *An Ideal Husband* com a ajuda do dicionário! A guerra prossegue maravilhosamente: Bobruysk, Mogilev e Orsha caíram; montes de prisioneiros.

Tudo vai bem por aqui. Os ânimos melhoram, nossos superotimistas estão triunfantes, os van Daan fazem mágica de desaparecimento com o

açúcar, Bep mudou o cabelo e Miep está tendo uma semana de folga. São as últimas notícias!

Está sendo feito um abominável trabalho de canal em um de meus dentes da frente. É terrivelmente doloroso. Foi tão ruim que Dussel achou que eu iria desmaiar, e quase desmaiei. No mesmo instante a Sra. van Daan também teve dor de dente!

Sua Anne M. Frank

P.S.: Ficamos sabendo que, na Basileia, *Berndi*[34] fez o papel do estalajadeiro em *Minna von Barnhelm*. Segundo mamãe, ele tem tendências artísticas.

Quinta-feira, 6 de julho de 1944

Querida Kitty,

Meu sangue esfria quando Peter fala em se tornar criminoso ou especulador; claro que é brincadeira, mas ainda tenho a sensação de que ele tem medo de suas próprias fraquezas. Margot e Peter vivem me dizendo: "Se eu tivesse sua coragem e sua força, se tivesse seu empenho e sua energia inabalável, poderia...!"

Será realmente uma característica admirável não me deixar ser influenciada pelos outros? Será que estou certa em seguir minha consciência?

Para ser franca, não consigo imaginar como alguém poderia dizer "Eu sou fraco" e continuar assim. Se você sabe isso a seu respeito, por que não luta contra, por que não desenvolve o caráter? A resposta deles sempre foi: "Porque é muito mais fácil não fazer isso!" Essa resposta me deixa desestimulada. Fácil? Quer dizer que também é fácil uma vida de mentiras e

preguiça? Ah, não, não pode ser verdade. Não pode ser verdade que as pessoas se sintam tentadas pela facilidade... e pelo dinheiro. Pensei muito em qual deveria ser minha resposta, em como poderia fazer Peter acreditar em si mesmo e, acima de tudo, mudar para melhor. Não sei se estou na trilha certa.

Com frequência imaginei como seria bom se alguém tivesse confiança absoluta em mim. Mas agora que cheguei a esse ponto, percebo como é difícil me colocar no lugar de outra pessoa e conseguir a resposta certa. Sobretudo porque "fácil" e "dinheiro" são conceitos novos e totalmente estranhos para mim.

Peter está começando a se apoiar em mim e não quero isso, de jeito nenhum. Já é difícil ficar sobre meus pés, mas quando a gente tem de permanecer fiel ao próprio caráter e à própria alma, é ainda mais difícil.

Tenho andado inquieta, passei dias procurando um antídoto eficaz para a terrível palavra "fácil". Como posso deixar claro para ele que, apesar de parecer maravilhosa, ela irá puxá-lo para as profundezas, para um lugar onde ele não encontrará mais amigos, apoio ou beleza, tão no fundo que poderá jamais voltar à superfície?

Estamos todos vivos, mas não sabemos por que ou para que; estamos procurando a felicidade; levamos vidas diferentes e, ao mesmo tempo, iguais. Nós três fomos criados por boas famílias, temos oportunidade de obter uma formação e de nos transformarmos em alguma coisa boa. Temos muitos motivos para esperar grande felicidade, mas... precisamos merecê-la. E isso é algo que não se pode conseguir pelo caminho fácil. Merecer a felicidade significa fazer o bem e trabalhar, e não especular e ser preguiçoso. A *preguiça* pode parecer convidativa, mas só o trabalho dá a *verdadeira* satisfação.

Não consigo entender gente que não gosta de trabalhar, mas esse também não é o problema de Peter. Ele apenas não tem um objetivo, e se

acha muito burro e inferior para alcançar alguma coisa. Coitado, nunca soube como é fazer alguém feliz, e tenho medo de não conseguir lhe ensinar. Ele não é religioso, zomba de Jesus Cristo e pronuncia o nome do Senhor em vão, e apesar de eu também não ser ortodoxa, fico magoada cada vez que o vejo tão sozinho, tão cheio de desprezo, e tão infeliz.

Quem é religioso deve se alegrar, porque nem todo mundo é abençoado com a capacidade de acreditar numa ordem superior. Você não precisa viver no medo da punição eterna; os conceitos de purgatório, céu e inferno são difíceis para muita gente, mas a própria religião, qualquer uma, mantém a pessoa no caminho certo. Não o temor a Deus, mas a manutenção de nosso sentimento de honra e de obedecer à própria consciência. As pessoas seriam muito mais nobres e melhores se, no fim de cada dia, pudessem rever o próprio comportamento e pesar o que fizeram de bom e de mau. Automaticamente tentariam melhorar a cada manhã e, depois de algum tempo, com certeza realizariam muita coisa. Todo mundo pode seguir essa receita: não custa nada e é utilíssima. Os que não sabem terão de descobrir por experiência própria que "uma consciência tranquila dá força às pessoas"!

Sua Anne M. Frank

Sábado, 8 de julho de 1944

Querida Kitty,

O Sr. Brooks esteve em Beverwijk e conseguiu comprar morangos no leilão dos produtores. Chegaram aqui empoeirados e cheios de terra, mas em grande quantidade. Vinte e quatro caixotes para o escritório e para nós. Naquela mesma noite, preparamos os primeiros seis potes de conserva e

fizemos oito potes de geleia. Na manhã seguinte, Miep começou a preparar geleia para o pessoal do escritório.

Ao meio-dia e meia, a porta de fora foi trancada, os caixotes foram colocados na cozinha, e Peter, papai e o Sr. van Daan subiram correndo. Anne pegou água quente no aquecedor, Margot foi apanhar um balde, todas as mãos à obra! Com uma sensação esquisita no estômago, entrei na cozinha do escritório, que estava repleta de gente. Miep, Bep, o Sr. Kleiman, Jan, papai, Peter: o contingente do Anexo e a Tropa de Suprimentos misturados, e isso no meio do dia! Cortinas e janelas abertas, vozes altas, portas batendo – eu tremia de empolgação. Fiquei pensando: "Será que estamos mesmo escondidos?" Deve ser assim que a gente sente quando volta para o mundo. A panela estava cheia; por isso, fui para cima, onde o restante da família estava em volta da mesa da cozinha, tirando os cabinhos dos morangos. Pelo menos era o que deveriam estar fazendo, mas uma quantidade maior de morangos entrava nas bocas do que nos baldes. Peter voltou para baixo, mas aí a campainha da porta tocou duas vezes. Deixando o balde onde estava, Peter correu para cima e trancou a estante ao entrar no Anexo. Ficamos sentados, batendo os calcanhares impacientes; os morangos esperavam para serem lavados, mas mantivemos a regra da casa: nada de água corrente quando houver estranhos lá embaixo – eles podem ouvir os canos de escoamento.

Jan subiu para dizer que tinha sido o carteiro. Peter correu para baixo de novo. Ding-dong... a campainha outra vez. Tentei ouvir se alguém estava subindo e parei, primeiro perto da estante e depois no topo da escada. Finalmente, Peter e eu nos inclinamos sobre a balaustrada, forçando os ouvidos como dois ladrões para ouvir o som lá de baixo. Nenhuma voz desconhecida. Peter desceu pé ante pé metade da escada e chamou:

– Bep! – E mais uma vez: – Bep!

Sua voz foi engolfada pelo barulho na cozinha. Então, ele correu até a cozinha enquanto eu vigiava, nervosa.

– Suba imediatamente, Peter, o contador está aqui, você precisa ir embora! – Era a voz do Sr. Kugler.

Suspirando, Peter subiu e trancou a estante.

Finalmente, o Sr. Kugler subiu à uma e meia da tarde.

– Meu Deus, o mundo inteiro se transformou em morangos. Eu comi morangos no café da manhã, Jan está almoçando morangos, Kleiman está comendo no lanche, Miep está cozinhando, Bep está arrancando os cabinhos, e eu sinto cheiro deles aonde quer que vá. Subi para me afastar daquela vermelhidão toda e o que vejo? Gente lavando morangos!

O resto dos morangos foi enlatado. Naquela noite, dois potes estavam com o lacre rompido. Rapidamente papai transformou-os em geleia. Na manhã seguinte, mais duas tampas saltaram; e, de tarde, quatro tampas. O Sr. van Daan não havia esquentado suficientemente os potes quando os esterilizou, de modo que papai acabou fazendo geleia todas as noites. Nós comemos mingau com morangos, morangos de sobremesa, morangos com açúcar, morangos com terra. Durante dois dias só houve morangos, morangos, morangos, e então nosso suprimento estava esgotado, ou nos potes, trancados a chave, em segurança.

– Ei, Anne – gritou Margot um dia desses. – A Sra. van Hoeven arranjou ervilhas, 10 quilos!

– Gentileza dela – respondi. – E certamente foi, mas é tanto trabalho... argh!

– No sábado vocês todos vão descascar ervilhas – mamãe anunciou à mesa.

E, sem falta, hoje de manhã depois do café, nossa maior panela esmaltada apareceu sobre a mesa, cheia de ervilhas até a borda. Se você acha

que descascar ervilhas é chato, deveria tentar tirar as peles das vagens. Não acho que muita gente saiba que, depois de tirar as peles, as vagens são macias, deliciosas e ricas em vitaminas. Mas a principal vantagem é que você consegue uma quantidade quase três vezes maior do que quando come somente as ervilhas.

Tirar a pele das vagens é um trabalho preciso e meticuloso, que deve servir para dentistas pedantes ou minuciosos especialistas em temperos, mas é um horror para uma adolescente como eu. Começamos a trabalhar às nove e meia; eu me sentei às dez e meia, me levantei às onze, me sentei de novo às onze e meia. Meus ouvidos estavam zumbindo com o seguinte refrão: dobrar a ponta, tirar a pele, puxar o fiapo, vagem na panela etc. etc. Meus olhos nadavam: verde, verde, verme, fiapo, vagem podre, verde, verde. Para lutar contra a chatice e fazer alguma coisa, falei a manhã inteira, dizendo tudo o que me vinha à cabeça e fazendo todo mundo rir. A monotonia estava me matando. Cada fiapo que eu puxava me dava mais certeza de que nunca, jamais, quero ser apenas uma dona de casa!

Ao meio-dia, finalmente tomamos o café da manhã, mas de meio-dia e meia à uma e quinze tivemos de descascar vagens de novo. Quando parei, me senti meio enjoada, e os outros também. Cochilei até as quatro, ainda atordoada por causa daquelas malditas ervilhas.

Sua Anne M. Frank

Sábado, 15 de julho de 1944

Querida Kitty,

Recebemos da biblioteca um livro com o título polêmico: *O que você acha da jovem moderna?* Gostaria de tratar desse assunto hoje.

A escritora critica a “juventude atual” da cabeça aos pés, ainda que não condene todos como “casos sem esperança”. Pelo contrário, ela acredita que os jovens têm o poder de construir um mundo maior, melhor e mais belo, mas que se ocupam com coisas superficiais, sem pensar na beleza verdadeira.

Em algumas passagens, tive a sensação de que ela dirigia sua crítica a mim, e é por isso que finalmente quero desnudar minha alma para você e me defender dessa agressão.

Tenho uma característica notável que pode ser óbvia para qualquer pessoa que conviva comigo há algum tempo: eu me conheço bastante. Em tudo o que faço, posso me ver como se fosse uma estranha. Posso me afastar da Anne de todos os dias e, sem preconceitos ou sem me desculpar, ver o que ela está fazendo, tanto as coisas boas quanto as ruins. Essa autoconsciência nunca me abandona, e, sempre que abro a boca, penso: “Você deveria ter dito isso de um modo diferente”, ou “Está ótimo assim”. Eu me condeno de tantas maneiras que estou começando a perceber a verdade no ditado de papai: “Todo filho tem de se criar.” Os pais só podem aconselhar os filhos ou apontar a direção certa. Em última análise, a própria pessoa forma seu caráter. Além disso, enfrento a vida com uma reserva extraordinária de coragem. Sinto-me forte e capaz de suportar fardos, jovem e livre! Quando percebi isso pela primeira vez, fiquei satisfeita, porque significa que posso enfrentar com mais facilidade os golpes da vida.

Mas já falei muito sobre esse tipo de coisa. Agora gostaria de passar ao capítulo “Papai e mamãe não me entendem”. Meus pais sempre me mimaram demais, me trataram com gentileza, me defenderam dos van Daan e fizeram o máximo que os pais podem fazer. E mesmo assim, na maior parte do tempo, me senti extremamente sozinha, abandonada, ignorada e mal compreendida. Papai fazia todo o possível para curvar meu espírito

rebelde, mas não adiantava. Eu me curei observando meu comportamento e olhando o que fiz de errado.

Por que será que papai não apoiou minha luta? Por que falhou quando tentou me oferecer auxílio? A resposta é: ele usou os métodos errados. Ele sempre falou comigo como se eu fosse uma criança passando por uma fase difícil. Parece maluquice, já que papai é a única pessoa que me deu um sentimento de confiança e fez com que eu me sentisse como uma pessoa sensível. Mas deixou de enxergar uma coisa: não conseguiu ver que essa luta para triunfar sobre minhas dificuldades era mais importante para mim do que qualquer outra coisa. Eu não queria ouvir falar de "problemas típicos da adolescência", de "outras garotas", ou de "você vai superar isso". Não queria ser tratada como todas-as-outras-garotas, mas como Anne-com-seus-méritos-próprios, e Pim não entendeu isso. Além do mais, não consigo confiar em alguém que não me conte muita coisa sobre si próprio, e como sei muito pouco sobre ele, não consigo me sentir mais íntima. Pim sempre age como um pai idoso que já teve os mesmos impulsos passageiros, que não consegue mais se relacionar comigo como se fosse um amigo, apesar de tentar muito. Por isso, nunca contei a ninguém minha visão da vida ou minhas teorias longamente pensadas, a não ser ao meu diário e, de vez em quando, a Margot. Escondi de papai tudo o que tivesse a ver comigo, nunca compartilhei meus ideais com ele, me afastei deliberadamente.

Não poderia ser de outro modo. Eu me deixei ser guiada totalmente pelos sentimentos. Foi uma atitude egoísta, mas fiz o que era melhor para minha paz interior. Eu perderia essa paz e perderia também a autoconfiança em que investi tanto tempo de trabalho, se me sujeitasse às críticas durante esse trabalho. Pode parecer dureza de coração, mas também não posso aceitar as críticas de Pim, porque não apenas deixei de compartilhar com ele meus pensamentos mais íntimos, como o afastei ainda mais ao me mostrar irritada.

Esta é uma coisa em que costumo pensar: por que será que algumas vezes Pim me incomoda tanto? Mal suporto quando ele me ensina alguma matéria, e seu afeto parece forçado. Quero ficar só, e preferiria que Pim me ignorasse durante algum tempo, até que eu tivesse certeza do que quero quando falo com ele! Ainda morro de culpa por causa daquela carta horrível que escrevi para ele quando me sentia tão mal. Ah, é difícil ser forte e corajosa em todos os sentidos!

Mesmo assim, essa não foi minha maior decepção. Não, eu penso em Peter muito mais do que em papai. Sei muito bem que ele foi uma conquista minha, e não o contrário. Criei na mente uma imagem dele, pintei-o como um rapaz calmo, delicado e sensível, necessitando de amizade e amor! Eu precisava abrir a alma para uma pessoa viva. Queria um amigo que me ajudasse a reencontrar o caminho. Consegui o que pretendia e o atraí em minha direção, devagar, mas com firmeza. Quando finalmente consegui que ele ficasse meu amigo, a coisa automaticamente se transformou numa intimidade que, quando penso nela, parece revoltante. Nós falamos sobre as coisas mais particulares, mas ainda não tocamos nas que estão mais próximas de meu coração. Ainda não consigo entender Peter. Será que ele é superficial ou será que é a timidez que o puxa para trás, mesmo com relação a mim? Mas, além disso, cometi um erro: usei intimidade para me aproximar dele, e ao fazer isso afastei outras formas de amizade. Ele quer ser amado, e posso ver que começa a gostar mais de mim a cada dia. O tempo que passamos juntos deixa-o satisfeito, mas só me faz querer começar tudo de novo. Nunca toco nos assuntos que quero esclarecer. Forcei Peter, mais do que ele imagina, a se aproximar de mim, e agora ele está agarrado como se eu fosse um salva-vidas. Sinceramente, não vejo um modo eficaz de sacudi-lo e trazê-lo de volta sobre os próprios pés. Logo percebi que ele jamais seria

uma alma gêmea, mas, mesmo assim, tentei ajudá-lo a romper seu mundo estreito e expandir seus horizontes adolescentes.

“Bem no fundo, os jovens são mais solitários do que os adultos.” Li isso em algum livro, e ficou na minha mente. Pelo que posso dizer, é verdade.

Então, se você está se perguntando se ficar aqui é mais difícil para os adultos do que para os jovens, a resposta é não, com certeza. Os mais velhos têm uma opinião formada sobre tudo, são seguros de si e de seus atos. Para nós, jovens, é duas vezes mais difícil sustentar nossas opiniões numa época em que os ideais são estilhaçados e destruídos, quando o pior lado da natureza humana predomina, quando todo mundo duvida da verdade, da justiça e de Deus.

Qualquer pessoa que afirme que os mais velhos passam por maiores dificuldades no Anexo não percebe que o problema tem um impacto muito maior sobre nós. Somos muito jovens para enfrentar esses problemas, mas eles vivem nos afligindo até que, finalmente, somos forçados a imaginar uma solução, embora na maior parte das vezes nossas soluções desmoronem diante dos fatos. Numa época assim fica tudo difícil; ideais, sonhos e esperanças crescem em nós, e depois são esmagados pela dura realidade. É incrível que eu não tenha abandonado todos os meus ideais, já que parecem tão absurdos e pouco práticos. Mas me agarro a eles porque ainda acredito, a despeito de tudo, que no fundo as pessoas são boas.

Para mim, é praticamente impossível construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte. Vejo o mundo ser transformado aos poucos numa selva, ouço o trovão que se aproxima e que, um dia, irá nos destruir também, sinto o sofrimento de milhões. E, mesmo assim, quando olho para o céu, sinto de algum modo que tudo mudará para melhor, que a crueldade também terminará, que a paz e a tranquilidade voltarão. Enquanto isso, devo me agarrar aos meus ideais. Talvez chegue o dia em que eu possa realizá-los!

Sua Anne M. Frank

Sexta-feira, 21 de julho de 1944

Querida Kitty,

Finalmente estou ficando otimista. Até que enfim, as coisas vão bem agora! De verdade! Ótimas notícias! Tentaram assassinar Hitler e, pela primeira vez, não foram comunistas judeus ou capitalistas ingleses, mas um general alemão que não somente é um conde, mas também é jovem. O *Führer* deve sua vida à "Providência Divina": escapou, apenas com algumas pequenas queimaduras e arranhões, o que é uma lástima. Vários oficiais e generais que estavam perto foram mortos ou feridos. O chefe da conspiração foi morto.

Até agora, essa é a melhor prova de que muitos oficiais e generais estão cheios da guerra e gostariam de ver Hitler afundando num poço sem fundo, para que possam estabelecer uma ditadura militar, declarar paz com os Aliados, se rearmar e, depois de algumas décadas, começar uma nova guerra. Talvez a Providência esteja de propósito atrasando o tempo de se livrar de Hitler, já que para os Aliados é muito mais fácil e mais barato deixar que os impecáveis alemães matem uns aos outros. É menos trabalho para os russos e os ingleses, e isso permite que comecem a reconstruir suas cidades muito mais cedo. Mas ainda não chegamos a esse ponto, e eu odiaria antecipar o glorioso evento. Mesmo assim, você provavelmente percebeu que estou dizendo a verdade, toda a verdade e nada mais do que a verdade. Pela primeira vez, não estou soltando conversa mole sobre altos ideais.

Além disso, Hitler foi muito gentil ao anunciar ao seu povo leal e dedicado que a partir de hoje todos os militares estão sob as ordens da Gestapo, e todo soldado que souber que um de seus superiores está

envolvido nesse covarde atentado contra a vida do *Führer* deve matá-lo sem pestanejar!

Vai ser uma bela trapalhada. Os pés do Hans estão doendo depois de uma longa caminhada, e seu comandante berra com ele. Hans pega o fuzil e grita:

– Você aí, você tentou matar o *Führer*. Tome isso!

Um tiro e o altivo oficial que ousou repreendê-lo vai para a vida eterna (ou será a morte eterna?). Com o tempo, cada vez que um oficial se dirigir a um soldado e der uma ordem, vai estar praticamente mijando nas calças, porque o soldado terá mais poder do que ele.

Deu para entender, ou estive mais uma vez pulando de um assunto para o outro? Não posso evitar, a perspectiva de voltar à escola em outubro está me deixando feliz demais para ser lógica! Ah, minha querida, não acabei de dizer que não queria adiantar as coisas? Perdão, Kitty, não é à toa que me chamam de feixe de contradições!

Sua Anne M. Frank

Terça-feira, 1º de agosto de 1944

Querida Kitty,

"Um feixe de contradições", foi como terminei minha carta anterior e é o início desta. Por favor, pode dizer exatamente o que é um feixe de contradições? O que significa contradição? Como tantas palavras, essa pode ser interpretada de dois modos: uma contradição imposta de fora e uma contradição imposta de dentro. A primeira significa não aceitar as opiniões dos outros, sempre saber mais, ter a última palavra; resumindo, todas

aquelas características desagradáveis pelas quais sou conhecida. A segunda, pela qual não sou conhecida, é meu segredo.

Como já disse muitas vezes, sou partida em duas. Um lado contém minha exuberância, minha petulância, minha alegria na vida e, acima de tudo, minha capacidade de apreciar o lado mais leve das coisas. Com isso quero dizer que não vejo nada errado nas paqueras, num beijo, num abraço, numa piada pesada. Esse meu lado costuma ficar à espreita para emboscar o outro, que é mais puro, mais profundo e melhor. Ninguém conhece o lado melhor de Anne, e é por isso que muita gente não me suporta. Ah, eu posso ser uma palhaça engraçada por uma tarde, mas depois disso todo mundo se enche de mim por um mês. Na verdade, sou aquilo que um filme romântico representa para um pensador profundo – uma simples diversão, um interlúdio cômico, algo a ser logo esquecido: que não é ruim, mas que também não é particularmente bom. Odeio ter de dizer isso, mas por que eu não deveria admitir, já que conheço a verdade? Meu lado mais leve, mais superficial, vai sempre tirar vantagem do lado mais profundo, e com isso vencerá sempre. Você não pode imaginar quantas vezes tentei empurrar para longe essa Anne, que é somente a metade do que se conhece como Anne – derrubá-la, escondê-la. Mas isso não funciona, e sei por quê.

Tenho medo de que as pessoas que me conhecem descubram que tenho outro lado, um lado melhor e mais bonito. Tenho medo de zombarem de mim, de pensarem que sou ridícula e sentimental, e de não me levarem a sério. Estou acostumada a não ser levada a sério, mas somente a Anne leviana consegue lidar com isso; a Anne mais profunda é fraca demais. Se eu forçar a Anne boa a aparecer por pelo menos 15 minutos, ela se fecha como um marisco no momento em que é chamada a falar, e deixa a Anne número um dizer o texto. Antes que eu perceba, ela desapareceu.

Assim, a Anne boa nunca é vista acompanhada. Ela nunca aparece, ainda que quase sempre assuma o palco quando estou sozinha. Sei

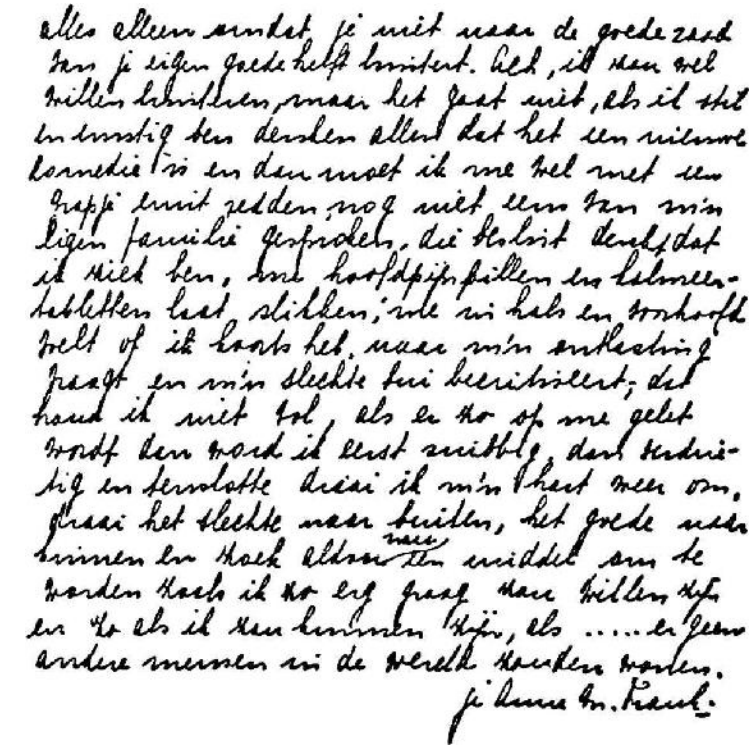
exatamente como gostaria de ser, como sou... por dentro. Mas, infelizmente, só sou assim comigo mesma. E talvez seja por isso – não, tenho certeza de que este é o motivo – que penso em mim como uma pessoa feliz por dentro, e os outros pensam que sou feliz por fora. Sou guiada pela Anne pura, de dentro, mas por fora sou apenas uma cabrita dando saltos, forçando a corda à qual está amarrada.

Como já disse, o que falo não é o que sinto, e por isso tenho reputação de assanhada e namoradeira, de sabichona e leitora de romances de amor. A Anne jovial gargalha, dá uma resposta ferina, encolhe os ombros e finge que nem liga. A Anne quieta reage do modo oposto. Se estou sendo completamente honesta, tenho de admitir que isso me importa, que tento arduamente mudar, mas me vejo sempre diante de um inimigo mais poderoso.

Uma voz dentro de mim soluça: "Veja só, foi nisso que você se transformou. Está rodeada por opiniões negativas, olhares desanimados e rostos zombeteiros, pessoas que não gostam de você, e tudo *porque não escuta o conselho de sua metade melhor." Acredite, eu gostaria de escutar, mas não dá certo, porque, se eu ficar quieta e séria, todo mundo acha que estou representando outro papel e tenho de me salvar com uma piada; nem estou falando de minha própria família, que presume que devo estar doente, me enche de aspirina e sedativos, sente meu pescoço e minha testa para ver se estou com febre, pergunta sobre os movimentos intestinais e me critica por estar mal-humorada, até eu não aguentar mais, porque quando todo mundo começa a me chatear, fico irritada, e depois triste, a parte má do lado de fora e a boa do lado de dentro, e tento achar um modo de me transformar no que gostaria de ser e no que poderia ser se... se não houvesse mais ninguém no mundo.*

Sua Anne M. Frank

O DIÁRIO TERMINA AQUI



Notas:

1 - Iniciais conferidas aleatoriamente para preservar a privacidade das pessoas.
2 - Os primos de Anne, Bernhard (Bernd) e Stephan Elias.
3 - Nervosa
4 - Depois que Dussel chegou, Margot passou a dormir no quarto dos pais.
5 - O ajudante de São Nicolau. (N. do E.)
6 - Termo filosófico, o ponto certo entre dois extremos. *(N. do E.)*
7 - Agora você está esparramando água!
8 - Mamãe.
9 - Algo como "Raios a partam!".
10 - Quando o relógio bate oito e meia...
11 - "O espírito do homem é grande, /mas seus atos são tão mesquinhos!"
12 - Para variar.
13 - Famoso verso de Goethe: "No topo do mundo, ou nas profundezas do desespero."
14 - A avó de Anne tinha uma doença terminal.
15 - Vó é a avó paterna de Anne, e vovó é a avó materna.
16 - s últimos parágrafos deste dia nunca foram publicados anteriormente. Para mais informações, consulte o Prefácio. *(N. do E.)*
17 - Você é mesmo uma mãe cruel.
18 - Isso decido eu.
19 - Obrigada por tudo que é bom, amado e belo.
20 - Deveria ser *Präservativmitteln*: preservativos.
21 - Segundo lar de Anne.
22 - Colo do útero.
23 - Oh, pelo amor de Deus.
24 - Gerrit Bolkestein era ministro da Educação e Pieter Gerbrandy, o primeiro-ministro do governo holandês no exílio em Londres. Ver a carta de Anne de 29 de março de 1944.
25 - Desaparecida
26 - Agarramento
27 - Até nos falarmos de novo.
28 - O rapto da mãe. "Pode ser referência à opera *O rapto do serralho, de Mozart*."
29 - Perda incalculável, terrível, medonha, irreparável.
30 - Uma afronta à pureza racial. *(N. do E.)*
31 - Age como uma colegial, parece uma megera.
32 - Líder do Partido Nacional Socialista (Nazista) da Holanda.
33 - Em inglês mal escrito, Anne pretendia dizer: "Mau tempo ininterrupto, de 1º a 30 de junho." *(N. do E.)*
34 - O primo Bernhard (Buddy) Elias.

Posfácio

Na manhã de 4 de agosto de 1944, entre dez e dez e meia, um carro parou na rua Prinsengracht, 263. Dele saíram várias figuras: um sargento da SS uniformizado, Karl Josef Silberbauer, e, no mínimo, três membros holandeses da Polícia de Segurança, armados, mas com roupas civis. Alguém deve ter delatado.

Eles prenderam as oito pessoas que estavam escondidas no Anexo, além de Victor Kugler e Johannes Kleiman – mas não levaram Miep Gies e Elisabeth (Bep) Voskuijl –, e pegaram todo o dinheiro e os objetos de valor que encontraram.

Kugler e Kleiman foram para uma prisão em Amsterdã. No dia 1º de setembro de 1944, foram transferidos, sem julgamento, para um campo em Amersfoot (Holanda). Kleiman, em virtude dos problemas de saúde, foi solto em 18 de setembro de 1944. Continuou em Amsterdã até sua morte, em 1959.

Kugler conseguiu fugir da prisão em 28 de março de 1945, quando estava sendo mandado com outros prisioneiros para um campo de trabalhos forçados na Alemanha. Emigrou para o Canadá em 1955 e morreu em Toronto em 1989.

Elisabeth (Bep) Voskuijl morreu em Amsterdã em 1983.

Miep Santrouschitz Gies ainda mora em Amsterdã; seu marido morreu em 1993.

Depois de presos, os oito moradores do Anexo foram levados primeiro para uma prisão em Amsterdã e depois transferidos para Westerbork, campo de triagem dos judeus no norte da Holanda. Em 3 de setembro de 1944, foram deportados e chegaram três dias depois em Auschwitz (Polônia).

Hermann van Pels (van Daan), segundo o testemunho de Otto Frank, morreu na câmara de gás de Auschwitz, em outubro ou novembro de 1944; pouco depois, as câmaras foram desativadas.

Auguste van Pels (Petronella van Daan) foi transportada de Auschwitz para Bergen-Belsen, e daí para Buchenwald, depois para [redacted]eresienstadt, em 9 de abril de 1945, e, ao que parece, para outro campo de concentração depois disso. É certo que não sobreviveu, mas não sabemos a data de sua morte.

Peter van Pels (van Daan) foi obrigado a participar da marcha da morte, em 16 de janeiro de 1945, de Auschwitz até Mauthausen (Áustria), onde morreu em 5 de maio de 1945, três dias antes de o campo ser libertado.

Fritz Pfeffer (Albert Dussel) morreu em 20 de dezembro de 1944 no campo de concentração de Neuengamme, para onde fora transferido de Buchenwald ou de Sachsenhausen.

Edith Frank morreu em Auschwitz-Birkenau em 6 de janeiro de 1945, de fome e exaustão.

Margot e Anne Frank foram transportadas de Auschwitz no fim de outubro e levadas para Bergen-Belsen, campo de concentração perto de Hannover (Alemanha). A epidemia de tifo que irrompeu no inverno de 1944-1945, em consequência das péssimas condições de higiene, matou milhares de prisioneiros, incluindo Margot e, uns dias depois, Anne. Ela deve ter morrido no fim de fevereiro ou início de março. Os corpos das duas

irmãs foram provavelmente enterrados nas valas comuns de Bergen-Belsen. O campo foi libertado por tropas inglesas em 12 de abril de 1945.

Otto Frank foi o único dos oito a sobreviver aos campos de concentração. Depois de Auschwitz ser libertado por tropas russas, ele foi repatriado a Amsterdã, passando ainda por Odessa e Marselha. Chegou em Amsterdã em 3 de junho de 1945 e lá ficou até 1953, quando mudou-se para Basileia (Suíça), onde morava a família de sua irmã e, mais tarde, seu irmão. Casou-se com Elfriede Markovits Geiringer, nascida em Viena, que sobrevivera a Auschwitz e perdera o marido e o filho em Mauthausen. Até sua morte, em 19 de agosto de 1980, Otto Frank continuou a morar em Birsfelden, perto de Basileia, onde se dedicou a divulgar a mensagem do diário de sua filha às pessoas no mundo inteiro.

fim

Este livro foi publicado com a permissão da ANNE FRANK FONDS.

Como único sobrevivente de sua família e único herdeiro de sua filha Anne, Otto H. Frank fundou a ANNE FRANK FONDS (AFF) na Basileia, Suíça, em 1963, e tornou-se responsável pelo legado de Anne. Desde a morte de Otto Frank, em 1980, a AFF continua seu trabalho com o objetivo de disseminar os escritos de Anne Frank e protegê-los da exploração ilegal. Os manuscritos de Anne estão expostos na Anne Frank House (Casa de Anne Frank), em Amsterdã, e fazem parte do Programa Memória do Mundo da UNESCO.

A AFF é uma fundação sem fins lucrativos, regida pela lei suíça. Sua administração é feita por uma comissão de voluntários presidida há muitos anos pelo primo de Anne Frank, Buddy Elias. A finalidade da AFF é promover trabalhos de caridade em tributo a Anne e Otto Frank. Era um desejo explícito de Otto Frank que a AFF pudesse colaborar para um melhor entendimento entre diferentes culturas e religiões, encorajar a comunicação entre os jovens de todo o mundo e contribuir com a paz.

Para mais informações visite www.annefrank.ch

ANNE FRANK FONDS®

FOUNDED BY OTTO FRANK